UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

DOUGLAS DE FREITAS PEREIRA

**José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu e o engajamento intelectual
antifascista na Espanha e na Argentina durante a década de 1930.**

Versão corrigida

São Paulo

2019

DOUGLAS DE FREITAS PEREIRA

**José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu e o engajamento intelectual
antifascista na Espanha e na Argentina durante a década de 1930.**

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Conctração: História Social

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares

Coorientadora: Profa. Dra. Ângela Meirelles de Oliveira

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P436j Pereira , Douglas de Freitas
 José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu e o
 engajamento intelectual antifascista na Espanha e na
 Argentina durante a década de 1930. / Douglas de
 Freitas Pereira ; orientadora Gabriela Pellegrino
 Soares. - São Paulo, 2019.
 200 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
 História Social.

 1. José Bergamín. 2. Cayetano Córdova Iturburu. 3.
 Antifascismo. 4. Intelectuais. 5. Guerra Civil
 Espanhola. I. Soares, Gabriela Pellegrino , orient.
 II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Douglas de Freitas Pereira

Data da defesa: 18/12/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Gabriela Pellegrino Soares

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 19 / 02 / 2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

Dedico esta dissertação a todos os pesquisadores que resistem, apesar dos ataques à pesquisa e à universidade pública de qualidade.

À Zilda Trindade de Freitas, avó e mãe.

Agradecimentos

O processo de pesquisa e escrita desta dissertação não aconteceu de maneira solitária. Aproveito este espaço para agradecer a todos que, de alguma forma, me ajudaram, participaram e me acompanharam ao longo dessa jornada.

Primeiramente, agradeço à Professora Gabriela Pellegrino Soares pela orientação segura, o apoio constante e pela confiança. Igualmente, agradeço à Professora Ângela Meirelles de Oliveira por ter aceitado de bom grado a coorientação desta pesquisa e pela generosidade em compartilhar fontes, conselhos e dicas que foram imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Agradeço ao Professor Francisco Carlos Palomanes Martinho, pela leitura atenta e comentários valiosos no exame de qualificação, que tanto ajudaram para o desenvolvimento do trabalho. Igualmente à professora Valeria de Marco, que além da participação na banca de qualificação, foi quem me apresentou a obra e um pouco da trajetória de José Bergamín em uma disciplina sobre o autor, logo no início do mestrado, e mudou totalmente os rumos desta pesquisa.

À professora Eliana de Freitas Dutra que tanto me ensinou com as suas aulas e com a sua orientação durante a iniciação científica e, sobretudo, por todo apoio e incentivos dados para à minha continuidade na carreira acadêmica. Ao Professor Rodrigo Patto Sá Motta, também pelas ótimas aulas que me fizeram optar por seguir pesquisando na grande área da História Contemporânea e por todo aprendizado durante a orientação de monografia, que foi essencial para o processo de escrita deste trabalho.

Ao professor e amigo Max Hidalgo Nácher, que dividiu a disciplina: *Contra o cânone: José Bergamín* com a Professora Valeria de Marco, e foi, igualmente, responsável pela mudança no projeto original. Agradeço também a sua generosidade em compartilhar fontes e bibliografias que foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. Também agradeço os demais professores que tive a honra de encontrar durante o processo do mestrado e que tanto me ensinaram: Stella Maris Scatena Franco, Livia Grotto, Jean Tible e Rossana Rocha Reis, cujas ótimas aulas enriqueceram muito minha formação e esta pesquisa.

A todos os professores que tive na graduação, com quem aprendi lições que levarei por toda a vida, em especial: José Antonio Dabdab Trabulsi, Luiz Carlos Villalta, Luiz Arnaut, Douglas Attila Marcelino e Adriane Vidal Costa.

Aos colegas de orientação e do Laboratório de Estudos de História das Américas (LEHA), pela colaboração e comentários feitos a este trabalho e, em especial, à Ana Beatriz Mauá Nunes, ao Rafael Dias Scarelli e ao Caio Romero, com quem tive o prazer de compartilhar o processo de mestrado.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio incondicional. À minha avó, Zilda Trindade de Freitas, à minha mãe, Maria Mazarelo de Freitas e às minhas tias Maura e Cida. Agradeço aos meus tios Izabel de Fátima Freitas Lima e Maurício Ferreira Lima, pela grande generosidade e por terem me acolhido com tanto carinho e respeito em sua casa durante todo esse período, igualmente às minhas primas Beatriz de Freitas Lima e Bianca de Freitas Lima.

Aos amigos que fiz na UFMG e que ficaram para a vida: ao Igor Nefer, por estar sempre presente e disposto a debater ideias, principalmente nas mesas de bar. Ao Thiago Prates (Peroncito), com quem dividi uma estadia na Argentina e que me ensinou tanto sobre aquele país e também por todo apoio e ajuda dados com a pesquisa e a escrita. Ao Matheus Arruda, que desde meu primeiro dia na graduação vem compartilhando comigo essa jornada pela academia. Ao Thales Silva, amigo de tantas aventuras bizarras. Ao Thiago Lenine e ao Fernando Garcia, que entre as suas polêmicas, colaboraram imensamente para o debate aqui realizado. Ao Warley Alves Gomes e ao Alysson Faria Costa (Mohammed), pela camaradagem, preocupações e ótimas conversas sobre boa música e literatura. Ao Mejor, que quase sempre gera situações complicadas, mas faz tudo ficar mais divertido. Ao Luan Aiuá Fernandes, com quem dividi as angústias da descoberta do mundo uspiano. Ao Joseph Raziel, por ter gentilmente copiado o epistolário de José Bergamín com Manuel de Falla. Aos demais amigos que sempre me apoiaram e me ajudaram: Gabriela Galvão, Felipe Malacco, Hugo Rocha, Bruno Carvalho Correa, Ana Tereza Landolf Toledo, Marcelo Alves, Julia Marchevsky.

Aos amigos de São Paulo, minha gratidão por tornarem minha estadia muito mais agradável. Em especial ao Rafael Lopes Salgado, que com a sua aleatoriedade, proporcionou as melhores coincidências que vivi nesta cidade. À María Pape, pelo apoio e ótimas conversas. À Karoline M. Lubiana, pela disposição em me acompanhar nas

aventuras gastronômicas, mesmo as mais bizarras, fazendo delas momentos ótimos e divertidos. Ao Ricardo Lima e ao Ivan Martucci Fornerón, amantes das letras, pelas ótimas conversas e que tanto me ensinaram com a sua erudição.

Aos funcionários e terceirizados da Biblioteca Florestan Fernandez, onde esta dissertação foi escrita.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que financiou este trabalho.

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” no qual vivemos é a regra. Precisamos chegar a um conceito de história que dê conta disso. Então surgirá diante de nós nossa tarefa, a de instaurar o real estado de exceção; e graças a isso, nossa posição na luta contra o fascismo tornar-se-á melhor. A chance deste consiste, não por último, em que seus adversários o afrontem em nome do progresso como se esse fosse uma norma histórica. – O espanto em constatar que os acontecimentos que vivemos “ainda” sejam possíveis no século XX não é nenhum espanto filosófico. Ele não está no início de um conhecimento, a menos que seja o de mostrar que a representação da história donde provém aquele espanto é insustentável.

Walter Benjamin

Resumo

PEREIRA, Douglas de Freitas. José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu e o engajamento intelectual antifascista na Espanha e na Argentina durante a década de 1930. Dissertação (mestrado). Faculdade Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2019.

Esta dissertação analisa por meio da trajetória política de dois intelectuais, José Bergamín e Cayetano Córdova Iturburu, o engajamento de letrados na causa antifascista durante a década de 1930 na Espanha e na Argentina. Apesar de terem sido intelectuais importantes em seus respectivos países, ambos terminaram esquecidos pela historiografia especializada. O objetivo geral deste trabalho é o de evidenciar as especificidades do engajamento intelectual antifascista que durante a Guerra Civil Espanhola atingiu seu ápice, gerando fenômenos como o de *intelectuais em guerra*. Como objetivos específicos estão a recuperação da obra e da trajetória dos escritores analisados e a tentativa de atribuir-lhes a importância devida que tiveram dentro do movimento intelectual antifascista.

Palavras-chave: José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu, engajamento intelectual, antifascismo, Guerra Civil Espanhola.

Abstract

PEREIRA, Douglas de Freitas. José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu and the antifascist intellectual engagement in the Spain and Argentina in the 1930s. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2019.

This dissertation examines the engagement of literate in the anti-fascist cause during the decade of 1930 in Spain and Argentina through the political trajectory of two intellectuals, José Bergamín and Cayetano Córdova Iturburu. Although they were important intellectuals in their respective countries, they both ended up forgotten by specialized historiography. The general objective of this work is to highlight the specificities of anti-fascist intellectual engagement that during the Spanish Civil War reached its apex, generating phenomena like that of *intellectuals at war*. The specific objectives are the recovery of the work and trajectory of the writers analyzed and the attempt to give them the proper importance they had within the intellectual anti-fascist movement.

Keywords: José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu, intellectual engagement, antifascism, Spanish Civil War.

Resumen

PEREIRA, Douglas de Freitas. José Bergamín, Cayetao Córdoba Iturburu y el compromiso intelectual antifascista en España y Argentina durante la década de 1930. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2019.

Esta tesis examina a través de la trayectoria política de dos intelectuales, José Bergamín y Cayetano Córdoba Iturburu, el compromiso de los letrados en la causa antifascista durante la década de 1930 en España y Argentina. Aunque eran intelectuales importantes en sus respectivos países, ambos terminaron olvidados por la historiografía especializada. El objetivo general de esta obra es destacar las especificidades del compromiso intelectual antifascista que durante la Guerra Civil Española alcanzó su cúspide, generando fenómenos como el de los *intelectuales en guerra*. Como objetivos específicos están la recuperación del trabajo y la trayectoria de los escritores analizados y el intento de darles la importancia adecuada que tenían dentro del movimiento intelectual antifascista.

Palabras clave: José Bergamín, Cayetano Córdoba Iturburu, compromiso intelectual, antifascismo, Guerra Civil Española

Lista de abreviaturas e siglas

AIAPE – Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores

CNT – Confederação Nacional do Trabalho

CEDA – Confederação Espanhola de Direitas Autônomas

CeDInCI – Centro de Documentación e Investigación de las Culturas de Izquierda

FAI – Federação Anarquista Ibérica

FORJA – Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina

PCA – Partido Comunista Argentino

PCE – Partido Comunista de Espanha

POUM – Partido Operário de Unificação Marxista

PSOE – Partido Socialista Operário Espanhol

UCR – Unión Cívica Radical

UGT – União Geral dos Trabalhador

Lista de imagens

Capítulo 3

[Figura 1] Instrução para disparo contra alvo em movimento. El Mono Azul, año 1, n. 10, Madrid, 29 de octubre de 1936, p. 1.

Sumário

Introdução.....	19
Capítulo 1: José Bergamín: política e catolicismo.	37
1.1 Espanha 1930: república, intelectuais e fascismo.....	37
1.2 José Bergamín: esboço biográfico dos primeiros anos de um escritor.....	47
1.3 Diálogos intelectuais com Miguel de Unamuno.	51
1.4 <i>Cruz y Raya</i> : entre catolicismo e republicanismo.	58
1.5 Bergamín e a Segunda República: crítica política.	69
Capítulo 2: Cayetano Córdova Iturburu e o antifascismo na Argentina.	80
2.1 Crise, golpe e antifascismo: Argentina 1930.....	80
2.2 Os primeiros anos: <i>Martín Fierro</i> por Córdova Iturburu.....	87
2.3 As revistas <i>Argentina</i> e <i>Unidad</i> e o antifascismo de Córdova Iturburu.	94
2.4 <i>A cultura intelectual</i> de Cayetano Córdova Iturburu.	102
Capítulo 3: Intelectuais na Guerra Civil Espanhola : engajamento entre ideologia e sentimentos.	112
3.1 A guerra e o antifascismo.....	112
3.1.2 Defesa da cultura.....	117
3.2 A guerra e as emoções.....	124
3.3 Intelectuais <i>em</i> guerra e intelectuais <i>na</i> guerra.	136
3.3.1 Função intelectual e papel social.....	143
3.3.2 Poesia como instrumento político.	149
3.4 José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu e a guerra na Espanha.	153
3.5 Os caminhos pós-guerra.....	162
Considerações finais	166
Referências	170
Anexo	185

Introdução

O presente trabalho analisa a trajetória política de dois intelectuais: o espanhol José Bergamín e o argentino Cayetano Córdoba Iturburu. Apesar de se situarem entre os nomes importantes de sua época: Bergamín na famosa geração espanhola de 1927, ao lado de Federico García Lorca, Luis Cernuda, Rafael Alberti, dentre outros; e Córdoba Iturburu nas vanguardas argentinas, atuando junto às figuras de Jorge Luis Borges e Raúl González Tuñón, não tiveram, com o decorrer do tempo, o mesmo prestígio que os seus colegas. O esquecimento em que caíram converte-os em objetos de pesquisa bastante instigantes, uma vez que eles se apresentam como universos a serem redescobertos. Eles tiveram muito a dizer sobre o seu tempo e construíram uma visão de mundo própria, deixando uma vasta produção ainda pouco explorada.

Esta pesquisa é fruto desse sentimento, que visa adentrar as ideias desses autores renegados pela História. O recorte proposto abrange o período mais intenso da trajetória política de ambos, que, vendo o avanço do fascismo na Europa e o aumento de simpatizantes dessa ideologia em todo o mundo, optaram por demarcar os seus lugares como oposição, erguendo a suas vozes e tentando, através de suas ideias, mobilizar forças contra a barbárie fascista. O leitor talvez se questione sobre o porquê da escolha desses dois autores que são, para muitos, desconhecidos, em detrimento de outros mais famosos. A opção de centrar este estudo neles, passa também pelo caminho percorrido por esta pesquisa que, inicialmente, tinha pretensão de trabalhar o antifascismo através de uma perspectiva mais ampla. Contudo, percebemos que análise a partir de uma escala individual poderia ser bastante reveladora de determinadas questões. Outro motivo que contribuiu para elegermos esses dois escritores foi, justamente, o fato de não terem ganhado o devido lugar dentro da historiografia, o que fez com que se convertessem em objetos de pesquisa interessantes, como já colocado, uma vez que proporcionariam um novo olhar sobre determinadas questões. Além disso, a trajetória um tanto irregular e as nuances que apresentam, abrem diferentes possibilidades para se explorar o engajamento antifascista. Isso permitiu, nesse trabalho, percorrer um duplo caminho: o de acompanhar o processo de adoção do antifascismo pelos intelectuais aqui apresentados e, ao mesmo tempo, recuperar a obra e a trajetória deles. As diferenças entre os engajamentos na Europa e na América Latina também estão presentes, uma vez que a Espanha viveu o perigo do fascismo, não apenas com grupos como a Falange, mas também com todo o

drama da Guerra Civil, enquanto que, na Argentina, os antifascistas tiveram que confrontar grupos e governos com tendências fascizantes.

Uma das questões que perpassam a pesquisa diz respeito ao papel desempenhado e o lugar social ocupado pelos intelectuais que, como veremos mais à frente, possuem diversas definições. Esta dissertação também se propõe a responder à pergunta sobre o limite da ação dos intelectuais e sobre o seu papel dentro da Guerra Civil Espanhola. A dicotomia entre fascismo e antifascismo, que marcou a década de 1930, exigiu dos intelectuais uma postura mais incisiva com relação à política. Eles foram, de certa forma, obrigados a tomar posição. Essas características criaram um contexto fértil para averiguação das possibilidades de atuação dos intelectuais, que tiveram papel relevante nesse aspecto e no período, mesmo nas situações mais extremadas, como uma guerra.

Por se tratar de um trabalho sobre antifascismo, torna-se necessário tentarmos delimitar o que é fascismo, já que se trata de um conceito de difícil definição e, exatamente por isso, muitas vezes é erroneamente empregado, levando a uma certa banalização de sua aplicação. Na década de 1940, George Orwell já demonstrava inquietude em alguns dos seus textos com o emprego equivocado do conceito¹. Robert Paxton, que se dedicou ao estudo dos movimentos fascistas, também chama atenção para esse “desgaste” do conceito. Segundo o autor, “esse epíteto é usado de forma tão vaga que praticamente qualquer pessoa que detenha ou alegue autoridade já foi tachada de fascista por alguém”². Tudo isso acarreta em certa dificuldade de empregar de maneira correta o conceito³.

Demarcar esse conceito, como podemos perceber, não é tão simples, pois, ele é empregado em casos diversos e distintos, mas que apresentam pontos em comum. Dessa forma, podemos elencar algumas características semelhantes desses movimentos como: o nacionalismo exacerbado, tendência à violência, xenofobia, desprezo por algumas classes sociais e por soluções e compromissos que lhes dizem respeito, anti-intelectualismo, a mobilização de massas, entre outras. Consideramos a definição

¹ ORWELL, George. *O que é fascismo e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

² PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 22.

³ Podemos citar como exemplo dessa utilização errônea do conceito, a sua aplicação para se referir ao presidente eleito no Brasil em 2018. Apesar do tom autoritário, do anti-intelectualismo, dentre outras características apresentadas pelo dito governante, acreditamos que, pelo menos até o presente momento em que este trabalho é escrito, ele não se caracteriza como fascista, ainda que apresente posturas fascizantes, isto é, que tendem ao fascismo. Por outro lado, outro termo, parece definir melhor esse governo que muito brada para legitimar as suas mazelas e incompetências. Referimo-nos ao conceito cunhado pelo filósofo italiano Benedetto Croce, para definir o governo de Mussolini, que seria, para ele, uma “*onagrocrazia*”, ou seja, um governo de “*asnos zurrantes*”.

apresentada por Robert Paxton, uma das que melhor corresponde e expressa as dimensões do conceito. Segundo o autor:

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, de energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza⁴.

O historiador apresenta o fascismo não apenas como uma ideologia, mas também como um movimento orgânico, isto é, um movimento inerente e profundamente arraigado às sociedades onde surgiu. Paxton segue a linha de análise de George L. Mosse que atribuiu o surgimento e a adesão ao fascismo às mudanças de “estado de espírito”, fruto de um processo histórico que se inicia na modernidade, com a industrialização e revoluções, gerando, também, uma “brutalização” do indivíduo, que rompe com os códigos de conduta civil e adere aos atos de violência⁵. Paxton denominou esse fenômeno de “paixões mobilizadoras”, que seria resultado do nacionalismo apaixonado unido a “uma visão conspiratória e maniqueísta da história, como uma batalha entre bem e mal, entre os puros e os corruptos, da qual a própria comunidade ou nação é sempre vítima”⁶. Dentro desse espectro, argumentações racionalistas têm pouco ou nenhum efeito. O engajamento intelectual antifascista buscava atuar, principalmente, contra essa negação da inteligência, defendendo o pesamento crítico e sua autonomia.

Acreditamos que as trajetórias políticas de José Bergamín e Cayetano Córdova Iturburu, por terem desempenhado papéis relevantes no que tange ao engajamento antifascista em seus respectivos países, são reveladoras da atuação intelectual nesse movimento político. O primeiro foi um escritor com uma ampla obra, que vai desde a escrita de aforismos até as peças teatrais, tendo atingido, na década de 1930, reconhecimento no âmbito intelectual e seu ápice no engajamento político. Igualmente, o segundo também possui uma longa obra que perpassa as vanguardas de *Martín Fierro*, atravessa os jornais e culmina em críticas de arte. Assim como Bergamín, Córdova

⁴ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 358-359.

⁵ WINTER, Jay; LEFEBVRE, Frédéric. De l’histoire intellectuelle à l’histoire culturelle: la contribution de George L. Mosse. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 56e année, N. 1, 2001, p. 177-181. E GROSBY, Steven. Cultural history, nationalism and the dignity of the individual: the work of George L. Mosse. In: *Nations and Nationalism*, n. 6, 2000, p. 275-286.

⁶ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 78.

Iturburu teve, nos anos 1930, o seu grande momento político, vindo inclusive a se filiar ao Partido Comunista Argentino (PCA). Para Jean-François Sirinelli, a década de 1930 é um período privilegiado para o entendimento das mudanças, no que diz respeito ao engajamento intelectual com a adesão destes aos lados antifascista ou anticomunista⁷. Seu argumento principal é que, durante esse período, os intelectuais passaram a atuar com mais vigor na esfera política. Assim, ele identifica dois tipos de engajamento, o direto e o indireto. Por engajamento direto, Sirinelli entende a ação do intelectual ao lado de outros agentes políticos ou como uma espécie de “testemunha” que reflete e “esclarece” as questões e as tensões do seu tempo, ampliando-as ou as decantando. O indireto, por sua vez, diz respeito a uma postura que o autor classifica como passiva, na qual o intelectual age como agente responsável pela circulação cultural por entre as massas, tentando determinar a instalação de grandes áreas ideológicas⁸. Ainda que a análise do autor seja voltada para pensar os intelectuais franceses, a polarização e a noção de obrigação política podem ser identificadas nos meios intelectuais de vários lugares do mundo.

Além desses pontos, Sirinelli ainda chama atenção para a importância de se estudar não apenas os “grandes intelectuais”, mas também aqueles que não foram tão destacados na esfera pública. Isso propicia, segundo o autor, maior precisão em identificar os compromissos, a ideologia dominante e os momentos de maior ou menor ação engajada pelos intelectuais⁹. Esses estudos também ajudam a identificar algumas tendências seguidas por esses homens e mulheres de letras, uma vez que mostram de uma forma mais “pulverizada” as convergências ou divergências ideológicas, as ideias e conceitos mais comuns nos discursos e mesmo tipos e níveis diferentes de engajamentos. Dentro dessa linha, uma abordagem comparativa entre intelectuais de países distintos pode ser esclarecedora não apenas por trazer à luz as peculiaridades de cada um, mas também por evidenciar similaridades e até pontos de contato. De acordo com Marc Bloch, para que haja comparação no sentido histórico, são necessárias duas condições: “uma certa semelhança entre os fatos observados – o que é evidente – e uma certa

⁷ SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l’histoire des intellectuels. In: *Vingtième siècle. Revue d’histoire*. Paris, (9), p. 97-108, jan-mars, 1986.

⁸ SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l’histoire des intellectuels. In: *Vingtième siècle. Revue d’histoire*. Paris, (9), p. 97-108, jan-mars, 1986, p. 99.

⁹ SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l’histoire des intellectuels. In: *Vingtième siècle. Revue d’histoire*. Paris, (9), p. 97-108, jan-mars, 1986.

dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar”¹⁰. No caso de comparar trajetórias intelectuais, um terceiro ponto, que também é levantado pelo autor em seu texto, talvez seja importante, a sincronia, pelo menos para atender os objetivos listados anteriormente. Tal comparação só faria sentido pensando trajetórias que perpassam e respondem a um mesmo fenômeno. Assim como Maria Lígia Prado, concordamos que a história comparada é compatível com a história conectada¹¹, pois as trajetórias de engajamento aqui apresentadas convergem e se conectam em seus ideais, tendo como principal marco dessa união a Guerra Civil Espanhola. Para além disso, ambos estão unidos pelo movimento antifascista de característica internacional que tendia a seguir a mesma diretriz.

O antifascismo foi um dos principais movimentos políticos da primeira metade do século XX. Durante as décadas de 1920 e 1930, o fascismo gerou uma grande oposição aos seus ideais e contou com a mobilização de diferentes setores que eram ameaçados por ele. Assim, comunistas, socialistas, anarquistas e mesmo liberais se organizaram em redes internacionais para fazer frente ao avanço fascista. Para François Furet, os anos 1930 foram marcados pela dicotomia entre fascismo e comunismo¹², enquanto que para Anson Rabinbach, esse fora um período de binários, que levou à confrontação decisiva entre “democracia e tirania, ateísmo e catolicismo, fascismo e antifascismo”¹³. Norberto Bobbio, por sua vez, aponta três vertentes do movimento antifascista: a comunista, a liberal e a que ele chama de radical. Ainda que a denominação possa sugerir o contrário, esta última teria caráter mais brando, unindo características das duas primeiras e contando com um forte apelo reformista. Bobbio também destaca a Guerra Civil Espanhola como comprovadora da nova fase do antifascismo internacional, com as Frentes Populares e Brigadas Internacionais, que combatiam em prol dos republicanos espanhóis e fizeram “pela primeira vez a ação unitária do antifascismo democrático, comunista, socialista anárquico, mesmo com dolorosas divisões”¹⁴. Por fim, Michel Winock divide o antifascismo em outras três categorias: antifascistas *exteriores*, *interiores* e *revolucionários*. Os primeiros seriam compostos por comunistas, mas não

¹⁰ BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, p. 119-150, 1998, p. 121.

¹¹ PRADO, Maria L. Repensando a história comparada da América Latina. In: *Revista de História*, n. 153, p. 11-33, 2º-2005.

¹² FURET, François. O passado de uma ilusão: ensaios sobre a ideia comunista no século XX. São Paulo: Siciliano, 1995.

¹³ RABINBACH, Anson. Legacies of Antifascism. In: *New German Critique*. N. 67, (winter, 1996), pp. 3-17, Duke University Press, p. 8.

¹⁴ BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política Vol. I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 37.

exclusivamente dominados por eles, e estavam preocupados com o perigo bélico que representava a Alemanha nazista; os antifascistas interiores, por sua vez, eram compostos pelos pacifistas, que viam o perigo fascista não como algo que vinha de fora, mas algo que deveria ser combatido no interior de cada nação; por fim, os antifascistas revolucionários eram simpatizantes às ideias trotskistas ou às tradições sindicalistas mais radicais e acreditavam que o fascismo só seria derrotado pela revolução do proletariado¹⁵. Nesse contexto, o domínio intelectual obteve grande destaque, tanto por sua importância ideológica quanto pelas questões internas que envolvem o papel e os deveres dos intelectuais, vindo a ser objeto de estudo recorrente pelos historiadores dentro e fora da Europa.

Sobre esse aspecto, dentre as análises mais clássicas, destacamos a de Eric Hobsbawm sobre os intelectuais marxistas. Segundo ele, esses intelectuais estavam mais abertos a participarem de uma cultura internacionalista que o antifascismo propunha. O autor ainda justifica que o fascismo se torna uma questão política de extrema relevância nos debates intelectuais por três motivos: 1) A internacionalização do fascismo: o movimento político que era até então tido como algo estritamente ligado à Itália, passa a ser a principal expressão da direita em nível internacional. 2) O anti-intelectualismo: o fascismo atacava Marx da mesma forma que atacava os valores Iluministas, rejeitava o comunismo e o socialismo da mesma forma que recusava o liberalismo, colocando ideologias consideradas opostas do mesmo lado. Os intelectuais de ambos os lados se viam diante do mesmo inimigo e do mesmo risco de aniquilamento e possuíam também um objetivo comum de defesa da liberdade de pensamento, expressão e da cultura. 3) O belicismo fascista: para os intelectuais antifascistas, o fascismo significa guerra, dedução que se confirmava a cada ano que a década de 1930 avançava, com casos como a invasão da Etiópia em 1935, a Guerra Civil Espanhola em 1936, a invasão da China pelo Japão em 1937, entre outras¹⁶. Dentro desse contexto, as relações entre intelectuais antifascistas iam se constituindo em nível internacional que, como já colocado, extrapolavam os limites do continente europeu, vindo a ter força também nas Américas.

Os intelectuais antifascistas na América Latina foram estudados por alguns historiadores, que quase sempre se limitaram, porém, à análise da Agrupação de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores (AIAPE), que tinha por função promover a

¹⁵ WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. Os intelectuais e o antifascismo. In: HOBBSAWM, Eric. *História do marxismo*, vol. IX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 257-314, 1987.

causa do antifascismo e os ideais de defesa da cultura. Isso pode ser notado em trabalhos como o de Adrián Celentano, que se propõe a fazer uma história intelectual que problematize o antifascismo e a formação de redes intelectuais antifascistas, mas acaba se limitando às relações da associação¹⁷. Da mesma forma, Ricardo Pasolini dedica-se a traçar a trajetória da associação, ressaltando a sua importância para a luta antifascista nos países do Prata¹⁸. Por fim, mais recentemente, Ângela Meirelles de Oliveira conseguiu avançar na análise, ao incorporar outras publicações, além dos periódicos da AIAPE. A autora analisa o antifascismo nos países do Cone Sul a partir de uma perspectiva comparativa e também transnacional, que permite identificar as relações das redes intelectuais latino-americanas com a Europa, a circulação das ideias, assim como as peculiaridades dos movimentos antifascistas latino-americanos em relação aos europeus¹⁹. Uma vez que a proposta deste trabalho é a de analisar o engajamento intelectual antifascista na Argentina e na Espanha durante a década de 1930, como indica o título, todos esses trabalhos citados, principalmente o de Ângela Meirelles de Oliveira, servem como base e interlocução para a construção do nosso objeto.

Inúmeros são os trabalhos que se ocupam dos intelectuais e das diversas questões a eles relacionadas como seu papel, dever e mesmo quem são e se ainda existem. Não é difícil achar quem afirme a morte dos intelectuais, ainda que, ao fazer tal afirmação, esteja exercendo o papel de intelectual, como bem aponta Noberto Bobbio²⁰. As grandes quantidades e variedades de estudos também indicam a impossibilidade de enquadrar os intelectuais em uma categoria homogênea e generalizante, ainda que seja possível encontrar interseções e similitudes entre eles. As categorias mais comumente usadas geralmente tendem a seguir um caráter normativo como demonstra Thiago Lenine Tito Tolentino:

Há, nesse sentido, uma tradição normativa em torno da história intelectual, que talvez tenha ganhado maior visibilidade nas últimas décadas em função da crise acerca de tal identidade. Émile Zola, Julien Benda, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Edward Said, para citar apenas nomes de grande fortuna nessa tradição, desenvolveram princípios, não raro antagônicos entre si, sobre o que é ou deva ser um intelectual. Engajado, específico,

¹⁷ CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. *Literatura y Lingüística*, N 17, p. 195-218, 2006.

¹⁸ PASOLINI, Ricardo. Scribere in eos qui possunt proscribere: Consideraciones sobre intelectuales y prensa antifascista en Buenos Aires y Paris durante el período de entreguerras. *Prismas, Revista de historia intelectual*. N 12, p. 87-108, 2008.

¹⁹ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul*. São Paulo: Alameda, 2015.

²⁰ BOBBIO, Noberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1996.

autônomo, partidário ou clérigo, o intelectual conheceu diversas caracterizações no decorrer do século XX, inclusive sendo depreciado por muitos intelectuais que compuseram uma tradição anti-intelectual, como Maurice Barrès, Bertrand Russel e Julien Benda, cujo patrimônio neste debate é contraditório. Chegaríamos, enfim, às lamentações de uma destituição dos intelectuais e de uma perplexidade sobre seu papel²¹.

Nessa citação de Tolentino é possível notar a amplitude de categorias normativas utilizadas na tentativa de definir o intelectual; tal abrangência também demonstra as limitações desse tipo de abordagem. Há também outras abordagens e, em estudos mais recentes, têm sido comum a análise do papel mediador do intelectual como agente ativo no processo de circulação, transmissão e apropriação de ideias²².

Na historiografia dos intelectuais, é espaço comum apresentar como marco fundador o caso Dreyfus²³, pois seria a partir dele que o adjetivo “intelectual” passaria a ser substantivado, correspondendo ao sujeito comprometido com a “verdade” e com a “justiça”²⁴. Apesar de suas importâncias como atores políticos, os estudos sobre os intelectuais na historiografia ganharam força apenas com a chamada “nova história política”, cuja principal referência talvez seja o livro de René Rémond, *Por uma história política*. Na obra, são propostas novas abordagens que ampliam a noção de política, levando em consideração as interações e interseções com outras áreas como a cultural e a ideológica²⁵. Dentro dessa perspectiva, o intelectual ocupa um lugar privilegiado que destaca sua importância dentro das relações político-culturais. Justamente por ocupar esse “entre-lugares”, torna-se difícil criar uma definição precisa de intelectual. Para Jean-

²¹ TOLENTINO, Thiago, L. T. *Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*, Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG para a obtenção do título de doutorado. 2016.

²² Sobre essa perspectiva destacamos o livro organizado por Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen. *Intelectuais mediadores. Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016; e também o livro de Gabriela Pellegrino Soares *Escrita e edição em fronteiras permeáveis. Mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios, 2017.

²³ O chamado “caso Dreyfus” diz respeito à acusação do oficial de artilharia de origem judaica Alfred Dreyfus de vender informações secretas às forças militares alemãs. Dreyfus foi preso e levado para a “Ilha do Diabo”, onde atualmente se localiza a Guiana Francesa. A acusação que parecia mais motivada por questões antisemitas levou a mobilização pública, envolvendo inclusive algumas personalidades conhecidas do período. Émile Zola, uma dessas personalidades escreveu uma carta aberta ao presidente da República Francesa, publicada no jornal *L'Aurore* no dia 13 de janeiro de 1898, intitulada acertadamente de “Eu acuso”, título dado pelo chefe de redação do jornal, Georges Clemenceau. Tal publicação ganhou tons de manifesto e entrou para a história como marco fundador do intelectual como o sujeito que atua em nome da “justiça” e da “verdade”. Para uma análise mais aprofundada sobre o caso Dreyfus e dos intelectuais ver: WHYTE, George R. *The Dreyfus affair a chronological history*. Londres: Palgrave macmillan, 2005; e ALTAMIRANO, Carlos. Intelectuales: nacimiento y peripecia de un nombre. *Nueva Sociedad*, n. 245, p. 38-53, mayo – junio de 2013.

²⁴ ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales. Notas de Investigación*. Bogotá: Editorial Norma, 2006.

²⁵ RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

François Sirinelli, isso leva a duas acepções de intelectual: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”²⁶. Em seu sentido fundador, é redundante falar em intelectual engajado, uma vez que o termo surge justamente do engajamento de um escritor numa causa distinta da sua formação. Por outro lado, a questão é mais complexa, pois como dissemos anteriormente, não é possível generalizar e, além do mais, as diversas categorizações expressam bem a diversidade ao mesmo tempo em que tentam supri-las.

Michael Löwy chama atenção para a dificuldade de definir o que é um intelectual:

Que é um intelectual? Trata-se sem dúvida de um ser bizarro e difícil de classificar. A primeira evidência é que o intelectual pode ser recrutado em todas as classes e camadas da sociedade: pode ser aristocrata (Tolstoi), industrial (Owen), professor (Hegel) ou artesão (Proudhon). Em outros termos: os intelectuais não são uma classe, mas uma *categoria social*; não se definem com as instâncias extraeconômicas da estrutura social; do mesmo modo que os burocratas e os militares se definem por sua relação com o político, os intelectuais situam-se por sua relação com a superestrutura ideológica. Quer dizer: os intelectuais são uma categoria social definida por seu papel ideológico: eles são os *produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológico-culturais*. Ocupam, então, um lugar específico naquilo que se poderia chamar de processo de produção ideológica, o lugar do produtor imediato, que se distingue daquele do empresário, do administrador ou do distribuidor de bens culturais. Os intelectuais assim definidos compreendem grupos como os de escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores e estudantes etc. Eles constituem o setor “criador” de uma massa mais ampla de “trabalhadores intelectuais” (por oposição aos “trabalhadores manuais”) que inclui as profissões liberais, os empregados, os técnicos etc. São também o setor desta massa mais distante da produção econômica²⁷.

A definição de Löwy é interessante pelo fato de tratar os intelectuais como uma categoria social, abrindo, assim, perspectivas mais abrangentes e maleáveis, ainda que para o autor o domínio do intelectual seja estritamente o ideológico.

Certamente, a definição de intelectual sofre transformações com o passar do tempo. Buscar modelos de intelectuais hoje, baseado em modelos anteriores, pode se tornar um exercício frustrante e até causar certa polêmica²⁸. Na década de 1930 e durante

²⁶ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, p. 231-270, 1996, p.242.

²⁷ LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Lech, 1979, p. 1.

²⁸ Com as mudanças nos meios de comunicação e mesmo o maior acesso a eles, novas categorias foram surgindo como “*influencer*” e “*formador de opinião*”. A priori, qualquer um pode ocupar esse posto dependendo da quantidade de seguidores que tiver nas redes sociais, ainda que uma parcela grande seja composta por celebridades. Dessa forma, é inevitável não questionar se poderiam ser considerados intelectuais um jogador de futebol ou uma modelo que tenha milhões de seguidores, por exemplo. Para

todo período em que o fascismo representou um risco mais explícito e material para a humanidade. A principal discussão a respeito dos intelectuais era se eles deveriam ser engajados ou não. Apesar de boa parte das leituras sobre os intelectuais apresentadas até aqui tratá-los como agentes ideológicos, há autores que defendem que eles devem assumir uma postura mais isenta politicamente. O principal nome dessa corrente é Julien Benda. Em livro publicado em 1927, *La trahison des clercs*, traduzido para o português como *A traição dos intelectuais*²⁹, o autor defende que os intelectuais não deveriam se render às paixões políticas e nem se filiar a partidos, pois, assim, estariam traindo sua função de defender a verdade e a justiça. Para ele, a política era algo baixo e mundano, feita por e para leigos. Por isso, os intelectuais deveriam apenas se preocupar com as questões que não são deste mundo, como os domínios do espírito³⁰. Apesar de sua aversão à política, Benda não eximiu de se posicionar contra o fascismo, vindo a participar, em plena Guerra Civil Espanhola, do II Congresso Internacional de Intelectuais para a Defesa da Cultura.

Mostra-se necessário abordarmos o conceito de ideologia, uma vez que ele é tão caro aos intelectuais. Seria um erro tentarmos defini-lo como um conceito contendo um único sentido, como atenta Terry Eagleton. O filósofo e crítico literário britânico destaca os múltiplos sentidos atribuídos à ideologia, elencando-os em uma extensa lista:

- a) O processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
- b) Um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social;
- c) Ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- d) Ideias falsas que ajudam a legitimar poder político dominante;
- e) Comunicação sistematicamente distorcida;
- f) Aquilo que confere certa posição a um sujeito;
- g) Formas de pensamento motivadas por interesses sociais;
- h) Pensamento de identidade;
- i) Ilusão socialmente necessária;
- j) A conjuntura de discurso e poder;
- k) O veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
- l) Conjunto de crenças orientadas para a ação;
- m) A confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal;
- n) Oclusão semiótica;
- o) O meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social;

algumas perspectivas sim, para outras não, compondo-se, assim, uma grande “zona cinzenta” que ainda carece de uma categorização dentro dos estudos sobre os intelectuais que melhor possa corresponder a esse novo fenômeno.

²⁹ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

³⁰ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

- p) O processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural³¹.

Como é possível notar, várias dessas definições podem coexistir, ainda que nem todas sejam compatíveis entre si. Essa vasta gama de possibilidades apresentadas pelo conceito de ideologia corresponde também, de alguma forma, às várias tipologias de intelectuais, principalmente as normativas. Não que, para cada uma dessas definições, seja necessária uma categoria de intelectual, porém, a ampla possibilidade de interpretação da ideologia colabora também para uma multiplicidade de concepções do intelectual e seu papel. Neste trabalho, a concepção de ideologia pode ser encarada, de uma maneira mais geral, como uma “visão de mundo” ou mesmo “uma forma de estar no mundo”. Esta noção, além de abarcar diversas das possibilidades supracitadas, também se manifesta na maneira como os intelectuais aqui analisados compreenderam o antifascismo.

Podemos citar, como exemplo de intelectual que demonstra características que se encaixam em diferentes tipos de concepções ideológicas, Edward Said. Apesar de ter um engajamento político sobretudo relacionado à causa da Palestina, defendia um posicionamento de autonomia do intelectual em relação às instituições políticas, seguindo, dessa forma, uma linha semelhante à proposta por Benda. Para Said, o intelectual tem o papel de articular uma mensagem, um ponto de vista, uma opinião para seu público. Isso só é possível se ele for alguém que não esteja a serviço de nenhuma corporação, governo ou partido³². Dentro dessa perspectiva, o compromisso do intelectual não é apenas com o seu público, mas com a sociedade como um todo, buscando uma crítica que vise um bem comum. Tal lógica pode fazer sentido mesmo entre os intelectuais ditos ideólogos, a exemplo de Jean-Paul Sartre³³ e Noam Chomsky³⁴. Para ambos, o papel do intelectual é dizer a “verdade ao poder”, isto é, desenvolver uma crítica ao sistema, aos seus aparatos opressores e mesmo visar uma ruptura revolucionária. Por outro lado, isso só é possível se o intelectual gozar de autonomia. Domenico Losurdo chama atenção, todavia, para os perigos que corre o intelectual ao se afastar da política e como a consciência histórica pode auxiliá-lo em seu dever moral:

O intelectual compartilha as obrigações morais com os homens comuns e os cidadãos. Se um dever particular lhe compete enquanto intelectual,

³¹ EAGLETON, Terry. *Ideologia uma introdução*. São Paulo: UNESP e Boitempo, 1997, p. 15-16.

³² Ver: SAID, Edward. *Representations of the intellectual. The 1993 Reith Lectures*. New York: Vintage Books, 1996.

³³ SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

³⁴ CHOMSKY, Noam. Escritores e responsabilidade intelectual. In: *Os caminhos do poder. Reflexões sobre a natureza humana e a ordem social*. Porto Alegre: Artmed, p. 69-83, 1998.

este é o da reflexão sobre a sua real posição no mundo, o questionamento sobre as consequências objetivas do discurso por ele desenvolvido, o abandono da ilusão no imaculado estranhamento das teorias a cada vez elaboradas com relação às lutas político-sociais do tempo, o reconhecimento do fato de que a fuga do político não somente não garantia a pureza mas, em determinadas circunstâncias, poderia até ser sinônimo de covardia e objetiva cumplicidade no crime. Essa tomada de consciência histórica é um imperativo moral, no sentido de que somente ela torna possível assumir a responsabilidade pelas ações implícitas na práxis do intelectual. Em outras palavras, a consciência histórica é a condição preliminar para que o intelectual se coloque no exercício da atividade intelectual, como sujeito moral diante de conflitos e responsabilidades inevitáveis e que, ao avaliar o passado, não se vê fora de corrente ininterrupta das responsabilidades. Esse assumir obrigatório de responsabilidade não fundará nenhuma *république des lettres*, não eliminará os conflitos e as contradições que constituem a história e que dilaceram os intelectuais, exatamente como os políticos e como todos os mortais. E sobre uns como sobre os outros se exercerá e continuará a exercer o juízo histórico das futuras gerações³⁵.

Tudo isso indica certas dificuldades sobre o trabalho a respeito dos intelectuais. François Sirinelli atenta para o fato de que não cabe ao historiador dos intelectuais “nem construir um Panteão, nem cavar uma fossa comum”³⁶. Entender e colocar cada trajetória e ideias dentro de seu devido contexto torna-se uma das principais tarefas do historiador. O autor constata que a história intelectual deve perpassar as ideologias, culturas políticas e mentalidades coletivas³⁷, indicando assim pelo menos três níveis em sua produção. A seara da história intelectual, do ponto de vista de Robert Darnton é ainda mais ampla. O autor elenca quatro subáreas: 1) a história das ideias, que se ocupa do “estudo do pensamento sistemático, geralmente em tratados filosóficos”; 2) a história intelectual, que se volta para “o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários”, 3) a história social das ideias, que, segundo ele, é “o estudo das ideologias e da difusão das ideias” e por fim, 4) a história cultural, que o autor define como “o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo concepção de mundo e *mentalités* coletivas³⁸”. Assim como Darnton, Carlos Altamirano atenta para o fato da história intelectual não possuir um método obrigatório de análise ou de interpretação, o que faz

³⁵ LOSURDO, Domenico. Os intelectuais e o conflito: responsabilidade e consciência histórica. In: BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquíria D. L. *Intelectuais e a política. A moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho D'Água, 1999, p. 196

³⁶ SIRINELLI, Jean-François. Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, p. 231-270, 1996, p. 261.

³⁷ SIRINELLI, Jean-François. Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, p. 231-270, 1996, p. 262.

³⁸ DARTON, Robert. História intelectual e cultural. In: DARTON, Robert. *O beijo de la mourrette*. São Paulo: Companhia das Letras, p.204-231, 2010, p. 219.

com que ela seja praticada de muitas formas diferentes³⁹. Nessa perspectiva, este trabalho propõe uma abordagem teórico-metodológica que busque conciliar a história intelectual, a história social das ideias com a história dos intelectuais, que busca privilegiar as trajetórias.

Adriane Vidal Costa ressalta a importância do itinerário para conseguir “avaliar se o engajamento do intelectual segue uma linha reta, sem mudanças significativas, ou se segue linhas fragmentadas, e, às vezes, até contraditórias”⁴⁰. A historiadora também desenvolve uma definição de engajamento, recorrendo ao sentido literal e social da palavra, na tentativa de mostrar que o termo vale tanto para intelectuais ditos de esquerda como de direita, ao contrário do que alguns pregam:

O verbo engajar, em sua acepção literal, significa colocar ou dar em penhor. Engajar-se é, nesse caso, dar pessoa ou a sua palavra em penhor, servir de caução e, por conseguinte, ligar-se por uma promessa ou juramento constrangedor. No seu sentido próprio, engajar-se significa tomar uma direção. Assim, de modo figurado, engajar-se significa praticar uma ação, voluntária e efetiva, que manifesta e materializa a escolha efetuada conscientemente. O intelectual engajado – apesar da expressão intelectual engajado poder soar como uma redundância – pode ser tanto de direita quanto de esquerda, ou seja, o engajamento pode estar vinculado a distintos princípios políticos⁴¹.

A concepção de intelectual apresentada neste trabalho tenta fugir das categorizações normativas tão comuns ao assunto. Buscamos entender os escritores aqui analisados dentro do seu próprio contexto e itinerário. Acreditamos que suas obras e trajetórias dificultam enquadrá-los dentro de uma categoria fechada de intelectual.

Esta poderia ser uma pesquisa apenas sobre a Espanha, pois além de uma das personagens abordadas ser espanhola, a Guerra Civil se configura como o principal evento dentro do recorte proposto. Todavia, foi um desejo nosso também abordar a América Latina, por acreditarmos ser essa uma forma de demarcar o nosso lugar de pesquisa e por considerarmos que tal escolha poderia enriquecer a pesquisa, localizando-a acerca da história da Argentina e também da Espanha. A conexão entre os dois países acontecia através das relações antifascistas em escala internacional, que unia os dois

³⁹ ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de história intelectual. In: *Tempo social, revista de sociologia da USP*. V. 19, n.1, p. 9-17, junho de 2007.

⁴⁰ COSTA, Adriane V. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Tese apresentada para obtenção do título de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, p.26.

⁴¹ COSTA, Adriane V. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Tese apresentada para obtenção do título de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, p.30-31.

intelectuais aqui retratados dentro de uma causa de pretensão mundial, em detrimento das peculiaridades locais.

A pesquisa aqui contemplada foi guiada pela hipótese geral de que a perspectiva mais localizada e individual de análise desses dois intelectuais seria reveladora de peculiaridades do papel desempenhado pelos escritores antifascistas, assim como dos diferentes espaços de manifestação desse engajamento. Dessa forma, buscou-se por meio da trajetória de Bergamín e Córdova Iturburu, alcançar objetivos específicos como o de demonstrar que a partir de um ponto de vista crítico, o catolicismo atuou também para a consolidação de uma concepção antifascista. Além disso, é intenção do trabalho apresentar como o antifascismo atuou dentro do campo das artes e das letras e como isso correspondia à necessidade dos artistas e escritores de tomar posição política naquele momento que não deixava espaço para uma “arte pela arte”. Por fim, outro objetivo do trabalho foi identificar e mostrar o ápice desse engajamento dentro da Guerra Civil Espanhola e entender os aspectos subjetivos de sua composição, como os sentimentos.

Assim, podemos antecipar ao leitor algumas das conclusões desta dissertação. A primeira é a de que o caráter internacionalista do movimento antifascista demonstra que seu impacto e sua força na Argentina não seriam os mesmos se não fosse a Espanha. Algo que ficará claro no peso dado ao conflito espanhol por Cayetano Córdova Iturburu. Por outro lado, o equivalente espanhol desse movimento também seria diferente se não fosse toda a mobilização internacional que a causa gerou e que se materializou no âmbito intelectual na ida de escritores para a Espanha e também na realização do II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura. A principal conclusão que o trabalho apresenta, porém, é a de que, independentemente de suas filiações partidárias e simpatias políticas, esses intelectuais buscaram assumir a posição de preservar a liberdade e a autonomia de pensar e agir.

Dessa forma, o texto aqui apresentado está dividido em três capítulos. O primeiro se dedica a percorrer a trajetória político-intelectual de José Bergamín do início da década de 1930 até o começo da Guerra Civil Espanhola. Nascido em Madri em 1895, filho de um jurista e uma católica fervorosa, Bergamín dizia ter herdado do pai a paixão pela política e da mãe a sua religião. A sua politização o fez assumir um cargo dentro do governo republicano de 1931 e presidir a Associação de Intelectuais Antifascista da Espanha em 1936. Seu arcabouço teórico tinha como principais referências Nietzsche, Pascal e Unamuno, sendo este último, talvez, a principal. O período que compreende os anos de 1933 a 1936, provavelmente foi o mais importante da carreira do escritor, que

recebeu um convite para fundar e dirigir uma revista católica, intitulada *Cruz y Raya*, que viria a ser a principal publicação dessa categoria dentro da Espanha, naquele período. Após a Guerra Civil Espanhola, Bergamín, assim como muitos outros espanhóis seguiram para o exílio. O escritor, que escolheu a América Latina como destino, passou pelo México, Venezuela e Uruguai. Posteriormente foi para a França e finalmente retornou para a Espanha, por um período, até ser expulso novamente, retornando para o Uruguai em uma estadia breve e passando novamente pela França, até voltar à Espanha em definitivo, onde veio a falecer na cidade de San Sebastián em 1983.

Para percorrermos a trajetória de Bergamín, iremos nos amparar em sua biografia escrita por Gonzalo Penalva⁴², no epistolário que o autor trocou com seu mentor, Miguel de Unamuno⁴³ e também no trocado com Manuel de Falla⁴⁴, músico católico espanhol que ele admirava⁴⁵. Também seus primeiros livros, *El cohete y la estrella*, *La cabeza a pájaros*, ambos são livros de aforismos e marcam sua estreia como escritor. Compõem esse capítulo, seus textos publicados em *Cruz y Raya*, nos quais desenvolveu suas críticas políticas.

A primeira metade da década de 1930 se mostra reveladora do engajamento político de Bergamín, um autor polêmico e bastante controverso. De certa forma, parece ter herdado de seu mestre, Unamuno, que se afirmava republicano, mas que muitas vezes era atacado por fazer críticas às maneiras como a república estava sendo governada. O capítulo se organiza, então, de maneira a explorar a formação teórica do autor, assim como os diálogos estabelecidos com Miguel de Unamuno. Buscaremos também demonstrar os bastidores da criação de *Cruz y Raya* e as dificuldades sofridas pelo escritor para manter a publicação ativa com periodicidade mensal. Por fim, seus escritos políticos, que demonstram sua posição e são peça chave para o entendimento de seu comportamento tantas vezes tido como controverso.

O segundo capítulo é sobre o engajamento de Cayetano Córdoba Iturburu. Nascido em Buenos Aires em 1899, era filho de um juiz de paz e uma herdeira de família tradicional paraguaia. Córdoba Iturburu foi poeta, crítico de arte, jornalista e docente. Na

⁴² PENALVA, GONZALO. *Tras las huellas de un fantasma. Aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madrid: Turner, 1985.

⁴³ BERGAMÍN, José; UNAMUNO, Miguel. *El epistolario [1923-1935]*. Editado por: DENNIS, Nigel. Valencia: Pre-textos, 1993.

⁴⁴ BERGAMÍN, José; FALLA, Manuel. *El epistolario (1924-1935)*. Editado por: DENNIS, Nigel. Valencia: Pre-textos, 1995.

⁴⁵ Ambos epistolários foram reunidos e publicados por Nigel Dennis, provavelmente o maior especialista na obra de José Bergamín e grande responsável por promover a maior facilidade ao acesso à obra do escritor espanhol, através de suas republicações e compilações.

década de 1930, foi também militante comunista. Na década anterior atuou como membro do chamado grupo *Florida*, que promoveu as vanguardas artísticas argentinas. Teve grande participação nas revistas literárias vanguardistas como *Proa* e *Martín Fierro*. Em 1930 lançou seu próprio periódico, intitulado: *Argentina, periódico de arte y crítica*. Era próximo de Raúl González Tuñón, vindo a colaborar em várias outras publicações com ele, a exemplo de *Contra. La revista de los francotiradores* e *Nueva Revista*, e também como membro, desde a sua fundação em 1935, da AIAPE. Durante a década de 1940 Córdova Iturburu seguiu com seu engajamento político, manifestando oposição ao peronismo que vinha crescendo na Argentina. O escritor manteve-se fiel aos seus ideais artísticos, o que colaborou para a sua expulsão do Partido Comunista Argentino em 1949. Seguiu como crítico de arte até falecer em Buenos Aires no ano de 1977.

A documentação encontrada sobre o autor é um tanto distinta daquela utilizada no primeiro capítulo. Não possui nenhum epistolário e nem muitas referências explícitas sobre sua formação e repertório teórico. Assim, a análise ficará restrita aos textos dos periódicos em que publicou, como as já citadas revistas *Contra* e *Argentina*. Também serão analisados outros documentos encontrados no *Centro de Documentación e Investigación de las Culturas de Izquierda (CeDInCI)*, seu livro *La revolución martinfierrista*, no qual conta a história da revista *Martín Fierro* e mostra como via o movimento vanguardista, além de outras publicações posteriores ao recorte proposto, mas que complementam a análise desenvolvida, a exemplo de *La sociedad Azteca* e *Diccionario de actualidad mundial*.

O engajamento político de Cayetano Córdova Iturburu, da mesma forma que Bergamín, teve maior vigor durante a década 1930. O autor foi acompanhado por Raúl González Tuñón e Pablo Rojas Paz, em 1937, para participar do II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, na Espanha e também para atuar como correspondente jornalístico naquele país. Este capítulo, como o anterior, analisa a trajetória política do intelectual, agora Córdova Iturburu, até 1936, explorando a forma como o autor compreendeu as vanguardas das quais fez parte. Através de seus escritos políticos, procuraremos dar ênfase à sua oposição às manifestações fascistas na

Argentina, assim como destacar a posse manifesta de uma certa *cultura intelectual*⁴⁶ e *consciência histórica*⁴⁷ do escritor.

O terceiro e último capítulo dedica-se a explorar o engajamento intelectual na Guerra Civil Espanhola, uma vez que ambos os autores participaram ativamente do conflito. Bergamín, como já foi dito anteriormente, presidiu a Aliança de Intelectuais Antifascistas da Espanha e também encabeçou o II Congresso Internacional para a Defesa da Cultura. Córdova Iturburu participou deste congresso e também foi correspondente na guerra para o *Diário Crítica*. Além disso, escreveu um livro sobre a guerra intitulado *España bajo el comando del pueblo*, publicado em 1938. Ambos tiveram textos publicados em periódicos que circularam durante o conflito, como *El mono azul* e *Hora de España*. Bergamín, além de ser um dos responsáveis pelas publicações, também fazia parte do corpo editorial de ambas. A guerra se mostra como ponto central para o engajamento antifascista não apenas desses dois intelectuais, mas de vários outros, de diversas partes do mundo, apresentando níveis diferentes de ação dos que abandonavam a tranquilidade de seus gabinetes, editoras e salas de aula, para irem para Espanha, seja com o intuito de atuar no campo ideológico, seja até mesmo partindo para o confronto armado nas linhas de frente.

As fontes utilizadas nesse capítulo são majoritariamente compostas por periódicos publicados tanto na Espanha quanto na Argentina. Do primeiro, os já citados *El Mono Azul* e *Hora de España*, assim como a compilação de atas e testemunhos do II Congresso Internacional Para a Defesa da Cultura⁴⁸. Serão também utilizados os textos escritos por Bergamín durante a guerra, mas publicados apenas depois do término do conflito, em seu

⁴⁶ Referimono aqui ao conceito criado por Thiago Lenine Tito Tolentino para tratar da vida intelectual no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Ver: TOLENTINO, Thiago, L. T. *Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*, Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG para a obtenção do título de doutorado. 2016.

⁴⁷ Aqui fazemos referência ao conceito de Jörn Rüsen para tratar a história como uma maneira de interpretação e visão de mundo. Ver: RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, março de 2009 e RÜSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. Traducción de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf consultado em 05/09/2019.

⁴⁸ Esses documentos foram compilados e publicados no terceiro volume da obra escrita e organizada por Manuel Aznar Soler e Luis Mario Schneider com a finalidade de contar a história desse congresso. O primeiro volume traz o estudo de Luis Mario Schneider sobre a relação da “inteligência e a guerra”; o segundo é composto pela análise da relação entre literatura espanhola e o antifascismo, feito por Manuel Aznar Soler; e o terceiro é composto pelo compilado de atas, apresentações e testemunhos. Ver: SOLER, Mario A.; SCHNEIDER, Luis M. (orgs.). *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937)*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987.

livro *El pensamiento perdido. Páginas de la guerra y del destierro*⁴⁹. Da Argentina, as revistas *Claridad* e *Sur*, bem como a publicação da AIAPE e o livro de Córdova Iturburu sobre a Guerra Civil Espanhola: *España bajo el comando del pueblo*. Essas fontes nos permitem trazer à luz, não apenas o engajamento dos dois intelectuais ao qual este trabalho se dedica, mas também de outros que compunham o movimento antifascista nos dois países, assim como situar os dois intelectuais estudados dentro dos agrupamentos contra o fascismo.

A Guerra Civil Espanhola foi um conflito que não poupou as localidades civis. Assim, ninguém estava de fato seguro dentro do país, uma vez que estava suscetível a ser vítima de bombardeios, tiroteios e, no caso dos intelectuais, por serem figuras públicas, poderiam, ainda, ser vítimas de emboscadas como foi o caso do proeminente poeta Federico García Lorca⁵⁰. Nesse sentido, é preciso pensar o engajamento na guerra como algo distinto do engajamento em períodos ordinários. Nesse capítulo, então, iremos aprofundar nossa análise no engajamento de guerra, dividindo-o em dois níveis, para pensar intelectuais *em* guerra e intelectuais *na* guerra⁵¹. Também faz parte das intenções desse capítulo analisar como os sentimentos de angústia e solidariedade apareciam nos escritos e, de alguma forma, interferiam nesse engajamento. A união entre política e cultura feita por esses intelectuais é outro ponto que iremos examinar, uma vez que se mostra como uma das principais características de sua atuação.

⁴⁹ BERGAMÍN, José. *El pensamiento perdido. Páginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, 1976.

⁵⁰ Lorca foi preso e assassinado quando voltava para Granada, após ir até Madri acertar detalhes da publicação de seu livro, *Poeta em Nova Iorque*, com José Bergamín, que na época dirigia o editorial Árbol, editora da revista *Cruz y Raya*.

⁵¹ Usamos aqui a categoria criada pela crítica literária Julia Miranda, a autora define *intelectuais em guerra*, como aqueles escritores que de alguma forma se manifestaram em relação a Guerra Civil Espanhola, estando ou não no país e mesmo posteriormente ao conflito. Ver: MIRANDA, Julia. *Frenética armonía. Vanguardias poéticas latino-americanas en la Guerra Civil Española*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2016.

Capítulo 1: José Bergamín: política e catolicismo.

Mi conciencia revolucionaria de creyente cristiano, universal o católico (pertenezco a la Iglesia católica enteramente) me hizo y me hace separar mi fe de toda política confusa. Por eso no me parece verdadero ni justo, equitativo ni saludable, el empeño de identificar y confundir el catolicismo con formas económicas o políticas pasajeras, y en pugna con su propio sentido espiritual, como por ejemplo, el régimen capitalista. Tampoco con el socialismo. Pero en éste, y en sus mejores aspectos de afirmación humana, es heredero. Por eso dije en cierta ocasión, que ha sido luego infinitamente repetido, en pro y en contra mía, que yo, como católico, y como español, podría estar con mis amigos o enemigos comunistas (que también son hijos de Dios) hasta la muerte, pero no más allá. Lo que este “más allá” implica y explica en la vida presente, es lo que a mí me diferencia, pero no me separa, de sus ideales revolucionarios de verdad y justicia.

José Bergamín

1.1 Espanha 1930: república, intelectuais e fascismo.

A década de 1930 na Espanha foi marcada por muitos acontecimentos importantes para a sua história. Já no início, em 15 de abril de 1931, o país deixou de ser uma monarquia e aderiu ao modelo republicano, um dos principais fatores que desencadearam a guerra civil em 1936. Com os governos organizados em períodos de biênios, os primeiros anos da nova década foram marcados por efervescência política e muitos

conflitos. Não é nossa intenção reconstruir toda a história da Segunda República Espanhola, até mesmo porque demandaria um trabalho inteiro exclusivamente para isso. Porém, julgamos necessário percorrer, ainda que de maneira breve, esses acontecimentos com o intuito de contextualizar o leitor para que possa localizar melhor a trajetória do personagem que vamos analisar.

O objetivo geral deste capítulo é remontar a trajetória político-intelectual de José Bergamín até o pré-Guerra Civil. Para tal, iremos demonstrar parte de sua formação, assim como os autores com quem estabeleceu diálogos. Buscaremos, ademais, averiguar como o escritor conjugou religião e política não apenas em seus próprios textos, mas também na forma como dirigiu a revista *Cruz y Raya* entre os anos de 1933 até 1936. Essa união entre religião e política fez com que o engajamento antifascista de Bergamín apresentasse características peculiares se comparado a outros intelectuais. Nesse sentido, uma contextualização mostra-se necessária, pois nos ajuda a compreender as ocorrências que o escritor estava respondendo em seus textos e iluminar o processo em que se deu seu engajamento.

Seguiremos a perspectiva teórico-metológica da história dos intelectuais unida à história intelectual, para analisarmos as fontes compostas pelos epistolários de Bergamín com Miguel de Unamuno e também com Manuel de Falla. Os textos do escritor publicados em *Cruz y Raya*, assim como seus aforismos, principalmente do primeiro livro, *El cohete y la estrella*. Partimos de duas hipóteses, a saber: 1) Bergamín entendia *Cruz y Raya* como uma revista de católicos e não como uma publicação católica e, por esse motivo, conseguiu trabalhar com mais liberdade questões políticas, apesar da resistência de outros intelectuais. 2) por prezar sua autonomia intelectual, não se deixando levar por sua crença religiosa nem por suas convicções políticas, Bergamín foi caracterizado como um autor paradoxal.

Para retormarmos o processo político espanhol da primeira metade da década de 1930, podemos partir da transição da monarquia para República. Na Espanha, esse processo aconteceu de maneira pacífica, através de eleições para as cortes, ao contrário do que ocorrera na França, que passou por derramamento de sangue e conflitos para tal. Alguns autores, como Gerald Brenan¹, acreditavam que isso poderia justificar também a fragilidade que teve o regime republicano no país. Uma análise que, para nós, não aparenta fazer muito sentido, uma vez que o autor não demonstra como esses conflitos

¹ BRENNAN, Gerald. El laberinto español antecedentes sociales y políticos de la guerra civil. Madrid: Backlist, 2009.

fortaleceram a República Francesa ou sua ausência enfraqueceram a Espanhola, além de ser, de certa forma, uma simplificação de todo processo que envolve forças antagônicas em constantes disputas. Apesar disso, a análise deste autor como um todo é bastante abrangente e desenvolve bem as querelas e contendas ocorridas durante os três biênios.

Para Stanley Payne², o retorno de um modelo político republicano no país só foi possível devido às transformações ocorridas no início do século XX, como aumento da industrialização e da urbanização, queda no analfabetismo e aumento de estudantes universitários, sobretudo do sexo feminino que, segundo o autor, teria como resultado uma “revolução cultural”³. A Espanha surgia como um raio de esperança democrática em uma Europa que cada vez mais aderira ao radicalismo e à linha autoritária. Para os espanhóis, a monarquia, que “simbolizava um conceito hierárquico de sociedade, com a educação controlada pela Igreja e a ordem social zelosamente guardada contra mudança”⁴, se dissipava e dava lugar ao republicanismo que vinha representar uma maior liberdade.

O primeiro biênio foi marcado por reformas e pela criação de uma nova constituição, que deram à recém-nascida república aspecto bastante progressista para o período. Esse primeiro governo foi composto por basicamente quatro grupos: os republicanos de esquerda que conseguiram nas eleições 150 cadeiras; os republicanos de direita que tiveram aproximadamente 100; os socialistas com 115 e o grupo que não apoiou a república com 50 deputados, dentre os quais, apenas 19 monarquistas assumidos⁵. Os republicanos de direita eram majoritariamente representados pelo Partido Radical de Alejandro Lerroux. Os republicanos de esquerda, por sua vez, estavam representados em grande parte pelos partidos Ação Republicana, de Manuel Azaña e o Radical Socialista de Marcelino Domingo e Álvaro de Albornoz⁶. Eduardo Huertas

² PAYNE, Stanley. *The collapse of the Spanish Republic, 1933-1936: origins of the Civil War*. New Haven & London: Yale University Press, 2006.

³ Segundo Payne, o emprego em indústrias aumentou durante as décadas de 1910-1930 de 15,8% para 26,5%. A taxa de adultos analfabetos caiu 9% durante a década de 1920. Da mesma forma a taxa de mulheres empregadas subiu também 9% no mesmo período e o número de mulheres nas universidades quase duplicou de 4,79% para 8,3%. Ver PAYNE, Stanley. *The collapse of the Spanish Republic, 1933-1936: origins of the Civil War*. New Haven & London: Yale University Press, 2006, p. 8-9.

⁴ PRESTON, Paul. *The Coming of the Spanish Civil War: reform, reaction and revolution in the Second Republic 1931-1936*. London: The Macmillan Press, 1978.

⁵ BRENAN, Gerald. *El laberinto español antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009, p. 317.

⁶ BRENAN, Gerald. *El laberinto español antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009, p. 319.

Vázquez chama atenção para a participação dos intelectuais na composição desses partidos:

No obstante, es necesario hacer al respecto una serie de ineludibles precisiones. Cuando se proclamó la Segunda República Española en abril de 1931, los hombres que entraron en los distintos órganos de gobierno provenían, efectivamente, de la burguesía. Especialmente, salvo excepciones, la mayoría pertenecía a la pequeña burguesía. En un notable porcentaje, intelectuales, profesores y escritores, y ejercientes de profesiones liberales. En este sentido, pues, la mayor parte provenía de la universidad, o en general, de la parcela de la “inteligencia”, quizás, como hace notar Becarud, porque los partidos políticos, especialmente los republicanos y el socialista, no tenían sus cuadros suficientemente preparados. Esta primera invasión de intelectuales empezó a atenuarse a medida que fueron organizándose los partidos políticos, en especial, los partidos de izquierda, y se fueron precipitando los acontecimientos⁷.

Podemos presumir que os intelectuais eram figuras importantes e dotadas de certa força política dentro da Espanha naquele momento, uma vez que o próprio presidente Manuel Azaña, era também um escritor conhecido. A influência desses intelectuais que pertenciam à burguesia de cunho mais liberal se materializou nas reformas implantadas pelo governo republicano, respaldadas pela constituição de 1931.

Os primeiros meses da nova república também foram criticados por intelectuais importantes dentro da Espanha, como José Ortega y Gasset e Miguel de Unamuno. Ambos fizeram suas críticas aos partidos que, para eles, estavam governando em causa própria, indicando, assim, falta de coerência com o ideal republicano. Para Ortega y Gasset, a república deveria ser uma revolução, ainda que alguns ministros dissessem que essa seria uma república conservadora e burguesa. Na opinião do escritor:

[...]Pro si yo rechazo ambas fórmulas [conservadora e burguesa], en cuanto que pretendan tener un significado preciso, reconozco, en cambio, que cuando fueron pronunciadas en la hora de preparar la revolución, los que las emitían querían decir con ellas otra cosa mucho más certera y completamente oportuna; ésta, sencillamente ésta: que la República, durante su primera etapa, debía ser sólo República, radical cambio en la forma del Estado, una liberación del poder público detentado por unos cuantos grupos, en suma, que el triunfo de la República no podía ser el triunfo de ningún determinado partido o combinación de ellos, sino la entrega del poder público a la totalidad cordial de los españoles⁸.

Segundo ele, essa atitude que atendia apenas aos propósitos particulares dos políticos, fez com que a empolgação e o entusiasmo para com a república caíssem depois

⁷ VÁZQUEZ, Eduardo H. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministério de Cultura, 1988, p. 17-18.

⁸ ORTEGA Y GASSET, José. Retificación de la República. In: *La Vanguardia*. Barcelona, jueves, 12 de agosto de 2004, p. 16.

de sete meses. Ortega y Gasset demonstra certa ingenuidade ao pregar que a solução para essa situação seria “um partido de amplitude nacional”, que pusesse os interesses coletivos acima de todos os interesses parciais de classes e grupos, como se um país ou uma nação existisse como um todo homogêneo. O escritor acaba adotando uma postura bastante comum entre intelectuais de vertentes mais liberais que acreditam em posição isenta, sem perceber que no fundo, ao fazerem isso, estavam, na verdade, se colocando do lado conservador.

A exemplo de Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno também manifestou seu descontentamento com a República Espanhola, sobretudo no que diz respeito aos partidos. Quando questionado sobre a nova constituição que estava sendo debatida, o autor disse:

No hay modo de darse cuenta de lo puede llegar a ser una Constitución urdida – o tramada – no por choque y entrecruce de doctrinas diversas, sino de intereses de partidos, o mejor de clientelas políticas, sometidas a una disciplina que nada tiene de disciplinado. [...] Así se forja, claro que no más que en el papel, un código de compromisos henchido, no ya de contradicciones íntimas – que esto suele ser un resorte de progreso – , sino de ambigüedades huera de verdadero contenido⁹.

Apesar das críticas e receios de Unamuno, a constituição espanhola foi bastante progressista e moderna, contrariando as expectativas do escritor.

A Constituição aprovada em 9 de dezembro de 1931 era composta por nove capítulos nos quais se distribuíam seus 125 artigos, além de duas disposições transitórias. Essa nova Constituição assegurava uma série de direitos individuais como liberdade religiosa¹⁰; direito de circulação e inviolabilidade de domicílio e correspondência¹¹; direito de escolha de profissão, liberdade de expressão e direito de enviar petições, individuais ou coletivas ao governo (esse direito não se aplicava às forças armadas)¹²; direito eleitorais iguais para homens e mulheres¹³; direito de reunião e sindicalização¹⁴;

⁹ UNAMUNO, Miguel. Unamuno y la Constitución. In: *La Voz de Cuenca*. Año X, N. 482, Cuenca, 27 de octubre de 1931, n/p.

¹⁰ Ver: art. 27. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹¹ Ver: art. 31 e 32. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹² Ver: art. 33, 34 e 35 respectivamente. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹³ Ver: art. 36. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹⁴ Ver: art. 38 e 39. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

direito ao divórcio¹⁵; direito ao trabalho e à cultura¹⁶, dentre outros. A Constituição também assegurava a laicização do Estado e do ensino¹⁷ e a possibilidade de socialização da propriedade¹⁸, que geraram mais polêmicas, inclusive com a tentativa de reforma agrária. Existia por parte dos camponeses grande expectativa de que as grandes propriedades fossem desapropriadas, o que não aconteceu. Os socialistas e republicanos estavam de acordo na parte em que isso deveria ocorrer, porém, discordavam da forma como deveria ser feito. Os primeiros defendiam que as terras fossem trabalhadas de forma coletiva, enquanto os republicanos defendiam que fossem divididas em parcelas individuais¹⁹. Mesmo que a proposta dos socialistas visasse uma divisão mais justa, pois evitaria que algumas pessoas saíssem prejudicadas por receberem lotes de terra que estavam localizados em regiões mais secas e inférteis, a proposta de divisões individuais teve maior aceitação.

Para Eduardo Huertas Vázquez, por ter sido um projeto republicano de intelectuais, o governo visava uma organização da vida política e social de maneira racional, indo de encontro à visão católica e à Igreja:

[...]El proceso de laicización a que los primeros Gobiernos de la República someten la vida social y política de la Nación es, por otra parte, la consecuencia del espíritu de libertad y de tolerancia institucionalizada que define los primeros fundamentos del republicanismo español. Dicho proceso de laicización llegó a la enseñanza y a la cultura, siendo la política educativo-cultural republicana una de las grandes piedras de escándalo para la Iglesia y los partidos políticos de derechas [...] ²⁰.

Dentre as políticas educacionais empregadas pela república, a mais famosa foi a *Missões Pedagógicas*, lideradas por Manuel Bartolome Cossio, personagem muito admirado pelos políticos do primeiro biênio por seus trabalhos na educação como reitor da Instituição Livre de Ensino e também como diretor do Museu Pedagógico Nacional. As políticas dessas Missões dividiam-se em três eixos: cultural, orientação pedagógica e educação cidadã. O primeiro tinha como proposta:

¹⁵ Ver: art. 43. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹⁶ Ver: art. 46 e 48. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹⁷ Ver: art. 3, 48, 49 e 50. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹⁸ Ver: art. 44. In: ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

¹⁹ BRENAN, Gerald. *El laberinto español. Antecedentes sociales y políticos de la Guerra Civil*. Madrid: Backlist, 2009.

²⁰ VÁZQUEZ, Eduardo H. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministério de Cultura, 1988, p. 18.

1º el establecimiento de bibliotecas populares, fijas y circulantes, dotadas con fondos existentes o provenientes de la contribución directa o indirecta de los Entes Públicos y de la colaboración de entidades privadas. En conexión con toda esta temática se organizarán lecturas y conferencias públicas. 2º la organización de sesiones de cinematografía y proyecciones fijas, científicas y culturales. 3º la organización de veladas musicales de coros y orquestas pequeñas y, en todo caso, de audiciones por radiotelefonía y discos, debidamente seleccionados. 4º La organización de “Exposiciones reducidas de obras de arte a modo compendiados Museos circulantes...” 5º La organización de la actividad teatral²¹.

O segundo eixo, por sua vez previa:

1º girar visitas a escuelas rurales y urbanas con objeto de conocer sus necesidades. 2º celebración de semanas o quincenas pedagógicas en una escuela, a donde puedan acudir maestros de las escuelas limítrofes, y en la que se desarrollará un cursillo de perfeccionamiento consistente en: a) dar lecciones prácticas de Letras y Ciencias con los Maestros y los niños, utilizando material propio y el aportado por las Misiones. b) examinar la realidad social y natural que rodea a la escuela con el objeto de lograr el mayor aprovechamiento pedagógico. c) realizar excursiones con los Maestros y los niños a lugares de interés y valor histórico-artístico, con el objeto de que se les enseñe e estimarlos. d) y decidir la aplicación posible de los recursos y actividades relacionados con el fomento de la cultura general en el apartado anterior²².

O terceiro eixo, por fim, tinha por proposição: a) “‘Reuniones públicas, donde se firmen los principios democráticos que son postulado de los pueblos modernos’. b) Conferencias y lecturas sobre la organización del Estado, Administración pública, participación ciudadana, etc²³.” Apesar das boas propostas, essa política educacional não deu resultados muito satisfatórios, principalmente por não terem levado em consideração outras questões extraclasse, como a condição social e a pobreza dos alunos²⁴.

Com as medidas polêmicas e o pouco sucesso nas políticas implantadas, além da crise pela qual passava o país, o governo começou a sofrer bastante oposição, não apenas da ala conservadora da direita, mas também dos anarcossindicalistas. Estes últimos, já organizados desde a ditadura de Primo de Rivera na Confederação Nacional do Trabalho (CNT), articularam internamente a criação de um órgão voltado para organização e ação revolucionária. Assim surgiu a FAI, Federação Anarquista Ibérica. O governo

²¹ VÁZQUEZ, Eduardo H. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministério de Cultura, 1988, p. 130.

²² VÁZQUEZ, Eduardo H. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministério de Cultura, 1988, p. 130.

²³ VÁZQUEZ, Eduardo H. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministério de Cultura, 1988, p. 130.

²⁴ VÁZQUEZ, Eduardo H. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministério de Cultura, 1988.

republicano, então, passou a lidar com greves, assaltos armados aos edifícios públicos e sabotagens. Algo que não havia ocorrido com nenhum outro governo espanhol até então. Essa revolta não era gratuita. Durante esse período, o índice de desemprego era muito alto e a falta trabalho naquele momento significava miséria, já que não existia nenhum tipo de auxílio por parte do Estado²⁵.

A resposta do governo foi truculenta a ponto de ser dita como pior que a do tempo de Primo de Rivera. As cadeias estavam cheias e a polícia mais atuante, a ponto de ficar comum dizer que aquela era uma “República de fango, sangre y lágrimas”²⁶. Assim terminava o primeiro biênio republicano, com uma crise de governo e baixa popularidade dos partidos de centro esquerda e socialistas. Algo que abriu caminho para uma maior articulação dos setores conservadores de direita. Grupos católicos, alguns que flertavam com o fascismo, como o liderado por Gil Robles, uniram-se formando uma associação de quarenta e dois grupos de direita para a criação da Confederação Espanhola de Direitas Autônomas (CEDA)²⁷. Esse novo partido tinha como objetivo “defender os princípios da civilização cristã e rever a constituição, especialmente as cláusulas que se referiam à religião, à educação e à propriedade”²⁸. Algo que conseguiram fazer após a vitória da coligação das direitas.

Esse novo governo não demorou para colocar em prática sua nova política, como mostra Gerald Brenan:

Las intenciones del gobierno se vieron pronto. En el espacio de pocas semanas toda la legislación de las Cortes Constituyentes que fijaba salarios y condiciones de empleo fue anulada o amortiguada. La garantía a los arrendatarios contra cualquier desposesión caprichosa fue suprimida: unos 10.000 campesinos que habían sido asentados en grandes propiedades de Extremadura fueron desposeídos de sus derechos. Los salarios (que sin duda eran demasiado altos) fueron reducidos en un 40 y 50 por ciento y los terratenientes, para colaborar, comenzaron a despedir trabajadores. Al mismo tiempo todo aquello de la legislación anticlerical del último gobierno que podía ser escamoteado lo fue, y la substitución de las escuelas religiosas por laicas fue pospuesta indefinidamente reducido. Estas medidas eran extraordinarias por demás, ya que los radicales habían ganado siempre sus elecciones por su sello anticlerical y habían votado recientemente

²⁵ BRENAN, Gerald. *El laberinto español. Antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009.

²⁶ BRENAN, Gerald. *El laberinto español. Antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009, p. 354.

²⁷ PRESTON, Paul. *The coming of the Spanish Civil War. Reform, reaction and revolution in the Second Republic 1931-1936*. London: The Macmillan Press, 1978.

²⁸ PRESTON, Paul. *The coming of the Spanish Civil War. Reform, reaction and revolution in the Second Republic 1931-1936*. London: The Macmillan Press, 1978, p. 43.

en favor de la laicización de la educación. Era el precio que habían de pagar por la ayuda de la CEDA²⁹.

Essas medidas geraram revoltas em parte dos trabalhadores pertencentes aos sindicatos, sobretudo anarquistas, que começaram a organizar greves e mesmo combater com luta armada os avanços de políticas e ações que tendiam ao fascismo.

Em outubro de 1934, a revolta e descontentamento popular dão início a um levante em toda a Espanha, empolgando os setores de esquerda que profetizavam que aquele movimento teria a mesma importância para Espanha que o de outubro de 1905 teve para a Rússia³⁰. Segundo Antony Beevor, esse movimento teve início com a radicalização do PSOE e também de outros partidos de esquerda e centro esquerda, que optaram por romper com as instituições legais e proclamar um estado de guerra em todo país³¹. A onda revolucionária começou no dia 5 de outubro e foi tomando a Espanha, amedrontando a classe média que recorreu à direita em busca de refúgio. Apesar do entusiasmo, o movimento durou pouco; no dia 8 do mesmo mês, quase todos os membros do comitê revolucionário já haviam sido presos³².

O levante foi mais forte na Catalunha e nas Astúrias. No dia 6 de outubro a esquerda nacionalista catalã proclamou independência da Catalunha e a criação de um estado catalão, convidando todos os dirigentes antifascistas da Espanha a se juntarem a eles. Tal medida, entretanto, não durou muito, pois, no dia 7, pressionados pelas forças militares espanholas, os rebeldes catalães se renderam³³. A rebelião nas Astúrias foi ainda mais impactante. Os mineiros e operários da região eram mais organizados e estavam sindicalizados desde 1912, e possuíam uma certa “cultura de greve” que garantiu a eles melhores salários quando comparados com trabalhadores de outras regiões do país³⁴. Essa maior experiência ajudou o levante a ter mais sucesso na região. Ainda no dia 5 de outubro, esses trabalhadores, portando fuzis disponibilizados pelo líder socialista Indalecio Prieto, tomaram de assalto quartéis de polícia e no dia seguinte tomaram Oviedo, montando uma comuna na cidade³⁵. Apesar de ter durado apenas 15 dias, a insurreição das Astúrias teve um preço alto. O número de mortos em torno de 1000 a

²⁹ BRENAN, Gerald. *El laberinto español. Antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009, p. 365.

³⁰ HUGH, Thomas. *La Guerra Civil Española. Los Orígenes de la guerra*. Tomo I, Madrid: Urbión, 1980.

³¹ BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica, 2005.

³² BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica, 2005.

³³ BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica, 2005.

³⁴ BRENAN, Gerald. *El laberinto español. Antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009.

³⁵ BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica, 2005.

3000, sendo a maioria operários; destruição do centro da cidade de Oviedo e demissão de milhares de trabalhadores que participaram do movimento.

A repressão à insurreição de outubro também fez com que o líder socialista Indalecio Prieto se exilasse para evitar ser preso, como aconteceu com outras 20 ou 25 mil pessoas. O governo utilizou de tortura para encontrar as armas usadas na revolta³⁶ e buscava meios para reformar a constituição aprovada em 1931, sobretudo nas partes tocantes à Igreja³⁷. Todas essas medidas de repressão somadas às políticas de austeridade já citadas, geraram desgastes nesse governo de direita e criaram uma necessidade de maior articulação por parte das esquerdas que se organizavam em uma Frente Popular, composta pelo PSOE, PCE, POUM, pela esquerda republicana, pela UGT e pela CNT, visando as eleições para o terceiro biênio.

A Frente Popular conseguiu sair vitoriosa nessas eleições, o que gerou insatisfação dos setores da direita que apostavam na eleição com a fusão de pequenos partidos fascistas que culminaram nas Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista, que tinham com parte integrante a Falange, criada em 1932 por José Antonio Primo de Rivera, filho do ditador que esteve à frente da Espanha em quase toda década de 1920. A Falange era a principal representante do fascismo espanhol. Seu programa detinha vinte e seis pontos³⁸, que se dividiam em seis grupos: nação, unidade e império; Estado indivíduo e liberdade; economia, trabalho e luta de classes; terra; educação nacional e religião e, por fim, revolução nacional. Distinguindo-se, segundo Gerald Brenan, do fascismo italiano apenas por sua postura em relação à Igreja, uma vez que um falangista poderia até mesmo ser um ateu, mas devia respeito à Igreja Católica, pelo peso histórico que a instituição teve na formação do país³⁹.

A derrota pelos meios legais e democráticos sofrida pela direita fez seus partidários buscarem a ação violenta. Tanto os falangistas quanto alguns setores das forças armadas temiam pelo governo da Frente Popular, assim como possíveis retaliações por parte dos sindicalistas e anarquistas que foram presos e torturados após outubro de

³⁶ BRENAN, Gerald. *El laberinto español. Antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009.

³⁷ BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica, 2005.

³⁸ Os 26 pontos estão disponibilizados em anexo. O leitor pode também consultar: CISNEROS, Agustín Del Río; GARGOLLO, Enrique Conde (Orgs.). *Obras completas de José Antonio Primo de Rivera*. Madrid: Publicaciones de la Dirección General de Propaganda, 1949.

³⁹ BRENAN, Gerald. *El laberinto español antecedentes sociales y políticos de la guerra civil*. Madrid: Backlist, 2009, p.416-417.

1934. Toda essa reação contra o governo eleito culminaria na Guerra Civil em meados de 1936, assunto que iremos tratar no terceiro capítulo.

Dentro desse contexto de mudanças rápidas, é que se estabelece o engajamento antifascista de José Bergamín, escritor, cuja trajetória iremos explorar nas páginas seguintes. As mudanças súbitas e intensas apresentadas por esses primeiros anos da década de 1930 na Espanha, podem nos ajudar a entender um pouco do comportamento tido como controverso de Bergamín, como críticas feitas à república, mesmo sendo ele um republicano ferrenho. Isso talvez possa ser explicado, pelo fato de que, como podemos perceber até aqui, a chamada Segunda República Espanhola estava em constante disputa por grupos bastante distintos, de maneira que não é possível afirmar que existia uma república homogênea, mas sim, diversos projetos de república bastante diferentes uns dos outros, o que explicaria até mesmo um republicano levantar críticas. Assim, iremos a seguir, demonstrar como esses anos de república atuaram nos escritos de Bergamín e também em seu engajamento político.

1.2 José Bergamín: esboço biográfico dos primeiros anos de um escritor.

José Bergamín nasceu em Madri no dia 30 de dezembro de 1895. Filho de Francisco Bergamín e Rosário Guiérrez López. Caçula de treze irmãos, dentre os quais, apenas nove sobreviveram à infância. A família Bergamín seria originalmente proveniente da região montanhosa nos arredores de cidade de Bergamo, sendo o sobrenome original Bergamino. Entretanto, com a mudança para Veneza, o sobrenome também mudou para a maneira que permanece ainda hoje⁴⁰. O avô, Tomasso Bergamín, era italiano e, segundo o literato Nigel Dennis, ao se deixar levar pela admiração que tinha por Garibaldi, envolveu-se na luta pela unificação italiana, o que o obrigou a deixar o país, vindo a se refugiar na Espanha. Nesse novo país, Tomasso se estabeleceu na cidade de Málaga, onde se casou e se tornou pai de dois filhos. Sucumbiu, assim como sua esposa, por uma epidemia de cólera, quando os filhos ainda eram crianças. Os dois meninos sobreviveram.

Sabemos pouco sobre o tio de José Bergamín, apenas que se tornou um padre jesuíta. De Francisco, seu pai, por outro lado, sabe-se que fora, após a morte dos pais, viver com familiares da mãe, trabalhando com a criação de porcos. Algum tempo depois voltou a Málaga, ainda criança, e passou a viver com a ajuda que recebia de pescadores até ser apadrinhado por Francisco de la Rada Delgado, famoso jurista do período que

⁴⁰ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

tomou o garoto sobre seus cuidados e lhe garantiu formação em direito⁴¹. Posteriormente ocupou cargos públicos, foi catedrático de legislação mercantil na Escola Central de Comercio. Filiado ao Partido Liberal Conservador, conseguiu um assento nas cortes de Málaga e foi várias vezes ministro, ocupando cadeiras da Fazenda e da Instrução Pública. Entre suas obras mais relevantes estão livros sobre Economia Política e Direito Mercantil⁴².

A influência dos pais na vida de Bergamín aparece em uma nota autobiográfica feita pelo autor:

Mi padre, abogado y político famoso, nos daba su ejemplo de infatigable trabajador. Huérfano desde los cinco años, se había construido su vida con sólo su esfuerzo personal y poseía una amplísima cultura. Autodidacta, su ejemplo me enseñó a serlo a mí, y, a la par aprendí de él a no darme ninguna importancia a mí mismo. Por este camino le seguí, dando algún paso más: que fue el de no tomarme nunca en serio: ni a mí mismo ni a los demás; diría que ni a Dios ni al Diablo, que nos dan ese buen ejemplo no tomándonos demasiado en serio nosotros. Por mi madre, andaluza como mi padre (de Antequera, mi padre de Málaga) de espíritu y sentimiento cristianos, y de práctica católica, recibí formación poética, muy popular, con un sentimiento cristiano-católico en que arraigó toda mi vida. Y que, con el tiempo, se fue profundizando y afirmando más⁴³.

Segundo Nigel Dennis, esse documento fora escrito por Bergamín para seus netos, mas o próprio autor teria lhe entregado. Levando isso em consideração, podemos questionar o quanto o conteúdo desse documento corresponde à realidade, pois aparenta mais ser a forma como Bergamín via seus pais ou como ele gostaria que eles fossem vistos. O principal ponto que corrobora a nossa colocação é a exaltação meritocrática feita pelo autor a respeito do seu pai, quando, na verdade, como mostrado anteriormente, se ele não tivesse recebido ajuda de Francisco de la Rada Delgado, sua história provavelmente seria muito diferente.

Existe apenas uma biografia de fôlego de José Bergamín, escrita por Gonzalo Penalva com o título *Tras las huellas de un fantasma. Aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. O autor percorre toda a vida do escritor madrilenho, entretanto, acaba por romantizar excessivamente algumas passagens, caindo numa espécie de armadilha à qual o sociólogo Pierre Bourdieu denominou de “ilusão biográfica”. Segundo Bourdieu, “tratar

⁴¹ PENALVA, Gonzalo. *Tras las huellas de un fantasma. Aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madrid: Turner, 1985.

⁴² PENALVA, Gonzalo. *Tras las huellas de un fantasma. Aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madrid: Turner, 1985.

⁴³ Apud: DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017, p.4.

a vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica”⁴⁴. Nigel Dennis, por sua vez, dedica um capítulo de seu livro *José Bergamín: a critical introduction 1920-1936*, para percorrer, ainda que rapidamente, a biografia do escritor com o intuito de compreender melhor suas influências e formação intelectual. Dennis consegue mais sucesso que Penalva, sobretudo por evitar romantizar a vida do escritor.

Não temos aqui a intenção de fazer uma biografia de José Bergamín, mas julgamos ser necessário retomar sua formação intelectual, ainda que brevemente, para o entendimento não apenas da constituição de seu arcabouço teórico-cultural, mas também de seu engajamento político, que é o foco do nosso estudo. Ainda que Bergamín seja um personagem instigante e bastante distinto dos outros de seu tempo, Giovanni Levi nos lembra que “uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”⁴⁵. Em outras palavras, acreditamos ser necessário introduzir o escritor dentro de seu próprio contexto e trajetória para uma melhor compreensão de seu engajamento e itinerário político.

Bergamín conta ter começado a escrever cedo, com nove ou dez anos, e com dezessete ou dezoito anos teria escrito dois livros de poemas, uma novela e um poema dramático⁴⁶. Apesar dessa precocidade nas letras, Bergamín não tinha simpatias pelo meio acadêmico. Segundo Nigel Dennis, mesmo nutrindo uma paixão pela literatura, o escritor optou por não estudar essa área na Universidade de Madri, por medo de se deparar com professores sem imaginação⁴⁷. Bergamín cursou direito, assim como o pai. Para Penalva, essa escolha provavelmente foi influenciada por sua família⁴⁸.

Na mencionada dita autobiografia entregue a Nigel Dennis, o autor fala de suas influências literárias da juventude, algumas que o acompanharam por toda a vida. Em uma citação que deslinda bem a base do seu pensamento, Bergamín afirma:

⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 183-191, 2006, p.185.

⁴⁵ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 167-182, 2006, p.176.

⁴⁶ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

⁴⁷ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

⁴⁸ PENALVA, Gonzalo. *Tras las huellas de un fantasma aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madrid: Turner, 1985.

Mis primeras lecturas juveniles a las que toda mi vida he seguido fiel, fueron: Goethe (en francés, que aprendí a leer al mismo tiempo que el español), Julio Verne, Tolstoi, Ibsen, Heine, Shakespeare, Byron, Hugo... Y en español: La Celestina, casi todo Menéndez Pelayo, Bécquer (culto familiar andaluz), y Rubén Darío, Valle-Inclán, Felipe Trigo... Seguidamente, leí a Unamuno, Azorín, los Machado, Juan Ramón Jiménez... También en mis primeros años juveniles aprendí yo solo a leer el italiano, leyendo la Divina Comedia y el Decamerón (éste último lo había leído ya en español) y a D'Annunzio. Pero la preponderante influencia en mis años jóvenes fue la de la literatura francesa 'finisecular', desde el romanticismo al 'simbolismo': con predilección por Nerval y Baudelaire; más tarde por Gauthier. Guiado por Los raros de Rubén Darío y por la lectura de Rémy de Gourmont, mi mundo juvenil vivía esa literatura apasionadamente; y aquellas lecturas culminan en Gide y, sobre todo, en Barrès: este último es el que decisivamente influyó más en mí. Entretanto, eran mis lecturas fundamentales de juventud: Pascal, Ibsen, y los rusos – Tolstoi y Dostoevski: y sobre todos Nietzsche. A más de Goethe y Heine; más tarde, Novalis, al que leía por Maeterlink, que también fue importante lectura juvenil mía. En el fondo de todas estas lecturas de mi juventud, hay tres esenciales que apoyaron mi pensamiento para toda mi vida: los Diálogos de Platón, la Ética de Spinoza, y la Crítica de la razón pura de Kant⁴⁹.

Para além dessas leituras, o autor teve também contatos com escritores anarquistas, ainda na juventude, como Kropotkin, Proudhon, Bakunin, Reclus e Herzen. Segundo Penalva, em uma interpretação bastante estranha, tais textos levaram Bergamín a uma crise, deixando-o “às portas do suicídio em 1919”⁵⁰. Para Dennis, entretanto, tais leituras tiveram uma dimensão importante no autor, influenciando o seu “senso de justiça” com um “idealismo utópico” misturado com sua fé cristã⁵¹. Algo que aparece no texto *Por nada del mundo (anarquismo y catolicismo)*, escrito durante a Guerra Civil Espanhola, mas publicado posteriormente em 1941 e em 1976 nas coletâneas *Detras de la cruz. Terrorismo y persecución religiosa en España* e *El pensamiento perdido: paginas de la guerra y del destierro* respectivamente⁵².

⁴⁹ Apud. DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017, p.7.

⁵⁰ PENALVA, Gonzalo. *Tras las huellas de un fantasma aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madrid: Turner, 1985, p.32.

⁵¹ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017, p. 9.

⁵² Nesse texto Bergamín desenvolve uma crítica bastante interessante sobre o apoio ao fascismo dado pela Igreja católica, porém, dá mais ênfase na postura da instituição dentro da Espanha. O autor busca fazer parêntese entre o catolicismo e o anarquismo, tanto em comparações de uma verdadeira conduta que deveria ser adotada pela Igreja, usando o “anarquismo” como sinônimo de bagunça ou baderna, para criticar a postura católica. Ver: BERGAMÍN, José. *Por nada del mundo (Anarquismo y Catolicismo)*. In: *Detrás de la cruz. Terrorismo y persecución religiosa en España*. México: Editorial Seneca, p.59-90, 1941. Ou In: *El pensamiento perdido. Paginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, p. 41-60, 1976.

O gosto de Bergamín pela literatura o levou a ter um envolvimento mais profundo com a área das letras, vindo, ao lado de Gómez de la Serna, ser um dos fundadores das tertúlias no *Café Pombo*⁵³. Tais reuniões foram importantes para o escritor, entretanto, para Nigel Dennis, a condição mais determinante tanto para a formação literária de Bergamín quanto para o lançamento de sua carreira de escritor, foi sua relação próxima com Juan Ramón Jiménez, poeta por quem ele nutria bastante admiração⁵⁴. Essa afirmação tem como base o fato de Jiménez ter publicado escritos de Bergamín em seu periódico: *Indice* em 1921 e 1922.

Para além dessas referências literárias, a partir de 1923, Bergamín começou a manter contato direto com Miguel de Unamuno, escritor que se tornou, talvez, o seu maior modelo de intelectual. Iremos a seguir, explorar um pouco dessa relação entre os dois autores, de maneira a tentar demonstrar outra dimensão da formação do escritor aqui analisado.

1.3 Diálogos intelectuais com Miguel de Unamuno.

Bergamín sempre demonstrou gratidão pelos mestres que encontrou em sua vida e, dentre todos, aquele que mais o marcou foi Miguel de Unamuno⁵⁵. Para os conhecedores de sua obra, não há nenhuma surpresa nessa afirmativa, pois como afirma Nigel Dennis⁵⁶, tornou-se quase obrigatório referir-se a Unamuno ao tratar da obra de Bergamín, sendo este considerado o “discípulo mais fiel” e o “herdeiro mais importante” do catedrático e ex-reitor da Universidade de Salamanca. Essa relação se estendeu para além da admiração e da apropriação do estilo e das ideias de Unamuno por Bergamín. Os autores mantiveram contato e cultivaram uma amizade por mais de uma década, como mostra o epistolário reunido e publicado por Nigel Dennis. Apesar deste trabalho se interessar e se deter apenas na trajetória de engajamento do escritor na causa antifascista durante a década de 1930, julgamos ser essencial e frutífero explorar esses diálogos entre os autores na década de 1920, uma vez que ajudam a entender melhor o próprio posicionamento político do autor e as mudanças em sua trajetória. Além disso, tais cartas nos permitem não apenas

⁵³ A tertúlia do Café Pombo foi uma das mais famosa daquele período, durando até o início da Guerra Civil Espanhola em meados de 1936. A reunião foi imortalizada na pintura de José Gutiérrez Solana, intitulada: *La tertulia del café de Pombo*, exposta na coleção permanente do museu Reina Sofía em Madri.

⁵⁴ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

⁵⁵ DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno e pistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

⁵⁶ DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno e pistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 9

desvendar um pouco mais da relação entre mestre e discípulo, mas também a formação intelectual e a constituição do pensamento bergaminiano.

Karl Mannheim, em seus estudos sobre a Sociologia do Conhecimento e a formação do pensamento individual, afirma que:

Estritamente falando, é incorreto dizer-lhe que um indivíduo isolado pensa. Antes, é mais correto insistir em que ele participa do pensar acrescentando-se ao que outros homens pensaram antes dele. O indivíduo se encontra em uma situação herdada, com padrões de pensamento a ela apropriados, tentando reelaborar os modos de reação herdados, ou substituindo-os por outros, a fim de lidar mais adequadamente com os novos desafios surgidos das variações e mudanças em sua situação. Cada indivíduo é, dessa forma, predeterminado em um duplo sentido pelo fato de crescer em uma sociedade: encontra, por um lado, uma situação definida e, por outro, descobre em tal situação padrões de pensamento e de conduta previamente formados⁵⁷.

Nesse sentido, o pensamento individual estaria localizado em um cruzamento entre diacronia e sincronia, no qual o indivíduo herda um arcabouço teórico-cultural da sociedade à qual pertence e, a partir disso, apropria-se dessa herança e constrói seu próprio pensamento através de debates e questões do seu próprio tempo, com os grupos com os quais interage. A partir disso, podemos tomar as cartas trocadas entre Bergamín e Unamuno como indicadores de suas influências intelectuais e a maneira como se apropria delas, além de revelar a relação de amizade e admiração dos dois escritores.

A primeira carta entre os dois é de 1 de fevereiro de 1923. Nela, Bergamín já demonstra certa devoção a Unamuno, a quem ele não conhecia pessoalmente. Na ocasião da carta, Bergamín ocupava a direção do suplemento literário de “*Los Lunes*” do diário *Imparcial*. Na carta, o jovem escritor fala do seu desejo de conhecer pessoalmente Unamuno e como esse era um desejo antigo devido à simpatia e afeto que o autor lhe inspirou. A intenção desta carta, era, na verdade, pedir a colaboração de Unamuno com o suplemento literário. O autor deixara de colaborar com o periódico havia quase uma década, o que poderia, por algum motivo, levá-lo à recusa do convite. Para evitar que isso pudesse ocorrer, Bergamín frisa que necessitava dos melhores para atuar com ele e que não conseguia vislumbrar tal trabalho sem a participação de seu ídolo. Ele também cita outros nomes que iriam participar do projeto como Moreno Villa, Abril, Miró, Espina,

⁵⁷ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 31.

Marichalar, Ramón Gómez de la Serna e que aguardava resposta de Ayala e de Machado⁵⁸.

A carta de resposta de Unamuno não existe mais, pois, assim como muitas outras, segundo Nigel Dennis, foram perdidas após o saque à casa de José Bergamín com o término a Guerra Civil Espanhola⁵⁹. Sabemos que a resposta foi positiva, tendo o autor colaborado com o texto *La manchita en la uña*, publicado no dia 25 de fevereiro de 1923. Nesse pequeno conto, Unamuno conta a história de Procopio, um homem que, ao perceber o crescimento de uma mancha branca na unha de seu polegar direito, se vê tomado por superstições e também por seu horror à superstições⁶⁰.

No dia 26 de fevereiro do mesmo ano, um dia após a publicação do texto de Unamuno, Bergamín lhe envia outra carta, pedindo outro texto, dessa vez em homenagem ao centenário de Renan e também um exemplar do livro *El cristo de Velázquez* com trechos selecionados para publicar. O pedido foi atendido, entretanto, pouco após escrever esta carta, Bergamín renunciou ao cargo, o que impediu a sequência do projeto⁶¹. Os autores ainda trocaram mais cartas tratando de outras publicações como a ideia de uma coleção temática, na qual Unamuno participaria no tema “estilo”, porém, com a saída de Bergamín de *Los Lunes*, esse projeto nunca aconteceu⁶².

No final de 1923 é publicado o primeiro livro de José Bergamín intitulado *El cohete y la estrella*, uma coleção de aforismos. Na ocasião o autor escreveu a Unamuno para saber sua opinião sobre a publicação:

No quiero importunarle escribiéndole, por eso no lo hago con más frecuencia. Ahora es para anunciarle un librito mío, del cual me importa muchísimo conocer su opinión y, si fuera posible, para el futuro, su consejo. Si no le interesa, no haga caso de esta petición mía⁶³.

Como é possível notar, tais palavras demonstravam toda insegurança de um jovem escritor e também certa angústia, que deve ter aumentado pelo fato de Unamuno não ter respondido à carta. Segundo Dennis, essa falta de resposta gerou no discípulo o temor do

⁵⁸ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 01/02/1923]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p.20-21.

⁵⁹ DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno e pistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

⁶⁰ UNAMUNO, Miguel. La manchita de la uña. *Los Lunes de El Imparcial*. Madrid: fevereiro de 1923. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/cuentos-785998/html/85405adb-40f9-46b7-ac86-fd384da51cdf_3.html#I_28, consultado em 20 de fevereiro de 2019.

⁶¹ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 26/02/1923]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 22.

⁶² Ver cartas de 16 e 24 de março de 1923 e 4 de maio de 1924. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

⁶³ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 08/01/1924]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 40

mestre não ter gostado do aforismo que o mencionava diretamente: “Unamuno ha extremado el gusto por la paradoja hasta hacerse exhibicionista de su más recóndita sinceridad; pero si su error fue sólo conseguir un público, reconoceréis que, en todos los momentos, le ha sido superior, teniéndole siempre a su servicio”.⁶⁴

Sem resposta, Bergamín enviou outra carta a Unamuno, perguntando se ele havia recebido a anterior e também seu livro, dizendo que “entre muchos silencios hostiles y comentarios fastidiosos por equivocados, esperaba con cierta impaciencia alguna palabra suya” e complementa expressando o temor já apontado anteriormente: “Sentiría haberle herido, sin querer, con una alusión que acaso no expresa exactamente toda mi admiración y respeto”⁶⁵. Segundo Dennis, essa carta demonstra que, ao contrário que alguns críticos dizem, a obra aforística de Bergamín não teve sucesso imediato, recebendo algumas críticas negativas naquele momento⁶⁶.

Unamuno responde a Bergamín e o comunica que faria um comentário/resenha de seu trabalho, texto que foi publicado na revista *Nuevo Mundo* de 7 de março de 1924. O texto de Unamuno é bastante generoso com o livro, apresentando-o como uma obra de “germinativas afirmações”. Enaltecendo as relações construídas pelo jovem escritor entre existência e pensamento, paixão e inteligência, e por ser uma obra feita com “paixão e sinceridade”. Seria possível, através dela, assim como acontecia com as obras de Unamuno, uma leitura não apenas do livro em si, mas do próprio Bergamín⁶⁷.

Outra personalidade católica espanhola para quem Bergamín também envia um exemplar de seu livro é o músico Manuel de Falla, que viria a ser colaborador da revista católica *Cruz y Raya* fundada pelo escritor madrilenho em 1933. Falla escreveu⁶⁸ agradecendo a Bergamín e apontou, sem entrar em detalhes, que não coincidiam em

⁶⁴ Apud, DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 40. O texto de *El cohete y la estrella* teve outras edições, algumas em coletâneas conhecidas como *El caballito del diablo*, porém, o texto passou por reparos e cortes, sendo que este aforismo se referindo diretamente a Unamuno não aparece na versão publicada neste último livro. Segundo Dennis, não se sabe bem do porquê dessa supressão de conteúdo.

⁶⁵ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 09/02/1924]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 40-41.

⁶⁶: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

⁶⁷ UNAMUNO, Miguel. Comentario de Miguel de Unamuno. In: *Nuevo Mundo*, año XXXI, nº 1572, 7 de março de 1924, n/p.

⁶⁸ O epistolário de Falla e Bergamín está praticamente completo, segundo Nigel Dennis, responsável por sua publicação, Falla era extremamente organizado e manteve guardadas não apenas as cartas que recebeu, mas também um cópia em carvão das que enviou.

algumas ideias⁶⁹. Para Dennis⁷⁰ essa discordância entre eles se justificava pelo fato de Falla ter uma visão mais puritana do catolicismo, deixando-o incomodado com algumas passagens do livro que apresenta aforismos como: “Ascender una vela a Dios y otra al Diablo es el principio de la sabiduría”. Essas incongruências se acentuam ainda mais durante a primeira metade da década de 1930, como veremos posteriormente.

Para Nigel Dennis, o fato de Bergamín ter optado por aforismos como forma literária do seu primeiro livro, se dá em parte, pelo seu temperamento como escritor, que é caracterizado por ele como alguém com “preferências fragmentárias”, contido em suas observações, as quais apresenta de maneira “elegante e espiritualmente condensadas”⁷¹. Outro fator que podemos destacar nesse sentido, é a grande influência das obras de Nietzsche e Pascal no pensamento do autor, uma vez que ele referencia ambos em alguns de seus aforismos e como é sabido, os dois também escreveram aforismos. Corroborando essa interpretação, uma afirmativa de Gonzalo Penalva também aponta para esses motivos, segundo ele, assim como Nietzsche, os aforismos de Bergamín “es el pensar en carne viva, que se despoja de toda ornamentación para ofrecerse en plena desnudez y clavarse, cual hoja de acero, en el alma del lector”⁷².

Apesar da crítica generosa de Unamuno e do reconhecimento que o livro veio a ganhar, ele também apresenta questões dignas de serem criticadas, ainda que na época de sua publicação não tenha despertado desconforto entre seus leitores. O livro revela um lado misógino do autor, que mesmo sendo um comportamento comum naquele período, merece ser colocado em evidência, pois apesar de soarem absurdas, não foram suprimidas das edições posteriores como aconteceu com algumas passagens. Trechos como: “Se dice de un animal que es inteligente, y también se dice de una mujer; pero en ninguno de los dos casos suele ser apropiado decirlo. Claro está que por muy distinto motivo”. Ou “Cuando una mujer tiraniza es cuando muestra mejor que es la esclava”. Também: “La belleza de la piedad, en la mujer, nace de su inutilidad. Por eso es completamente desinteresada”, e ainda “Una mujer que no se hace esclava de un hombre solamente, lo

⁶⁹ BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. Epistolario 1927-1935. DENNIS, Nigel (ed.). Valencia: Pre-Textos, 1995.

⁷⁰ BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. Epistolario 1927-1935. DENNIS, Nigel (ed.). Valencia: Pre-Textos, 1995.

⁷¹ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017, p. 21.

⁷² PENALVA, Gonzalo. *Tras las huellas de un fantasma. Aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madri: Ediciones Turner, 1985, p. 88.

es de todos”⁷³. Tais passagens são comuns em determinada parte do livro, algo que poderia e deveria ter sido revisto pelo autor ou por seus editores. Mesmo estudiosos da sua obra como Nigel Dennis e Gonzalo Penalva parecem não dar importância para tais questões, pois não as comentaram ou abordaram através de uma análise estética do “uso de contradição” pelo autor.

Mesmo se julgarmos a postura do escritor como uma reprodução de senso comum da época, cabe lembrar que a crítica é válida, pois já existia uma luta pelos direitos das mulheres. Poderíamos mesmo questionar até que ponto a fé católica do autor teria pesado nessas opiniões, porém, não acreditamos que isso seja algo fácil de mensurar, uma vez que apresentava um comportamento bastante distinto da maioria dos seguidores dessa religião. De qualquer forma, revela um comportamento conservador do autor naquele momento.

O livro também aponta para a forma como Bergamín via e professava sua religião sempre em conjunto com a filosofia. Aforismos como “Toda religión verdadera es una filosofía de carne y hueso” e “es posible una filosofía sin religión, pero no una religión sin filosofía”⁷⁴, ajudam a entender a postura crítica do autor com o catolicismo, algo que fica ainda mais evidente durante a Guerra Civil, como veremos no terceiro capítulo.

Outro fator que, de certa forma, corresponde a essa característica de Bergamín é a influência do pensamento de Unamuno. Em uma carta escrita em 30 de agosto de 1924 ele revela o impacto que o escritor bilbaíno teve em sua sensibilidade:

[...] Nunca como ahora he llegado a sentir todo lo que le debo espiritualmente, y es que más que nunca me parece que su personalidad se define para mí como verdadero maestro. Es decir, que sin herir mi independencia de hombre y de pretendido escritor, siento vivificarse en mí, por sus palabras, ciertas zonas de pensamiento o de sentimiento que, al salir de la adolescencia, presentía dolorosamente esterilizadas⁷⁵.

Em fevereiro de 1924 Unamuno é destituído do seu cargo na Universidade de Salamanca e mandado para desterro em Fuerteventura, nas Ilhas Canárias, após uma polêmica envolvendo o Rei Afonso XIII. Segundo Dennis, é durante esse exílio que aparece em uma carta de Bergamín o tema do “homem-fantasma”, figura que se torna recorrente na obra do escritor posteriormente, sobretudo após a Guerra Civil⁷⁶. Nessa

⁷³ BERGAMÍN, José. El cohete y la estrella. In: *El caballito del diablo*. Buenos Aires: Losada, 1942, p. 34-35.

⁷⁴ BERGAMÍN, José. El cohete y la estrella. In: *El caballito del diablo*. Buenos Aires: Losada, 1942, p.27.

⁷⁵ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 30/08/1924]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p.44.

⁷⁶ DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

carta o autor se compara a Hamlet, como se quisesse demonstrar a angústia que o assolava: “Y aquí estoy, o soy, como Hamlet, el de ser o no ser, rodeado de fantasmas”, também relata a solidão que talvez fosse uma das origens de sua angústia: “Y a esta soledad con mis soledades – a estas soledades con mi soledad – voy y vengo para estar conmigo. Conmigo? Con mis pensamientos. Y en estos pensamientos agonizo”⁷⁷.

Nesse mesmo período, Bergamín escreve outro livro de aforismos, mas só o publica em 1934, *La cabeza a pájaros* que leva uma dedicatória a Unamuno: “A Don Miguel de Unamuno místico sembrador de vientos espirituales”⁷⁸. Para Nigel Dennis, essa dedicatória seria uma espécie de agradecimento à crítica generosa feita pelo escritor ao primeiro livro de Bergamín⁷⁹. Diferentemente do primeiro livro, este teve uma boa recepção, evitando as frustrações como as causadas por *El cohete y la estrella*⁸⁰.

Em abril de 1926, Unamuno escreve a Bergamín contando sobre os impactos que tiveram o exílio e também a censura na Espanha em sua sensibilidade. O autor basco, diz de sua recusa em ler periódicos espanhóis e mesmo de não querer publicar nada naquele país enquanto a censura perdurar. Chama atenção seu relato sobre o medo de escrever:

Escribir? Poco. Me da miedo escribir. Cuando cojo la pluma parece que se apodera de mí un demonio (demonio en el sentido primitivo, helénico), me siento poseído – esto es, energúmeno - , y tiemblo. Esta es la verdad. Porque he llegado a esto, a asustarme de tener que leer algo que escribí, algo que escribió el que fui. Tiemblo de tener que ponerme a pensar en lo que pude haber sido, en el ex-futuro Unamuno, que dejé años atrás desamparado y solo, pobrecillo, en una sendera del páramo de nuestra historia española. Pero pecho al aire⁸¹.

Esta carta parece ter abalado o jovem escritor que em sua resposta diz que tais palavras chegavam a ecoar nele, demonstrando grande empatia para com Unamuno⁸². Bergamín faz referência ao livro *La agonía del cristianismo*, para dizer que compreende melhor a agonia de seu mestre. Nesse livro o próprio Unamuno aponta para algo que tem relação com a sua agonia naquele momento, ao dizer que a verdade é algo “coletivo” e “social”, ou seja, construída, enquanto que o ser cristão é algo “individual” e

⁷⁷ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 30/08/1924]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p.50.

⁷⁸ BERGAMÍN, José. *La cabeza a pájaros*. In: BERGAMÍN, José. *Caballito del diablo*. Buenos Aires: Losada, p. 88-161, 1942, p.88.

⁷⁹ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

⁸⁰ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

⁸¹ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 11/04/1926]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p.67.

⁸² BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 11/04/1926]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

“incomunicável”⁸³, em um contexto de censura a “verdade” de seus escritos poderia mudar e ele, enquanto indivíduo, nada poderia fazer em relação a isso. Daí sua agonia.

Ainda que Unamuno não quisesse publicar nada na Espanha, enquanto continuasse existindo censura no país, em abril de 1928, Bergamín conseguiu convencê-lo a publicar uma de suas cartas. Tal feito se deu pelo fato de, em 1927, Gerardo Diego lançar a *Revista Carmen*, na qual Bergamín publicou uma série de aforismos intitulada “*Carmen: enigma y soledad*” e enviou um exemplar para Unamuno. Este, por sua vez, inspirado pelos aforismos, escreveu dois poemas e enviou em uma carta-resposta. Tais poemas comoveram Bergamín, que convenceu seu mestre a publicá-los na revista, ainda que com um pseudônimo. Algo que pareceu ter agradado Unamuno, que aceitou. Assim, a carta foi publicada e assinada pelo pseudônimo: “un poeta enigmático y solo”⁸⁴. Essa passagem é relevante, como afirma Nigel Dennis, pois, além de ser uma das poucas publicações de Unamuno na Espanha durante seu exílio, os poemas publicados compuseram posteriormente uma coleção póstuma publicada com o título de *Cancionero*⁸⁵. Fica evidente também a estima que possuía o escritor basco por seu discípulo, demonstrando a boa relação que existia entre os dois.

Tais cartas, como podemos perceber, demonstram não apenas o peso que Unamuno teve na trajetória intelectual de Bergamín, mas também salientam como essa trajetória foi construída e como o jovem escritor foi ganhando espaço na esfera pública espanhola, vindo a ter cada vez mais destaque. Analisaremos a seguir, o período em que o autor esteve à frente de *Cruz y Raya*, um dos mais importantes de sua carreira e essencial para a compreensão de sua trajetória política.

1.4 *Cruz y Raya*: entre catolicismo e republicanismo.

Em abril de 1933 é lançado o primeiro número de *Cruz y Raya*, dirigido por José Bergamín, o periódico ajudou a consagrá-lo não apenas como um escritor, mas também como um “ativista cultural” dentro do meio intelectual espanhol⁸⁶. De fato, o trabalho à frente da revista se mostra, talvez, como o mais importante e relevante em sua trajetória intelectual até aquele momento. Igualmente, um dos mais difíceis, consumindo-o durante

⁸³ UNAMUNO, Miguel. *La agonía del cristianismo*. Buenos Aires: Losada, 1938, p. 16.

⁸⁴ Ver as cartas de 28/02/1928, 07/03/1928 e 24/03/1928. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

⁸⁵ DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993.

⁸⁶ DENNIS, Nigel, *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

os três anos em que a revista existiu e levando-o a desentendimentos com amigos, como ocorreu com Manuel de Falla.

Cruz y Raya nasceu com um propósito bastante claro que foi o de ajudar e proporcionar uma instrução católica. Uma vez que, como mostrado anteriormente, a Segunda República Espanhola surgiu seguindo ideais de uma burguesia liberal e progressista e, por isso mesmo, sua reforma cultural era baseada na criação de um Estado educador que visava promover um ponto de vista mais racional e “uma concepção laica da vida”⁸⁷. Por ser o tempo das revistas o presente, como afirmou Pablo Rocca⁸⁸ e por terem elas a capacidade de proporcionar aos intelectuais meios de intervenção diferentes daqueles encontrados nos livros, como colocado por Beatriz Sarlo⁸⁹, a publicação mostrava-se um meio valoroso para a divulgação dos ideais católicos de seus colaboradores. A revista indicava, todavia, ir além, como é possível notar no texto de apresentação feito por Bergamín e Falla⁹⁰, mas assinado apenas por “editores”, no qual é apresentada uma proposta bastante aberta de revista:

Esta revista de colaboración abierta, libre, independiente, se propone actuar todos los valores del espíritu, sin mediatización que los desvirtué. Precisamente, la razón más pura de ser de esta revista, la que la inspira y nos impulsa, quizás consista en esto: en nuestra viva voluntad de católicos para esclarecer bien las cosas; para darles, a cada una, el lugar que le corresponda, en la vida como en el pensamiento⁹¹.

Esta passagem demonstra que *Cruz y Raya* pode ser mais corretamente interpretada como uma revista de católicos do que como uma revista católica de fato, algo que ficará mais claro no decorrer da nossa análise.

A relação com o catolicismo não foi a única marca da revista. *Cruz y Raya* também foi um periódico que pregava o republicanismo, o que dificultou um pouco o trabalho de Bergamín. Alguns escritores católicos não aceitaram colaborar por não serem simpatizantes do republicanismo, já outros, republicanos, recusaram por não serem católicos, mas a resistência maior vinha por parte dos católicos que “fueron declarando contra ella hasta convertirse en sus peores enemigos: no sin haber intentado antes

⁸⁷ VÁZQUEZ, Eduardo Huertas. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministerio de Cultura, 1988, p. 42-43.

⁸⁸ ROCCA, Pablo. Por qué, Para qué una revista (sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). In: *Hispanérica*, Año 33, N. 99 pp. 3-19, dec. 2004.

⁸⁹ SARLO, Beatriz. Intelectuales e revistas: razones de una practica. In: *América cahiers du criccal*. Nº 9/10. pp. 9-16, 1992.

⁹⁰ Ver: BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel.[Carta, 31/03/1933]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995. E também BERGAMÍN, José. Signo y diseño de Cruz y Raya. In: BERGAMÍN, José. *El aviso de escarmentados del año que acaba y escarmiento de avisados para el que empieza de 1935*. Alemanha: Bläschke & Ducke GmbH, 1974.

⁹¹ EDITORES, *Cruz y Raya*, n. 1, abril, 1933, p. 8-9.

apropriarsela”⁹². Apesar disso, para Bergamín, esse lado político da revista refletia o clima de esperança com o novo modelo de governo que acabara de ser implantado no país:

En la primavera de 1933 las ciudades y campos de España tenían ese aire, ese acento, ese aspecto de juventud. Una viva inquietud, un desasosiego que diríamos esperanzado. La vida social y política española se ofrecía a los ojos violentamente sacudida por ese alentar de la esperanza. La vida pública en aquella fecha era, quiérase o no, republicana. El ámbito de lo español llevaba históricamente ese nombre. Dentro de ese ámbito combatían, luchaban (agonizaban dirá Unamuno) fuerzas contrarias. En pro o en contra del ámbito mismo que las definía. No era una confusión caótica la de aquellos años de la República de 1931 sin embargo: era más bien ese agonizar afirmativo que decía Unamuno; aunque pareciese entre sus luces y sus sombras trágicamente crepuscular. *Cruz y Raya* nacía en aquella República, diríamos que de aquella República y hasta que, para aquella República, identificándonos con ella, con su íntima lucha o agonía. Por eso, el primer SI de la revista fue para la República misma: fue decir SI a aquella vida republicana naciente. Y al mismo tiempo, en consecuente decisión afirmativa, NO a quienes la negaban y combatían para destruirla. Por definición *Cruz y Raya* se afirmó a sí misma como católica y republicana. Esto es, como de católicos y republicanos de buena voluntad que querían realizarla a la vez con sentido, significado, religioso y político; empezando por diferenciar esos dos términos y su independencia correspondiente⁹³.

Para fundar a revista, Bergamín buscou aconselhar-se com alguns intelectuais que julgava mais experientes, tanto na esperança de conseguir colaborações diretas para seu novo empreendimento, como dicas que pudessem ajudá-lo. O primeiro procurado foi Ortega y Gasset, homem à frente da *Revista Occidente*, que chegou a colaborar com um texto publicado no número 7 em outubro de 1933. O segundo foi Manuel de Falla, que aparece como um dos fundadores da revista, colaborando também com textos, vindo posteriormente a pedir para se desligar do periódico. O terceiro nome ao qual recorreu Bergamín foi Miguel de Unamuno, que não aceitou participar da revista, segundo o autor, por não ser católico, mas ajudou seu discípulo de maneira mais informal. Por fim, o último nome citado pelo escritor foi o de Antonio Machado que também recusou a participar pelo mesmo motivo que Unumano, mas colaborou posteriormente com as edições *Arbol*, editora vinculada à revista⁹⁴.

⁹² BERGAMÍN, José. Signo y diseño de Cruz y Raya. In: BERGAMÍN, José. *El aviso de escarmentados del año que acaba y escarmiento de avisados para el que empieza de 1935*. Alemanha: Bläschke & Ducke GmbH, 1974, p. IX

⁹³ BERGAMÍN, José. Signo y diseño de Cruz y Raya. In: BERGAMÍN, José. *El aviso de escarmentados del año que acaba y escarmiento de avisados para el que empieza de 1935*. Alemanha: Bläschke & Ducke GmbH, 1974, p. VIII

⁹⁴ BERGAMÍN, José. Signo y diseño de Cruz y Raya. In: BERGAMÍN, José. *El aviso de escarmentados del año que acaba y escarmiento de avisados para el que empieza de 1935*. Alemanha: Bläschke & Ducke GmbH, 1974.

Dentre todos esses nomes, o que talvez teve maior participação na fundação de *Cruz y Raya* foi Manuel de Falla. Músico católico, Falla aceitou o convite de Bergamín por se identificar com a proposta da revista. Sua colaboração começou com a ajuda dada na confecção do texto de abertura da publicação, que ele pede para ser mantida em segredo. Isso se deu, provavelmente, por algum receio ou insegurança. Em seu epistolário com José Bergamín, são comuns as passagens em que o músico demonstra preocupação com as possíveis reações que suas decisões poderiam gerar nas pessoas, sobretudo quando pede para ter seu nome suprimido da lista de fundadores da revista⁹⁵. Falla também colabora com um texto sobre o músico alemão Wagner, que era esperado por Bergamín desde o primeiro volume, mas que só foi publicado no número seis, em setembro de 1933. O atraso se deu, principalmente, pelas condições de saúde do músico, que sofria com as sequelas deixadas pela sífilis que contraiu ainda na juventude e que, segundo Luis Campodonico, aumentou seu temor pela ira divina e gerou ressentimento para com as práticas sexuais⁹⁶. Apesar de estar a par da situação de saúde de Falla, Bergamín se mostrou bastante impaciente com ele, cobrando sucessivamente seu texto, alegando até mesmo que não poderia tirar alguns dias de descanso caso não o recebesse:

Vuelvo a rogarle que me envíe su trabajo pronto, y ahora, no sin egoísmo, pues me encuentro bastante cansado por este calor y trabajo; quisiera descansar algunos días y esto solamente puedo lograrlo dejando el número cinco terminado. Si recibiera su trabajo inmediatamente, podría hacerlo. Por eso se lo agradecería⁹⁷.

Falla não conseguiu atender essas súplicas de Bergamín, que demonstrava ter dificuldade para conseguir colaborações para sua revista, ficando, de certa maneira, refém de contribuições pontuais para conseguir fechar os números da revista. Isso pode indicar que a revista não possuía um planejamento editorial que contasse com um “banco de contribuições” ao qual o editor pudesse recorrer em caso de imprevistos. O que provavelmente era comum nas primeiras décadas do século XX e que, de alguma forma, também ajuda a entender porque muitos periódicos tinham vidas tão curtas, ainda que este não tenha sido o caso de *Cruz y Raya* que sobreviveu por três anos, sendo interrompida pela Guerra Civil Espanhola.

Desde o início da publicação, Falla demonstrava certo incômodo por seu nome estar entre os editores. A princípio, ele se justificava alegando que estaria fora de Madri

⁹⁵ DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995.

⁹⁶ CAMPODONICO, Luis. Manuel de Falla y Bergamín. In: *Mundo Nuevo*, Paris: 25 de julho de 1968.

⁹⁷ BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. [Carta, 29/07/1933]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995, p. 90-91.

e isso poderia afetar sua participação no trabalho editorial. Com o desenvolvimento da revista, entretanto, o músico passou a demonstrar desconforto e descontentamento com os rumos que Bergamín estava dando à publicação. As cartas trocadas entre os dias 16 de fevereiro de 1935 até o dia 4 de setembro do mesmo ano, demonstram bem as discordâncias entre eles, sobretudo em relação à fé católica. Falla, por seguir um caminho mais tradicional na maneira como praticava e enxergava a religião, não conseguia compreender ou aceitar a forma como Bergamín a expressava e a entendia. Principalmente por sua característica um tanto controversa, que se levada ao pé da letra, pode gerar certa confusão⁹⁸. Partindo desse ponto, o músico escreve para Bergamín:

Con afecto que mucho me honra, usted me ha pedido repetidas veces que le hable siempre con toda claridad, y así voy a hacerlo: En conjunto, el Almanaque me parece monstruoso en el exacto sentido de esta palabra. Usted no se habrá dado cuenta de ello cuando así lo ha hecho, y, por mi parte, no juzgo en modo alguno la intención causante del mal, que, además, no me sorprende excesivamente dada la “marcha” seguida por la revista en sus últimos tiempos; lo único que debo añadir a lo dicho y a cuanto usted ya sabe es que, dado el punto que las cosas ha llegado y dada también la falta de exacto juicio (y la sobra de la mala intención) con que el público suele ver e interpretar lo que dan, yo no puedo seguir compartiendo la responsabilidad de la revista aunque sólo sea en la modestísima proporción correspondiente a quienes sólo ostentamos en ella el título de fundadores. Y esto se lo digo pensando y refiriéndome al mismo próximo número. Siendo sincerísima la amistad que le profeso le escribo con pena por el disgusto que pueda ocasionarle, pero la conciencia así me lo exige de modo urgente y definitivo. No se trata de escrúpulos: se trata nada menos que de cumplir el segundo mandamiento de la Ley de Dios en su más esencial significación, aunque no sea la más comúnmente aplicada⁹⁹.

A resposta a esta carta vem apenas no dia 5 de março, pois, quando a recebeu, Bergamín estava a caminho de Paris para dar uma conferência sobre Lope. Segundo ele, tal carta lhe “doeu muito”, porém não se absteve de respondê-la com certa “aspereza”. O escritor anuncia ao músico que não apenas o seu nome, mas todos os que figuram como fundadores da revista seriam retirados e fez também uma autocrítica, dizendo que assumiria as responsabilidades de seus erros, mas que não compreendia porque Falla não os apontou antes, nem o fez na carta, deixando-os sempre subentendidos. Em relação à acusação sobre o segundo mandamento, ou seja, de tomar o nome de Deus em vão, Bergamín diz:

⁹⁸ Podemos citar como exemplo o aforismo “es necesario acender una vela a Dios e otra al Diablo”, como modelo desse estilo controverso.

⁹⁹ BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. [Carta, 16/02/1935]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995, p. 123-125.

Yo puedo deducir éste, gravísimo, de sus palabras: que tomo en vano el nombre de Dios. Pues bien, desde el primer momento de iniciación de la revista, me negué a dirigirla, y a colaborar siquiera en ella, si ésta se hacía una revista confesional católica, cerrada: porque eso es buscar el amparo propio en una mistificación de la Iglesia, en vez de defenderla; sino lo contrario: hacer, los católicos, una revista, en la cual, con toda modestia y decisión, resultarían espontánea, naturalmente defendidos aquellos principios espirituales que, para nosotros, los católicos, coinciden, - en la vida, en la historia, en la cultura -, con la libertad, la independencia personal y humana de nuestra fe y de su práctica real y pública. [...] Pero... hacer una revista. Sustantiva. Con literatura, con filosofía, con investigación científica, con arte... De veras. Con todas las actividades espirituales del pensamiento, independientes y compatibles con la actividad religiosa de la fe - y de la esperanza y de la caridad -. Mi torpeza, mi insignificancia personal, habrá abortado, a su parecer, el propósito. Mis intenciones, aunque no me diga - ni acaso se lo diga a sí mismo, por la estimación que me tiene, tan superior a la que merezco -, mis intenciones habrán servido, una vez más, para ir completando el empedrado del infierno. Yo no puedo decirlo. No es poco, en la permanente intranquilidad de mi conciencia, lo que esto significa. Pero la obra está ahí. Por qué no se me dice claramente, en dónde radica su mal, ¿cuáles son sus faltas? Para que yo las salve en ella y las salve en mí¹⁰⁰.

A carta demonstra não apenas a preocupação de Bergamín em entender a acusação de Falla, mas também que *Cruz y Raya* foi pensada não como uma revista católica *stricto sensu* e sim nos moldes das revistas culturais populares na época. Sem deixar de lado as questões religiosas, o periódico melhor se caracterizava como uma publicação de católicos mais do que uma revista católica, como apontamos anteriormente.

A resposta de Falla tarda um pouco. O músico escreve uma breve carta no dia 5 de abril de 1935, apenas para comunicar que estava doente e não tinha condições físicas de responder adequadamente, mas que o faria assim que fosse possível. Esta outra carta é datada apenas em 27 de agosto do mesmo ano, nela Falla diz do seu desejo de ter respondido antes, mas por sempre estar tomado por assuntos mais urgentes não pôde fazê-lo. Para evitar uma possível interpretação de “descaso” do músico para com o escritor madrilenho, ele diz: “esto que le digo parece una ‘manoseada’ disculpa, pero le aseguro a usted que es ‘la más pura verdad’. Es más: mi conciencia no empieza a tranquilizarse has este momento[...]”. Após esclarecer os motivos da demora da resposta, Falla buscou responder aos questionamentos de Bergamín e apontar, então, os tais erros segundo a sua perspectiva:

¹⁰⁰ Carta de Bergamín a Falla dia 5 de março de 1935. BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel.[Carta, 06/03/1935]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995, p. 130-131.

Claro está que yo no soy, ni quiero ni puedo ser un “censor”; yo no soy más que un pobre individuo de buena voluntad que acogió con entusiasmo la fundación de “Cruz y Raya” y que puso en ella una grande ilusión que luego los hechos han ido debilitando. ¿Quién más que yo, dadas mis convicciones, había de celebrar – y de compartir – el claro y alto espíritu que estimuló tan noblemente la fundación de la revista, así como el propósito de no hacer una revista católica, sino más bien una revista libremente escrita por católicos conscientes de su responsabilidad? Este ha sido y sigue siendo mi ideal, que, como dice usted muy bien, coincide con ciertos consejos del Papa Pío IX. [...] ¿Vd. puede realmente pensar que al Papa Pío IX le había de “complacer” el hecho de que un periódico que obedeciese a esa limpia inspiración publicase el “Arte de amar” de Ovidio? (Y lamento tenerme que servir de este ejemplo – tal vez más preciso que ningún otro – siendo para mí su traductor un amigo estimadísimo¹⁰¹). Es este el mismo caso (como contradicción a lo que prometía el programa de “Cruz y Raya” y a la parte del mismo que ha venido cumpliendo) de esas “mezclas detonantes” que me hicieron calificar de “monstruoso” el conjunto del almanaque, tan bello, en cambio, en su muy mayor parte. Y el hecho reiterado de e usted “no vea” esto, a pesar de su tan clara inteligencia y de su excelente intención, de la que nunca he dudado, es lo que me hace perder aquella esperanza que puse en la eficacia “total” de la revista¹⁰².

Estas palavras de Falla mostram a desilusão que o músico teve com o projeto de *Cruz y Raya*, desengano causado, na percepção dele, pelas escolhas de Bergamín frente à revista. Apresentam também a rigidez de seu catolicismo que julgava absurda a tradução de um livro clássico devido o seu conteúdo pouco religioso. Sua aversão ao livro de Ovídio pode ter relação também com o fato do músico ter contraído sífilis o que, como dissemos anteriormente, influenciou sua opinião sobre as questões sexuais e, nesse caso, um livro que se dedica às “artes do amor”, poderia ter para ele significado bastante distinto.

A resposta de Bergamín a essa carta se dá em uma correspondência datada de 4 de setembro de 1935. O escritor se dispõe a responder ponto a ponto as questões colocadas por Falla. Bergamín justifica a tradução da obra de Ovídio por aquilo que ele chama de “valor moral” e, ainda que o Papa Pio IX não recomendasse, o Papa Leão o faria. Para o diretor da revista, o livro, por ser uma obra de poesia clássica, tinha um valor moral que, ao ser apropriado pela Igreja, ganhou também um valor “educativo”, de “pureza e emoção estética”, “criadora”. Nesse sentido, ele recorda a Falla que “este valor moral del paganismo en sus obras de creación, de poesía, de belleza, ha sido siempre reconocido,

¹⁰¹ Segundo Nigel Dennis o tradutor foi Manuel Aznar.

¹⁰² BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. [Carta, 27/08/1935]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995, p. 139-140.

con personal valor moral en la Iglesia, por grandes santos y eminentísimos católicos”¹⁰³. O escritor ainda provoca, dizendo da falta que a educação humanística fazia na Espanha naquele momento, colaborando para uma insensibilidade estética e moral entre aqueles que ele chama de “massas de católicos ignorantes”¹⁰⁴. No que tange à crítica dentro dos moldes cristãos, Bergamín diz que “no creo que hay que perseguir al pecador por el pecado sino al pecado por el pecador”¹⁰⁵. Curiosamente, esse é o mesmo argumento utilizado por Victoria Ocampo em resposta a Bergamín durante a Guerra Civil Espanhola, quando o escritor a acusa de traição por receber e hospedar Gregório Maraño, passagem que iremos analisar no terceiro capítulo.

Depois dessa Carta de Bergamín, Falla ainda lhe envia outra carta sem data, apenas desejando feliz Páscoa e dizendo que iria escrever novamente para lhe responder de maneira adequada. Essa foi a última correspondência conhecida entre eles, o que pode indicar que, apesar do tom cordial sempre empregado por ambos, as discordâncias levaram ao afastamento ou mesmo ao fim da amizade.

Miguel de Unamuno, por sua vez, não chegou a dar uma colaboração direta à revista, como já mencionado, mas isso aconteceu não por falta de um pedido. O escritor até mesmo contribuiu, mas não foi o que Bergamín esperava. Em uma carta de 17 de março de 1934, Bergamín cobra de Unamuno algum contributo para sua revista, “de preferência um ensaio” e diz que, como ele nunca enviou essa colaboração que estava combinada, temia por alguns rumores que diziam que Unamuno não pretendia enviar texto algum para a revista, por não simpatizar com ela¹⁰⁶. Essa carta de alguma forma indica a já citada dificuldade de Bergamín em conseguir uma quantidade adequada de textos para a publicação, como também certa insegurança com seu amigo, sobretudo pelo seu “silêncio”, ao não responder seu pedido. Tais rumores aparentemente eram falsos, já que em carta assinada em 18 de outubro de 1934, Unamuno respondeu a Bergamín

¹⁰³ BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. [Carta, 04/09/1935]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995, p. 144

¹⁰⁴ BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. [Carta, 04/09/1935]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995.

¹⁰⁵ BERGAMÍN, José, FALLA, Manuel. [Carta, 04/09/1935]. In: DENNIS, Nigel. *José Bergamín y Manuel de Falla, el epistolario 1924-1935*. Valencia: Pre-textos, 1995, p. 147.

¹⁰⁶ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 17/03/1934]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 108-109

dizendo-lhe que “deseaba hace tiempo darle algo para Cruz y Raya”¹⁰⁷ e lhe enviou quatro sonetos: La Mañana, La estrella polar, La sima e La palabra¹⁰⁸.

Esses sonetos nunca foram publicados em *Cruz y Raya* e provavelmente não corresponderam ao que Bergamín esperava receber de Unamuno, já que havia dito na sua carta que esperava um “ensaio”. Esses sonetos foram publicados no segundo almanaque de *Cruz y Raya* em 1935, chamado *El aviso de escarmentados del año que acaba y escarmento de avisados para el que empieza de 1935*. Bergamín cogitou incluí-los em um número especial sobre Unamuno que desejava publicar, como anunciou em carta, entretanto, esse número nunca saiu. O diretor da revista dá detalhes sobre o projeto em uma carta de 22 de outubro de 1934, indicando até mesmo uma data em que poderia ser publicado e também os possíveis colaboradores:

Este número suyo saldrá por diciembre o enero, pues su preparación se hace lenta, esperando como tiene que hacer, a unos e y a otros. En principio, tengo anunciada la colaboración de Ortega y pedida la de Azorín y Antonio Machado de los nuestros. De Francia, había pensado en Baruzzi y en el músico Roland Manuel, muy lector suyo. De Italia, en Croce y en Papini. Y quería preguntarle a Ud. quién pudiera enviarnos algo de Inglaterra. Tengo ya en mi poder un largo estudio que creo excelente de Landsberg, y que puedo enviarle, si a Ud. le interesa conocerlo, antes, en el original alemán. Luego, habrá en este número estudios o recuerdos de nuestros amigos y colaboradores: Cossío, Montesinos, Salinas, Guillén, F. Almagro, etc. Puede que algo como corona poética. Y quisiera, y cuento con la ayuda de Ud. por José María, para poder dar fotografías suyas de distintas épocas. Estos cuatro sonetos que me ha enviado, dígame si prefiere que los publiquemos antes o en ese número. También quisiera dar en él alguna de sus narraciones cortas y una antología de cartas¹⁰⁹.

Em outra carta, quase um ano depois desta, datada de 22 de agosto de 1935, Bergamín fala que não desistiu da tentativa, até então fracassada, de publicar um número em homenagem a Unamuno, porém, pergunta a seu mentor se tal ideia lhe agradava. Não sabemos se o motivo da não publicação desse número foi a discordância de Unamuno com o seu lançamento. Dentre todas as possibilidades, essa parece a menos plausível, pois, como é possível perceber, a relação entre os dois intelectuais era muito boa e, para além disso, Unamuno tinha consciência da admiração que Bergamín nutria por ele e, por isso mesmo, sabia como seria importante para seu pupilo conseguir homenageá-lo.

¹⁰⁷ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 18/10/1934]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 110.

¹⁰⁸ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 18/10/1934]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 109-112

¹⁰⁹ BERGAMÍN, José, UNAMUNO, Miguel. [Carta, 22/10/1934]. In: DENNIS, Nigel. (Ed.). *José Bergamín y Miguel de Unamuno epistolario [1923-1935]*. Valencia: Pre-Textos, 1993, p. 113-114

Dentre todos os nomes citados como possíveis colaboradores, o único que enviou texto foi Paul Ludwig Landsberg, texto este que fora publicado no número 31 de *Cruz y Raya* em outubro de 1935, com o título: *Reflexiones sobre Unamuno*. O texto traz uma nota explicando o contexto de sua confecção para o número especial que não saiu e que por isso mesmo, esperavam que não estivesse antiquado. Também há uma nota assinada por Bergamín sobre a não publicação da edição especial: “Dificultades de colaboración – española y extranjera – nos han impedido realizar este propósito con la amplitud y significado que hubiéramos querido darle”¹¹⁰. Essa nota parece responder o que de fato aconteceu, ainda que possa soar estranho a falta de colaboradores, mesmo após terem seus nomes mencionados, o que leva a crer que ocorreram desistências ou recusas e até mesmo precipitação de Bergamín ao citar tais nomes.

Apesar do fator católico de *Cruz y Raya*, a revista deveria ser entendida como uma publicação política, segundo seu diretor¹¹¹. As posições políticas que nela apareciam, todavia, não eram sempre visando um caminho progressista. Muitos acusavam o periódico de ser uma publicação fascista, isso aconteceu pelo fato de escritores ligados à Falange como García Valdecasas, Sánchez Mazas e Luis Santa Marina, dentre outros, serem colaboradores ativos da revista¹¹². Uma possível explicação para essa “contradição”¹¹³ é o fato da revista ter como proposta ser uma publicação aberta, livre e independente, como é anunciado em seu primeiro número, conforme tratamos anteriormente.

O fascismo não era um tema muito recorrente em *Cruz y Raya*, mesmo sendo um movimento político com grande ascensão na Europa naquele momento. Dentre os poucos textos que tratam o assunto na revista, podemos destacar o do secretário do periódico, Eugenio Ímaz, que escreve sobre o XVI Congresso dos Estudantes Alemães, relatando em um tom elogioso as reformas educacionais que estavam sendo promovidas no país germânico¹¹⁴. O que de certa forma é curioso, pois como é sabido, Ímaz também adotou um posicionamento antifascista, sendo exilado no México com o fim da Guerra Civil

¹¹⁰ BERGAMÍN, José. Nota 1. In: LANDSBERG, Paul L. *Reflexiones sobre Unamuno*. In: *Cruz y Raya*, n. 31, Madrid: outubro de 1935, p. 8.

¹¹¹ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

¹¹² DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017, p. 165

¹¹³ Nos referimos a essa postura como contraditória pelo fato de José Bergamín ter sido opositor do movimento falangista, o que fica ainda mais evidente durante a Guerra Civil, no qual o autor se posiciona totalmente contrário ao fascismo.

¹¹⁴ ÍMAZ, Eugenio. La unión de los jóvenes. In: *Cruz y Raya*, n. 5, p. 163-167, Madrid: agosto de 1933.

Espanhola em 1939. Já o texto do italiano Luigi Sturzo, sacerdote católico antifascista, tem como objetivo mapear as características do fascismo. O autor as sintetiza da seguinte forma:

Las tres notas características son: la concentración de todos los poderes en manos de un solo nominalmente, pero de hecho en las de una pequeña clique muy circunscrita y seleccionada; la identificación del Estado con el partido vencedor; la eliminación de todas las organizaciones, partidos o asociaciones extrañas, de todas las actividades autónomas, de toda iniciativa independiente del Estado-partido, para suprimir no sólo toda concurrencia política, sino hasta la posibilidad de cualquier oposición. A este Estado le llaman los fascistas italianos Estado-totalitario; el nombre indica el aspecto más característico del sistema¹¹⁵.

Sturzo tenta delimitar algumas das características daquele novo movimento político para chegar a uma definição de fascismo, algo que não foi exclusivo dele, pois como é sabido, outros autores também se dispuseram a fazer o mesmo. Entretanto, essa não era uma tarefa simples, como já indicamos. Até historiadores que se dedicaram ao tema do fascismo anos mais tarde como Robert Paxton, possuindo a vantagem do distanciamento temporal, julgaram ser difícil sintetizar uma definição de fascismo. Em seu clássico livro *A anatomia do fascismo* o autor apenas arrisca fazê-lo no final, quando já percorreu seus estágios e onde diz que:

O fascismo no poder consiste num composto, um amálgama poderoso dos ingredientes distintos, mas combináveis, do conservadorismo, do nacionalismo e da direita radical, unidos por inimigos em comum e pela mesma paixão pela regeneração, energização e purificação da Nação, qualquer que seja o preço a ser pago em termos das instituições livres e do estado de direito. As proporções exatas dessa mistura resultam de processos tais como escolhas, alianças, compromissos e rivalidades. O fascismo em ação se assemelha muito mais a uma rede de relações que a uma essência fixa¹¹⁶.

Cruz y Raya nasceu como um periódico ambíguo como o subtítulo indicava, era uma “revista de afirmación y negación”, simbolizada por um sinal de soma (+) e outro de subtração (-). Para os editores ela era “signo y designio espiritual de nuestro juicio la afirmación como la negación más críticas”¹¹⁷ e, seguindo Nietzsche em sua forma de “situar criticamente su pensamiento, para ponerle, y ponerse por él, en verdadera situación crítica: en angustiosa, por verdadera, pasión de espíritu: en espiritual, verdadero apuro”,

¹¹⁵ STURZO, Luigi. Fascio lictorio y cruz gammada. In: *Cruz y Raya*, n. 10, p. 3-20, Madrid: enero de 1934, p. 12-13.

¹¹⁶ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 336.

¹¹⁷ EDITORES, *Cruz y Raya*, n. 1, abril, 1933, p. 9.

Cruz y Raya é assim “un sí, un no, una línea recta, un fin”¹¹⁸. Para Gonzalo Penalva a revista também era uma publicação de “ruptura”, no sentido de “limpar” a jovem República Espanhola, com suas críticas àqueles que em seu desgoverno atentavam contra ela, por um lado e, por outro, denunciar o uso político-partidário da religião católica¹¹⁹.

Cruz y Raya pela importância e riqueza político-cultural que possui, mereceria uma análise mais completa e detalhada, assim como um trabalho unicamente dedicado a ela, porém não temos condições de fazê-lo aqui. Como um dos pontos centrais da trajetória intelectual de José Bergamín, entender a relação e o trabalho desenvolvido pelo escritor na revista ajuda trazer à luz, pontos de seu posicionamento e pensamento (que não são tão claros a priori), assim como situar e contextualizar de maneira mais precisa alguns de seus textos que iremos analisar a seguir.

1.5 Bergamín e a Segunda República: crítica política.

José Bergamín no período em que esteve dirigindo *Cruz y Raya* também usou a revista para publicar alguns de seus textos, nos quais desenvolveu ideias filosóficas, comentários políticos e mesmo críticas à igreja e a algumas posturas adotadas pelos católicos. Pelo fato de a mídia ser um instrumento de “intervenção na vida social” e não apenas um “veículo de informações”, e mesmo um “transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos” como mostrado por Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado¹²⁰. Da mesma forma, Beatriz Sarlo chama atenção para o fato de que “‘publiquemos una revista’ quiere decir ‘hagamos política cultural’, cortemos con el discurso el nudo de un debate estético o ideológico”¹²¹. Assim, podemos ler os textos de Bergamín publicados em *Cruz y Raya* como uma ação ativa do autor para tentar intervir na vida pública.

O pensamento bergaminiano é marcado por sua dubiedade, o que dificulta a sua interpretação. O literato Max Hidalgo Nácher o classifica como labiríntico, sendo este um labirinto com várias entradas: poesia, teatro, ensaios, etc., mas, diferentemente de um dédalo, cujo objetivo é encontrar o centro ou a saída, o pensamento bergaminiano, segundo o autor, deve ser percorrido de maneira a se deixar perder nele¹²². Tal concepção,

¹¹⁸ EDITORES, *Cruz y Raya*, n. 1, abril, 1933, p. 9.

¹¹⁹ PENALVA, Gonzalo. *Tras las huellas de un fantasma. Aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madrid: Ediciones Turner, 1985, p. 85.

¹²⁰ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-ômega, 1980, p. XIX.

¹²¹ SARLO, Beatriz. Intelectuales e revistas: razones de una practica. In: *América cahiers du criccal*. Nº 9/10. pp. 9-16, 1992, p. 9.

¹²² NÁCHER, Max Hidalgo. Laberintos de José Bergamín (Un laberinto de poesía en los laberintos de la historia). In: *Laberintos*, n. 15, p. 17-34, 2013.

talvez faça mais sentido em uma perspectiva literária do que em uma historiográfica, porém, ilustra bem o caráter da obra de Bergamín.

O primeiro texto de Bergamín publicado em *Cruz y Raya* foi *El pensamiento hermético de las artes*. Esse texto não foi escrito exclusivamente para a revista. Na verdade, é um texto de 1927 que o autor leu em uma apresentação no Museu de Arte Contemporânea de Madri. Nele, Bergamín constrói uma avaliação sobre os mecanismos de criação artística e também da crítica, focando no que ele chama de “pensamento puro”, que seria a razão de todas as artes poéticas¹²³. Para Nigel Dennis, o que Bergamín defende é a “manutenção de que o ato artístico de criação é o processo através do qual os impulsos espontâneos e obscuros de inspiração são subjetivos à precisão racional do pensamento”¹²⁴. Nisso residiria a racionalidade artística, que é, para o autor espanhol, hermética. Esse é um texto bastante filosófico no qual Bergamín se ocupa de questões metafísicas, característica que aparece novamente em outro texto publicado no quinto número de *Cruz y Raya* em agosto de 1933, intitulado *La importancia del demonio*. Em ambos os textos o escritor remonta a figura do deus grego Hermes. Muitas são as representações dadas a Hermes, apresentado como mensageiro, servo dos deuses, guia, deus do comércio e até mesmo ladrão¹²⁵. Bergamín, da mesma forma, também atribui vários sentidos à divindade grega. Em *El pensamiento hermético de las artes*, Hermes aparece como “o pensamento poético puro”, como “razão divina” e como guia do inferno¹²⁶. Este último se refere ao chamado Hermes Psicopompo, o condutor das almas, representação que, segundo Walter Otto, data de um período posterior aos escritos de Homero¹²⁷. Em *La importancia del demonio*, Bergamín retoma essa figura do guia das almas, mas a define como sendo a “representação unificada do demônio”:

[...] el Hermes griego, mensajero celeste, psicopompo, conductor de las almas o de los muertos por el laberinto del Infierno, fue ya, aun dentro de esta versión plural de los griegos, una representación unificada del Demonio. El mito de Hermes sintetiza todas las cualidades demoníacas intermedias entre los hombres y los dioses; por esto en el Hermes griego, como en su equivalente Mercurio latino, vieron los cristianos una perfecta representación o encarnación idólatra del Demonio. Por ser ésta su naturaleza demoníaca de mediador divino de la que más finamente se le acusa en el cristianismo cuando con las palabras de San

¹²³ BERGAMÍN, José. El pensamiento hermético de las artes. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 1, abril de 1933, p. 45.

¹²⁴ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto, 2017, p. 55.

¹²⁵ OTTO, Walter. *Los dioses de Grecia*. Madrid: El Árbol del Paraíso, 2003.

¹²⁶ BERGAMÍN, José. El pensamiento hermético de las artes. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 1, abril de 1933, p. 45.

¹²⁷ OTTO, Walter. *Los dioses de Grecia*. Madrid: El Árbol del Paraíso, 2003, p.65.

Pablo se afirmaba que el único medianero de Dios y de los hombres es Cristo Jesús¹²⁸.

Essa união entre o deus grego Hermes e o demônio cristão feita por Bergamín faz sentido se considerarmos que ambos são tidos como entidades ligadas ao intelecto. Também na interpretação feita pelo autor, deve ser levado em consideração que o primeiro é para ele a representação da razão divina, como já colocado, enquanto que o segundo, pode ser interpretado como luz e, nesse sentido, também serve de metáfora para inteligência e para o conhecimento:

El Demonio puede ser para nosotros luz. Por esto dicen las palabras de San Pablo que el demonio se nos aparece velado de angélica luz. Y es ésta la luz tenebrosa que le atribuye en su Pimandro, Hermes Trimegisto, tan aludido por San Agustín, el que se creía nieto del Hermes griego, esto es, nieto del Demonio: Hermes, mi abuelo – escribe el Trimegisto –, cuyo nombre he heredado yo, fue el primer inventor de la medicina, a quien está consagrado un templo en el monte Libia, cerca de la costa de los cocodrilos; allí yace su hombre mundano, esto es, su cuerpo (Hermes llama hombre de mundo a un cuerpo muerto, a un cadáver), porque lo restante de él o, por mejor decir, todo él, si es que esta todo el hombre en el sentido de la vida, mejorado, se volvió al cielo... A Hermes se atribuye, también, en su mito la invención de la música y de la palabra: Hermes quiere decir eso mismo: la palabra celeste. La palabra y la música que son por el aire. Hermes divinidad, o dios del aire o de los aires, es como una personificación de todos los demonios; y viene así a presentársenos como un anti-Cristo, que es, en definitiva, como un anti-Dios o contra-Dios: como demonio de los demonios, como el mismísimo Demonio¹²⁹.

O que Bergamin de certa forma faz é uma leitura hermética e cristianizada do mito de Hermes, porém, se levarmos em consideração o propósito de *Cruz y Raya* de divulgação e instrução dos princípios educacionais católicos e também o contexto de laicização do ensino na Espanha, tais textos podem ganhar novos sentidos. Em outras palavras, esses textos podem, igualmente, ser entendidos como críticas à laicização do ensino, ainda que de maneira subjetiva.

Essa perspectiva fica mais clara se levarmos em conta que, entre os dois textos, no terceiro número de *Cruz y Raya*, Bergamín publica *La decadencia del analfabetismo*, outro texto comentando a questão da alfabetização e do ensino. Aqui Bergamín faz uma crítica mais aberta ao projeto republicano de laicização da educação espanhola, afirmando que “hay una cultura literal. Hay otra cultura espiritual”¹³⁰. O autor também compara a

¹²⁸ BERGAMÍN, José. La importancia del demonio. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n.5, agosto de 1933, p. 10.

¹²⁹ BERGAMÍN, José. La importancia del demonio. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n.5, agosto de 1933, p. 11-12.

¹³⁰ BERGAMÍN, José. La decadencia del analfabetismo. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 3, junho de 1933, p. 66.

inocência do analfabeto com a de uma criança e seria essa pureza que os aproximariam do divino. Por outro lado, a alfabetização levaria ao que o escritor chama de “literalização”, isto é, para ele, quem se alfabetiza (numa perspectiva laica) tende a levar tudo ao pé da letra, perdendo a imaginação e, conseqüentemente, a conexão com o divino. Dessa forma, Bergamín evoca a imagem de Cristo para demonstrar o valor do conhecimento espiritual:

Cuando Jesús era niño y con niño analfabeto o analfabeto como niño (que analfabeto lo fue siempre: como niño, como hombre y como Dios), cuando era niño Jesús, se perdió, y fue hallado en el templo. Allí enseñaba a los doctores de la ley, doctores de la ley escrita, doctores de la letra legal (los mismos que después le crucificarían por eso: por analfabeto; a Cristo le crucificaron por analfabeto); allí les enseñó, esta doctrina espiritual de la ignorancia, que ellos no escucharon, ni aprendieron. Por eso al condenarle a muerte después, por analfabeto, le crucificaron literalmente, esto es, al pie de la letra o de las letras, colocando sobre su cabeza un cartel o letrero en el que el literato Pilatos hizo escribir ciertamente: Yo soy el Rey de los Judíos; y mandó escribir esto para demostrarles a todos ellos que habían tomado a Cristo al pie de la letra en lo que había dicho, y que, por tomarlo de este modo, literalmente, lo crucificaban. Debajo de ese INRI literal, Cristo entregó el espíritu; dando una gran voz, dice el apóstol, en un grito: divinamente y humanamente analfabeto. Al pie de la letra muere siempre el espíritu crucificado. Pero muere para resucitar¹³¹.

Chama atenção nessa passagem, a incompreensão dos doutores que foram incapazes de aprender os ensinamentos espirituais por entenderem tudo literalmente. O que, para o autor, demonstra a fragilidade e a falha de uma educação totalmente laica. Esse conhecimento, que nega a pureza divina seria o conhecimento representado por Hermes e pelo demônio nos textos tratados anteriormente. Apesar de ser crítico ao ensino laico, Bergamín demonstra certo otimismo com o retorno do ensino aos moldes religiosos, o que pode ser percebido no final da passagem, na afirmativa: “Al pie de la letra muere siempre el espíritu crucificado. Pero muere para resucitar”.

Para Pedro Romero, o que Bergamín faz em *La decadencia del analfabetismo* é advertir que a instrução pública é uma forma de domínio como outra qualquer¹³². Para nós, parece que, o que autor faz, na verdade, é advertir que a instrução pública é um espaço de disputa de projetos políticos, como qualquer outro. Nessa bulha, Bergamín se

¹³¹ BERGAMÍN, José. La decadencia del analfabetismo. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 3, junho de 1933, p. 71.

¹³² ROMERO, Pedro. Un silencio por Bergamín. Homenaje a un fantasma en el XXX aniversario de su muerte (1983-2013). In: NÁCHER, Max H.; CABELLO, Iván L.; FERNÁNDEZ, María Teresa S. M. (eds.). *José Bergamín: entre literatura y política*. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, p. 283-344, 2015, p. 303.

apresenta estando não apenas do lado religioso, mas também do popular. O que, para o autor eram coisas semelhantes:

La decadencia del analfabetismo es la decadencia de la cultura espiritual cuando la cultura literal la persigue y destruye. Todos los valores espirituales quiebran si la letra o las letras muertas sustituyen a la palabra, que sólo se expresa a voces vivas. El valor espiritual de pueblo está en razón inversa de la disminución de su analfabetismo pensante y parlante. Perseguir el analfabetismo es perseguir rastreramente al pensamiento: perseguirlo por su rastro, luminosamente poético, en la palabra. Las consecuencias literales de esta persecución son la muerte del pensamiento[...]¹³³.

O escritor indica, de alguma maneira, que a cultura popular espanhola é também uma cultura marcada pelo catolicismo.

Essa postura de posicionar-se ao “lado do povo” fica mais evidente durante a Guerra Civil Espanhola, não apenas por Bergamín, mas por boa parte dos intelectuais que se engajaram na causa antifascista em defesa da República. Todavia, podemos relacionar essa “ida ao povo” ao termo gramsciano de “nacional-popular”. Marcos Napolitano ao examinar este conceito o apresenta como a tentativa de constituir, através do “idioma cultural e político-ideológico”, um espaço simbólico no qual as culturas das classes populares e burguesas sejam capazes de partilhar interesses e formar, assim, alianças progressistas¹³⁴. A cultura popular espanhola aparece em Bergamín não apenas no que diz respeito à religião, mas também no toureio. Em 1930 o escritor publicou o livro *El arte de birlibirloque*, no qual demonstra sua paixão pela arte de tourear. O livro apresenta uma observação sobre o ato do toureiro que se prepara para matar o touro que merece ser destacada: “Cuando el torero cita al toro, de lejos, y le espera matarlo (recibido, que es la suerte clásica de matar), la mano izquierda, que va cruzarle, debe ignorar lo que hace la derecha, que va a darle muerte; es el cruce definitivo, el encuentro último y fatal”¹³⁵. Essa relação entre a mão esquerda que provoca e engana o touro para a mão direita lhe aplicar o golpe fatal, será retomada pelo autor em outro texto publicado em *Cruz y Raya*, como metáfora política para criticar os problemas apresentados pelos partidos que estavam governando a república naquele período.

¹³³ BERGAMÍN, José. La decadencia del analfabetismo. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 3, junho de 1933, p. 88-89.

¹³⁴ NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. In: *Temáticas*. Campinas, n. 37/38, p. 25-56, jan./dez. 2011, p. 33.

¹³⁵ BERGAMÍN, José. *El arte de birlibirloque*. Barcelona: Cruz del Sur, 1961, p. 57-58.

*Las manos vacías*¹³⁶ está entre os textos de temática política mais interessantes de Bergamín. O autor constrói sua crítica utilizando jogos de palavras relacionados às mãos. Ele defende que a política espanhola não possuía um estilo, mas uma “maneira”. Uma maneira de mãos, direitas e esquerdas, ambidestros no desgoverno. A crítica do autor vai contra o governo de centro-esquerda que governou a República no primeiro biênio, mas que, a exemplo de outros governos mais à direita no espectro político, estavam desenvolvendo uma política austera e utilizando da força policial para reprimir, como foi apresentado no início do capítulo. Nesse jogo de palavras, o autor retoma a analogia com a arte de tourear de maneira a ilustrar sua crítica:

Uno de estos amenorados del izquierdismo solía decir, o repetir de otro, aquello de que en las democracias se debe votar con la mano izquierda para gobernar luego con la derecha. Algo así como lo del toreo: la mano izquierda, dicen, es la de torear; y lo es, porque con la derecha se mata; la derecha es la de matar: aunque al que le falte valor, o pulso, o suerte, se eche fuera o no haga más que pinchar en hueso. Mano izquierda se dice también en España de la suavidad de maneras tramposas, de la habilidad y casi cortesía para el engaño; cosa, por lo visto, de torear; o de escamotear las cosas: juego, también, de manos, de villanía, como el de la farsa. Y es que en España, por lo que se ve – como por lo que no se ve –, también suele decirse, no hay manera de gobernar. Y qué más quisiéramos! Lo malo es que las hay, que las hubo y las sigue habiendo, cada vez peor, cada vez más: manera o maneras de manos, las peores: maneras y no estilos. Manera o maneras, porque el estilo falta: maneras policíacas o teatrales: guiñolescas: manera de enmascarar el vacío de las manos envolviendo los dedos en el trapajo sucio con que, por debajo del camión guiñolesco, se mueven los muñecos. Que esto del amaneramiento izquierdista o derechista, acaba en camión de farsa, de guiñol, cuando no en camisa de fuerza, en manicomio. Toda esta manía, o monomanía, o manomanía, o manicomanía izquierdista o derechista, acaba en monomanía persecutoria, porque acaba en maneras de perseguir o de creerse perseguidos, por la izquierda como por la derecha; porque acaba por donde empieza: por el encierro policíaco o médico, por la enajenación patológica de lo racional.

Como republicano, esta crítica demonstra certa decepção do escritor com o governo de centro-esquerda, que ele veio a fazer parte logo no início. Isso pode ser notado no fato do autor tratar, tanto o governo de direita quanto o de esquerda, como se fossem idênticos. Mesmo a escolha da figura das mãos parece indicar isso, pois, mesmo estando em lados diferentes, ambas são iguais.

Esse descontentamento do autor com os rumos que a República estava ganhando, aparece também em outro texto no número oito de *Cruz y Raya*, publicado em novembro de 1933. Em “*La revolución en entredicho y la contra-revolución en entreacto*”,

¹³⁶ BERGAMÍN, José. Las manos vacías. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 4, julho de 1933.

Bergamín questiona que tipo de revolução estava ocorrendo na Espanha até então, uma vez que, além dos problemas que enfrentou o governo de centro-esquerda no primeiro biênio da República, o segundo biênio foi marcado por uma tentativa contrarreformista por parte da direita espanhola. Hanna Arendt, ao estudar a revolução e o processo revolucionário, o definiu como uma força irresistível, responsável por trazer novidade e também maior liberdade¹³⁷. Nesse sentido, o que estava acontecendo na Espanha, de fato deixara de ser uma revolução, se é que tenha sido em algum momento. De todo modo, Bergamín via o processo de fundação da Segunda República Espanhola como revolucionário e lamentava seu desenrolar que, para ele, tinha desfigurado, como afirma: “Desfigurar una revolución, como pensaba Trotski, es deshacerla y es desdecirla. O es, sencillamente, desacreditarla: porque el crédito de una revolución es imaginativo. Una revolución vive de lo que se figura que es la revolución”¹³⁸.

O tema da revolução volta a ser tratado pelo autor no número vinte, em novembro de 1934, com o texto *El estado y fantasma y en qué país vivimos?*. Por ter sido escrito depois do levante nas Astúrias, o texto reafirma a preocupação com os caminhos políticos que a Espanha estava seguindo:

Lo cierto es que el proceso político y social de España ha tomado, desde estos primeros días pasados del mes de octubre, un tinte más intensamente sombrío, un acento más hondo y desesperado; haciéndose más definida, mas expresa, la oposición, la lucha sorda y torpe y sangrienta. El rojo y el negro¹³⁹.

Bergamín demonstra certa desaprovação para com os anarquistas, pelo fato de eles terem sido os responsáveis por armar os trabalhadores que participaram dos confrontos nas Astúrias. O que o autor expressa tanto na menção ao “vermelho e negro” na citação anterior, como mais explicitamente na passagem em que o autor diz:

Entre tanto, como afirma el héroe anarquista puro de una novela de Andreief, cualquier imbécil que va en automóvil se mata sin saber por qué: porque lo terrible no es morir sin porqué, sino matar de ese modo. Morir sin porqué es un daño personal o privado. Matar sin porqué es un daño público. Y la imbecilidad que mata sin porqué es lo peor de todo; el crimen peor, por irresponsable, no siéndolo. [...] Y no es el mismo crimen, el peor, el de la revolución y el de Estado, si matan sin porqué, estúpidamente, con una ceguera doblemente culpable por la irresponsabilidad que la motiva?¹⁴⁰

¹³⁷ ARENDT, Hanna. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹³⁸ BERGAMÍN, José. La revolución en entredicho y la contra-revolución en entreacto. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 8, novembro de 1933, p. 143.

¹³⁹ BERGAMÍN, José. *El estado y fantasma y en qué país vivimos?*. In: *Cruz y Raya*. Año 2, n. 20, noviembre de 1934, p. 127-128.

¹⁴⁰ BERGAMÍN, José. *El estado y fantasma y en qué país vivimos?*. In: *Cruz y Raya*. Año 2, n. 20, noviembre de 1934, p.133.

Bergamín até reconhece que houve por parte de alguns, um desejo revolucionário de mudança, que visava acabar com um Estado injusto, o que justificaria parte da destruição e, baseado nisso, o escritor critica não apenas a reação do Estado, mas também a sua atitude de manter uma destruição lenta que vai corroendo aos poucos aqueles que dele faziam parte.

Bergamín critica também o nacionalismo levantado no conflito, afirmando que “nacionalismo é determinismo” e, no caso espanhol, um determinismo utilizado para interesses partidários¹⁴¹. Ele acusou os partidos tanto de direita quanto os de esquerda que utilizaram a figura da pátria como mãe de uma forma demagógica e de serem culpados pelos confrontos que estavam ocorrendo no país em 1934. Para Bergamín “esta pasión ciega del espíritu de partido suele ser la que, como decíamos, disfrazada de patriotismo, engendra en los estados de anarquía nacionales la guerra civil y criminal”¹⁴².

Como católico, a crítica de Bergamín era direcionada principalmente contra a CEDA, que se colocava na posição da representante do catolicismo na política espanhola e estava à frente do governo durante as revoltas de outubro de 1934. Para o escritor:

[...]no es el catolicismo bandería, ni cepo de ningún partido; ni esos, que dicen programas y gestiones de gobierno, se hacen para servir más intereses que los políticos, cuando no los privados, pues si así no fuera, por el sólo hecho de su intento serían religiosamente bastardos y profanadores. La única sangre que puede derramar un creyente en cuanto lo es, es la suya propia por el martirio: dándose en testimonio vivo de su fe. El único deber que tiene que cumplir, religiosamente, en tal caso, es el del sacrificio¹⁴³.

Tais palavras demonstram que Bergamín analisou de um ponto de vista de quem crê e não como um intelectual, pois desconsidera todas as relações que possuía a Igreja Católica com a política, desde a fundação desta instituição. George Mosse demonstrou que as séries de medidas tomadas pela Igreja durante o século XIX, visando construir um corporativismo católico, serviu de inspiração e modelo para muitos movimentos de direita e extrema direita, a exemplo do próprio fascismo¹⁴⁴. O historiador ainda confirma certa tendência da Igreja em apoiar tais movimentos reacionários, o que, além de talvez dar certa coerência à CEDA, faz da análise de Bergamín um tanto idealizada.

¹⁴¹ BERGAMÍN, José. El “trís” de todo y que es España?. In: *Cruz y Raya*. Año 2, n. 19, octubre de 1934.

¹⁴² BERGAMÍN, José. El “trís” de todo y que es España?. In: *Cruz y Raya*. Año 2, n. 19, octubre de 1934, p. 118.

¹⁴³ BERGAMÍN, José. “Un gran vuelo de cuervos mancha el azul celeste”. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 12, março de 1934, p. 147.

¹⁴⁴ MOSSE, George. *La cultura europea del siglo XX*. Barcelona: Ariel, 1997.

Para Bergamín, o catolicismo espanhol estava corrompido pela política e sendo comercializado. O autor defende que os católicos na Espanha estavam tratando a religião com indiferença, desenvolvendo duras críticas a esse respeito:

Habría que decir que para esa enorme mayoría de españoles, el catolicismo es la forma más inelegante de la indiferencia religiosa: la más chabacana y mentirosa o hipócrita: cuando no supersticiosamente estúpida; el antifaz picaresco de intereses bastardos, por políticos, o comerciales, con los cuales la propia política o mercadería se mixtifica, desnaturalizándose; se corrompe y corrompe todo lo que le rodea¹⁴⁵.

Como podemos perceber até aqui, Bergamín era um católico bastante distinto, não se eximindo de criticar a Igreja em nome do dogma ou de sua fé. Além disso, ele também era, diferentemente da maioria católica espanhola, mais próximo do espectro da esquerda marxista. No texto *Hablar em cristiano*, publicado no número 27 de *Cruz y Raya* em julho de 1935, Bergamín exalta a figura de André Gide, destacando sua apresentação durante o Primeiro Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, realizado em Paris. Para o escritor espanhol, Gide “habla en cristiano”, isto é, se comunica com clareza. O escritor francês demonstrava simpatia pelo comunismo na época, principalmente pela oposição desta ideologia às injustiças sociais. Gide defendeu em sua fala, dentre outras coisas, que os intelectuais deveriam ajudar nas mudanças sociais e o comunismo deveria promover o desenvolvimento de cada sujeito dentro de sua individualidade¹⁴⁶.

Bergamín viu no entusiasmo comunista de Gide uma relação com o seu cristianismo, apropriando-se de termos como “homem novo” e “revolução permanente” para criar um paralelo entre comunismo e cristianismo:

Pero acaso sin ver, o sin decirnos, que el que se dibuja a sí mismo es ya un hombre nuevo: el hombre nuevo. Que el hombre, cuando es hombre, siempre es nuevo. Y que el hombre sea siempre nuevo es una de las primeras verdades del cristianismo. Del cristianismo no histórico, ni evolutivo o progresivo: del cristianismo revolucionario permanente. El cristianismo nos dice del hombre que se puede novar o renovar siempre, haciéndose de nuevas. Pues esto, y acaso no otra cosa, quiere decir evangelizarse¹⁴⁷.

O uso do termo “revolução permanente” chama atenção, pois, a forma como Bergamín o emprega, conota sentido tanto do universalismo da interpretação trotskista, quanto da origem do termo que Hanna Arendt atribuiu a Proudhon. Ou seja, a ideia de não terem existido várias revoluções, mas sim uma mesma revolução, que acontece de

¹⁴⁵ BERGAMÍN, José. La callada de Dios. In: *Cruz y Raya*. Año 3, agosto de 1935, p. 80.

¹⁴⁶ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

¹⁴⁷ BERGAMÍN, José. Hablar em cristiano. In: *Cruz y Raya*. Año 3, n. 27, julio de 1935, p. 81.

maneira perpétua no decorrer do tempo¹⁴⁸. Assim, essa “revolução permanente cristã”, pregada pelo autor, tem ambições universalistas e também se vê como uma revolução única. Baseando-se nisso, Nigel Dennis afirma acertadamente que, o que Bergamín esperava do catolicismo é o mesmo que o Gide esperava do comunismo: “a afirmação e a renovação do indivíduo”¹⁴⁹.

Esse texto de Bergamín, entretanto, não agradou a Arturo Serrano Plaja que escreve uma carta em discordância. Para Serrano Plaja, existem diferenças entre o teor revolucionário marxista e aquele não tão revolucionário do cristianismo, o que tornaria este último inferior ao primeiro¹⁵⁰. Ele ainda afirma que aquilo que Bergamín chama de “cristianismo revolucionário permanente” é, na verdade, cristianismo moral. Partindo disso, Serrano Plaja assegura que o cristão “como consecuencia de su peculiar actitud religiosa, debe aceptar el sufrimiento, la explotación capitalista, puesto que la explotación o la no-explotación no tienen sentido, no cuentan en su tabla de valores”¹⁵¹. Essa seria uma das principais diferenças entre o cristão e o marxista para o autor, o que deslegitimaria o paralelo traçado por Bergamín.

Bergamín responde a Serrano Plaja, afirmando que não é um antimarxista, apesar de católico, afirmando ter consciência da eficácia “humana, social e moral” do marxismo, e reconhecendo que ele era “a mais nobre esperança viva” para a Espanha¹⁵². Esta declaração de Bergamín tem um peso importante, pois além demonstrar a insatisfação do escritor com o catolicismo conservador que estava governando seu país naquele momento, aponta para possíveis confluências entre catolicismo e marxismo. Por fim, toda essa discussão entre marxismo e catolicismo é bastante reveladora, pois apresenta a forma como Bergamín se envolvia com a política sendo ponto importante para o entendimento de seu engajamento:

Aunque yo no sea marxista ni socialista. Ni tenga por qué serlo. Mi sueño no es de este mundo. Pero tampoco, mucho menos, puedo yo ser ni estar anti o contra en nada de todo eso: pues el antimarxismo contrarrevolucionario que hoy se dice así, entre nosotros, no pasa de ser, a mi juicio, más que una etiqueta politiquera, reclamo de la peor estupidez, a más de un picaresco antifaz del miedo; a lo que se añade

¹⁴⁸ ARENDT, Hanna. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.82.

¹⁴⁹ DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Toronto Press, 2017, p. 172.

¹⁵⁰ PLAJA, Arturo Serrano, BERGAMÍN, José. Incidencias. In: *Cruz y Raya*. Año 3, n. 31, noviembre de 1935

¹⁵¹ PLAJA, Arturo Serrano, BERGAMÍN, José. Incidencias. In: *Cruz y Raya*. Año 3, n. 31, noviembre de 1935, p. 13.

¹⁵² PLAJA, Arturo Serrano, BERGAMÍN, José. Incidencias. In: *Cruz y Raya*. Año 3, n. 31, noviembre de 1935, p.29.

también aquello del refugio del patriotismo, con su consiguiente vileza amoral y hasta sus criminales resultados. Suicidios y no bellos, por cierto; ni huídos victoriosamente¹⁵³.

A partir disso, podemos compreender melhor porque, mesmo durante a Guerra Civil, Bergamín não se filiou ao Partido Comunista, mesmo se aproximando ainda mais dos marxistas. Uma vez que se mostrou em discordância com os diversos partidos da Espanha, mesmo os de vertente socialista e comunista, simpatizar era, talvez, o limite de seu envolvimento com qualquer um deles, seja por questões de fé, seja por ideologia.

José Bergamín foi um intelectual bastante distinto daqueles de sua geração, sobretudo dentre os católicos. Sua peculiaridade, tanto pelo hermetismo como apresentava suas ideias ou pela interessante visão política a ponto de estabelecer, naquele período, relação entre marxismo e catolicismo, faz dele um dos autores mais intrigantes de sua época. Percorrer sua obra é como transitar por labirintos cujos caminhos estão em constante mudança, o que proporciona um caráter enigmático à sua escrita e a torna cada vez mais instigante. Apesar disso, ele era bastante objetivo, principalmente em seu posicionamento político, o que reflete diretamente em seu engajamento na causa antifascista que teve como ápice a Guerra Civil Espanhola, que será explorada no terceiro capítulo.

¹⁵³PLAJA, Arturo Serrano, BERGAMÍN, José. Incidencias. In: *Cruz y Raya*. Año 3, n. 31, noviembre de 1935, p. 30.

Capítulo 2: Cayetano Córdova Iturburu e o antifascismo na Argentina.

El escritor debe ser la conciencia lúcida de su tiempo. Cumple con su deber en la medida de su fidelidad a su tiempo, en la medida en que no lo traiciona, en la medida en que no escamotea la verdad plácida o dolorosa de su tiempo.

Cayetano Córdova Iturburu

2.1 Crise, golpe e antifascismo: Argentina 1930.

A década de 1930 na Argentina ficou marcada como a “década infame”¹ por, entre outros fatores, o golpe militar dado por José Félix Uriburu, a ascensão de grupos nacionalistas e por fraldes eleitorais. Essas características fazem dos anos 1930 um período com sentido próprio muito marcado pela política e pela ideologia. O que foi comum à época quando praticamente o mundo todo vivia, com maior ou menor intensidade, a dicotomia entre fascismo e antifascismo. Não pretendemos tratar aqui se houve ou não fascismo no país. Julgamos que, independentemente dos governos argentinos nesse contexto se enquadrarem ou não no conceito de fascismo, as ideias fascistas circulavam e eram apropriadas por grupos que resultaram, inclusive, em um Partido Fascista Argentino². Dentre os governos argentinos da década de 1930, o que chegou mais próximo de ser caracterizado como um regime fascista foi o de José Félix Uriburu.

Em 6 de setembro de 1930, o general José Félix Uriburu assumiu, através de um golpe de Estado, a presidência da Argentina, depondo Hipólito Yrigoyen eleito em

¹ Segundo Luciano de Privitellio e Ignacio López, a década de 1930 ganhou o epíteto de “infame” pelo simpatizante fascista, José Luis Torres, um periodista nacionalista e antisemita. Os autores ressaltam, porém, que o sentido dessa década vai muito além desse proposto por Torres. Ver: PRIVITELLIO, Luciano de; LÓPEZ, Ignacio. La década del treinta. *Dossiers por historiapolítica.com*. Buenos Aires, n. 53, jul de 2015. Disponível em: <http://www.historiapolitica.com/dossiers/dossier-la-decada-del-treinta/>. Acesso em 19/08/19.

² O PFA é datado de 1932 e sua composição era majoritariamente de imigrantes e filhos de italianos. Ver: GRILLO, María V. Creer en Mussolini. La proyección exterior del fascismo italiano (Argentina, 1930-1939). *Ayer*, n. 62, p. 231-255, 2006.

outubro de 1928. O país encontrava-se imerso em uma crise econômica como boa parte do mundo, desde 1929, o que desembocou em problemas políticos e institucionais que serviram de pano de fundo para o golpe de 1930³. A ideia de que uma mudança era necessária para resolver essa crise, mostrava-se como consenso inclusive entre setores da esquerda, como é possível notar em editorial publicado pela revista *Claridad*; um dos principais periódicos das esquerdas argentinas no período. O editorial datado de 13 de setembro de 1930, intitulado: *Al margen de la revolución*, trata o golpe de Uriburu, a exemplo do que título sugere, como uma revolução. O editorial assinado por Antonio Zamora, o responsável à frente da publicação, aborda a mudança de governo como algo inevitável e benéfico para Argentina. Entretanto, ressalta que, mesmo aceitando as propostas econômicas, morais e políticas do novo governo, como uma forma de transição, a publicação e os seus responsáveis não comungavam da mesma ideologia, nem das mesmas ideias sociais⁴. No editorial seguinte, publicado em um segundo número no mesmo mês de setembro, no dia 27, Zamora diz que os cidadãos argentinos estavam vivendo um momento no qual era necessário definir uma posição política⁵. Ele ainda declara que caberia ao partido socialista fazer frente à onda conservadora que vinha se aglomerando em torno dos outros partidos, expressando assim, desconfiança com o desenrolar do golpe ocorrido semanas antes.

Essa preocupação se justificava pela simpatia com as ideias fascistas e também com o governo italiano manifestada por Uriburu. O ditador argentino demonstrou grande interesse pela *Carta del lavoro* e pelo corporativismo fascista. Ademais, o regime de Mussolini esteve entre os primeiros a reconhecer a ditadura argentina como legítima⁶. María Victoria Grillo, analisa as proximidades e distanciamentos entre o fascismo italiano e o regime de Uriburu. Para a autora, mesmo com declarações do militar argentino afirmando que entre o fascismo italiano e o comunismo russo, seu governo optava pelo primeiro⁷, o seu regime foi marcado por particularidades do nacionalismo argentino, o que para ela o diferenciava de um regime fascista *stritum senso* como o italiano.

³ TERÁN, Oscar. Argentina. Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980. In: IBIDEM(Coord.). *Ideas en el siglo. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2004, p. 13-95.

⁴ ZAMORA, Antonio. Al margen de la revolución. *Claridad, revista de arte crítica y letras, tribuna del pensamiento izquierdista*. Nº 214, año 9,13 de septiembre de 1930. n/p.

⁵ ZAMORA, Antonio. Hay que definirse. *Claridad, revista de arte crítica y letras, tribuna del pensamiento izquierdista*. Nº 215, año 9, 27 de septiembre de 1930. n/p.

⁶ FINCHELSTEIN, Federico. *Transatlantic fascism. Ideology, violence, and the sacred in Argentina and Italy, 1919-1945*. Durham and London: Duke University Press, 2010.

⁷ GRILLO, María V. Creer en Mussolini. La proyección exterior del fascismo italiano (Argentina, 1930-1939). *Ayer*, n. 62, p. 231-255, 2006, p. 247.

Conclusão semelhante à que chegou Federico Finchelstein, que também afirma que, ainda que Uriburu tivesse relações próximas com muitos fascistas, quando questionado se a Argentina deveria seguir tal modelo, ele respondia que o melhor caminho para seu país era o nacionalismo e não o fascismo. Ele acreditava que o fascismo era um exemplo e não um modelo que poderia ser replicado⁸.

Em seu governo, Uriburu adotou medidas extremamente autoritárias, como ataque aos sindicatos e às organizações de trabalhadores, principalmente as alinhadas às ideologias comunista e anarquista. Joel Horowitz afirma que a repressão adotada pelo governo militar contra esses movimentos foi extremamente feroz e que as organizações anarquistas nunca se recuperaram, enquanto que as comunistas conseguiram se reerguer somente após o fim da ditadura⁹. Federico Finchelstein, ao desenvolver as relações entre o fascismo italiano, os governos e a sociedade argentina, entre os anos 1919 e 1945, delega bastante importância à figura de José Félix Uriburu. Dentre todas as medidas adotadas por esse ditador, a que chama mais atenção foi o uso de tortura pelo seu governo. Segundo Finchelstein, o responsável pela aplicação de métodos ilegais em interrogatórios durante essa ditadura foi Leopoldo Lugones Jr., filho do famoso escritor argentino, que teria deixado um legado macabro de técnicas de tortura. O autor afirma que Lugones Jr. foi o responsável pela criação da chamada “*picana*”, isto é, o uso de choques elétricos em órgãos genitais, ânus, boca e mamilos¹⁰. Além deste, Lugones Jr. também utilizou-se de outros métodos que passaram a ser aplicados em ditaduras posteriores, não só na Argentina¹¹.

O governo de Uriburu chega ao fim em 1932, quando é eleito Agustín Pedro Justo, após o restabelecimento do sufrágio no país. O governo de Justo não era próximo dos ideais fascistas como foi o do seu antecessor. Uriburu até teria tentado convencer o novo presidente a fazer uma reforma constitucional, mas não obteve sucesso. Justo recusou tal oferta no intuito de manter seu governo dentro das normas constitucionais, ainda que sem combater as fraudes eleitorais que eram também o sustentáculo de sua base de apoio¹².

⁸ FINCHELSTEIN, Federico. *Transatlantic fascism. Ideology, violence, and the sacred in Argentina and Italy, 1919-1945*. Durham and London: Duke University Press, 2010, p. 68-69.

⁹ HOROWITZ, Joel. Ideologías sindicales y políticas estatales en Argentina, 1930-1943. *Desarrollo Económico*, vol. 24, n. 94, jul-sep. 1984, p. 275-296.

¹⁰ FINCHELSTEIN, Federico. *Transatlantic fascism. Ideology, violence, and the sacred in Argentina and Italy, 1919-1945*. Durham and London: Duke University Press, 2010, p. 74.

¹¹ Para um estudo mais detalhado sobre os métodos de tortura criados e utilizados na Argentina, ver: MOLAS, Ricardo R. *Historia de la tortura y el orden represivo en la Argentina*. Buenos Aires: Eudeba, 1984.

¹² ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1997.

Dentre os principais fatores que marcaram o governo de Justo, está a maior aproximação do governo inglês, o que representou também um afastamento dos ideais fascistas do governo anterior. Por outro lado, isso gerou descontentamento de setores nacionalistas e despertou um sentimento anti-imperialista. Entre os principais movimentos anti-imperialistas nesse contexto estava a *Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina (F.O.R.J.A)*, criada em 1935 e ligada a *Unión Cívica Radical (UCR)*¹³. Segundo Alejandro Cattaruzza, o anti-imperialismo defendido pela F.O.R.J.A¹⁴ era diferente daquele que existia anteriormente, pois possuía como foco principal, a denúncia da dependência econômica que a Argentina havia contraído com a Inglaterra¹⁵.

Apesar do certo afastamento ideológico do fascismo, alguns setores da esquerda acusavam o governo de Justo de ser uma continuidade da ditadura, como é o caso de *Claridad*. Em janeiro de 1932, um mês antes de Justo assumir o poder, a revista publicou um editorial defendendo as liberdades civis e de ideias¹⁶. A principal reivindicação do editorial era, porém, que fossem soltos os presos políticos e aqueles que não estivessem respondendo a processos. Os membros do corpo editorial da revista foram presos. Em outro editorial publicado no mês de abril do mesmo ano, o primeiro número após o acontecido, Antonio Zamora relata o motivo de terem sido presos, relacionando-o diretamente com o editorial anterior e ressaltando que apesar disso, a revista continuaria mantendo sua postura de denúncia e crítica¹⁷.

O âmbito intelectual também ficou dividido pelo radicalismo da época e, a partir da ascensão de Hitler na Alemanha, os setores das esquerdas, sobretudo aqueles ligados ao Partido Comunista e à III Internacional, passaram a atuar seguindo o binarismo: fascismo versus antifascismo. Um dos principais intelectuais argentinos a se engajar na causa antifascista foi Aníbal Ponce. Marxista que encabeçou a *Agrupación de*

¹³ A UCR é um partido criado em 1891 e que conseguiu eleger nomes importantes para a história política da Argentina como Hipólito Yrigoyen, Marcelo Torcuato de Alvear, Raúl Alfonsín dentre outros. Para maiores detalhes a respeito da história do partido, ver: <http://www.ucr.org.ar/lo-que-somos/historia> consultado em 30/09/2019.

¹⁴ Em um dos seus folhetins a F.O.R.J.A. expressa o que era o movimento, o que ele queria e como pretendia alcançar seus objetivos: *¿Qué quiere F.O.R.J.A.? Restituír a la masa política del radicalismo a la posición originaria – empezando de nuevo, según el consejo de Yrigoyen – que no admite complicidad ni acuerdo con las fuerzas oligárquicas. Crear una conciencia política que, en su momento, pese en las decisiones nacionales con ésta consigna: SOMOS UNA ARGENTINA COLONIAL; QUEREMOS SER UNA ARGENTINA LIBRE*. O documento completo está disponibilizado em anexo.

¹⁵ CATTARUZZA, Alejandro. *Historia de la Argentina 1916-1955*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

¹⁶ ZAMORA, Antonio. Libertad de las ideas. *Claridad. Revista de arte, crítica y letras. Tribuna del pensamiento izquierdista*. Año 10, n. 242, enero de 1932.

¹⁷ ZAMORA, Antonio. Buenas Tardes. *Claridad. Revista de arte, crítica y letras. Tribuna del pensamiento izquierdista*. Año 10, n. 243, abril de 1932.

Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores (AIAPE). Oscar Terán ressalta que a causa antifascista naquele contexto não era mera transposição de uma problemática externa para a Argentina, o fascismo possuía muitos simpatizantes e adeptos dentro do país¹⁸. Baseando-se nisso é que Tulio Halperin Donghi demonstra como as ideias fascistas eram presentes, mesmo entre os intelectuais, a exemplo de Manuel Gálvez e Carlos Ibarguren, que possuíam certo renome na Argentina desde a década de 1920. O autor mostra a relação dessas ideias, assim como aconteceu na Espanha, com grupos conservadores e também as suas ligações com alguns setores da Igreja Católica, que viam no fascismo a possibilidade de restauração de uma elite que estava perdendo força¹⁹.

Por outro lado, os intelectuais antifascistas viam as políticas de austeridade de Justo como uma das características que constituíam o nascimento paulatino do fascismo, por meio do nacionalismo, que também seria o ponto de partida para o surgimento do anti-imperialismo no país²⁰. Assim, mostrava-se necessário organizar um movimento para a causa antifascista. Nesse contexto é criada a AIAPE supracitada. Dentre os assuntos referentes ao antifascismo na Argentina, a AIAPE é, provavelmente, o mais estudado pelos historiadores que se ocuparam da temática. Dentre esses trabalhos, o mais completo é o de Ângela Meirelles de Oliveira, *Palabras como balas: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. A autora analisa as redes de intelectuais antifascistas que se agruparam em torno da AIAPE, demonstrando sua extensão não apenas na América Latina, mas também suas relações diretas com movimentos europeus, sobretudo os ligados ao Partido Comunista Francês²¹.

A AIAPE foi fundada na Argentina em 1935, reunindo mais de 80 pessoas, dentre as quais, intelectuais de renome. À frente estava Aníbal Ponce, que contou com a colaboração de personagens importantes do período, a exemplo de José Portogalo, Álvaro

¹⁸ TERÁN, Oscar. Argentina. Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980. In: IBIDEM(Coord.). *Ideas en el siglo. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2004, p. 13-95.

¹⁹ DONGHI, Tulio H. *La Argentina y la tormenta del mundo. Ideas e ideologías entre 1930-1945*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno 2004.

²⁰ PETRA, Adriana. Vanguardistas, reformistas, antifascistas. In: Ibidem. *Intelectuales y cultura comunista: itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017, p. 39-73.

²¹ OLIVERIA, Ângela M. *Palabras como balas: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015. Recomendamos também os trabalhos sobre a A.I.A.P.E. de CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. *Literatura y lingüística*, n. 17, p. 195-218, 2006.; CANE, James. "Unity for the defense of culture": The AIAPE and the cultural politics of Argentine antifascism, 1935-1943. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 77, n. 3, p. 443-482, 1997.; PASOLINI, Ricardo. Scribere in eos qui possunt proscribere. Consideraciones sobre intelectuales y prensa antifascista en Buenos Aires y París durante el período de entreguerras. *Prismas, Revista de historia intelectual*. N. 12, p. 87-108, 2008.

Yunque, Raúl González Tuñón, Nydia Lamarque, Cayetano Córdova Iturburu, entre outros²². A principal causa mobilizada pelo periódico era a “defesa da cultura”. Andrés Bisso e Adrián Celentano apontam como um dos motivos centrais para o surgimento da agrupação, um protesto contra o processo que estava sofrendo o poeta Raúl González Tuñón, devido à difusão de seu poema *Las brigadas de choque*²³, poema publicado no quarto número da revista *Contra*. James Cane, por sua vez, ressalta que a associação tentou manter a atuação dos intelectuais antifascistas em duas frentes, isto é, contra a ascensão da direita e enfatizando valores universais como as noções de democracia, justiça e liberdade²⁴. A ideia de que o fascismo representava a barbárie e a ignorância²⁵ era frequentemente usada como contraposição a cultura e aos ideais civilizatórios que esses intelectuais se consideravam defensores.

A AIAPE possuía um periódico para a divulgação e promoção de suas ideias e ideais na Argentina, intitulado *Unidad, por la defensa de la cultura*, e esteve ativo durante os anos de 1936-1938²⁶. Ângela Meirelles de Oliveira ressalta a linguagem política heterogênea utilizada pelas publicações antifascistas que, no caso de *Unidad*, apresentava uma mescla entre entendimentos característicos dos adeptos ao comunismo com uma visão mais liberal ligada ao Iluminismo²⁷. No primeiro número, a publicação traz uma espécie de manifesto no qual afirma seu compromisso com a causa antifascista, e também indica as frentes em que deveriam atuar os intelectuais:

La AIAPE, la Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores, organización al margen de todos los partidos políticos, se ha constituido, precisamente, ante esta amenazante precipitación de acontecimientos significativos, con el propósito de oponer un dique a la reacción en el sector de nuestras actividades. Una amenaza gravita

²² OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. 2013. São Paulo: Alameda, 2015.

²³ BISSO, Andrés; CELENTANO, Adrián. La lucha antifascista de la Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores (AIAPE) (1935-1943). In: BIAGINI, Hugo; ROIG, Arturo (directores). *El pensamiento alternativo en la Argentina del siglo XX. Tomo II: obrerismo, vanguardia, justicia social (1930-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006, p. 235-265.

²⁴ CANE, James. “Unity for the defense of culture”: The AIAPE and the cultural politics of Argentine antifascism, 1935-1943. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 77, n. 3, p. 443-482, 1997, p. 445.

²⁵ Ângela Meirelles de Oliveira destaca uma frase que era comumente utilizada pelos intelectuais antifascistas para exemplificar a barbárie do fascismo frente a cultura, a frase em questão era erroneamente atribuída a líderes nazistas e dizia: “quando ouço a palavra cultura, saco logo meu revólver”. Na verdade, este é um trecho da peça teatral *Schlageter* de 1933 do dramaturgo alemão e nazista, Hanns Johst. Ver: OLIVEIRA, Ângela M. Antifascismo e o ideal de “defesa da cultura” nos Boletins AIAPE (Uruguai) e *Unidad* (Argentina). In: *Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC*, São Paulo, 2012, p. 1. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/x-encontro> consultado em 22/08/2019.

²⁶ Ângela Meirelles de Oliveira também analisa a AIAPE uruguaia que também teve um periódico com duração maior que o argentino, chamado *AIAPE, por la defensa de la cultura*, a versão uruguaia esteve ativo entre 1936 até 1944.

²⁷ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015, p. 111.

sobre nuestra cultura naciente. Queremos defenderla. Un peligro se cierne sobre las libertades del país. Queremos detenerlo. Llamamos, por eso, a apretar filas alrededor de nuestra organización a todos los artistas, escritores, periodistas, profesionales e intelectuales. Ante esta sombría hora del mundo permanecer ajenos a la lucha en que se juega el destino de la sociedad es traicionar una obligación indelegable de solidaridad humana. El hecho de ser artistas, escritores o profesionales no nos libera de nuestras obligaciones de hombres y de ciudadanos. Contribuir a evitar a la República la desventura de la pérdida de sus libertades bajo la humillación de una dictadura fascista, es un deber impostergable. Invocando ese deber salimos a la calle y a llamamos a engrosar nuestra columna a todos los hombres dignos que quieran participar de nuestra acción en defensa de las garantías fundamentales y de la cultura²⁸.

Neste manifesto, que é também uma espécie de convocatória para a causa antifascista, a AIAPE apresenta preocupação tanto com as liberdades e a manutenção de uma república democrática, como, principalmente, com a cultura. A ideia de defesa da cultura é a principal causa pela qual esses intelectuais antifascistas se engajavam, entretanto, é também uma das mais abstratas, pois levanta questões sobre que tipo de cultura deveria ser defendida. Meirelles de Oliveira demonstra que não existia um consenso sobre o que os intelectuais nesse período entendiam por “cultura”, indo, desde a produção de bens simbólicos, até sinônimo de consciência ou de civilização. Todavia, a autora ressalta que um aspecto era comum aos intelectuais antifascistas em relação à ideia de cultura, isto é, o entendimento de sua importância para a transformação da humanidade²⁹.

Foi nesse contexto que se desenvolveu a trajetória política de Cayetano Córdova Iturburu que será tratada neste capítulo. O escritor, poeta, jornalista e crítico de arte, ocupou cargos importantes na AIAPE durante toda a sua existência, como o de vice-diretor e também de secretário geral³⁰. Em 1937, quando ocupava a vice-direção da associação, foi à Espanha, que se encontrava em meio à Guerra Civil, para participar do II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura. No país ibérico, presenciou os horrores da guerra e reafirmou seu compromisso antifascista. Apesar de sua relevância, não apenas para o movimento antifascista latino-americano, mas para história intelectual da região, Córdova Iturburu continua sendo um personagem pouco explorado pela historiografia, principalmente quando comparado a outros intelectuais do

²⁸ AUNQUE los manifiestos... *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires: año 1, n.1, p.1,

²⁹ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda. 2015, p. 115-119.

³⁰ CANE, James. “Unity for the Defense of Culture”: The AIAPE and the Cultural Politics of Argentine Antifascism, 1935-1943. In: *The Hispanic American Historical Review*, vol. 77, N. 3, p. 443-482, Aug., 1997.

mesmo período. Pretendemos aqui, deslindar um pouco da trajetória desse importante intelectual argentino que, além da militância antifascista, participou da fundação do famoso movimento *Martín Fierro* e, posteriormente, veio a se tornar figura relevante para os estudos de arte na Argentina.

Dessa forma, o presente capítulo tem por intuito, a exemplo do anterior, acompanhar a transformação de Cayetano Córdova Iturburu em um intelectual engajado. Partindo-se da premissa de que na Argentina não existiu um fascismo de fato, buscaremos, através da trajetória do escritor, analisar como se constituiu a causa antifascista no país. Outra questão que perpassa a análise aqui desenvolvida é a da manifestação do antifascismo em diferentes meios, como através das artes, letras e mesmo com uma perspectiva histórica e historiográfica. As fontes que compõem a análise do capítulo são: as revistas *Argentina*, *Contra: la revista de los francotiradores* e *Unidad para la defensa de la cultura*; também os livros *La revolución martinfierrista*, *La sociedad Azteca*, *Diccionario de actualidad mundial* e *Cuatro perfiles y otras notas*. Buscamos demonstrar na análise, a politização e adesão ao antifascismo que marcou Córdova Iturburu e também a diversificação da produção do escritor.

2.2 Os primeiros anos: *Martín Fierro* por Córdova Iturburu.

Cayetano Córdova Iturburu nasceu na cidade de Buenos Aires em 16 de fevereiro de 1899³¹. Seu pai, Antonio Córdova, era advogado e juiz de paz em Concepción del Uruguay. Sua mãe, María Luisa Iturburu del Valle, era descendente de uma família tradicional do Paraguai e tinha parentesco com o advogado e um dos fundadores da União Cívica Radical, Aristóbulo del Valle. Córdova Iturburu também tinha um irmão, Manuel, de quem não encontramos muitas informações. Sua mãe morreu quando ele tinha apenas dois anos e, desde então, passou a ser criado pela tia, Olívia Córdova, quem ele homenageou na dedicatória de seu primeiro livro: “Olivia B. Córdova: porque foi como minha mãe, escrevo teu nome neste livro que dedico à memória de Andrés Clapa”³². O escritor passou por três escolas durante seu ensino secundário: o *Colégio Nacional de Concepción del Uruguay*, o *Colégio Nacional de La Plata*³³ e a *Escola Mariano Moreno*

³¹ Por algum motivo desconhecido, Córdova Iturburu costumava mentir sobre o ano de seu nascimento e afirmava quase sempre ter nascido em 1902.

³² CORDOVA ITURBURU. *El árbol, el pájaro y la fuente*. Buenos Aires: Atlántida, 1954.

³³ A cidade de La Plata parece ter marcado o autor em especial, em um texto de 29 de abril de 1927 ele escreve: *Tengo por esta ciudad de La Plata un cariño fácilmente comprensible. Aquí viví entre los doce y los quince años, es decir, durante esos años en que se abre los ojos a la realidad y la irrealdad de la vida; en que se despierta – después del sueño luminoso de la inocencia – a las responsabilidades del mundo, a*

em Buenos Aires. Foi casado com Carmen de la Serna, tia de Ernesto Guevara. No decorrer da sua vida, Córdova Iturburu atuou como poeta, crítico de arte, ensaísta, periodista, docente e militou em prol do comunismo. Faleceu em 25 de abril de 1977, deixando uma vasta obra, sobretudo para o campo da crítica artística, até então pouco explorada³⁴.

Assim como Bergamín, o primeiro livro de Córdova Iturburu também data de 1923, *El árbol, el pájaro y la fuente*. Um livro de poesia que concedeu ao autor certo destaque, o que provavelmente o levou a ser convidado a participar da publicação de *Martín Fierro*. O livro recebeu uma crítica bastante elogiosa assinada por R. A. O. publicada na revista *Inicial*, intitulada C. Córdova Iturburu. Nesse texto, o crítico afirma que o jovem escritor não era uma promessa, mas já se apresentava como uma realidade, colocando-o ao lado dos grandes nomes da literatura argentina:

Se incorpora, pues, Córdova Iturburu, a la pléyade de jóvenes que ya entraron en el período de la obra seria con un perfecto conocimiento de su arte y sin mojigaterías cursilonas. Y si no se evidencia en su libro una visión nueva de las cosas sobre los planos que indican las novísimas teorizaciones de vanguardia, adviértase, en cambio, un singular temperamento crítico que nos asegura la pureza futura del poeta. Córdova Iturburu no escribe por escribir, como lo hacen la mayoría de nuestros poetas, con un simple estudio de preceptiva literaria. Él sabe que hay algo más allá de la rima y el perfecto número de sílabas: sabe que debe cuidarse la expresión del sentimiento dándole una pureza interior que sólo se obtiene cuando la emoción, el lenguaje, la imagen y la música son controlados por un severo buen gusto. Y no olvidemos que la elegancia y el buen gusto han de distinguir a los más distintos poetas de nuestra generación, como lo vienen demostrando Keller Sarmiento, Borges, Caro, Emília Bertolé, Córdova Iturburu, etc³⁵.

Diferentemente do escritor espanhol, Córdova Iturburu não foi biografado por ninguém, nem deixou qualquer autobiografia, entretanto, é possível recuperar algumas

su belleza y sus sombras, a la amistad, al amor, a las perspectivas a veces alucinantes del propio destino. Me acuerdo de las aulas de la Escuela Graduada Anexa, de un inolvidable maestro – el señor Campora – de los corredores frente al cielo del colegio Nacional, del olor de los eucaliptos de sombra humeda en las mañanas del bosque, este mismo bosque cuyas noches, años después, se iluminaban de músicas de palabras inolvidables cuando vagávamos, entre sus perfumadas avenidas de columnas vegetales, con Francisco López Merino. [...] Quiero a esta ciudad – lo repito – quiero a esta ciudad de largas tardes de silencio, de paz y de luz; a esta ciudad celeste donde el cielo y su azul bajan a las calles, andan por las calles como en ninguna otra ciudad de nuestra tierra. Ver: Esta Ciudad Celeste – texto de 29 de abril de 1967, original mecanografiado, disponível no arquivo CeDinCi.

³⁴ Todas as informações de cunho biográfico até aqui apresentadas foram retiradas do verbete sobre Córdova Iturburu no dicionário biográfico da esquerda argentina. Ver: TARCUS, Horacio (dir.). *Diccionario biográfico de la izquierda argentina. De los anarquistas a la “nueva izquierda” 1870-1976*. Buenos Aires: Emecé, 2007, p. 152-153.

³⁵ R.A.O. C. Córdova Iturburu. *Inicial revista de la nueva generación*. Buenos Aires, año 1, n. 3, p. 55-57, diciembre de 1923, p. 57.

informações sobre a sua formação no livro que fez sobre a história de *Martín fierro*³⁶. Nesse livro o escritor revela que, a exemplo de outros de sua geração, sabia ler apenas em espanhol e francês, o que para ele era um tanto limitador, ainda que o francês fosse, na época, uma língua importante no que diz respeito à produção cultural. Córdova Iturburu revela os principais autores na sua formação intelectual, citando nomes como Leopoldo Lugones, Enrique Banchs e Fernández Moreno e destaca as leituras de Dario, Valle Inclán, Antonio Machado e Herrera y Reissig³⁷. Leopoldo Lugones em especial, é, talvez, o autor que Córdova Iturburu mais admirou, muito pelo fato de que entre os escritores mais tradicionais da Argentina, ele teria sido um dos poucos a apoiar e incentivar o movimento martinfierrista em seu início.

O livro sobre *Martín Fierro* não teve e nem pretendeu ter um tom biográfico, porém, o autor utiliza de sua memória e experiências no movimento para construir sua narrativa. Isso torna a obra também uma fonte que, de certa forma, pode ser caracterizada como uma espécie de escrita de si. Romilda Costa Motta e Fabiana de Souza Fredrigo apontam que esse tipo de escrita pode ser reveladora, dentre outras características, de como: “a reinvenção de si e ficcionalização da vida; a lapidação da imagem e a reparação de identidades (ou, ainda, sua desconstrução) e a reivindicação de um espaço público, que entendiam obliterado, para explorar e exprimir as experiências subjetivas”³⁸. Nesse sentido, o livro se tornou revelador da maneira como o autor via a experiência martinfierrista.

Martín Fierro está entre as mais relevantes experiências vanguardistas latino-americanas. A revista começou a ser publicada em fevereiro de 1924 e contou com 45 números, suas atividades foram encerradas em novembro de 1927. Estavam à frente do periódico, Evar Méndez como diretor e Oliverio Gironde como co-diretor. Em alguns números, esta posição foi ocupada por Alberto Prebisch, Eduardo Bullrich e Sergio Piñero. A publicação contou com colaborações de nomes de grande relevância da cena intelectual argentina, como os irmãos González Tuñón e Jorge Luis Borges³⁹. Para Oscar

³⁶ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962.

³⁷ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962, p. 7. Encontramos também no Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDinCI), anotações nas quais o autor comenta e referencia nomes como Platão, São Tomás de Aquino, Goethe, Croce, Heidegger, Percy Bysshe Shelley, Proust, entre outros.

³⁸ MOTTA, Romilda C.; FREDRIGO, Fabiana S. Apresentação do dossiê “escritas de si nas Américas”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*. Nº, 24, p. 3. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/issue/view/211> consultado em 24/08/2019.

³⁹ Para uma análise aprofundada de *Martín Fierro* e da vanguarda argentina, assim como um estudo comparado desse movimento com o ocorrido no Brasil representado pela *Revista de Antropofagia*,

Terán, a bonança que caracterizava o contexto no qual a revista foi fundada, ajudou em seu sucesso. Além disso, os jovens que dela participaram, em sua maioria pertencentes à burguesia local, não haviam vivido os horrores da guerra nem os problemas do pós-guerra como os europeus, o que lhes proporcionava uma sensação de estabilidade em todos os âmbitos⁴⁰.

Ao tratar o peso que teve *Martín Fierro* para o cenário intelectual argentino, Beatriz Sarlo ressalta que

Quando os contemporâneos dizem *Martín Fierro*, a denominação encobre o conjunto de revistas dos anos 20, sintetizadas sob esse nome porque foi exatamente essa publicação que, de maneira mais completa, delineou o estilo da ruptura vanguardista. [...] o percurso de *Martín Fierro* completou a autonomização da esfera estética, movimento que, iniciado pelo modernismo, não havia se completado nos anos ideologicamente densos do primeiro nacionalismo cultural⁴¹.

A autora ainda destaca que essa vanguarda argentina buscava autonomia não apenas através da beleza, mas principalmente, em nome da novidade⁴². Esse anseio pelo “novo” é confirmado por Córdova Iturburu que diz:

Nosotros intuíamos, sin mucha precisión desde luego, la realidad de este panorama. Aunque nuestra conciencia no fuera demasiado clara comprendíamos que nuestro mundo, el mundo a que aspirábamos, el que nuestras apetencias profundas exigían, poco tenía que ver con ese mundo caduco que nos rodeaba. Sin excesiva definición de motivos nos sentíamos enemigos irreconciliables de ese mundo y de sus

recomendamos a tese de doutorado de Helaine Nolasco Queiroz, apresentada junto ao Programa de Pós-graduação da UFMG, intitulada *O dilema cosmopolita versus nacional nas vanguardas latino-americanas: uma comparação entre a revista Martín Fierro e Revista de Antropofagia (1924-1929)*, 2018.

⁴⁰ TERÁN, Oscar. Argentina. Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980. In: IBIDEM(Coord.). *Ideas en el siglo. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, p. 13-95 2004, p. 46.

⁴¹ SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 177.

⁴² Cabe elencar os intelectuais que compunham essa geração, não apenas os pertencentes a *Martín Fierro* e consequentemente ao grupo Florida, mas aqueles que tiveram destaque ligados também ao grupo Boedo: Enrique Méndez Calzada, José Gabriel, Héctor Ripa Alberdi, Roberto Smith, Jorge Luis Borges, Francisco López Merino, E.M.S., Alfredo Brandán Caraffa, Ernesto Laclau, Mayorino Ferraría, Conrado E. Eggers-Lecour, Guillermo Juan, Aníbal Ponce, Homero M. Guglielmini, Marcos Lenzoni, A. Salvador Irigoyen, Bartlomé Galíndez, Eduardo González Lanuza, V. Ruiz de Galarreta, Hernán Gómez, Cayetano Córdova Iturburu, Leopoldo Marechal, Elías Cárpene, Roberto Ledesma, Julio Irazusta, Alfredo R. Bufano, Luis Reissig, Héctor Rodríguez Pujol, Lorenzo Stanchina, Nicolás Olivari, Pablo Barrenechea, Angel J. Battistessa, Atilio García Mellid, Santiago Ganduglia, R. Pineda Yáñez, Fernando Antuñano, Julio Dillon, Juan Antonio Villoldo, Schendy Arcelus, Pablo Rojas Paz, Roberto Mariani, Eduardo Mallea, Alberto Hidalgo, Leónidas Barletta, José Portogalo, Carlos Mastronardi, Elías Castelnuovo, Ricardo E. Molinari, Ulyses Petit de Murat, Alberto Prebisch, José María Espinosa, Amado Villar, Arístides Gandolfi Herrero (Alvaro Yunque), Francisco Luis Bernárdez, Eduardo Keller Sarmiento, Norah Lange, Israel Zeitlin (César Tiempo), Ezequiel Martínez Estrada, Luis L. Franco, Arturo Cancela, Luis Emilio Soto. Além desses, outros quatro, que apesar de serem de outra geração, podem ser citados pela relevante participação desta: Macedonio Fernández, Ricardo Güiraldes, Evaristo González (Evar Méndez) e Oliverio Girondo. LAFLEUR, Héctor; PROVENZANO, Sergio; ALONSO, Fernando. *Las revistas literarias argentinas 1893-1967*. Buenos Aires: El 8vo, 2006, p. 90-91.

representantes, y nuestra vitalidad juvenil, nuestra alegría de vivir, de crear y de luchar se sentía irresistiblemente inclinada a la regocijante tarea de romper a pedradas los vidrios y los faroles de aquellos baluartes de la solemnidad, de la incuria, del estatismo regresivo, de la intemporalidad conservadora, donde residían el avisado mercader de las artes y la irreductible vocación de estatua⁴³

Córdova Iturburu conta que o convite para compor o grupo de *Martín Fierro* veio no verão entre 1923 e 1924, convite feito por Evar Méndez e Samuel Glusberg. O autor ressalta que o grupo era muito jovem, a maioria estava com idade entre vinte e vinte e cinco anos e com exceção de Méndez, que já era um poeta conhecido e com muitos livros publicados; os outros estavam apenas começando a sua trajetória⁴⁴. Tudo indica que a carreira de Córdova Iturburu como poeta ganhou força após a publicação em 1923 de um poema seu no número 166 da revista *Nosotros*, que teria proporcionado os primeiros contatos que teve com Evar Méndez, pois como ressalta Beatriz Sarlo, ambos assistiram à premiação de um concurso literário promovido pela revista⁴⁵.

A figura de Lugones foi importante não apenas na trajetória de Córdova Iturburu, mas da própria *Martín Fierro*, como afirma Sarlo. Naquele momento “os argentinos tinham que escrever como Lugones ou contra ele”. Além disso, o autor foi para a revista “objeto do parnaso satírico” e “centro de polêmicas literárias”⁴⁶. A despeito da figura polêmica que fora Lugones, sobretudo após assumir simpatia pelo fascismo, Córdova Iturburu afirmava que mesmo que todos os membros da revista admirassem o escritor, eles não tinham problema em criticá-lo. O autor cita como exemplo disso, um poema satírico publicado na revista que criticava o “Romancero” de Lugones, questionando a sua qualidade⁴⁷. Essas críticas eram, como podemos inferir, quase sempre no âmbito artístico e estético.

⁴³ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962, p. 9.

⁴⁴ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962.

⁴⁵ SARLO, Beatriz. Vanguardia y criollismo: la aventura de “Martín Fierro”. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Año 8, n. 15, p. 39-69, 1982, p. 43-44.

⁴⁶ SARLO, Beatriz. Vanguardia y criollismo: la aventura de “Martín Fierro”. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Año 8, n. 15, p. 39-69, 1982, p. 45.

⁴⁷ O poema citado pelo autor diz: *Un caballero cruzaba / la puente de Canelones; / en su cintura la espada / soñaba recios mandobles. / Iba, el azor en la diestra, / con un remiendo en los leones. / Y las lechuzas cantaban / y cacareaban los bonces. / En eso daba las treinta el reloj de Plaza Once. / El caballero detiénese / y exclama con sordas voces: / - ¡Qué malo es el Romancero / de don Leogoldo Lupones! / Diz que salió un ermitão / seguido de unos mormones / y en bajándose la capa / descubrieron tres buzones / y la boca de uno de ellos / dijo a lo de Vega Lope: / - ¡Tate, tate, caballero! / ¿Do está el churrasco de Londres? / - No lo vide en este barrio - / el ermitaño responde; / y añade para su Glusberg / aprovechando la noche: / - ¡Qué malo es el romancero / de don Leogoldo Lupones! / El “Maipú Pigall” estaba / repleto de camaleones; / Zarathustra sollozaba / porque no hallaba automóviles; / sudaban los trenqueláuquens / pidiendo ventiladores. / El caballero se adentra / y danza un tango con corte; / doncellas cuidaban de él /*

Lugones também foi pivô da famosa polêmica entre os grupos de Florida e Boêdo que, apesar de já ser bastante conhecida e tratada pela historiografia da intelectualidade argentina, julgamos ser interessante abordá-la aqui, pois o próprio Córdova Iturburu fez questão de se posicionar a respeito em seu livro. Tanto Córdova Iturburu quanto Borges ressaltam que essa polêmica ganhou mais força posteriormente, quando foi ressuscitada, do que teve na época em que aconteceu⁴⁸. A alteração começa quando em *Martín Fierro* é recebida uma carta de Roberto Mariani, intelectual pertencente ao grupo de Boêdo. Nesta carta, Mariani, entre outras coisas, acusava *Martín Fierro* de admirar Leopoldo Lugones e de “adorá-lo como prosista, como versificador, como filólogo e como fascista”⁴⁹. A resposta da revista a tal acusação foi afirmar o caráter isento da publicação que não tinha nenhum pertencimento político. Córdova Iturburu, de certa forma, tenta mudar essa imagem “apolítica” da publicação, assegurando que entre os membros da revista havia sim, aqueles partidários da esquerda, o que incluía ele mesmo:

[...] la contestó en forma clara y enérgica declarando, una vez más, que “Martín Fierro” era un periódico especializado en arte y literatura en el que no se hablaba de política por los mismos motivos que no se hablaba de modas o de carreras: por razones de especialización; que en el periódico había quienes sabían agitar la bandera roja con tanto denuedo como los valientes redactores de “Extrema Izquierda” y que, con respecto a Lugones, no le interesaban las actividades suyas ajenas a la literatura aunque haciendo la salvedad, en cuanto a su fascismo, que se lo creía, sencillamente, equivocado ya que no había motivo alguno, valedero, para dudar de su sinceridad⁵⁰.

Cabe destacar aqui uma consideração feita por Romilda Motta ao tratar da escrita de si, na qual a autora chama atenção para o fator memória, destacando que ela é um trabalho de “reconstituição” e “reatualização” do vivido, pois o indivíduo passou por mudanças e seu olhar parte do presente, que é distinto daquele do período em que se viveu⁵¹. Da mesma forma, Paul Ricoeur atenta para o fato de que é na narrativa que as

y mozos de sus doblones. / En eso entró un astrolabio / y este discurso espetóle: / - ¡Qué malo es el Romancero / de don Leogoldo Lupones! / Se hundieron lo cielorrassos, / creparon los bandoneones; / el azor jugó a la taba; / Zarathustra y los mormones / trocaron el astrolabio / en un casal de sifones; / y todos: el caballero, / el ermitaño, sus leones, / los trenqueláuquens asados / y el reloj de Plaza Once, / oyeron que en su agonía / dijo el caballero a Borges: / - ¡Qué malo es el Romancero / de don Leogoldo Lupones!. Apud: CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962, p. 33-35

⁴⁸ BORGES, Jorge Luis. *Autobiografía 1899-1970*. Buenos Aires: El Ateneo, 1999.

⁴⁹ *Extrema Izquierda*, n. 7, Buenos Aires, 25 de julio de 1924. Apud. CASSONE, Florencia F. Florida en las paginas de los Pensadores. *Anuario de Filosofía Argentina y Americana*. Cuyo, v. 25-26, p. 59-122, año 2008-2009, p. 79.

⁵⁰ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962, p. 30.

⁵¹ MOTTA, Romilda C. *Práticas políticas e representações de si. Os escritos autobiográficos da mexicana Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão (Pagu)*. Tese apresentada junto ao

lembranças e a memória se articulam e, principalmente, de que a memória está situada em uma via de mão dupla: “do passado para o futuro, de trás para a frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo”⁵². Isso fica de certa forma, claro nessa colocação de Córdova Iturburu, mesmo que, na época, não tenha se pronunciado em relação ao seu posicionamento político dentro da revista, faz questão de fazê-lo décadas depois, principalmente por ser um texto que data do período após a sua passagem como militante filiado ao Partido Comunista Argentino.

Mesmo Borges diminui essa polêmica, afirmando que não passou de uma brincadeira e um truque publicitário:

[...] No me gustaba lo que representaba “Martín Fierro”: la idea francesa de que la literatura se renueva continuamente, que Adán renace todas las mañanas, y que si en París había cenáculos que promovían la publicidad y las disputas, nosotros teníamos que actualizarlos y hacer lo mismo. El resultado fue la invención de una falsa rivalidad entre Florida y Boedo. Florida representaba el centro y Boedo el proletariado. Yo hubiera preferido pertenecer al grupo de Boedo, considerando que escribía sobre el viejo Barrio Norte y los conventillos, sobre la tristeza y los ocasos. Pero uno de los dos conjurados (eran Ernesto Palacio por Florida y Roberto Mariani por Boedo) me informó que yo era un guerrero de Florida y ya no quedaba tiempo para cambiar de bando. Todo aquello estuvo amañado. Algunos escritores – por ejemplo, Roberto Arlt y Nicolás Olivari – pertenecían a los dos grupos. Actualmente algunas “universidades crédulas” toman en serio esa farsa. Pero en parte fue un truco publicitario y en parte una broma juvenil⁵³.

Há ainda uma outra vertente dessa polêmica, que envolve questões linguísticas, pois Mariani também teria acusado *Martín Fierro* de ter uma linguagem rebuscada. A revista, por sua vez, teria respondido que, apesar de complicada, sua linguagem era eficiente e atacou Boedo, chamando-a de produtora de uma “sub-literatura” voltada para “semianalfabetos”⁵⁴. Julgamos, porém, desnecessário adentrar essa questão, uma vez que tanto Borges como Córdova Iturburu diminuíram a importância desse acontecido e, no caso do primeiro, assume ter sido uma polêmica inventada com finalidade definida.

Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora. 2015, p. 57.

⁵² RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p. 107-108.

⁵³ BORGES, Jorge Luis. *Autobiografía 1899-1970*. Buenos Aires: El Ateneo, 1999, p. 90-91.

⁵⁴ Para uma análise mais aprofundada dessa questão ver: QUEIROZ, Helaine N. *O dilema cosmopolita versus nacional nas vanguardas latino-americanas: uma comparação entre a revista Martín Fierro e a Revista de Antropofagia (1924-1929)*. 2019, Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

Martín Fierro foi um movimento importante para a intelectualidade argentina e seus membros pareciam ter consciência disso. Córdova Iturburu ao escrever um livro sobre a publicação, de certa forma, sugere uma tentativa ou mesmo necessidade sua de tentar reconstruir uma memória e rever algumas das imagens como a de “apolíticos”, dos membros que participaram da publicação. Ele ressalta que, quando a revista foi produzida, os intelectuais não necessitavam de uma manifestação política mais incisiva, devido à bonança em que vivia o país:

La neutralidad de “Martín Fierro” no fue, la consecuencia de una supuesta insensibilidad política de sus participantes. Es la consecuencia de una realidad social, política y económica que no presenta, sencillamente, problemas angustiosos, de solución apremiante, como los que cercaron, en el país, a las generaciones jóvenes de 1810 o 1837, o bloquean, en Europa, a las generaciones de la posguerra mundial. Cuando muy poco tiempo después de desaparecido el periódico, la crisis económica de 1928 agudiza los problemas del mundo y, por consiguiente, los argentinos, y modifica – en un sentido ya dramático en muchos aspectos – el panorama del país, imponiéndole la irreductible disyuntiva de optar entre las normas democráticas de la libertad y la justicia y una oscura voluntad de regresión, casi no hay artista, poeta o escritor de la generación de “Martín Fierro” que no se defina de manera categórica y no asuma sus responsabilidades públicas con la misma pasión y el mismo espíritu de lucha que encendió, en sus años mozos, aquel ardor con que se batalló por la dignidad de las artes y de la poesía⁵⁵.

2.3 As revistas *Argentina* e *Unidad* e o antifascismo de Córdova Iturburu.

Em novembro de 1930, Cayetano Córdova Iturburu lançou *Argentina*, periódico de arte e crítica que seguia uma linha parecida com a de *Martín Fierro*, mas, de certa forma, menos ousada. A publicação contou com apenas três números, sendo que durou sete meses o tempo de publicação entre o primeiro e o segundo, publicado em junho de 1931. O terceiro número saiu já em agosto do mesmo ano⁵⁶. A revista, apesar de disponibilizar assinaturas, não obteve o sucesso de outras publicações e encerrou suas atividades. Compõem o primeiro número, o texto de abertura assinado por Pondal Rios e uma pintura de Emilio Pettoruti, pintor pelo qual Córdova Iturburu nutria grande admiração. Na sequência apresenta texto de Córdova Iturburu comentando sobre a arte

⁵⁵ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962, p. 38-39.

⁵⁶ O periódico tinha uma estrutura simples e contava com oito páginas por publicação, que eram contadas em sequência entre os números.

de esculpir de Antonio Sibellino e também textos de Roberto Arlt, Elias Petit de Murat, María Rosa Oliver, Raúl González Tuñón, dentre outros⁵⁷.

A exemplo do que aconteceu em *Martín Fierro*, *Argentina* também foi acusada de adotar certa postura que, para alguns escritores da época, não condizia com a função que tais publicações deveriam desempenhar. Esse é o caso de Elias Castelnuovo que escreveu uma crítica dizendo que a publicação não tratava de nenhum dos interesses da nova geração: “‘Es curioso – dice – comprobar lo que en esa revista pasa. Ninguno habla de religión. Ninguno habla de teosofía. Nadie se acuerda siquiera de Jesus cristo. O de la política que es una de las cuestiones más candentes del momento’”⁵⁸. Córdova Iturburu atribuiu esse “assombro” de seu crítico à sua militância política de esquerda, o que seria, segundo ele, “desgraçadamente” comum entre os seguidores dessa corrente político-ideológica. Utilizando-se de argumentação semelhante à usada por *Martín Fierro*, Córdova Iturburu afirma:

No hablamos, es cierto, de bolcheviquismo o socialismo. Ni de teosofía. Ni de política. Y no lo hacemos porque nuestro periódico es un periódico de arte. Eso queremos que sea. Y nada más. Obrando así estamos seguros de no eludir los deberes de nuestra generación y de ser útiles a nuestro país y al mundo. [...] En un país como el nuestro dónde el abogado inmoral oficia de juez en literatura y el político y el estanciero audaces escriben libros o pintan cuadros en diez minutos de aburrimiento mortal, queremos ser solamente artistas, hombres consagrados exclusivamente a una actividad, inaugurar entre nosotros la era de las especializaciones porque sabemos que es la especialización lo que ha edificado la cultura. [...] Creemos además, que el arte no puede ser vehículo de doctrinas sino que tiene su finalidad en sí mismo y que sus beneficios sociales se producen por virtud de presencia⁵⁹.

O autor acreditava na existência de uma arte pura e na sua função social e, apesar de ter consciência de que a Argentina passava por um momento político tenso no período, ele não via a questão da arte como menor ou menos importante. Dentro da perspectiva marxista, essa concepção de Córdova Iturburu era tida como equivocada. Como evidencia Richard Johnson, os “processos culturais estão intimamente vinculados com as relações e as formações de classe”, que a “cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais, para definir e satisfazer suas necessidades” e, principalmente, a “cultura não é um campo autônomo nem

⁵⁷ *Argentina*, Buenos Aires, año 1, n. 1, noviembre de 1930.

⁵⁸ Córdova Iturburu. Artentina y nuestra generación. *Argentina*, Buenos Aires, año 1, n. 2, junio de 1931, p. 9.

⁵⁹ Córdova Iturburu. Artentina y nuestra generación. *Argentina*, Buenos Aires, año 1, n. 2, junio de 1931, p. 9.

externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais”⁶⁰. No decorrer da década de 1930, a concepção de arte pela arte foi cada vez mais perdendo espaço, sobretudo pelo radicalismo da época, que exigia uma tomada de posição dos indivíduos. Nesse sentido, Walter Benjamin afirmou que era necessário que escritores apoiassem a causa dos trabalhadores numa perspectiva comunista, e não apenas ajudassem a enfraquecer a burguesia por dentro (uma vez que esses escritores pertenciam à classe burguesa), mas que também lutassem ao lado dos proletariados contra essa burguesia⁶¹.

Apesar dessa manifestação em prol de uma arte “apolítica”, Córdova Iturburu chegou a marcar sua posição antifascista já nesse período, quando, no terceiro e último número de seu periódico, teceu uma crítica pesada à Leopoldo Lugones que na época estava apoiando abertamente o fascismo na Argentina com seu livro *Política revolucionaria*. O autor ressalta que, mesmo Lugones estando entre os nomes mais importantes da poesia argentina, sua paixão exarcebada pela pátria e pela nação fazia dele uma ameaça para o país. Assim, Córdova Iturburu ataca Lugones afirmando que:

Lugones es un renegado del espíritu y de la inteligencia. Ha derribado de sus altares los dioses que presidieron sus mejores horas y sus inspiraciones más nobles para instaurar en ellos el culto de las armas, el bárbaro culto de la fuerza que exige, como todos los cultos primitivos, sacrificios humanos. [...] Y no asegure que en las armas reside la única esperanza de ennoblecimiento de nuestra vida cívica. No son las bayonetas las que dignificarán nuestra política sino la incorporación en sus luchas de ideas y sentimientos de justicia social. La violencia y la represión sólo engendran el odio. ¿Adónde puede, entonces conducir esa filosofía de la fuerza? ¿No ha pesado D. Leopoldo Lugones en lo que significaría para la Patria la fructificación de sus ideas en las que parece proclamarse la necesidad de que los argentinos se arrojen contra los argentinos?⁶²

A primeira metade da década de 1930 foi marco de mudanças na trajetória de Córdova Iturburu. O escritor, que até então tecia críticas à esquerda quando era acusado de ter postura “apolítica”, passou a, cada vez mais, manifestar opiniões antifascistas e se aproximar da ideologia comunista. Em 1933 participou da revista *Contra: la revista de los francotiradores*, encabeçada por Raúl González Tuñón, dando mais força à sua politização. Já no primeiro número datado de abril de 1933, Córdova Iturburu discute a

⁶⁰ JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: Ibidem; ECOSTEGUY, Ana C.; SCHULMAN, Norma. *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 07-131, 2006, p. 13.

⁶¹ BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: IBIDEM. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*, Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, 120-136.

⁶² CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. “Política Revolucionaria” de Leopoldo Lugones. *Argentina*, Buenos Aires: año 1, n. 3, agosto de 1931, p. 18.

relação entre literatura e propaganda. Ele começa criticando a concepção que, parte dos escritores, que ele chama de “revolucionários”, tinham a respeito da incompatibilidade da arte com a propaganda ideológica. Algo que ele mesmo assume já ter defendido, por entender que uma doutrina impõe limitações à produção artística. Porém, indicando uma mudança na maneira como via e entendia a arte, o autor defende que essa relação é possível, citando exemplos de usos da literatura pela Igreja Católica para divulgar seu dogma⁶³. Ele também acreditava que essa concepção de incompatibilidade entre arte e política passava pela formação dada sobre o tema, que na maioria das vezes, era de vertente burguesa, mas aquele período mostrava que as aspirações revolucionárias⁶⁴ eram a “medula” da produção artística⁶⁵. Por fim, o autor atribui uma função bastante importante à literatura que é a de contar as histórias de luta, sofrimento e libertação de povos e raças que sofreram no decorrer da história; de enaltecer “suas virtudes e aspirações coletivas” e também as suas dores e esperanças⁶⁶.

Em maio de 1933, no segundo número da revista de González Tuñón, Córdoba Iturburu publicou o texto *Los ojos cerrados*, tratando de um episódio de censura ocorrido em Córdoba, onde um filme sobre a Rússia teve a exibição proibida. Em seus comentários, o escritor ataca a burguesia argentina que, segundo ele, fechava os olhos para a realidade e abraçava o fascismo como última esperança capitalista⁶⁷. Já o terceiro número de julho do mesmo ano, traz o texto *Los jóvenes y la revolución*, no qual o autor trata da popularização do ideal revolucionário entre os jovens, não apenas aqueles partidários da extrema esquerda ou da extrema direita, mas também entre os de posições políticas mais moderadas e mesmo dentre os mais espiritualizados⁶⁸. Nesse sentido, ele afirmava que coincidem os interesses entre esses jovens de diferentes filiações ideológicas, pois todos eles compreendiam que a

⁶³ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Literatura y propaganda. *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires: año 1, n. 1, abril de 1933, p. 5.

⁶⁴ Além de toda tradição de uma arte proletária criada na União Soviética, sobretudo pelo *proletkult*, a virada da década de 1920 para 1930 foi marcada pelo fortalecimento do *realismo socialista*, isto é, vertente que via na arte um papel didático e central para a difusão dos valores socialistas entre as massas. Para um balanço e discussão mais aprofundada entre *proletkult* e *realismo socialista* ver: NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. *Temáticas*, Campinas, n. 37-38, p. 25-56, jan./dez., 2011.

⁶⁵ NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. *Temáticas*, Campinas, n. 37-38, p. 25-56, jan./dez., 2011.

⁶⁶ NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. *Temáticas*, Campinas, n. 37-38, p. 25-56, jan./dez., 2011.

⁶⁷ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Los ojos cerrados. *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires: año 1, n. 2, mayo de 1933, p. 4.

⁶⁸ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Los jóvenes y la revolución. *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 3, julio de 1933, p. 3.

[...] Revolución, lejos de ser un fantasma temible, es la única esperanza de salvación del mundo, la única posibilidad de barrer de la superficie del globo la podredumbre moral, política y social y el bajo materialismo de mercaderes en qué consisten, en suma, la organización y el esqueleto de la sociedad burguesa. Para los jóvenes, sin distinción de matices políticos o ideológicos, los problemas del mundo no tienen en la actualidad otra solución, por lo menos en el terreno teórico, que la Revolución. La Democracia y el capitalismo, la moral y la libertad burguesas han caducado. Sus instituciones responden a necesidades desaparecidas. Las nuevas necesidades exigen un orden nuevo⁶⁹.

O quarto número, penúltimo da publicação foi também o último em que Córdova Iturburu colaborou com um texto. Trata-se de uma réplica à resposta dada por Jorge Luis Borges à pergunta: “A arte deve estar a serviço do problema social?”. Borges respondeu discordando e disse que: “Es una insípida y notoria verdad que el arte no debe estar al servicio de la política. Hablar de arte social es como hablar de geometría vegetariana o de artillería liberal o de repostería endecasílaba”⁷⁰. Córdova Iturburu não se conformou com essa resposta de Borges, afirmando que ela não respondia de fato à pergunta, mas que se tratava de um humorismo fácil, que visava diminuir o problema e, por isso, não deveria ter sido nem publicada⁷¹. O autor finaliza reiterando a necessidade de tomada de posição que aqueles tempos exigiam, inclusive do artista. Segundo ele, naquele momento a “necesidad de tomar partido es inevitable. Se está con la Revolución o se está contra ella. El arte-purismo es una de las formas de la rección, del espíritu contrarrevolucionario”⁷². Tais palavras, assim como as demais publicações do autor em *Contra*, demonstram a guinada política à esquerda que o autor tomou, apresentando uma postura distinta daquela adotada nos anos de *Martín Fierro*, onde fora companheiro de Borges. Em 1934 o escritor filia-se ao Partido Comunista Argentino, confirmando assim sua posição não apenas como simpatizante, mas como militante do comunismo.

Como foi apresentado na primeira parte deste capítulo, em 1935 Cayetano Córdova Iturburu juntou-se à *Associação de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores* fundada por Aníbal Ponce, onde ocupou cargos importantes como a vice-direção e a secretaria geral da associação. No que toca à produção crítica e textual divulgada no periódico da associação, *Unidad por la defensa de la cultura*, o autor foi

⁶⁹ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Los jóvenes y la revolución. *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 3, julio de 1933, p. 3.

⁷⁰ BORGES, Jorge Luis. Arte, arte puro, arte propaganda... *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 3, julio de 1933, p. 13.

⁷¹ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Arte, arte puro, arte propaganda... *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 4, agosto de 1933, p. 12.

⁷² CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Arte, arte puro, arte propaganda... *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 4, agosto de 1933, p. 12.

bastante ativo, publicando seis textos entre os oito números que a publicação possuiu. Metade desses textos são referentes à Guerra Civil Espanhola, que iremos tratar no próximo capítulo. Assim, trataremos agora apenas da outra metade, que possui temáticas distintas uma das outras, mas que servem de indicadores da visão política do autor e também da maneira como ele via o papel dos intelectuais dentro da luta antifascista.

O primeiro número da publicação, datado de janeiro de 1936, traz um texto de Córdova Iturburu que dialoga bastante com a sua resposta a Borges, tratada anteriormente. Torna-se necessário, antes de mais nada, ressaltar que a compreensão da arte como uma espécie de instrumento político em potencial era, nesse momento, um ponto chave para a compreensão do engajamento político e antifascista do escritor. Partindo-se da afirmativa feita por François Sirinelli, de que o plano em que agem os intelectuais “é, em essência, o domínio do metapolítico (os confrontos ideológicos) mais que do político (as disputas eleitorais, sobretudo)”⁷³, é seguro afirmar que o escritor via, na arte e nos artistas, a função fundamental de combater a ideologia fascista.

Assim, o escritor comenta sobre o 1º Salão da AIAPE, ocorrido entre os dias 24 de outubro e 5 de novembro de 1935, em seu texto *Hacia una plástica revolucionaria*. Segundo Ângela Meirelles de Oliveira, o Salão firmava uma retórica contra o barbarismo fascista e também reforçava o ideal de uma arte proletária⁷⁴. O que fica claro nas palavras de Córdova Iturburu, que criticou as obras do impressionismo e do cubismo, que, para ele, eram estilos que simbolizavam a ascensão do capitalismo imperialista e também a concentração de riquezas nas mãos de poucos⁷⁵. Dessa maneira, o escritor destaca que, no Salão da AIAPE, apresentou obras de artistas que estavam no “caminho correto” para o desenvolvimento de uma arte revolucionária, isto é, “uma arte em condições de afrontar um novo conteúdo e a expressão nova que esse conteúdo a impunha”⁷⁶. Conclui dizendo que faltava para esses artistas apenas “libertase de la visión extranjera que aún enturbie muchos ojos, ver con ojos nuestros la realidad nuestra, sentir como artistas este espectáculo de una sociedad pujante que nace de las ruinas de una decadencia y adquirir

⁷³ SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e FGV, 1996, p. 261.

⁷⁴ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015, p. 92-93.

⁷⁵ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *Hacia una plástica revolucionaria*. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires: año 1, n. 1, enero de 1936, p. 13.

⁷⁶ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *Hacia una plástica revolucionaria*. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires: año 1, n. 1, enero de 1936, p. 13.

el idioma técnico adecuado”⁷⁷. O que estas palavras sugerem é que o Córdova Iturburu almejava que esses artistas criassem uma arte que fosse a expressão de sua latino-americanidade.

Em seu segundo texto, Córdova Iturburu comenta sobre uma greve ocorrida no início de novembro de 1935 em Buenos Aires. Nele, o escritor relata que o movimento levou cerca de 300 mil trabalhadores às ruas, sofreu forte opressão policial e destaca a resistência quase heroica dos trabalhadores que, segundo o autor, não tinham nada além dos próprios punhos para se defender e, assim, faziam frente às armas sem nenhuma proteção⁷⁸. Para além de descrições que são comuns à boa parte de manifestações e greves ainda hoje, é possível notar uma postura anti-imperialista e também o uso retórico de uma imagem do apoio popular à causa dos trabalhadores. O escritor ressalta que “El pueblo Buenos Aires acompañó desde el primer momento a los trabajadores de la construcción en guerra con sus exploradores extranjeros”⁷⁹. Além de destacar a força do antifascismo, que estaria cada vez mais perceptível com o uso de gestos simbólicos, como o punho cerrado e erguido entre os trabalhadores e apoiadores do movimento.

O terceiro artigo tem por temática o que o autor chamou de “revolução paraguaia”, referindo-se ao movimento político ocorrido em 17 de fevereiro no país que ficou conhecido como *revolución febrerista*. Segundo Paul H. Lewis, esse foi um movimento que começou após a Guerra do Chaco Boreal, com uma reação contra a corrupção do Partido Liberal, que adotava medidas brandas com relação às invasões bolivianas, também por ter falhado em promover um progresso econômico real⁸⁰. Já Michael Schmidt, afirma que esse movimento consistiu em um golpe de grupos marxistas que se converteram em fascistas e, por isso, “lançou as bases para a ditadura pró-nazista de Higinio Morínigo em 1940”⁸¹. O artigo de Córdova Iturburu atentou exatamente para essa última afirmativa, ressaltando que a revolução estava perdida e que “contra revolución, una contrarrevolución de tipo fascista o fascizante, ha copado el movimiento por la cabeza escamoteando a las masas su impulso so hacía la libertación”⁸². O escritor

⁷⁷ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Hacia una plástica revolucionaria. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires: año 1, n. 1, enero de 1936, p. 13.

⁷⁸ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. El pueblo en la calle. *Unidad: por la defensa de la cultura*, Buenos Aires: año 1, n. 2, febrero de 1936, p. 20.

⁷⁹ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. El pueblo en la calle. *Unidad: por la defensa de la cultura*, Buenos Aires: año 1, n. 2, febrero de 1936, p. 20.

⁸⁰ LEWIS, Paul H. Leadership and conflict within the Febrerista Party of Paraguay. *Journal of Inter-American Studies*, vol. 9, n. 2, p. 283-295, apr. 1967.

⁸¹ SCHMIDT, Michael. *Cartography of revolutionary anarchism*. California: AK Press, 2013, p. 55.

⁸² CORDOVA ITURBURU, Cayetano. La revolución paraguaya amenazada. *Unidad: por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 3, p. 10-11, abril de 1936, p. 10.

percorreu os acontecimentos do evento e concluiu que, para “salvar a revolução paraguaia”, era necessário dar apoio ao Partido Nacional Revolucionário, pois ele seria “o único capaz de mobilizar as massas democráticas e as forças de esquerda”⁸³. O que não se realizou.

A AIAPE também pediu ao escritor para representá-la em um ato de desagravo a “Bunge, a Peco, a Sanchez Viamonte, a Castelnuevo y a Portugal y de manifestar, públicamente, nuestro respeto y nuestra adhesión sin reservas a su limpia ejecutoria vital de hombres libres y honrados”⁸⁴. Ao que tudo indica, esses intelectuais haviam sofrido processos por expressarem suas opiniões. O discurso de Córdova Iturburu é revelador de sua insatisfação com o governo de Agustín P. Justo, que ele define como uma “ditadura” devido o caráter autoritário apresentado:

No voy a analizar a fondo el problema político-social que plante a la realidad en que nos movemos con tantas dificultades crecientes. Ni voy a caracterizar esta tragi-grotesca farsa republicana que quiere conducirnos a una caída de telón sobre rojos resplandores de revuelta. Lo visible para todos es que asistimos a una grave ofensiva contra los derechos y las libertades, ofensiva que aspira a la legalización definitiva de un enrarecido régimen de dictadura. Lo demuestran estos atentados contra el derecho de enseñar, contra el derecho de pensar y de crear, contra el derecho humilde y sin ambiciones de vivir. Lo demuestra el desenfado incalificable, incommensurable, de tantos atropellos ante cuya reiteración se han descolorido de fatiga todas las palabras de nuestro vocabulario. Lo demuestra esa inquietante movilización de asambleas y ese levantarse de tribunas siniestras desde donde alzan su voz la ignorancia, la mala fe y la insolencia increíblemente envalentonada ante la debilidad de nuestras líneas. Por este momento. En mi carácter de representante de una organización en que tienen cabida hombres de todos los partidos unidos por un solo propósito: el de oponerse a la reacción, puedo decirlo. Si mañana, mañana nomás, como todo viene anunciándolo, la abolición de las últimas formas legales se consagra y la dictadura nos señala a nosotros el camino de la cárcel o del destierro y descarga sobre las organizaciones obreras el peso de la represión fascista, quienes – preguntó yo – quienes podrán decir, honradamente, “hemos hecho todo lo que pudimos para impedirlos”⁸⁵

Percorrer tais publicações mostra-se revelador da politização pela qual passou o escritor na primeira metade dos anos trinta. Córdova Iturburu que até então era um crítico dos intelectuais que argumentavam que a arte deveria ser politizada e mesmo servir a fins

⁸³ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. La revolución paraguaya amenazada. *Unidad: por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 3, p. 10-11, abril de 1936, p. 11.

⁸⁴ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. [Pedido de la AIAPE a Córdova Iturburu], *CeDinCI*, Artículos y otros sobre literatura, carpeta 1, n. 583, junho de 1935.

⁸⁵ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. [Pedido de la AIAPE a Córdova Iturburu], *CeDinCI*, Artículos y otros sobre literatura, carpeta 1, n. 583, junho de 1935.

políticos, sobretudo aqueles considerados de esquerda, passa ele mesmo a defender tal compreensão, vindo a se filiar ao Partido Comunista Argentino. Essa guinada política à esquerda é interessante, pois mostra como muitos intelectuais do período não tiveram uma trajetória regular, nem mesmo linear. E esses desvios e mudanças de perspectivas são igualmente reveladores das complexidades do processo de engajamento.

Essa transformação é notada em um texto escrito para *Critério* em 1936, onde o autor critica abertamente o escritor católico Manuel Galvez, que na época ocupava o cargo de presidente do *Pen Club* e era membro da *Academia Argentina de Letras*. Segundo Galvez, a esquerda argentina representava uma ameaça catastrófica ao país e acreditava que nenhum outro país estava mais próximo de viver uma revolução social do que a Argentina⁸⁶. Córdova Iturburu critica a postura de Galvez que, segundo ele, não condizia com o que pregava a doutrina cristã nem o catolicismo. Ressalta também que o escritor católico não compreendia o que as esquerdas defendiam, afirmando que as “fuerzas de la izquierda no aspiran, como el novelista católico quiere hacerlo creer, a disolver la sociedad y hundir al hombre en la desventura”, mas, por outro lado, galgavam “establecer en el mundo una sociedad en la que impere una mayor justicia, en la que el gruto del trabajo de los hombres sirva para subvenir a las necesidades de de todos y a no para cimentar el poderío y autorizar el ocio y la opulencia de unos pocos”⁸⁷. Essa afirmação mostra não apenas a forma como o autor interpretava o papel político das esquerdas, mas também reforça o que vínhamos destacando da mudança em relação à sua postura política, que se mostra cada vez mais afirmativo das ideologias de esquerda.

2.4 A cultura intelectual de Cayetano Córdova Iturburu.

Cayetano Córdova Iturburu, a exemplo de José Bergamín e boa parte dos intelectuais do seu tempo, atuou em diversas funções no âmbito das letras, tais como jornalista, poeta, crítico, professor, etc., estando submerso dentro de uma espécie de *cultura intelectual*. Esse conceito de cultura intelectual foi utilizado por Thiago Lenine Tito Tolentino para, através da trajetória de Tristão de Atayde, pensar “a dinâmica dos

⁸⁶ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. La doctrina mercantil de la limosna. El deber de las clases ricas según un escritor católico. *CeDinCI*, Artículos y otros sobre literatura, carpeta 1, n. 593, 1936.

⁸⁷ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. La doctrina mercantil de la limosna. El deber de las clases ricas según un escritor católico. *CeDinCI*, Artículos y otros sobre literatura, carpeta 1, n. 593, 1936.

significados, valores, ideias, interpretações, imagens, etc., que circulavam num campo simbólico”⁸⁸ durante a década de 1920. , segundo o autor:

O conceito de *cultura intelectual* propõe uma visão da produção cultural em um período determinado para além das matrizes disciplinares. Ou seja, não se trata de uma história da literatura, das ideias, do pensamento social, da arte, do urbanismo, da publicidade, da charge, econômica, social, etc. Nem, muito menos, uma história de tudo isso ao mesmo tempo. Talvez, tal conceito [...] procure retornar à frase de Marc Bloch e focar nestes “homens no tempo”, mais precisamente, na *vida* destes homens no tempo⁸⁹.

Compreendemos, dessa forma, que esse é um conceito que procura, entre outras coisas, abarcar as relações intelectuais, apresentando grande maleabilidade. Partindo-se da premissa de que “o escritor é a consciência lucida do seu tempo”, como afirma Córdova Iturburu na passagem que compõe a epígrafe deste capítulo, percorrer essas distintas atuações, pode ser bastante elucidativo, não apenas sobre o autor, mas também das leituras do seu próprio tempo.

Apesar de ter atuado mais como crítico de artes plásticas, Cayetano Córdova Iturburu também chegou a escrever algumas poucas críticas literárias. Dentre as quais, destacamos a escrita para a revista *Orientación*, onde o autor fala sobre o livro *Tierra de España* do escritor estadunidense John Dos Passos, publicado pela *Ediciones Iman* na Argentina em 1938. O crítico começa contextualizando o leitor sobre o seu desconhecimento da obra do escritor norte-americano, mas, por outro lado, diz ter lido inúmeras críticas feitas aos seus livros mais famosos. Em seguida, dispara comentários bastante mordazes contra o livro de Dos Passos, classificando-o como um livro “desilusionante” e não o aconselhando a ninguém que queira iniciar a leitura da obra desse autor ou conhecer algo sobre a Espanha⁹⁰. Córdova Iturburu ainda reforça: “no creo posible – para un escritor – pasar por España y recoger un testimonio más inconsistente, frívolo y superficial. ‘Tierra de España’ es el libro de un turista. Ni siquiera el de un medíocre corresponsal”⁹¹. Essas críticas duras se justificam, em parte, pelo impacto que a Guerra Civil Espanhola gerou nele, algo que iremos abordar no próximo capítulo.

⁸⁸ TOLENTINO, Thiago, L. T. *Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*, Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG para a obtenção do título de doutorado. 2016, p. 9.

⁸⁹ TOLENTINO, Thiago, L. T. *Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*, Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG para a obtenção do título de doutorado. 2016, p. 42.

⁹⁰ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Un libro por semana: John Dos Passos: Tierra de España. *CeDinCI*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, 1938.

⁹¹ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Un libro por semana: John Dos Passos: Tierra de España. *CeDinCI*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, 1938.

As críticas pesadas feitas pelo autor receberam modificações e algumas passagens foram suprimidas do texto, o que o levou a escrever para o diretor da publicação comentando a respeito. Ele relata a mudança em uma das frases de seu texto que deu a ela sentido diferente do original. Segundo o autor a frase “¿puede darse una confesión más reveladora del carácter caótico de aquella república?”, na verdade, foi algo escrito em alusão a insurreição ocorrida em Barcelona em maio de 1937, dessa forma, a frase original era “¿puede darse una confesión más reveladora del carácter caótico de aquella insurrección contra la república?”⁹². Como fica claro, existe de fato uma mudança grande de sentido. Já as frases totalmente suprimidas trazem uma crítica dura ao livro de Dos Passos:

Al final, todavía, se han suprimido totalmente las dos frases con que remato el suelto y que dicen así: “nada de eso está en este libro frío y negativo. Nada de eso ha logrado romper la coraza de insensibilidad e incomprensión de un escritor cada vez más alejado de las preocupaciones y los sentimientos de las grandes masas”⁹³.

O escritor não cobrou nenhuma correção, porém, o fato de ter escrito uma carta relatando tais equívocos, indica que esperava que uma errata ou mesmo a própria carta dirigida ao editor fosse publicada.

Córdova Iturburu também era dotado de uma espécie de *consciência histórica*, que, segundo Jörn Rüsen, pode ser “descrita como una realidad elemental y general de la explicación humana del mundo y de sí mismo”⁹⁴. Em outras palavras, a “consciência histórica representa o passado em um inter-relacionamento mais explícito com o presente, guiado por conceitos de mudança temporal e por reivindicações de verdade”⁹⁵. Ainda, segundo o historiador alemão, essa *consciência histórica* estaria a um passo do que ele chama de uma *cultura histórica*, isto é, a percepção (ou parte dela) da “interpretação, da orientação e do estabelecimento de uma finalidade, que toma o tempo como fator determinante da vida humana”⁹⁶. Dessa maneira, a *cultura histórica* também seria, a exemplo de outros tipos de cultura, multidimensional. “Ela tem expressões morais,

⁹² CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Un libro por semana: John Dos Passos: Tierra de España. *CeDinCI*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, 1938.

⁹³ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Un libro por semana: John Dos Passos: Tierra de España. *CeDinCI*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, 1938.

⁹⁴ RÜSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. Traducción de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf consultado em 05/09/2019. p. 4.

⁹⁵ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, março de 2009, p. 4.

⁹⁶ RÜSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. Traducción de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf consultado em 05/09/2019, p. 6.

pedagógicas, políticas e retóricas; sua substância cognitiva é sempre o conhecimento do *como realmente aconteceu*”⁹⁷. Trata-se, então, de uma categoria que aborda as disputas pela “verdade histórica”, que, no caso do escritor argentino, é mobilizada principalmente na sua dimensão política e diretamente ligada às relações de poder. Para Rüsen a consciência histórica seria responsável pela criação de “concepções de identidade dos atores políticos nas construções e concepções do eu e do nós, através de narrativas mestras que respondem à questão da identidade”, uma vez que “não há ordem política que não requeira legitimação histórica”⁹⁸.

Partindo-se dessa concepção para uma análise do livro *Cuatro perfiles y otras notas*, é possível notar como Córdova Iturburu elegeu algumas figuras importantes ligadas ao movimento antifascista para, de certa forma, enaltecer essa causa e mesmo demarcar bem o seu lado na história. Os quatro perfis elegidos pelo autor são: Lisandro De la Torre, político argentino; Antonio Machado, escritor e poeta espanhol; Aníbal Ponce, psicólogo e militante da causa antifascista e o escritor antifascista francês Henri Barbusse. Ele escreve em um breve prólogo onde expressa a intenção de que esses textos possam ajudar na construção de um futuro melhor:

Los trabajos reunidos en este pequeño volumen – cuyo tono oratorio se explica en razón del destino para el cual fueron concebidos casi todos – son actos de fe más que piezas literarias bordadas al margen de la actualidad. Fueron preparados sobre la marcha, apenas escritos, bajo la urgencia nerviosa de los acontecimientos, sin tiempo para correcciones formales o de fondo, premiosamente, no como testimonios de lento espectador que contempla sino como afirmaciones de actor apasionado que participa. Cada una de las palabras escritas por mí en estos últimos años aspira a gravitar en la opinión de mis conciudadanos del país, o del mundo, si queréis; aspira a contribuir, en la limitada medida de mis medios y de mi voz, a la formación de una conciencia de unidad y de lucha que ayude a los hombres a organizarse para marchar juntos, por caminos de libertad, hacia el mejor destino que los hombres merecen⁹⁹.

Essa passagem também mostra que o escritor tinha consciência ou, pelo menos, a pretensão de exercer um papel de ordem ideológica no que diz respeito à conscientização e organização de uma luta de classes.

⁹⁷ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, março de 2009, p. 172.

⁹⁸ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, março de 2009, p. 172.

⁹⁹ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941, p. 7-8.

Os textos sobre os quatro autores, com exceção de Barbusse, foram discursos pronunciados por Córdova Iturburu em eventos relacionados à AIAPE, o que, por si só, já atribui a eles um forte apelo político da causa antifascista. O texto sobre Lisandro De la Torre foi pronunciado em um evento em sua homenagem em março de 1939. Dele, que faleceu em janeiro deste mesmo ano, o autor destaca a atuação como alguém que lutou no congresso pelos interesses do povo argentino, que sofria com o crescimento da desigualdade causada pelo imperialismo inglês que, por sua vez, tinha o apoio do governo de Agustín Justo. O escritor argentino também coloca o congressista como um seguidor do liberalismo democrático e do progressismo. O tom elogioso do texto, típico de discursos voltados para homenagens, sobretudo daqueles que já morreram, não apenas busca honrar a memória de De la Torre, mas também transformá-lo em um dos representantes simbólicos do antifascismo. Algo que será comum a todos os outros três nomes aos quais o livro se dedica.

O texto sobre Antonio Machado, falecido em fevereiro de 1939, enfatiza a atuação do poeta na causa antifascista durante a Guerra Civil Espanhola, ressaltando o caráter popular do escritor que, assim como muitos outros no período, dizia estar junto dos interesses do povo. Isso iremos explorar melhor no próximo capítulo. Para Córdova Iturburu, Antonio Machado era:

republicano ardiente, no es una floja voluntad arrastrada en el turbión de sangre y fuego que polarizó las vidas españolas. Antonio Machado es, desde que abre los ojos a la realidad del mundo, una clara conciencia democrática, un corazón solidario con la eterna causa de la libertad y de la justicia para los pueblos¹⁰⁰.

O discurso sobre Aníbal Ponce apresenta um tom mais pessoal por se tratar de um dos fundadores da AIAPE. O autor ressalta a importância de Ponce, devido à sua maior experiência em “controlar” os ímpetus dos mais jovens. O escritor também ressalta a forma como Ponce via o papel dos intelectuais:

La inteligencia – él lo sentía – es una fuerza revolucionaria. Comprendía, por eso, que la sociedad mercantil edificada sobre la injusticia y sostenida por el error, temiera a la inteligencia y descargara sobre ella su voluntad brutal de aplastamiento. Comprendía la hoguera que amenazó a Galileo y que vuelve a encenderse sobre libros en las plazas de Alemania y de la España de Franco. No ignoraba cual es el camino de las cátedras y de los honores, del bienestar y de las palmas académicas. Pero prefirió el duro camino de los que sienten sus ideas “como a la sangre en las arterias”. El duro camino florido de esperanzas

¹⁰⁰ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941, p. 41-42.

y de certidumbres por dónde van los que consagran sus vidas a lo mejor de ellos mismos¹⁰¹.

Ponce teve papel central e inquestionável para o movimento antifascista argentino, porém, como destacamos anteriormente, Córdova Iturburu parece tentar fazer dele (e também dos outros retratados no livro) um tipo ideal (ou idealizado) de intelectual antifascista.

O último nome trabalhado pelo escritor argentino é o de Henri Barbusse, que é, talvez, um dos mais importantes nomes para o movimento antifascista, sendo influência direta de Aníbal Ponce que, após ter tido contato com ele em Paris, volta à Argentina e funda a AIAPE¹⁰². Para Córdova Iturburu, Barbusse leu bem o seu tempo e entendeu que aquele era um período de luta pela emancipação e liberdade¹⁰³. Isso fez dele, segundo o escritor argentino, um dos primeiros intelectuais de renome internacional a colocar “sua arte, prestígio e suas forças a serviço da classe trabalhadora”¹⁰⁴. O autor não poupa elogios ao escritor francês dizendo que ele pertencia à “essa classe de escritores cálidos, ardentes, cuja pluma move a emoção e a paixão, cujas ideias fluem de um venero generoso de simpatia pelos homens, de amor pelos humildes, de viril e indomável vontade de justiça”¹⁰⁵. Enfim, o escritor reconhece o papel fundamental de Barbusse para a organização e expansão dos movimentos antifascistas:

Henri Barbusse fue un obrero infatigable de la organización de las falanges revolucionarias de intelectuales. La fuerza y la vastedad del movimiento mundial de los intelectuales antifascistas y anti guerreros es, en considerable medida, una consecuencia de su acción, de su prédica y de su ejemplo. Su obra de dignificación social, política y humana del intelectual, comenzada con los amargos reproches y las denuncias valerosas de “El fuego”, acentuada con el programa difuso pero esperanzado y generoso del grupo “Claridad”, y reafirmada, luego, en las páginas de “Monde” y mediante la organización del “Comité Mundial contra la Guerra y el Fascismo” y la “Asociación Internacional de Escritores Para la Defensa de la Cultura”, es una militancia ardiente y disciplinada que tiende sus arcos de energía hacia la estructuración de un vasto frente internacional de la inteligencia destinado a cerrar al

¹⁰¹ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941, p. 65-66.

¹⁰² OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: 2015.

¹⁰³ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941, p.71.

¹⁰⁴ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941, p. 72.

¹⁰⁵ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941, p. 74-75.

fascismo el acceso a una sombría y humillante dominación del mundo¹⁰⁶.

Córdova Iturburu, de certa forma, tenta conceder a esses atores políticos a redenção de seu passado, isto é, certa reparação de um reconhecimento que o escritor julgou que eles mereciam. Por outro lado, havia o perigo fascista que, como afirma acertadamente Michael Löwy, “representa, para os oprimidos, o perigo supremo, o maior a que já foram expostos na história: a segunda morte das vítimas do passado e o massacre de todos os adversários do regime”¹⁰⁷. Löwy atenta justamente para a falsificação do passado e também para o possível “apagamento” da história, prática comum aos regimes autoritários. Dessa maneira, esses escritos também ganham um peso simbólico importante dentro da causa antifascista e demonstram uma outra dimensão na qual essa disputa ocorreu.

A *cultura histórica* de Cayetano Córdova Iturburu manifesta-se também e, talvez de uma maneira ainda mais estrita, em outro livro publicado no mesmo ano de 1941, chamado *La civilización azteca*. Como o título sugere, esse é um livro de pretensões historiográficas. A primeira edição curiosamente não vinha assinada pelo escritor, mas sim com o nome de seu filho, Fernando Córdova, como uma homenagem¹⁰⁸. O livro foi um grande sucesso de vendas, vindo a se esgotar. Uma segunda edição, publicada em 1944, trazia o nome do próprio autor. A obra é baseada nos estudos do historiador norte-americano William Hickling Prescott¹⁰⁹, sobretudo, no livro *História de la Conquista de México*. Córdova Iturburu ainda ressalta que seu livro é uma espécie de compêndio dos escritos de Prescott, com as atualizações que os estudos recentes da época trouxeram para o assunto¹¹⁰.

Por fim, outro trabalho do intelectual argentino que traz agregado a si, essas concepções de *consciência* e *cultura histórica* é o *Diccionario de la actualidad mundial*, que é, talvez, a obra que melhor exprime a erudição de Córdova Iturburu pela abrangência e diversidade de conteúdo que apresenta. Os temas variam entre conceitos políticos como fascismo, comunismo. Também o compõem verbetes sobre países e personalidades como Churchill, Osvaldo Aranha etc. A pretensão historiográfica do trabalho aparece já na nota

¹⁰⁶ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941, p. 76-77.

¹⁰⁷ LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 66.

¹⁰⁸ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La civilización azteca*. Buenos Aires: Atlántida, 1944.

¹⁰⁹ Córdova Iturburu se refere ao historiador usando uma tradução de seu pré-nome “Guillermo”, optamos por usar o original “William” por julgarmos mais adequado.

¹¹⁰ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *La civilización azteca*. Buenos Aires: Atlántida, 1944, p. 7-8.

do editor, que apresenta uma problemática típica aos historiadores, afirmando que o “imenso caudal de notícias” disponíveis sobre o período que viveram seria uma das principais fontes usadas pelos historiadores do futuro. Ressalta ainda a qualidade dessas notícias, que, segundo ele, muitas vezes seriam “rumores e suspeitas quando não, informações tendenciosamente deformadas”¹¹¹. O editor destaca também a importância do que ele chama de “literatura política”, isto é, “reportagens, polêmicas, críticas, etc.”, que circulavam abundantemente no período e, também, os arquivos secretos, os monumentos, os “museus técnicos” e mesmo os filmes¹¹². Tais afirmações, acertadas do editor, tinham por intenção, promover o livro que, segundo ele, reunia uma síntese de todas as informações dos últimos cinquenta anos. O que o tornaria uma obra informativa, “expositiva e com uma clareza de ordenação difíceis de alcançar em matérias tão amplas e tão profundas”¹¹³.

De fato, trata-se de uma obra impressionante que revela um conhecimento enciclopédico de Córdova Iturburu. Chama atenção, entretanto, a ausência de um verbete sobre o antifascismo, causa pela qual o autor militou por muito tempo e também por constarem verbetes sobre *anticomintern*, *antirracismo* e *antisemitismo*. O verbete sobre a Argentina apresenta uma rápida síntese do processo político pelo qual o país passou entre 1930 até 1946, ressaltando o golpe de José Félix Uriburu e também as eleições fraudadas em 1932 e em 1938¹¹⁴. O verbete sobre fascismo, por sua vez, limita-se a tratar apenas da experiência italiana, ainda que outras experiências como a espanhola e a alemã tivessem verbetes próprios (um sobre a falange e outro sobre o nazismo, respectivamente). Vale notar que, como vimos anteriormente, o uso do conceito de *fascismo* pelo autor era caracterizado por certo universalismo, sendo empregado inclusive para o caso argentino. Isso não necessariamente indica uma contradição ou uma mudança de concepção de sua parte, pois, por se tratar de um dicionário, ele provavelmente buscou privilegiar formas mais didáticas e organizadas em sua estrutura, dando preferência às noções originárias de cada conceito.

¹¹¹ E.A. Nota del editor. In: CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Diccionario de la actualidad mundial*. Buenos Aires: Atlantida, p. 5-6, 1947, p.5.

¹¹² CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Diccionario de la actualidad mundial*. Buenos Aires: Atlantida, p. 5-6, 1947

¹¹³ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Diccionario de la actualidad mundial*. Buenos Aires: Atlantida, p. 5-6, 1947, p. 6.

¹¹⁴ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Diccionario de la actualidad mundial*. Buenos Aires: Atlantida, 1947, p. 26-32.

O tema do antifascismo aparece apenas no verbete sobre as *frentes populares*. O escritor define essas frentes como a união das forças políticas operárias e democráticas contra o fascismo, ocorrida durante o VII Congresso da Internacional Comunista realizado em Moscou em 1935¹¹⁵. O autor aduz os interesses e os grupos que compuseram esse movimento que reuniu, não apenas a classe trabalhadora, mas também setores da pequena burguesia (como os intelectuais, por exemplo¹¹⁶) e também diferentes ideologias:

Dicha fórmula – de unión de los partidos obreros, socialistas y comunistas con los partidos pequeños burgueses, democráticos y liberales – se basa en la comunidad de intereses sociales y nacionales de la clase obrera y de la pequeña burguesía frente a las oligarquías terratenientes y a las llamadas plutocracias industriales y financieras interesadas en la desnaturalización o liquidación de la democracia o en el establecimiento de regímenes de fuerza. Las victorias del fascismo en Italia y del nazismo en Alemania y el auge creciente de las organizaciones nazi-fascistas en el resto del mundo sugirió a los delegados de la Internacional Comunista, luego de una amplia discusión acerca de la situación creada en cada país por estas circunstancias, a lanzar la fórmula del Frente Popular, cuya necesidad causas y táctica fueron expuestas a fondo en el discurso del delegado George Dimitroff. El programa básico de la política del Frente Popular consistía en la lucha contra el fascismo, el imperialismo y la guerra y por la defensa y restauración de las fundamentales libertades democráticas, así como por ciertas reivindicaciones obreras y populares¹¹⁷.

Com esse verbete Córdova Iturburu parece demonstrar que a luta antifascista pode ser sintetizada nas Frentes Populares, seja pela ausência de um outro específico sobre antifascismo seja pelo fato de que essas frentes existiram somente para combater o fascismo.

O historiador Fernando Nicolazi afirma que “é na leitura que a crença na história se manifesta de forma mais cabal”¹¹⁸. Crença esta de que, ela, a história, diz a verdade e nisso também residiria a sua utilidade. Partindo-se disso e levando em conta a atuação do intelectual no âmbito ideológico, podemos inferir que a mobilização de passado feita por Córdova Iturburu, principalmente aquela envolvendo os quatro intelectuais supracitados, tem, como principal função, fortalecer a memória e a cultura intelectual ligada às

¹¹⁵ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *Diccionario de la actualidad mundial*. Buenos Aires: Atlantida, 1947, p. 165-166.

¹¹⁶ Segundo Antonio Gramsci, mesmo que uma pessoa tenha origens humildes, ao ocupar um lugar ou a exercer a função de intelectual, ela é alçada para classe média. Ver: GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

¹¹⁷ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. *Diccionario de la actualidad mundial*. Buenos Aires: Atlantida, 1947, p. 165.

¹¹⁸ NICOLAZZI, Fernando. O historiador enquanto leitor: história da historiografia e leitura da história. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 13, p. 63-77, dezembro de 2013, p. 69.

esquerdas antifascistas. Isso não quer dizer que o autor tenha distorcido ou manipulado fatos em favor de sua causa, mas que se utilizou da sua narrativa de passado como argumento. Ainda que “antes de dizer a verdade, cabe ao historiador evitar a mentira¹¹⁹”. Deve ser levado em consideração, que se trata de uma disputa política, de memória e de passado, pois, como destaca Nicolazzi:

Por conseguinte, pode-se sustentar que a história tem por pretensão menos persuadir o leitor do que convencê-lo, considerando a persuasão como uma “relação de força” em mão única, espécie de imposição àquele que é persuadido (o leitor desempenharia um papel passivo nesta relação), ao passo que o convencimento é uma prática com dupla direção, na qual o próprio leitor, de forma ativa, estabelece sua própria confiança no texto lido. No fundo, convencer-se da história é acreditar nela; crer na história, eis aí o ponto nodal entre o seu escritor e seu leitor¹²⁰.

Cayetano Córdova Iturburu, ademais, percorre o âmbito das artes. Talvez a função que o escritor mais exerceu tenha sido a de crítico de arte. Vindo, inclusive, a escrever uma espécie de manual voltado para o público não especializado sobre como analisar e apreciar uma pintura artística¹²¹. Porém, não iremos adentrar nessa seara, pois, além de extrapolar os recortes propostos por esse trabalho, exigiria certo conhecimento técnico sobre arte que não possuímos. Cabe ressaltar que tais escritos sobre arte continuam inexplorados, podendo culminar em objetos de estudos não apenas das artes, mas também da história e crítica da arte.

¹¹⁹ BAUER, Caroline S.; NICOLAZZI, Fernando. O historiador e o falsário. Usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 32, n.60, p. 807-835, set/dez. 2016, p. 810.

¹²⁰ NICOLAZZI, Fernando. O historiador enquanto leitor: história da historiografia e leitura da história. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 13, p. 63-77, dezembro de 2013, p. 69.

¹²¹ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Como ver um cuadro*. Buenos Aires: Atlantida, 1954.

Capítulo 3: Intelectuais na Guerra Civil Espanhola : engajamento entre ideologia e sentimentos.

Todas as guerras são más, porque simbolizam o fracasso da política. Porém, as guerras civis, nas que ambas trincheiras têm irmãos, são imperdoáveis, porque a paz não nasce quando a guerra termina.

Charles Gaulle

3.1 A guerra e o antifascismo.

O objetivo geral deste capítulo é demonstrar as diferentes facetas do engajamento intelectual antifascista durante a Guerra Civil Espanhola. Partindo-se da hipótese de que o engajamento na guerra é distinto do engajamento em períodos ordinários, buscamos diferenciá-lo em duas categorias: intelectuais *em* guerra e intelectuais *na* guerra. Outra hipótese presente no capítulo é a de que esse engajamento é também composto por uma parcela subjetiva, aqui representada pelos sentimentos manifestados por esses intelectuais durante o conflito. As fontes utilizadas neste capítulo são textos publicados nas revistas *El Mono Azul*, *Hora de España*, *Claridad*, *Sur* e *Unidad para la defensa de la cultura*, os livros *España bajo el comando del pueblo*, *El pensamiento perdido: paginas de la guerra y del destierro* e as atas do II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura. A análise construída, assim como nos capítulos anteriores, segue também a perspectiva da história dos intelectuais relacionada com a história intelectual e a história cultural.

As trajetórias de José Bergamín e Cayetano Córdova Iturburu trazem à luz a importância da Guerra Civil Espanhola para a causa antifascista não apenas na Europa. Os escritores tiveram atuação ativa no conflito e ilustram algumas das características do papel desempenhado pelos intelectuais naquele momento. A guerra da Espanha foi um divisor de águas na vida desses intelectuais, principalmente para Bergamín, que, após o seu término, teve que partir para o exílio. Como vimos anteriormente, até o início da guerra, ambos já estavam produzindo de maneira politizada e, como será percebido, o conflito fará com que essa politização se intensifique ainda mais, podendo ser

caracterizado como o ápice da luta antifascista. Assim, podemos inferir que a Guerra Civil Espanhola é essencial para o entendimento do movimento antifascista e vice-versa.

O movimento que culminou na Guerra, teve início em uma tarde de 17 de julho de 1936, quando grupos de conspiradores do exército espanhol, espalhados por diferentes localidades entre a costa espanhola, o norte da África e o Estreito de Gibraltar, começaram uma rebelião contra o governo eleito. Em poucas horas, cidades como Melilha, Tetuão e Ceuta foram dominadas, dando início ao acontecimento mais importante da história espanhola no século XX, a Guerra Civil¹. Em poucos dias, o país inteiro estava tomado por conflitos, envolvendo alguns militares, que queriam derrubar o governo, e trabalhadores e estudantes que, por outro lado, tentavam defender o governo eleito. Quarteis foram tomados, de ambos os lados, com o intuito de assegurar a posse de armas e garantir o controle de cidades. Em meio a esses conflitos, a Confederação Nacional do Trabalho (CNT)² formou com os outros setores da esquerda uma aliança que garantiria a hegemonia cenetista, isto é, o predomínio das ideias anarcossindicalistas. Dessa forma, surge um Comitê de Milícias Antifascistas que congrega todas essas frentes de esquerda e destaca a importância da causa antifascista dentro do conflito espanhol.

Entendemos a Guerra Civil Espanhola como um dos pontos altos da luta antifascista, pois “em 1936, a Espanha era um microcosmo que sintetizava a ferocidade, o radicalismo e a polarização de uma era”³. O internacionalismo que marcou a luta antifascista, também serviu à guerra espanhola e reverberou por todo o mundo. Na América Latina, a guerra gerou transformações consideráveis. As notícias circulavam rapidamente. Na Argentina, as primeiras notícias chegaram no dia 18 de julho, um dia após as primeiras insurreições. Essas notícias, todavia, não relatavam o conflito, mas, sim, destacavam comunicados do governo espanhol desmentindo a existência de qualquer problema no país, porém, foram logo refutadas, com a confirmação, por parte da imprensa internacional, de levantes armados na Espanha⁴.

¹ TUÑÓN DE LARA, Manuel. GARCÍA-NIETO, M^a. Carmen. La Guerra Civil. In: TUÑÓN DE LARA, Manuel (Org.). *Historia de España. Vol. IX La crisis del estado: ditadura, república, guerra (1923-1939)*. Barcelona: Labor, 1983.

² Confederación Nacional del Trabajo. (central sindical dos anarco-sindicalistas). A CNT surgiu em 1910 em Barcelona, resultado da união das sociedades obreiras não vinculadas as correntes socialdemocratas. Foi o maior sindicato ligado a ideologia de esquerda da Espanha, estando ativo até os dias de hoje. Ver: <http://www.cnt.es/> Consultado em: 31 de julho de 2018.

³ SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p.8.

⁴ VILLORDO, Oscar Hermes. *El Grupo Sur una biografía colectiva*. Buenos Aires: Planeta, 1993.

Uma das principais características do antifascismo foi a reunião das mais diversas posições políticas contra um inimigo comum. Devido a isso, alguns autores o classificam como “binário de binários” que teria dividido o mundo em polos na primeira metade do século XX, assim como o comunismo e o anticomunismo teriam feito na segunda metade⁵. Para François Furet, essa polarização era entre o fascismo e comunismo e levou a uma “cristalização dos sentimentos e das ideias”⁶, que passaram a girar em torno desses dois extremos. Nessa perspectiva, a Espanha teria sido “o teste internacional da nova unidade de estratégia do *Comintern*, a confrontação decisiva entre democracia e tirania, entre ateísmo e catolicismo e entre fascismo e antifascismo”⁷. Essa concepção, porém, não levava em conta a heterogeneidade de ideias que o movimento antifascista apresentava. A causa reunia não só comunistas, mas, liberais, anarquistas, socialistas e também sujeitos que não tinham posicionamento ideológico muito preciso, como José Bergamín.

George L. Mosse defende que a criação de uma política de massas forneceu o mais eficaz instrumento de desumanização, o qual foi muito utilizado pelos governos fascistas resultando em um embrutecimento social⁸. Pensar a Guerra Civil Espanhola nessa perspectiva, parece abrir caminhos bastante interessantes, pois as emoções despertadas por ela foram muito diversificadas: medo, sofrimento, empatia, solidariedade e esperança misturavam-se no caldeirão fervente que era a Espanha naquele momento. No que diz respeito aos intelectuais, eles se mostram objeto essencial para o entendimento dessa mistura, pois todas essas emoções aparecem, de alguma forma, refletidas em diversas de suas produções como literatura, pinturas, esculturas, filmes, fotografias etc. As sensibilidades se apresentam, assim, como uma peça essencial para o entendimento do engajamento intelectual no período, pois, como afirmou José Carlos Sebe Bom Meihy, a guerra na Espanha foi a última grande causa romântica⁹, indicando assim, os caminhos

⁵ RABINBACH, Anson. Legacies of Antifascism. In: *New German Critique*. N. 67, (winter, 1996), pp. 3-17, Duke University Press.

⁶ FURET, François. O passado de uma ilusão: ensaios sobre a ideia comunista no século XX. São Paulo: Siciliano, 1995.

⁷ RABINBACH, Anson. Legacies of Antifascism. In: *New German Critique*. N. 67, (winter, 1996), pp. 3-17, Duke University Press, p. 8.

⁸ MOSSE, L. George. *La nazionalizzazione delle masse. Simbolismo politico e movimenti de massa in Germania (1815-1933)*. Bologna: Società editrice il Mulino. 1975. E WINTER, Jay; LEFEBVRE Frédéric. De l’histoire intellectuelle à l’histoire culturelle: la contribution de George L. Mosse. In: *Annales. Histoire, sciences sociales*. 56 année, n. 1, 2001, pp. 177-181.

⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. De profundis, à guisa de apresentação. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra Civil Espanhola 70 anos depois*. São Paulo: Edusp, p.9-14, 2011.

pelos quais passaram as convicções dessas pessoas que se envolveram na causa antifascista.

A relação da Guerra Civil Espanhola com o antifascismo, entretanto, se deu numa perspectiva mais ampla, com alcance internacional. Eric Hobsbawm em um estudo sobre os intelectuais nesse período, aponta para os caminhos do engajamento antifascista em âmbito internacional:

Se o contraste entre o colapso do capitalismo e a industrialização planificada socialista levou alguns intelectuais para o marxismo, o triunfo de Hitler – evidente consequência política da crise – converteu um número muito maior ao antifascismo. Após a instauração do regime nacional-socialista, o antifascismo tornou-se a questão política central por três motivos. Em primeiro lugar, o fascismo em si, até então considerado sobretudo como um movimento ligado à realidade italiana, tornara-se a maior expressão internacional da direita. Os movimentos políticos fascistas, ou aqueles que desejavam compartilhar o prestígio e o poder dos dois grandes Estados europeus agora sob o regime fascista, cresceram e se multiplicaram em muitos países. Outros movimentos da reação militante se puseram ao lado do fascismo interno ou estrangeiro, ou buscaram apoio junto ao fascismo internacional, sobretudo o alemão, um baluarte contra a esquerda interna; como então se disse: “melhor Hitler que Léon Blum”. A esquerda, naturalmente, tendia a assimilar todos estes movimentos ao fascismo ou ao filofascismo, insistindo em seus laços com Berlim ou com Roma. Tal como o comunismo para a direita, agora também para a esquerda o fascismo, em cada país, não era mais simplesmente um problema relacionado a Estudos estrangeiros, mas sim um perigo interno, tornado ainda mais ameaçador por seu caráter internacional e pelo apoio, por vezes até concreto, que recebia de suas grandes potências. É impossível compreender a vaga internacional que, em 1936, levantou-se em socorro da república espanhola sem considerar a convicção de que a batalha travada naquele país, à margem da Europa e pouco conhecido, era – no sentido mais específico – uma batalha pelo futuro da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Itália¹⁰.

Hobsbawm ainda elenca mais dois pontos como fundamentais para o entendimento desse fenômeno: o perigo que o fascismo representava para toda a herança intelectual, uma vez que não respeitava os ideais iluministas, liberais, socialista e etc. E a belicosidade inerente ao fascismo que vinha crescendo gradativamente, principalmente após 1933, com vários conflitos a exemplo do golpe na Áustria em 1934, a guerra da Etiópia em 1935, a Guerra Espanhola em 1936, invasão japonesa na China em 1937 e o acordo de Munique em 1938¹¹.

¹⁰ HOBBSAWM, J. Eric. Os intelectuais e o antifascismo. In: HOBBSAWM J. Eric (Org.). *História do Marxismo*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 257-314, 1984. p. 264-265

¹¹ HOBBSAWM, J. Eric. Os intelectuais e o antifascismo. In: HOBBSAWM J. Eric (Org.). *História do Marxismo*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 257-314, 1984.

Esse panorama mostra com muita nitidez que o fascismo era um risco real em qualquer lugar do mundo. Na América Latina, esse risco era representado através de golpes de estado em diversos países durante a década de 1930. Na Argentina, esse período foi marcado pelo crescimento da extrema direita e do conservadorismo, desde o início da década, com o golpe do general José Félix Uriburu, como vimos no capítulo anterior. Além do golpe, em 1937 foi aprovada uma lei anticomunista e alguns políticos manifestaram sua simpatia pelo fascismo. Junto a tudo isso, uma “Frente Nacional” fora convocada pelas direitas contra a Frente Popular, que estava surgindo no país¹². As disputas ideológicas que estavam acontecendo no resto do mundo, reverberavam nas polarizações internas da Argentina e, com o início do conflito na Espanha, essa situação se agravou ainda mais. Isso fez com que muitos argentinos fossem para a Espanha, filiando-se à causa, através do partido Comunista ou diretamente nas Brigadas Internacionais¹³. Já os intelectuais, tinham outras opções, como irem na posição de correspondente jornalístico, a exemplo de Cayetano Córdova Iturburu e Raúl González Túñon.

Com a Guerra Civil Espanhola, uma nova sensibilidade que já vinha se anunciando desde o início do século com a ideia do “novo”, que levou a experimentações culturais como por exemplo, o movimento de *Martín Fierro*, que tratamos no capítulo passado, ganhou outro contorno com a abolição dos espaços entre uma cultura “erudita” ou de elite e a chamada cultura popular. Além de ganhar uma maior aproximação da cultura com a política¹⁴. Nesse sentido, a década de 1930 talvez tenha sido o momento de sedimentação dessas sensibilidades, o ponto de encontro entre o racional e o sentimental, o período em que a razão foi posta a serviço de um “sentimento comum”, no qual os sujeitos esforçavam-se para exprimir as emoções que lhes tomavam. Assim, podemos pensar, nesse contexto de Guerra Civil, os questionamentos dos intelectuais a respeito de pontos cruciais: sua função perante a impotência que a guerra lhes causava; a predisposição em assumir a responsabilidade de protetores da cultura; a solidariedade para com a causa republicana por medo de uma expansão do fascismo, além dos próprios horrores retratados com a permanente figura da morte, encarnada nos assassinatos de

¹² ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2007.

¹³ Encontramos algumas fichas usadas para o recrutamento na nas Brigadas Internacionais disponíveis para consulta no Centro de Documentación e Investigación de la Cultra de Izquierdas (CeDInCI).

¹⁴ MIRANDA, Julia. *Frenética armonia vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*. Rosario: Beatriz Viterbo 2016.

crianças, idosos, mulheres e civis em geral. A constante destruição de cidades, patrimônios históricos e mesmo as desilusões político-ideológicas, tudo isso interferiu e fez parte do processo de engajamento desses intelectuais que presenciaram e vivenciaram a Guerra Civil na Espanha.

3.1.2 Defesa da cultura.

O tema da defesa da cultura é bastante recorrente na historiografia e nos estudos sobre antifascismo, seja na América Latina ou na Europa, o que indica a importância que o assunto teve dentro dessa luta. Essa ideia de defesa da cultura é anterior à Guerra Civil Espanhola, pois, como é sabido, os movimentos fascistas são visivelmente avessos da intelectualidade. Em seu estudo sobre o antifascismo latino-americano, Ângela Meirelles de Oliveira aponta para o fato desse lema derivar dos intelectuais serem considerados detentores e produtores da cultura e isso gerava, em alguns deles, o dever de assumir a posição de preservação do patrimônio cultural e da própria existência do intelectual¹⁵. Durante a guerra, esse ideal foi reforçado pelos ataques a museus, centros históricos, escolas, intelectuais renomados etc., passando a ser parte dos ideais do grupo republicano.

Na Espanha, durante a guerra, o fascismo atacou diretamente os intelectuais, colocando em risco a integridade física daqueles que se dispuseram a ficar no país. Os que participaram das Brigadas Populares correram mais riscos, como aconteceu com os escritores Luckas Matei Jaika, da Hungria que morreu em combate, e o alemão Gustavo Regler, ferido em batalha. Com aqueles que optaram por fazer oposição estritamente no âmbito intelectual e das ideias, a reação fascista não era menos perigosa, pois, esses intelectuais eram ameaçados e corriam risco de vida. O caso mais notório do período foi o de Miguel Unamuno, um dos mais consagrados filósofos espanhóis. Cabe ressaltar que, os escritores que apoiavam o fascismo na Espanha, defendiam um discurso de defesa de valores tradicionais e religiosos com intuito de ganhar apoio de intelectuais como Unamuno¹⁶. De fato, Unamuno tomou um posicionamento que desagradou alguns intelectuais que estavam do lado dos republicanos que passaram a atacá-lo, chamando-o de impostor e dizendo que não tardaria para ele ser visto entre generais, bispos e latifundiários¹⁷.

¹⁵ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

¹⁶ SOLER, Manuel Aznar. *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Vol. 2. Valência: Generalitat Valenciana, 1987.

¹⁷ BAZAN, Armando. Unamuno, junto a la reacción. In: *El Mono Azul*, ano 1, n. 1, 27 de agosto de 1936, p. 7.

Uma das críticas mais pesadas feitas a Unamuno, no entanto, foi a carta aberta de Ilya Ehrenburg publicada em *El Mono Azul*. Ehrenburg foi um escritor e jornalista soviético. Nascido em Kiev, atuou como o principal correspondente dos jornais da União Soviética, passando, assim, boa parte de sua vida fora do regime stalinista. Em 1936 cobriu a Guerra Civil Espanhola para o jornal russo *Izvestiya*, mesmo período no qual escreveu suas críticas a Unamuno. Por ter adaptado bem seus escritos às demandas do regime stalinista, tais críticas podem ser entendidas como a maneira que o governo soviético via o escritor espanhol¹⁸. O escritor atacou Unamuno intensamente, chamando-o de “colaborador de Mola”, e que, por ter escrito muito sobre a fidalguia espanhola, teria se curvado para ela, deixando o povo de lado¹⁹. Ehrenburg cita algumas passagens em que Unamuno teria debochado dos espanhóis analfabetos que viviam falando de Moscou, mas que, segundo ele, não conheciam nem mesmo a Espanha para poderem ficar sonhando com outros países. O ucraniano ainda fala que, apesar desses humildes cidadãos não conhecerem seu país, sabiam que em “Moscou não havia generais como Franco, nem carrascos como os de Salamanca e nem escritores que podem tirar sarro da fome”²⁰. Por fim, termina seu texto de maneira bastante agressiva com Unamuno:

Recomienda usted al presidente Azaña²¹ que ponga fin a su vida. El presidente Azaña está en su puesto, como todo el pueblo español, como las muchachas de Barcelona, como los ancianos de Andalucía. No le diré usted, Unamuno, que se suicide para corregir así una página de la historia literaria española. Se suicidó usted ya el día en que entró al servicio del general Mola. Se parece usted físicamente a Don Quijote y quiso hacer su papel: desterrado, sentado en la Rotonde²², encaminaba usted a los chicos españoles a la lucha contra los generales y los jesuitas. Ahora matan a aquellos chicos con balas que permite comprar su dinero. No, no es usted un Don Quijote, ni siquiera un Sancho Panza; es usted uno de aquellos viejos sin alma, enamorados de sí mismos, que sentados en su castillo veían cómo sus fieles servidores acotaban al malaventurado caballero²³.

Apesar do apoio que deu aos nacionalistas, Unamuno ao ver o rastro de morte que eles estavam deixando, muda de postura e se coloca contra os fascistas espanhóis. No dia

¹⁸ Para uma biografia mais completa de Ehrenburg, ver os sites: <https://russiapedia.rt.com/prominent-russians/literature/ilya-ehrenburg/> e <https://www.britannica.com/biography/Ilya-Grigoryevich-Ehrenburg>.

¹⁹ EHRENBURG, Ilya. Carta de Ilya Ehrenburg a Don Miguel de Unamuno. In: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 4, 17 de setembro de 1936.

²⁰ EHRENBURG, Ilya. Carta de Ilya Ehrenburg a Don Miguel de Unamuno. In: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 4, 17 de setembro de 1936. p. 2

²¹ Ehrenburg se refere ao fato de Azaña ter tirado de Unamuno o posto de reitor da Universidade de Salamanca após o filósofo ter manifestado apoio ao levante nacionalista.

²² Famoso café parisiense localizado em Montparnasse.

²³ EHRENBURG, Ilya. Carta de Ilya Ehrenburg a Don Miguel de Unamuno. In: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 4, 17 de setembro de 1936. P. 3

12 de outubro de 1936, dia da chegada dos espanhóis à América, conhecido como *dia da raça* na Espanha, ocorreu um ato comemorativo na Universidade de Salamanca, no qual Unamuno foi paraninfo. Estavam presentes diversas figuras importantes do meio fascista espanhol, como Carmen Polo, esposa de Franco, Pia y Deniel, bispo de Salamanca e o general Millán Astray²⁴. Conforme os discursos eram feitos, os ataques aos nacionalistas iam aparecendo, como ocorreu nas falas de Vicente Bertrán de Heredía e José María Pemán. Com isso, também os ânimos dos nacionalistas ali presentes iam mudando, a ponto de algum mais exaltado gritar: “Viva a morte!”²⁵. Unamuno, por sua vez, teria pego a palavra e dito que não poderia sobreviver caso se calasse perante aquela situação onde acabara de ouvir tal exaltação da morte, e disparou ataques contra o general Millán. O general, retruca com outro grito: “Morte à inteligência!”²⁶. Ao ouvir tal reação, Unamuno teria dirigido ao geral tais palavras:

Este é o templo do intelecto e sou eu o sumo sacerdote. É o senhor que profana este recinto sagrado. O senhor vencerá, porque tem força bruta mais que suficiente. Mas não convencerá. Pois para convencer precisará do que lhe falta: a razão e o direito em sua luta. Considero inútil exortar o senhor a pensar na Espanha.²⁷

Essas palavras teriam sido pronunciadas sob a mira das armas dos fascistas, que nem por isso conseguiram calar o filósofo espanhol. Depois do ocorrido, Unamuno foi confinado em sua casa e faleceu no final do mesmo ano. Após sua morte, ele passou a ser mais uma das figuras a compor o discurso da defesa da cultura espanhola, algo que ele se empenhara antes, sendo até o final um intelectual que despertava emoções das mais variadas em seus compatriotas:

La muerte de Unamuno, como los rumores atroces alrededor de otros nombres, traducen al campo de la intelectualidad española la pavorosa tragedia popular de una nación conmovida hasta sus cimientos. Unamuno, a quien todos hemos amado y combatido, muere como era fatal que muriese, en flagrante contradicción con todos y con todo²⁸.

²⁴ BEEVOR, Antony. *A batalha pela Espanha. A Guerra Civil Espanhola 1936-1939*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

²⁵ BEEVOR, Antony. *A batalha pela Espanha. A Guerra Civil Espanhola 1936-1939*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

²⁶ SOLER, Manuel Aznar. *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937) literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Valência: Generalitat Valenciana, 1987.

²⁷ Apud, BEEVOR, Antony. *A batalha pela Espanha. A Guerra Civil Espanhola 1936-1939*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 162-163. (Não foi publicado nenhum registro exato deste pronunciamento de Unamuno, a versão citada por Beevor que aqui reproduzimos é, segundo o historiador, uma versão escrita algum tempo depois).

²⁸ LA MUERTE DE UNAMUNO. In: *Hora de España*. Ano I, n. I, pp. 33, Valência, janeiro de 1937, p. 33.

A ideia de defesa da cultura era uma outra manifestação da dicotomia entre fascismo e antifascismo, sendo o primeiro representante da barbárie, rudeza, ignorância e estupidez e o segundo representante da sapiência, erudição, sabedoria, dos costumes e tradições culturais e do livre exercício do pensar. Além do que já foi citado até aqui, com relação a ataques aos homens de letras e ao seu exercício intelectual, também os patrimônios históricos e obras de arte eram alvos de ataques fascistas, o que fez a defesa da cultura uma pauta não apenas dos intelectuais, mas de todos os brigadistas. São vários os momentos em que proletários e trabalhadores de áreas distintas manifestaram seu compromisso com a defesa da cultura. O próprio exército popular manifestou tal compromisso ao se pronunciar no II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura: “Luchamos para defender la justicia y la cultura. Nosotros en las puntas de nuestras bayonetas llevamos la paz y la cultura para dicha nuestra y de nuestros hijos”²⁹. Outro caso emblemático foi o dos mineiros asturianos que salvaram o patrimônio artístico de Santander dos ataques fascistas, evacuando as obras antes do início dos bombardeios sobre a cidade³⁰. Tal discurso também tinha a função de propaganda do lado republicano, que buscava demonstrar que não havia distinções de interesses entre a classe intelectual e as outras classes mais “populares” e obreiras³¹.

A ideia de defesa da cultura também passava pela necessidade de alfabetizar os brigadistas. A Espanha, naquele momento, apesar de iniciativas como as missões pedagógicas³² e a *coeducación*³³, ainda era um país com muitos analfabetos. Assim, foram

²⁹ LA VOZ DEL EJÉRCITO POPULAR. In: SOLER, Manuel Aznar e SCHNEIDER, Luis Mario (orgs.). *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios*. p.56-57 Valência: Generalitat Valenciana, 1987, p. 57.

³⁰ SALAS VIU, V. Como se ha salvado el tesoro artístico de Santander e Asturias. In: *El Mono Azul*, n. 38, ano II, Madrid: 28 de outubro de 1937, n/p.

³¹ TUÑÓN DE LARA, Manuel. Cultura y culturas. Ideología y actitudes mentales. In: TUÑÓN DE LARA, Manuel; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, Ángel, CARDONA, Gabriel; BRICALL, Josep M. *La Guerra Española 50 años después*. p.275-358. Barcelona: Labor, 1985.

³²As chamadas “Misiones Pedagógicas” consistiu num projeto de promoção e apoio a alfabetização e a educação feito durante a Segunda República que envolveu vários nomes famosos da intelectualidade espanhola, como María Moliner, Luis Cernuda, Miguel Hernández, dentre outros.

³³ A coeducação foi um projeto que se propunha ser mais do que uma educação mista, mas sim, promover maior igualdade de gênero na formação, como mostra Esther Cortada Andreu: “a coeducación implica no sólo la supresión de todo tipo de diferencias curriculares o de trato en base al sexo, sino también la adopción de un modelo cultural más amplio que comprenda los valores considerados como femeninos y, en consecuencia, calificados peyorativamente. La generalización de un nuevo modelo cultural que incluya las pautas y los valores masculinos y femeninos, hasta ahora separados en dos categorías jerarquizadas, suprimiría la encubierta discriminación sexual que persiste en el actual sistema escolar. De otro modo, la transmisión de los valores de la cultura masculina dominante que lleva a cabo la escuela, entra en contradicción con los valores considerados como típicamente femeninos y que son inculcados a las niñas desde la familia y otros ámbitos de la sociedad, llegando a provocarles la sensación de inseguridad que acarrea el hecho de encontrarse pisando terreno ajeno”. Ver: ANDREU, Esther Cortada. *Escuela mixta y coeducación en Cataluña durante la 2ª República*. Madrid: Instituto de la Mujer, 1988, p. 97.

criadas algumas iniciativas, como a “milícia da cultura”, que, estima-se, tenha alfabetizado mais de 70 mil soldados do exército republicano³⁴. A Frente Popular também criou uma iniciativa chamada de “cultura popular”, que tinha como meta difundir cultura entre os soldados republicanos. Assim, foram criadas, segundo Manuel Aznar Soler, 789 bibliotecas de guerra, sendo a maioria concentrada em Madrid (aproximadamente 200), com livros de temáticas diversas como literatura antiga e moderna, livros de sexologia e higiene, manuais de guerra, livros sobre política, dentre outros³⁵. Essas medidas tinham também o intuito de servir como propaganda do lado republicano. O historiador Manuel Tuñón de Lara defende que, durante a Guerra Civil Espanhola, os intelectuais se dedicaram a realizar produções de forte carga ideológica. Segundo ele, a produção cultural era “creada como *mensaje* dirigido a unos receptores que son a la vez protagonistas de la acción histórica que se está viviendo. Es cultura a ideología inmediatamente difundida”³⁶.

O depoimento de Cayetano Córdova Iturburu no II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, mostra como esses ideais estavam sendo aplicados e fortaleciam o apoio dos intelectuais à causa republicana:

He tenido oportunidad de ver recorriendo los caminos de España, recorriendo sus trincheras, cómo el pueblo español salva del peligro de los obuses fascistas los monumentos, las obras de arte. He visto cómo en ciertas trincheras imperaba, por ejemplo, esta consigna: “En quince días, ni un analfabeto”. Yo he visto cómo esa consigna era cumplida. He visto llorar a un soldado de veinticinco años sobre una primera carta que escribía. He visto cómo los soldados españoles, bajo el fuego enemigo, salvaban los tesoros de arte de los Palacios, de los conventos que las bombas fascistas destruían. Sabemos todos perfectamente que la Alianza de Intelectuales, bajo el fuego del enemigo, en los días memorables de noviembre, salvaba las obras de arte del Museo del Prado³⁷.

Na Argentina, por sua vez, a preocupação girava em torno do crescimento da ideologia fascista entre a população. Por esse motivo, editoriais como *Sur*, que eram

³⁴ SOLER, Manuel Aznar. *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Vol. 2. Valência: Generalitat Valenciana, 1987.

³⁵ SOLER, Manuel Aznar. *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Vol. 2. Valência: Generalitat Valenciana, 1987, p. 102.

³⁶ TUÑÓN DE LARA, Manuel. Cultura y culturas. Ideología y actitudes mentales. In: TUÑÓN DE LARA, Manuel; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, Ángel, CARDONA, Gabriel; BRICALL, Josep M. *La Guerra Española 50 años después*. p. 275-358. Barcelona: Labor, 1985, p. 277.

³⁷ ITURBURU, Cayetano Córdova. Discurso del delegado argentino Cayetano Córdova Iturburu fundamentando el proyecto de resolución presentado por la delegación de su país. In: SOLER, Manuel Aznar e SCHNEIDER, Luis Mario (orgs.). *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios*. Pp. 74-77 Valência: Generalitat Valenciana, 1987. p.74

conhecidos por se manter alheios a questões políticas, passaram a adotar uma postura crítica, sobretudo relacionada às questões externas como avanço do fascismo europeu e às guerras. Contudo, ao contrário do que autores como Sergio Miceli³⁸ defendem, essa postura tinha relação direta com a questão interna argentina. O próprio autor cita o fato de que com o início da Guerra Civil Espanhola, o apoio dado pela Igreja Católica ao franquismo fez com que os católicos argentinos se dividissem. Boa parte dos simpatizantes do nacionalismo manifestou tendências anti-intelectuais e antiliberais. Nesse contexto, a revista de Victoria Ocampo se vê obrigada a assumir um posicionamento, principalmente após ser acusada por outra revista católica argentina, *Critério*, partidária do franquismo, de ser uma revista de esquerda. Em sua resposta a essa acusação, *Sur* reitera um pouco sua postura “apolítica”, dizendo que não sabe o que significa ser uma “revista de esquerda” e que seu interesse pela política ocorria apenas quando esta se envolvia em questões espirituais³⁹.

Nessa conjuntura de avanço das ideias fascistas entre os católicos argentinos, a revista atenta para o perigo que isso representava, pedindo cautela a seus leitores⁴⁰. Para Ângela Meirelles de Oliveira, tanto a declaração de *Sur* quanto as de outras revistas e intelectuais que apresentavam a oposição entre o fascismo e a inteligência, explicaria a relevância do tema da defesa da cultura na militância antifascista naquele contexto, principalmente entre os intelectuais. Segundo a autora “o ideal de defesa da cultura despertou como um novo mote na luta intelectual ao imprimir à cultura um valor na luta política travada naquele momento”⁴¹. Dessa forma, mesmo publicações que se colocavam como “apolíticas”, como é o caso de *Sur*, se sentiam na obrigação de manifestar uma posição política.

Também em *Claridad*, grupo opositor de *Sur* e assumidamente de esquerda, a preocupação com a defesa da cultura aparecia como uma bandeira da manifestação antifascista. Ângela Meirelles de Oliveira analisa, entre outros, o texto sobre a defesa da cultura, publicado no número 315 de julho de 1937 de Campio Carpio. Nesse texto o autor defende que a cultura não era fruto de uma belicosidade e sim um trabalho criador de tempos de paz que, por isso, estaria correndo risco naquele momento com tentativas

³⁸ MICELI, Sergio. *Sonhos da periferia*. São Paulo: Todavia, 2018.

³⁹ POSICIÓN DE SUR. In: *Sur*. Buenos Aires, año 7, nº35, p. 7-9, agosto de 1937.

⁴⁰ CALENDARIO: revistas de temas del mes. In: *Sur*, Buenos Aires, año 9, n 52, p. 81-86, enero de 1939. p. 85.

⁴¹ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo, 2015, p. 116.

de “destruição de fontes de culturas das mais imparciais”⁴². Entrando também na questão da diferenciação entre “cultura burguesa” e “cultura proletária” que costumava aparecer naquele período, o autor faz sua divisão da cultura como avessa apenas à barbárie e, independente de como fosse classificada, a cultura jamais deveria ser abandonada, pois “aqueles que a renunciavam são os que não compreenderam a verdadeira missão da cultura que se concretiza em captar e expandir todos os valores, produto do sentimento e conhecimento humanos em prol do progresso”⁴³. Baseando-se nessas afirmações, a historiadora chega, a nosso ver, acertadamente à conclusão de que esse ideal de defesa da cultura era, de alguma forma, entendido como absoluto⁴⁴, estando talvez mais próximo de uma idealização utópica.

Apesar de, durante a Guerra Civil Espanhola, o discurso intelectual ter buscado criar a ideia de ter acontecido, se não uma abolição, pelo menos uma redução entre as distâncias da cultura dita de elite e da chamada cultura popular, no meio antifascista argentino, a discussão sobre qual cultura deveria ser defendida ainda tinha espaço⁴⁵. Talvez por efeito da nova sensibilidade que gerava nos intelectuais de esquerda o repúdio à arte dita burguesa como bem ilustrou Mariátegui:

O sentido revolucionário das escolas ou tendências contemporâneas não está na criação de uma técnica nova. Não está tampouco na destruição da técnica velha. Está no repúdio, no descarte, no desprezo do absolutismo burguês. A arte nutre-se sempre, conscientemente ou não – isto é o de menos –, do absoluto da sua época⁴⁶.

Caeytano Córdova Iturburu, percebendo essa relação da arte com o seu tempo, afirmava que a arte revolucionária deveria beber das tradições anteriores e, ao mesmo tempo, partir do drama que a sua realidade apresentava, colocando a técnica a serviço de sua sensibilidade. O autor ainda afirma que não era possível exigir que todo artista que se colocava em defesa da cultura, naquele momento, pudesse realizar uma arte revolucionária, nesses moldes, pois isso exigiria certo “amadurecimento interior”⁴⁷. Segundo Ângela Meirelles Oliveira, essas preocupações estavam relacionadas com as

⁴² CARPIO, Campio. En defensa de la cultura. *Claridad*, Buenos Aires, n. 315, jul. 1937, n/p.

⁴³ CARPIO, Campio. En defensa de la cultura. *Claridad*, Buenos Aires, n. 315, jul. 1937, n/p.

⁴⁴ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo, 2015, p. 118.

⁴⁵ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. 2013. São Paulo: Alameda, 2015.

⁴⁶ MARIÁTEGUI, José Carlos. Arte, revolução e decadência. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp, p.507-509, 2008, p. 507.

⁴⁷ ITURBURU, Cayetano Córdova. Hacia una plástica revolucionaria. In: *Unidad, por la defensa de la cultura*. Buenos Aires, ano 1, n.1, p. 13, 1936.

discussões sobre o realismo socialista, realizadas em 1934, durante o I congresso de Escritores na URSS, onde debateram como deveria ser uma cultura revolucionária⁴⁸.

Tal discussão sobre qual cultura deveria ser defendida, remete ao primeiro Congresso de Cultura Proletária, realizado em Moscou em outubro de 1920, onde uma das pautas discutidas foi se a “nova cultura” deveria ser desenvolvida a partir da herança cultural burguesa ou de uma ruptura⁴⁹. Na ocasião, Lenin defendeu que a cultura proletária deveria partir dessa cultura já existente:

Sem compreender claramente que só se pode criar esta cultura [proletária] conhecendo com precisão a cultura que a humanidade criou em todo o seu desenvolvimento e transformando-a, sem compreender isto, não poderemos cumprir esta tarefa. A cultura proletária não surge de fonte desconhecida, não é uma invenção dos que se chamam especialistas em cultura proletária. Isso é pura estupidez. A cultura proletária tem que ser o desenvolvimento lógico do acervo de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, da sociedade dos proprietários de terras, da sociedade burocrática. Todos esses caminhos e carreiras conduziram e continuam a conduzir até à cultura proletária, do mesmo modo que a Economia política, transformada por Marx, mostrou-se aonde tem de chegar a sociedade humana, indicou-nos a passagem para a luta de classes, para o começo da revolução proletária⁵⁰.

A cultura que deveria ser defendida era, assim, única e universal, não fazendo sentido diferenciá-las, pois estavam seguindo o mesmo caminho e sendo igualmente combatidas pelo fascismo.

3.2 A guerra e as emoções.

O conflito na Espanha despertou a sensibilidade dos intelectuais através de duas frentes de manifestação: o medo e a solidariedade. Acreditamos que esses dois sentimentos sejam os mais recorrentes e, a partir deles, outros brotaram, como raiva, angústia, (de)esperança, dentre outros. Isso tudo refletiu nas produções artísticas e literárias e também nos relatos sobre a guerra, e foi parte essencial para o entendimento do engajamento daqueles intelectuais, uma vez que:

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto

⁴⁸ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015, p. 121.

⁴⁹ SOLER, Manuel Aznar. *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Vol. 2. Valência: Generalitat Valenciana, 1987.

⁵⁰ LENIN, Vladimir. As tarefas das uniões da juventude (discurso no III Congresso de Toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia – 2 de outubro de 1920). In: *Revista HISTEBR On-line*, Campinas, N. especial, p. 367-376, abril de 2011, p. 369.

de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a *enargheia*, de que nos fala Carlo Ginzburg.⁵¹

Se o “embrutecimento” social foi determinante para o surgimento de uma ideologia como o nazismo, como afirma George L. Mosse, podemos presumir que a Guerra Civil Espanhola trouxe de volta a empatia e mexeu com os sentimentos das pessoas em várias partes do mundo. Isso aparece no alto número de brigadistas que foram lutar no país⁵², resultando no grande número de mortos⁵³ e na destruição generalizada que também impactou a todos que, de alguma forma, tiveram acesso aos acontecimentos.

Luis Mario Schneider analisa bem essas sensações causadas pela guerra e seus impactos nas emoções no período:

Tiempos de guerra, horas de desolación, de esparcimiento y también de ironías. Todo se reúne para completar la personalidad del hombre que vive debatido entre el dramatismo y sus quimeras, entre sus tensiones y la flexibilidad del escape. Hay una trampa o un espíritu vengativo que disimula y aprovecha los grandes dolores y el humor negro aparece consciente o inconscientemente, resarcido otra crueldad no menos fatídica. Horas de guerra que los periódicos describen con noticias pesadas de sinsabores, con carteleros de espectáculos para entretenimientos en donde poder olvidar lo siniestro, pero también con anuncios comerciales, sostenedores económicos para que esas otras noticias puedan darse a conocer y ser difundidas⁵⁴.

A história das emoções, apesar de um campo relativamente recente, já é bastante consolidado com estudos que buscam tratar as transformações das concepções linguísticas e conceituais dos sentimentos, e também da própria experiência que envolve as emoções⁵⁵. Barbara Rosenwein destaca a importância dos estudos das emoções para a história, pelo fato delas estarem presente em narrativas sobre o cotidiano, a política e em praticamente todos os âmbitos da vida humana⁵⁶. As emoções estão diretamente ligadas

⁵¹ PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, Disponible em: <http://nuevomundo.revues.org/229>.

⁵² Bom Meyhi fala em 32 mil. MEIHY, José Carlos S. B. (org.). *Guerra Civil Espanhola 70 anos depois*. São Paulo: Edusp, 2011.

⁵³ A cifra apontada supera os 200 mil

⁵⁴ SCHNEIDER, Luis Mario. *II congreso internacional de Escritores para la defensa de la cultura (1937): Inteligencia y Guerra Civil Espanhola*. Vol. I. Valência: Generalitat Valenciana, 1987, p. 15.

⁵⁵ EUSTACE, Nicole; LEAN, Eugenia; LIVINGSTON, Julie; PLAMPER, Jan; REDDY, William; ROSENWEIN, Barbara. “AHR” Conversation: the historical study of emotions. *The American Review*. vol. 117, n. 5, december 2012, p. 1486-1531.

⁵⁶ EUSTACE, Nicole; LEAN, Eugenia; LIVINGSTON, Julie; PLAMPER, Jan; REDDY, William; ROSENWEIN, Barbara. “AHR” Conversation: the historical study of emotions. *The American Review*. vol. 117, n. 5, december 2012, p. 1486-1531.

à linguagem, pois, é através desta que aquelas são expressadas e é, nesse sentido, que a historiografia especializada busca atuar; mostrando as mudanças de sentido de determinadas emoções no decorrer do tempo. Nossa intenção aqui, porém, é somente a de demonstrar como determinadas emoções foram mobilizadas nos discursos dos intelectuais antifascistas durante a Guerra Civil Espanhola. Apesar de não ser possível diferenciar ou mesmo criar uma linha divisória entre o discurso propagandístico, no qual essas emoções vão aparecer, e o “sentimento autêntico” do intelectual produtor do discurso. Acreditamos que percorrer essa seara é importante, pois possibilita adentrar em outra camada desse engajamento político.

Em meio a esse turbilhão de sensações e sentimentos, acreditamos que o medo e a solidariedade se destacam e, mais que isso, estão diretamente ligados. O medo da vitória do fascismo, da morte em campo de batalha ou em áreas civis, levaria a uma solidariedade para ajudar a vencer o inimigo belicoso e trazer de volta a sensação de paz ao país. Da mesma forma, essa solidariedade se converte em empatia pelo sofrimento e se retroalimenta, formando uma relação complexa e bem menos padronizada como podemos inferir. Vamos analisar como o medo e a angústia apareceram em algumas produções e relações dos intelectuais naquele momento, sobretudo nos poemas, que devido à carga lírica que possuem e por serem muito utilizados pelos intelectuais da época, se convertem em fontes interessantes para essa proposta.

Torna-se necessário, assim, delimitarmos o que estamos entendendo por medo e angústia. Martin Heidegger, no livro *Ser e Tempo*, de 1927, buscou desvendar a filosofia do “Ser”, traçando uma complexa trama, mergulhando vez ou outra nas “tonalidades afetivas”, como medo e a angústia. Ao lidar com o medo, o autor identificou três elementos existenciais que o compõem: o “*diante de que se tem medo*”, o “*ter medo*” e o “*porquê do medo*”⁵⁷. O primeiro seria o temor daquilo que nos ameaça, o segundo, seria o “se deixar afetar” que abre o mundo para o sujeito; já o terceiro, diz respeito ao temor do sujeito no seu próprio “estar-aí”. Heidegger, dessa forma, demonstra que o temor, apesar de ser um fenômeno individual, também age de maneira a formar laços e corresponder a uma coletividade, pois podemos temer por outra pessoa⁵⁸. Por fim, em sua análise, o filósofo alemão ainda destaca que o medo pode variar em *susto*, *horror* e

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora Unicamp, Editora Vozes. 2014, p. 399.

⁵⁸ WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. In: *Trans/Form/Ação*. São Paulo, v. 26, p. 97-113, 2003.

*pavor*⁵⁹. Ainda para o autor, o medo estaria relacionado diretamente com a angústia, pois “medo é angústia que decai no ‘mundo’, angústia imprópria e, como tal, oculta para si mesma”.⁶⁰ Essa relação corresponde bem aos sentimentos despertados na Guerra Civil Espanhola, podendo ser notados a todo momento na produção intelectual gerada no conflito e aparecendo em diversos escritos, sobretudo nos poemas, que se dedicavam à relatar os acontecimentos: os bombardeios em Madri, onde um rico patrimônio cultural era ameaçado nas destruições de museus e centros históricos, como cantou Alberti⁶¹; ou a dor das mães que tomavam em seus braços os corpos de seus filhos abatidos e o flerte constante com a morte, cantados por Cernuda⁶². Esses poetas buscaram capturar e expressar a angústia que era viver em meio à guerra, como é possível notar no poema de Manuel Altolaguirre, *Última Morte*.

Pido la última muerte de esta guerra
 porque quiero mirarme en la corriente
 como un dolido cuerpo macerado,
 cual árbol que despojan de sus frutos,
 al que arrancan sus ramas
 y aprovechan el leño de su tronco...

[...]Ultima muerte: la paz.
 No sé si cantar la vida
 o si la muerte llorar. [...]
 Ultima muerte: la paz.
 No sé si cantar tu muerte
 o si mi vida llorar ⁶³.

Altolaguirre demonstra o desgaste e a exaustão causados pela guerra, sobretudo ao utilizar uma metáfora de uma árvore que é gradativamente destruída. Chama ainda mais atenção, a confusão de sentimentos, por não se saber se se deve sentir feliz por continuar vivo, chorar a morte das vítimas da guerra, honrar a morte de seus heróis ou, ainda, lamentar permanecer vivo e se sentir impotente em relação ao conflito. Dentro dessa perspectiva, apenas a morte traria paz ao indivíduo.

⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora Unicamp, Editora Vozes. 2014, p. 405.

⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora Unicamp, Editora Vozes. 2014, p. 531.

⁶¹ ALBERTI, Rafael. Capital de la gloria. In: *Hora de España*. Ano I, n. II, pp.29-34, fevereiro de 1937.

⁶² CERNUDA, Luis. Elegia española. In: *Hora de España*. Ano I, n. IV, pp. 29-32, abril de 1937.

⁶³ ALTOLAGUIRRE, Manuel. Ultima muerte. In: *Hora de España*. AnoI, n. III, p. 31-38, março de 1937, p.31 e 36.

Durante a guerra, José Bergamín publica o seu, talvez, poema mais conhecido: *A cristo crucificado ante el mar*⁶⁴, composto por três sonetos que expressam, segundo Antonio Machado, o melhor da veia barroca da literatura espanhola⁶⁵. Ele narra a angústia de um cristo que agoniza em silêncio diante do mar, demonstrando a solidão da morte, tratada tanto pela ausência de outras pessoas como pela dicotomia criada pela presença de um indivíduo diante de uma imensidão que se estende até onde a vista alcança. Uma imensidão capaz de fazer até mesmo um “deus recém-nascido” se sentir como um homem solitário. Diante dele, apenas o mar canta; canta o seu silêncio; canta como se cantasse a sua morte. Deixando questionamentos como os feitos por Antonio Machado: “Por que canta o mar no silêncio de Deus? Por que morre a vida? Por que e para quem canta a morte?”⁶⁶

Também os poetas latino-americanos manifestaram tal sensibilidade expressando suas angústias em relação ao conflito espanhol. Inúmeros são os exemplos, passando desde Raúl González Tuñón, Cesar Vallejo, Pablo Neruda, até autores menos conhecidos como o próprio Cayetano Córdova Iturburu, que escreveu o poema *Divertissement más o menos sombrío o un fusilamiento cada nueve minutos* que, em certa passagem diz:

Ya no cabalgan en el viento las alegres banderas.
Ni hay alegres banderas para el alegre viento.
Sólo hay cadáveres, cadáveres, cadáveres.
Una montaña de cadáveres en campos de cadáveres.
Multilados cadáveres tristes, cadáveres olvidados
recordados cadáveres helados abandonados cadáveres
[solitarios
pobres cadáveres suicios haraposos cadáveres desgarrados...⁶⁷

Segundo Janet Todd, as sensibilidades que envolvem o processo criativo são reativas, o que quer dizer que são afetadas pelas ocorrências socioculturais⁶⁸. Nesse sentido, podemos interpretar esse poema de Córdova Iturburu e também os de outros autores como um relato daquilo que vivenciaram. O próprio escritor chega a relatar, em várias passagens, incidentes que presenciou, como bombardeios que botaram casas

⁶⁴ BERGAMÍN, Jose. A cristo crucificado ante el mar. In: *Hora de España*. Ano II, n. XX, p.13-15, agosto de 1938.

⁶⁵ MACHADO, Antonio. Mairena póstumo. IN: *Hora de España*. Ano 2, n. XXII, p. 9-15, outubro de 1938.

⁶⁶ MACHADO, Antonio. Mairena póstumo. IN: *Hora de España*. Ano 2, n. XXII, p. 9-15, outubro de 1938, p. 12.

⁶⁷ ITURBURU, Cayetano Cordova. Divertissement más o menos sombrío o un fusilamiento cada nueve minutos. In: *El viento en la bandera*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1945. P. 74

⁶⁸ TODD, Janet. *Sensibility an introduction*. Londres e Nova Iorque: Methuen. 1986.

abaixo, deixando vítimas fatais e casos ainda mais chocantes, como os de crianças que foram atingidas por granadas enquanto brincavam e donas de casas que tiveram membros amputados por explosões dentro de suas próprias residências⁶⁹. Sendo a palavra poética a materialização da sensação que habita nas “entranhas”, onde a subjetividade dos sentimentos se expressa em silêncio⁷⁰, todos esses relatos poéticos podem ser interpretados como a materialização dos medos e horrores que esses homens viveram.

A figura da morte presente em tantos poemas, mostra a relação da sensibilidade com a experiência, pois, se o indivíduo só pode experienciar a morte através da perda de alguém e nunca através da própria morte, como prega Heidegger⁷¹, esses poemas representam uma espécie de síntese de todo o sofrimento que esses intelectuais presenciaram. O que, de alguma forma, teve relação direta com algumas das posturas e atitudes que eles vieram ou se viram obrigados a tomar.

A partir do medo e da angústia causada pela guerra, as relações entre as pessoas podem sofrer mudanças e, sentimentos, como o de traição, passam a ter bastante peso, a exemplo do ocorrido na polêmica envolvendo José Bergamín e Victoria Ocampo. Em 23 de abril de 1937, José Bergamín escreve uma carta aberta destinada a Victoria Ocampo⁷², na qual critica a hospitalidade oferecida por ela a Gregorio Marañón, intelectual que foi considerado traidor por Bergamín e por outros intelectuais espanhóis, após deixar Madrid e não cumprir com a promessa de colaborar com a defesa da cidade até o fim.⁷³ Além disso, *Sur* publicou o texto de Marañón, *Soledad y Libertad*,⁷⁴ em seu número 31, que foi para as bancas no mesmo mês de abril de 1937.⁷⁵ Em tom bastante agressivo, Bergamín escreve a Ocampo:

Me llega aquí, y ahora, la noticia de la hospitalidad por usted ofrecida en Buenos Aires al desbaratado doctor Marañón, el más que médico o curandero de su deshonor, traficante de ella. No puedo entender cómo, usted, con la responsabilidad moral que la dirección de su revista, y su

⁶⁹ ITURBURU, Cayetano Córdova. *España bajo el comando del pueblo*. Buenos Aires: Ediciones Foare, 1938.

⁷⁰ ZAMBRANO, María. *Algunos lugares de la poesía*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

⁷¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora Unicamp, Editora Vozes. 2014.

⁷² Essa Carta foi publicada primeiramente na revista *El Mono Azul*, n. 16, de 1 de mayo de 1937, com o título “*Hasta La Muerte*” *Carta Abierta A Victoria Ocampo*. p. 3.

⁷³ MACCIUCI, Raquel. La Guerra civil española en la revista *Sur*. In: *Sociohistórica*, n. 15-16, p. 29-63, primer y segundo semestre 2004.

⁷⁴ MARAÑÓN, Gregorio. *Soledad y Libertad*. In: *Sur*. Buenos Aires: año VII, n. 31, p. 60-91, abril de 1937.

⁷⁵ A posição assumida por Marañón fica ainda mais clara após ele publicar um texto na *Revue de Paris*, em dezembro de 1937, no qual tece críticas aos comunistas e aos republicanos espanhóis. MARAÑÓN, Gregorio. En marge de la Guerre Civile Espagnole Liberalisme et Communisme. In: *La Revue de Paris*. Paris: année 44, n. 24, p. 799-817, 15 décembre 1937.

personalidad tan significada, le exigía, ha podido tener ese gesto, creyendo amparar con una aparente, falsa generosidad quijotesca, que usted acaso considera valerosa, la cobardía de ese renegado de todo; rechazado por todos aquellos que en estos momentos decisivos sienten su sensibilidad herida por el escándalo vergonzoso de su conducta. No puede haber piedad ni defensa para el criminal mientras esté perpetrando su delito. Sólo puede haber decisión noble y valerosa en impedirlo. Usted con su equivocada y equívoca protección se hace cómplice suyo y enemigo nuestro. Enemigo del pueblo español. Enemigo de España⁷⁶.

Para Bergamín, Marañón era propagandista e cúmplice das matanças por não ficar do lado dos republicanos e, como é notado, ele estende sua crítica também a Victoria Ocampo. A carta é encerrada de maneira seca e impessoal, com o espanhol dizendo que “Mi deber de español era decirle esta verdad tan dura, claramente. Porque nuestro deber español, aquí y donde sea, es estar como estamos, con nuestro pueblo; luchando por su libertad e independencia”.⁷⁷

Victoria Ocampo também escreve uma carta aberta⁷⁸ em resposta a Bergamín, demonstrando grande decepção com o escritor, principalmente pelo fato de ele também ser um intelectual católico e, no modo de ver de Ocampo, “todo cristiano digno de serlo debía odiar al pecado y no al pecador”.⁷⁹ Isso não aparecia na carta de Bergamín, segundo ela. Victoria Ocampo, no entanto, demonstrava certa empatia com Bergamín, dizendo que compreendia que ele estava passando por uma situação que ela não poderia imaginar, com os horrores dos acontecimentos na Espanha. Isso, porém, não justificaria a posição do escritor: “Algún día su ‘deber de cristiano’ (si es que usted sigue siéndolo) le obligará a agregarle una postdad – aunque sea mental – a esa carta y yo puedo esperarla todo el tiempo que haga falta”⁸⁰. É possível notar nas palavras de Ocampo seu descontentamento com Bergamín, que aparece na maneira como ela encerra sua carta: “No me despido de usted en términos convencionales, porque me parece que están de más en cartas de esta especie. Usted, José Bergamin, me envió su verdad ; yo la mía”⁸¹.

⁷⁶ BERGAMÍN, José, OCAMPO, Victoria. Notas: Carta Abiertas de José Bergamín a Victoria Ocampo – Victoria Ocampo a José Bergamín. In: *Sur*, año VII, n. 32, p. 67-74, mayo de 1937. p. 67.

⁷⁷ BERGAMÍN, José, OCAMPO, Victoria. Notas: Carta Abiertas de José Bergamín a Victoria Ocampo – Victoria Ocampo a José Bergamín. In: *Sur*, año VII, n. 32, p. 67-74, mayo de 1937. p. 69.

⁷⁸ A carta de Bergamín é assinada no dia 23 de abril de 1937 e a de Victoria Ocampo é datada em 13 de maio de 1937, entretanto as duas são publicadas juntas no número 32 de *Sur* impresso em maio de 1937.

⁷⁹ BERGAMÍN, José, OCAMPO, Victoria. Notas: Carta Abiertas de José Bergamín a Victoria Ocampo – Victoria Ocampo a José Bergamín. In: *Sur*, año VII, n. 32, p. 67-74, mayo de 1937. p. 70

⁸⁰ BERGAMÍN, José, OCAMPO, Victoria. Notas: Carta Abiertas de José Bergamín a Victoria Ocampo – Victoria Ocampo a José Bergamín. In: *Sur*, año VII, n. 32, p. 67-74, mayo de 1937. p. 70

⁸¹ BERGAMÍN, José, OCAMPO, Victoria. Notas: Carta Abiertas de José Bergamín a Victoria Ocampo – Victoria Ocampo a José Bergamín. In: *Sur*, año VII, n. 32, p. 67-74, mayo de 1937. p. 74

Apesar dessa contenda, Victoria Ocampo ainda tentou reconciliar-se com Bergamín, chegando a pedir para sua amiga, Gabriela Mistral, que interviesse junto ao espanhol. Foi em vão⁸².

Embora a guerra tenha causado um sofrimento sem precedentes para as pessoas que a viveram, atos de solidariedade e empatia também foram bastante frequentes e recorrentes, como, por exemplo, a ida de pessoas para lutarem nas Brigadas Internacionais e em arrecadações de fundos para auxílio as vítimas do conflito. Procuraremos desenvolver o sentimento de sofrimento e as ações de solidariedade correlatas, no âmbito intelectual, pois eles são, nesse período, fator primordial para o entendimento do engajamento desses letrados, principalmente fora da Espanha. Estima-se que mais de 32 mil brigadistas uniram-se à causa republicana na Espanha⁸³. Na Argentina, os interessados em lutar pelas Brigadas Internacionais preenchiam fichas do Comissariado de Guerra das Brigadas Internacionais ou do Partido Comunista Argentino⁸⁴. As fichas se diferenciavam um pouco uma das outras. Enquanto que a do Comissariado de Guerra era mais direta e objetiva, pedindo apenas dados pessoais como: nome, idade, ofício, filiação partidária/sindical, históricos de carreira militar e de saúde e, ainda, se o candidato tinha conhecimento sobre a diretriz ideológica das brigadas. A ficha do Partido Comunista, por sua vez, pedia detalhes da biografia do candidato, sendo esse um procedimento para todos que não eram espanhóis ou para aqueles que eram membros de algum partido “irmão”. Uma das principais diferenças dessa ficha com a anterior é a preocupação em saber se o candidato possuía algum membro da família como funcionário do Estado, policial ou fascista e, em caso de resposta afirmativa, o candidato deveria identificá-lo, descrever o papel ou ocupação que esse eventual familiar teve e esclarecer as suas relações. Também se perguntava ao candidato se ele possuía alguma relação com trotskistas ou com outras correntes de oposição internas ao partido. Esses mesmos modelos de fichas também existiam em inglês e francês, o que indica um procedimento padrão para o recrutamento de brigadistas.

Dentre os intelectuais, a solidariedade aparece, sobretudo, em textos de apoio à Espanha e à causa republicana, mas há também casos de intelectuais que, literalmente, pegaram em armas e participaram diretamente das brigadas, como Simone Weil, George

⁸² Ver: Carta Gabriela Mistral para Victoria Ocampo de julho ou agosto de 1937 e de 31 de agosto de 1937.

⁸³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. De profundis, à guisa de apresentação. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra Civil Espanhola 70 anos depois*. São Paulo: Edusp, p.9-14, 2011, p. 9.

⁸⁴ Tais fichas se encontram disponíveis para pesquisa no Centro de Documentación de Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI).

Orwell, Jef Last, para citar apenas alguns. Na Argentina, foram inúmeras as manifestações que os intelectuais fizeram em prol da Espanha. Em uma mensagem de adesão à causa republicana: *Los Intelectuales Argentinos Apoyan al Gobierno Republicano Español*, publicada na revista *Claridad*, em setembro de 1936, é possível ver o engajamento de diversas classes (senadores nacionais e provinciais, deputados provinciais, professores e universitários⁸⁵) com a questão intelectual e política.

A solidariedade à Espanha vinha, em boa parte, do medo da vitória do fascismo. Muitos intelectuais acreditavam que o destino do mundo estava sendo resolvido naquela Guerra. No caso latino-americano, a relação era ainda mais direta e os paralelos feitos pelos intelectuais buscavam explicitar ainda mais essa relação, como aponta Juan Marinello:

El triunfo de España, del pueblo de España, importa al mundo y es un instante crucial en el futuro de os hombres. Pero interesa de modo singular a Hispanoamérica. Bien lo han entendido reaccionarios y revolucionarios de nuestros países. Mientras los gobiernos antipopulares de Argentina, Uruguay y Brasil – sables sostenidos por imperialismos –, decide una acción común contra los izquierdistas españoles, negando asilo a los que pretendan residir en sus territorios, mientras que en el dócil y corrompido Congreso cubano se propone por numerosos senadores, el reconocimientos de gobierno de Burgos, mientras el Presidente Cortés, de Costa Rica expresa sin ambages, su simpatía hacia los insurgentes de Toledo y Sevilla, los gobiernos progresistas como el de México, apoyan a España en su camino de superación. Es que unos y otros saben lo que será para sus intereses el triunfo de su bando. El pueblo de nuestras Repúblicas, víctima en la mayor parte de las mismas opresiones monstruosas que alientan en el ánimo de los fascistas de España, debe entender hasta lo hondo la trascendencia que puede tener para él una derrota de la democracia y la libertad en España. A la arbitrariedad, a la injusticia que ahora se desborda sobre la masa indo hispánica se agregará la de un poderoso concierto internacional de voluntades abusivas y torvas. La derrota del

⁸⁵ Assinam a nota: os senadores nacionais: Lisandro de la Torre y Mario Bravo. Os professores: José Peco, Carlos M. Vico, Leonidas Anastasi, Enrique V. Galli, Carlos Sánchez Viamonte, Julio V. González. Juan E. Lozano, Santiago Fassi, Emílio Biagoch e Luis Aznar. Os deputados nacionais: Nicolás Repetto, Julio A. Noble, Enrique E. Dickmann, Rogelio L. Ameri, Adolfo Arnoldi, Ernesto Sanmartino, E. P. Mihura, Manuel V. Besasso, Demetrio Buira, Marcelino Buyán, Alejandro Castiñeiras, Joaquin Coca, Jerónimo Della Latta, Américo Ghioldi. Angel M. Jiménez, Guillermo Korn, Juan. B. Lamesa, Amleto Magris, Enrique Mouchat, Bernardo Movsicheff, Manuel Palacín. Francisco Pérez Leirós, José E. Pflieger, Luis Ramiconi, Manuel Ramírez, José E. Rozas, Silvio L. Ruggieri, Juan A. Solari, Arturo Sellarés e Eugenio Wade. Os senadores provinciais: Antonio Zamora, Juan Nigro, Eduardo Porrini, A. C. Saporiti e Salvaodr Moreno. Os deputados provinciais: Pedro Verde Tello, Mario Sibretti, Alejandro Hermida, Antonio Borrás, M. A. Garmendia, Giordano B. Tasca, M. B. Navello, José Merlo, H. P. Panal, Francisco Mezzano e José Costanza. Os universitários membros da Federação Universitária e centros estudantis: Alberto May Zuviría, Juan M. Villarreal, Sergio Bagú, Atilio B. Arrospide, Baltasar Jaramillo, Enrique Puccio, Pascual Cafasso, Horacio Riente, José Torres de la Puerta, Narciso Machinandarena, Pacual Andueza, julio F. Bachiller Núñez, Máximo Butta, Mario P. Savasta, Francisco Arrambarri, Fernando Barreiro, Alfredo Douchant e Isaac Feldmann. LOS INTELECTUALES ARGENTINOS... *Claridad, Revista de Arte, Crítica y Letras, Tribuna del Pensamiento Izquierdista*. Año XV, nº305, septiembre de 1936, n/p.

pueblo español será nuestra derrota. Hagamos el más enérgico y decidido esfuerzo por su triunfo, que es nuestro triunfo⁸⁶.

Foi criado na Argentina o *Comité Pró Defensa dos Direitos do Povo Espanhol*, presidido pelo publicista socialista e criador da revista *Claridad*⁸⁷, Antonio Zamora⁸⁸. Esse comitê tinha por objetivo:

- 1) Divulgar y tratar hacer arraigar en la conciencia pública la legitimidad del derecho que le asiste al gobierno de España para recibir toda clase de ayuda, como así también de comerciar libremente.
- 2) Hacer conocer a la opinión pública las reiteradas transgresiones al Derecho Internacional, consumadas por la mayor parte de las naciones del mundo, salvo las honrosas excepciones conocidas.
- 3) Solicitar de legisladores, miembros de cuerpos colegiados, prensa y profesores la denuncia de las violaciones de tratados y acuerdos internacionales frente al caso de España.
- 4) Auspiciar conferencias que clarifiquen el concepto de los indiscutibles derechos que asisten al gobierno español.
- 5) Propender a la unificación de los esfuerzos y a la realización de un congreso nacional como etapa previa para la realización de un congreso similar en el orden continental⁸⁹.

Como é possível perceber, a finalidade foi tentar promover a solidariedade à Espanha em diversos âmbitos e demonstrar um pouco da dimensão do que significava o conflito. Essa solidariedade se estendeu até o final da guerra e incluiu o caso dos 147 exilados espanhóis que chegaram na Argentina em setembro de 1939. Essas pessoas receberam ajuda de Natalio Botana, então diretor do jornal *Critica*, que doou uma quantia em dinheiro a eles e começou uma campanha que, depois foi vitoriosa, para que o presidente Ortiz Rubio permitisse a permanência deles⁹⁰.

A solidariedade para com Espanha foi comum por parte dos intelectuais de praticamente todos os países da América Latina. No Uruguai, os intelectuais da AIAPE

⁸⁶ MARINELLO, Juan. España, problema y destino de América. In: *Claridad*, ano XV, n. 312, abril de 1937, n/p.

⁸⁷ Sobre o projeto editorial de Antonio Zamora, ver: OLIVEIRA, Rodrigo De La Torre. *Publicos leitores em formação: popularização das coleções de livros na Argentina (1901-1924)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁸⁸ Os outros membros fundadores do comitê foram: A. Vigo, artista plástico como vice-presidente, Ricardo Aranda, médico e escritor que ocupou o cargo de secretário geral, Elio M. A. Colle, escritor e periodista como secretário de relações; J. Vargas Rivera, escritor e periodista no cargo de secretário de atas; Carmen Miranda, professora no cargo de tesoureira; e A. Coussin, médico, Bartolomé Fiorini, advogado e publicista, José Boglich, escritor, Luis Fernandez líder operário, Estel Vázquez construtor, J. M. Campos leiloeiro, J. A. Cosentino, periodista como conselheiros.

⁸⁹ DECLARACIÓN DE PROPÓSITOS...*Claridad*, ano XV, n. 312, abril de 1937, n/p.

⁹⁰ SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis. Mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios, 2017.

demonstraram bastante preocupação com os acontecimentos na Espanha, sobretudo após a morte de Federico García Lorca⁹¹. Na capital da Bolívia, as agrupações de esquerda organizaram uma homenagem ao povo espanhol, em 12 de outubro de 1938. O evento foi realizado no Teatro Municipal e contou com personagens do corpo diplomático e funcionários do governo⁹². Intelectuais como Enrique Portugal, do Peru, e Pablo Neruda, do Chile, também manifestaram sua solidariedade à causa espanhola, mostrando que, naquele momento, a luta na Espanha era, de certa maneira, uma causa que unia os países latino-americanos⁹³.

Em meio a essa tendência solidária à Espanha republicana, a ideia de *madre España* surge no bojo de um hispanismo que já circulava na América Latina, desde meados do século XIX e início do XX. Contudo, se, naquele período, esses ideais hispânicos eram mobilizados por grupos mais conservadores e atacados por grupos mais liberais, como mostrou José Luis Beired⁹⁴, nesse momento, eram os grupos mais progressistas que mobilizavam essas ideias.

Ao se referirem à Espanha como “*madre*”, esses intelectuais assumem um laço direto com o país ibérico, mas diferentemente da maternidade reivindicada anteriormente, eles se colocam como “filhos” e “herdeiros” da chamada “Espanha Leal” ou republicana. Essa ideia de Espanha como mãe para os intelectuais latino-americanos remetia a três pontos, um diacrônico e dois sincrônicos, sendo eles, respectivamente, os fatos de: essa América ter sido colonizada pela Espanha e, por isso, compartilharem a língua e uma história. Esses intelectuais acreditaram que na Espanha estava sendo travada uma guerra que definiria o futuro do mundo, fazendo dela, mãe de um novo tempo e também mestra, pois ensinava aos outros povos o caminho que deveria ser seguido. Por fim, que muitos intelectuais acreditaram que a experiência espanhola geraria uma revolução distinta da experiência Russa⁹⁵. Cesar Vallejo, em seu poema *España: aparta de mi este cáliz*, apresenta essa imagem de Espanha como mãe e mestra:

⁹¹ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

⁹² ROMERO, Numa. Homenaje de Bolivia a la España leal. In: *Claridad*, ano XVIII, n. 330, outubro-novembro de 1938.

⁹³ Ver: PORTUGAL, Enrique. Mensaje a los centauros españoles. In: *Claridad*, ano XVI, n.322, fevereiro de 1938, e NERUDA, Pablo. La defensa de la España leal. In: *Claridad*, ano XVI, n. 316, agosto de 1937.

⁹⁴ BEIRED, José L. B. Hispanismo, intelectuais e identidade nacional na Argentina. In: *Anais eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Vitória, 2008.

⁹⁵ Esse é talvez o motivo de maior decepção de alguns intelectuais que após a Guerra Civil Espanhola passaram a tecer críticas ao regime soviético, que para eles, não tinha interesse real de promover uma revolução na Espanha e sim aumentar seu domínio, como é o caso de George Orwell.

¡Niños del mundo, está
la madre España con su vientre a cuestras,
está nuestra maestra con sus férulas,
está madre y maestra
cruz y madera, porque os dió la altura,
vértigo y división y suma, niños;
está con ella, padres procesales!⁹⁶.

O escritor equatoriano Gonzalo Humberto Mata, apresenta uma Espanha como “mãe da democracia do Ocidente”, indicando a importância da Guerra também na manutenção de um estado democrático frente à ameaça fascista que pairava no mundo⁹⁷.

Inúmeras foram essas manifestações. No Chile, um livro denominado *Madre España*, dedicado a García Lorca, tinha como tema a solidariedade à causa Espanhola. A publicação reunia textos e poemas de diversos intelectuais do país, a exemplo de Pablo Neruda e Vicente Huidobro. Chama atenção o texto final do livro, de autoria da filósofa e escritora espanhola, María Zambrano, em que a autora afirma essa posição de “mãe” atribuída à Espanha:

En esta terrible conmoción de España se comprueba su condición de madre. Todas las notas de la maternidad esenciales se encuentran en ella exaltadas hasta el máximo: dolor sin límite, fecundidad y esa mezcla de lo divino con lo carnal y sangriento, ese palpar de lo infinito porvenir entre entrañas desgarradas; esa agonía de vida en que la muerte queda vencida como un toro arrodillado.

Todos los hombres cuyo corazón está abierto al futuro se sienten hoy hijos de España y todavía más de entre ellos los que vierten sus pensamientos en el claro idioma que ella les enseñó como madre. Madre del “nuevo mundo” siempre España. Os sentís ahora alumbrados por ella, renacidos, transformados en descubridores de la nueva época histórica que hemos de cuajar entre todos⁹⁸.

Ao referirem-se à Espanha como “mãe”, esses intelectuais também estão utilizando uma linguagem política que remete a um senso de familiaridade que gera empatia com a causa republicana, servindo como uma espécie de propaganda dessa causa. Essa mobilização sentimental também remete ao papel que esses intelectuais desempenharam na guerra, pois, ainda que tivessem o papel de propagandistas e formadores das massas, como foi colocado pelo Ministério da Guerra⁹⁹. Deve-se levar em

⁹⁶ VALLEJO, Cesar. España: aparta de mi este cáliz. In: *Claridad*. Ano XVII, n. 331, dezembro de 1938, n/p.

⁹⁷ MATA, Gonzalo Humberto. Sangre de lealtad. In: *Claridad*. Ano XVI, n. 317, setembro de 1937.

⁹⁸ ZAMBRANO, María. A los poetas chilenos de “madre España”. In: *Madre España*. Santiago: Panorama, pp. 38-39, 1936, p. 38.

⁹⁹ Ver: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 8, de 15 de outubro de 1936, p. 8.

consideração, o impacto do conflito neles, que foi grande e interferiu diretamente na maneira de como viram, pensaram e agiram em relação à Guerra.

3.3 Intelectuais *em* guerra e intelectuais *na* guerra.

O engajamento intelectual na guerra é distinto do engajamento convencional, pois ao se colocar em prol de uma causa em períodos ordinários, o intelectual está sujeito a perder sua credibilidade, seu trabalho ou mesmo, até ser preso¹⁰⁰. Em períodos de exceção, como a guerra (poderíamos também incluir regimes ditatoriais), essas questões costumam ficar em segundo plano, já que, em muitos casos, o que está em jogo é a própria vida do indivíduo que pode vir a ser assassinado ao assumir uma postura engajada.

Para pensarmos esse engajamento intelectual na Guerra Civil Espanhola, mostra-se proveitosa a categorização que a crítica literária Julia Miranda cunhou, pois, abre margem para tratarmos das particularidades desse engajamento. Segundo a autora existe:

Poesía de guerra, poesía en la guerra. La diferencia de significado en las preposiciones marca la distancia que es posible establecer entre las viejas y las nuevas funciones del intelectual a partir del primer tercio del siglo XX. Escribir sobre la guerra o escribir en la guerra implica no solo una diferencia de grado muy profunda en relación con la intervención del poeta en los conflictos sociales, sino también un desplazamiento con respecto a la imagen de escritor esbozada en esos enunciados.

Sin embargo, es posible decir que la preposición en no involucra necesariamente un lugar (y un tiempo, digamos, en 1937), sino un posicionamiento con respecto de las funciones del escritor. En este sentido tanto es poesía en guerra la que escribió Pablo Neruda en Madrid, como la que escribió Juan L. Ortiz en Entre Ríos, o la que escribió muchos años más tarde Manuel Bandeira en Río de Janeiro. Porque ser poeta en guerra, como sostiene María Zambrano, es la posibilidad de sostener la unión de la poesía con la guerra. Esto implicaría la determinación de usar la escritura, no como un instrumento en sí misma para colmar el ansia de poesía, sino como una forma de acción que espera trascender el espacio literario, lo que supondría un ejercicio que iría más allá de escribir acerca de la guerra. En este sentido, el poeta toma posición porque, como declaraba Vallejo en su discurso del II Congreso de Escritores, en esos días el escritor se veía impelido a asumir “responsabilidades”¹⁰¹.

¹⁰⁰ LOTTMAN, Hebert. *L'écrivain engagé et ses ambivalences de Chateaubriand à Malraux*. Paris: Odile Jacob, 2003. Gisèle Sapiro também trabalha a responsabilidade do escritor e as possíveis implicações jurídicas que seu trabalho possui em tempos de guerra. Ver: SAPIRO, Gisèle. *La Guerre des écrivains 1940-1953*. Paris: Fayard, 1999.

¹⁰¹ MIRANDA, Julia. *Frenética armoía. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2016, p. 283-284.

A partir disso, podemos pensar algumas das problematizações que esses intelectuais fizeram, assim como as responsabilidades que tomaram para si.

Como a guerra interfere nas funções do intelectual? Quais responsabilidades ou compromissos que ela exige dele? Esses compromissos são os mesmos para intelectuais europeus e latino-americanos, ou melhor dizendo, entre intelectuais espanhóis e argentinos? Haveria diferença entre intelectuais *em* guerra e intelectuais *na* guerra? São diversas as questões que essa relação entre guerra e intelectualidade suscita, sendo essa relação essencial para a compreensão do que foi o engajamento intelectual antifascista nesse período.

Podemos, antecipadamente, tratar logo da última questão, pois existe uma diferença entre as duas categorias indicadas pela partícula *em* que como demonstramos acima, se refere a uma postura do intelectual, enquanto que a partícula *na* se refere a um espaço geográfico e uma temporalidade específicos. Cabe ressaltar que intelectuais *na* guerra são, antes de mais nada, intelectuais *em* guerra, mas a urgência que experimentam, interfere diretamente na sua função. Consideramos também como intelectuais *na* guerra, não apenas aqueles que pegaram em armas, mas todos os que estavam na Espanha durante o conflito, uma vez que, corriam risco de vida mesmo estando em suas casas, gabinete ou em qualquer outro lugar, já que estavam suscetíveis aos bombardeios, atentados e emboscadas.

Uma das funções que esses intelectuais, que estavam vivenciando a guerra de perto, desempenharam, foi a de instruir os combatentes, desenvolvendo, assim, uma produção específica voltada para a arte bélica. George Orwell, em seu livro *Homenagem à Catalunha*, relata o despreparo das forças milicianas e dos brigadistas que, em sua grande maioria, nunca tinham empunhado uma arma e que, apesar da boa vontade, não tinham muita ideia de como deveriam agir naquela situação¹⁰². Além disso, a necessidade de angariar o maior número de pessoas para a causa republicana, num curto espaço de tempo, e a limitação de armamento e de munição não possibilitavam um treinamento adequado para essas forças civis. Nesse sentido, o periódico *El Mono Azul*, que tinha circulação entre os brigadistas, trazia algumas informações elaboradas pela *Aliança de Intelectuais Antifascistas* sobre como utilizar de maneira correta determinadas armas, ou mesmo como agir em certas situações no fronte, como demonstra a figura 1:

¹⁰² ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. Londres: Penguin Books, 1977.

Figura 1: Instrução para disparo contra alvo em movimento. *El Mono Azul*, año 1, n. 10, Madrid, 29 de octubre de 1936, p. 1

Além dessas ilustrações com instruções diretas e práticas, *El Mono Azul* também apresentava excertos de manuais de guerra consagrados, com o intuito de informar os combatentes das forças republicanas sobre as teorias e táticas de guerra¹⁰³. Eram citados manuais como os de de Von Clausewitz, Von Seeck, Ludendorff, dentre outros, que os intelectuais da Aliança Antifascista Espanhola julgavam essencial que fosse de conhecimento das forças republicanas¹⁰⁴.

Diversos intelectuais espanhóis e estrangeiros também visitaram as Brigadas Internacionais. Cayetano Córdova Iturburu, em um texto publicado na revista *El Mono Azul* de número 16, expõe:

Vi reunidos a Jef Last, el gran poeta holandés, y a Hemingway, el gran escritor americano; a Rafael Alberti y a María Teresa León, los españoles; a Regler y a Ludwig Renn, los alemanes. La mayoría, entre ellos, vestía el uniforme del Ejército popular, ennoblecido de galones ganados en esta guerra por la libertad del mundo. Ninguno de ellos fue obligado a tomar las armas. Con dificultades y sacrificios, todos ellos atravesaron mares, y traspusieron kilómetros, y abandonaron sus mujeres y sus hijos y la paz segura de sus gabinetes de trabajo para venir

¹⁰³ Ver *El Mono Azul*, ano 1, n. 3, Madrid, 10 de setembro de 1936; ano 1, n. 5, Madrid, 24 de setembro de 1936; e ano 1, n. 6, 1 de outubro de 1936.

¹⁰⁴ Tratamos da relação de *El mono azul* e *Hora de España* com o engajamento intelectual antifascista no artigo: PEREIRA, Douglas F. Engajamento e produção intelectual em *El Mono Azul* e *Hora de España*. *Temporalidades*, Vol. 11, n. 2, mai./ago. 2019, p. 561-572.

a engrosar las filas en que se defiende la dignidad del hombre y su cultura de siglos¹⁰⁵.

O autor frisa que nenhum desses intelectuais foi obrigado a pegar em armas. A sua própria presença na Espanha, porém, representava um tipo de resistência e engajamento político.

Outro exemplo que podemos citar e, mais intenso, foi a passagem da intelectual Simone Weil pelas Brigadas. Ao contrário de boa parte dos exemplos supracitados, ela chegou a pegar em armas e participou da rotina dos brigadistas. Tais informações também aparecem no diário da escritora, que relata algumas de suas experiências na guerra, como a convivência com os membros da Brigada e também da tentativa de resgate de alguns camponeses:

Pegamos nossos fuzis (não armados). Esperamos. De vez em quando o alemão deixa escapar um suspiro. Ele, visivelmente, tem medo. Eu não. Mas, como tudo em meu redor existe intensamente! Guerra sem prisioneiros. Se formos pegos, seremos fuzilados. Os companheiros voltam. Um camponês, seu filho e o garotinho... Fontana levanta o punho vendo os rapazes. O filho responde, visivelmente sem vontade. Constrangimento cruel... O camponês volta para procurar sua família. Cada qual para seus respectivos lugares. Reconhecimentos aéreos. Atirar-se ao chão. Luís berra contra as imprudências. Estendo-me de costas, olho as folhas, o céu azul. Dia muito bonito. Se me pegam, me matam... Mas é merecido. Os nossos derramaram bastante sangue. Moralmente sou cúmplice. Calma completa. Nos reagrupamos – depois recomeça. Me meto na cabana. Bombardeio. Saio para ir pegar o fuzil-metralhadora. Luiz diz: “Não se deve ter medo(!)”. Me faz ir com o alemão para a cozinha, nossos fuzis ao ombro. Espera. Por fim, vem a família do camponês (três moças, um menino de oito anos), todos assustados (bombardeio intenso). Familiarizam-se um pouco. Muito amedrontados. Preocupados com o gado deixado na fazenda (acabaremos por levá-los a Pina). Evidentemente não são simpatizantes¹⁰⁶.

O relato da escritora francesa ilustra bem a forma como os intelectuais que foram lutar no país ibérico encaravam o conflito. Chama atenção o desapego, após uma autocrítica da autora, demonstrando julgar ser justo morrer pela ajuda e apoio ao derramamento de sangue ali cometido. Expõe as incertezas, que eram cotidianas, desde os ataques que vinham de repente, até dos sujeitos que ajudavam a resgatar que poderiam ser apoiadores do inimigo.

¹⁰⁵ ITURBURU, Cayetano C. España y el Pueblo y los Intelectuales Argentinos. In: *El Mono Azul*, n. 16, año II, Madrid: sábado 1 de mayo de 1937, p. 8.

¹⁰⁶ WEIL, Simone. Diário de Espanha. In: *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.147-154. 1979, p.151-152.

Outro marco da presença de intelectuais na Guerra Civil Espanhola foi a realização de um congresso que, por todas as implicações, ganhou um significado especial¹⁰⁷, além de ter colocado a questão sobre os tipos e limites de ações que os intelectuais poderiam (e ainda podem) ter dentro de seu campo restrito de ação. Cabe ressaltar que apenas na primeira quinzena de julho de 1937, cinco congressos internacionais foram realizados em Valência, todos com financiamento do governo espanhol, mas um teve maior destaque, o de escritores para a defesa da cultura¹⁰⁸.

O II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura foi realizado pela Associação Internacional pela Defesa da Cultura, tendo apoio da seção espanhola desta organização e também da Aliança de Intelectuais Antifascistas para a Defesa da Cultura, criada em 1936¹⁰⁹. O congresso reuniu aproximadamente cento e vinte participantes, dentre eles, nomes como Pablo Neruda, Octavio Paz, Julien Benda, Jef Last. A primeira seção contou com a presença do presidente republicano e de vários ministros¹¹⁰. Os países latino-americanos que enviaram delegações foram Argentina, Chile, Costa Rica, Cuba, México e Peru¹¹¹. Da delegação argentina, três foram os

¹⁰⁷ Gabriel García Márquez, em seu Discurso de inauguración del Segundo Encuentro de Intelectuais para la Soberanía de los Pueblos, acontecido em Havana em 29 de novembro de 1985, chegou a dizer que o congresso ocorrido na Espanha em 1937 talvez tenha sido o único congresso de fato relevante.

¹⁰⁸ SCHNEIDER, Luis Mario. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937). Vol. I, Inteligencia y Guerra Civil Española*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987.

¹⁰⁹ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. 2013. São Paulo: Alameda, 2015.

¹¹⁰ GONZALO, Penalba Candela. "Autopercepción intelectual de un proceso histórico. Instantáneas del recuerdo". In: *Anthropos*, nº 172, mayo-junio, pp. 6-23, 1997, p.13.

¹¹¹ A lista de participantes por países é formada por, *Alemanha*: Theodor Balk, Willi Bredel, Leon Feuchtwanger, Max Hodann, Egon Erwin Kisch, Paul Ludwig Landsberg, Hans Marchwitza, Ludwig Renn, Anna Seghers, Kurt Stern, Bodo Uhse, María Osten, Erich Weinert, Hans Kahle. *Argélia*: Loukol Youcef. *Argentina*: Cayetano Córdova Iturburu, Raúl González Tuñón e Pablo Rojas Paz. *Áustria*: Julius Deutsch, Oskar Maria Graf. *Bélgica*: Frans Hellens, Denis Marion. *Bulgária*: Maria Goulechich Kristu Beleff, Ludmil Stoyanoff. *Catalunya*: Pompeu Fabra, Emili Mira, Jaume Serra Hünter. *Costa Rica*: Vicente Sáenz. *Cuba*: Alejo Carpentier, Leonardo Fernández Sánchez, Nicolás Guillén, Juan Marinello, Félix Pita Rodríguez. *Checoslováquia*: Jaroslav Kratochvil, Emmanuel Lesehrad, Laco Nomeski. *Chile*: Vicente Huidobro, Pablo Neruda, Alberto Romero. *China*: Se-U Ring Hai. *Dinamarca*: Løgvar Lund, Martin Andersen Nexø. *Espanha*: Rafael Alberti, Julio Álvarez del Vayo, Ricardo Baeza, Jacinto Benavente, José Bergamín, Corpus Barga, Tomás Navarro, León Felipe, María Teresa León, Margarida Nelken, Antonio Machado. *Estados Unidos da América*: Malcolm Cowley, Louis Fischer e Anna Louise Strong. *França*: Claude Aveline, Julien Benda, René Blech, André Chamson, Georges Duthuit, André Malraux, Léon Moussignac, Georges Pillement, Tristan Tzara. *Grécia*: Lilika Nakos. *Holanda*: Fles Bartoud, J. Brouwer, Jef Last, Nico Rost. *Inglaterra*: Wystan Hugh Auden, Valentine Ackland, Lascelles Abercrombie, Doris R. Barker, Ralph Bates, John y Rosamund Lehman, Frank Pitcairn, Edgell Rickword, John Sherwood, Hugh Slater, Stephen Spender, John Strachey, Silvia Townsend Warner. *Islândia*: Franzson. *Itália*: Ambroglio Donini, Niccolò Potenza. *México*: Juan de la Cabada, José Chávez Morado, Fernando Gamboa, José Mancisidor, Gabriel Lucio, Carlos Pellicer, Octavio Paz, Silvestre Revueltas, Blanca Lydia Trejo. *Noruega*: Lise Linbaeck, Nordahl Grieg. *Peru*: César Vallejo. *Portugal*: Jaime Cortesão, Gonzalo de Reparaz. *Romênia*: Nicolais. *Rússia*: Agnia Lovovna Bartó, Ilya Ehrenburg, Fedin Alejandro Fadeiev, Victor Fink, Feodor Kelyin, Mikhail Koltzov, Iva Mikitenko, Rolyn Vladimir Stavski, Alexis Tolstoi, Vsevolod Vishnervsky. *Suécia*: Erik Blomberg. *Suíça*: Charles F. Vaucher e Hans Muhlenstein. Ver: SCHNEIDER,

intelectuais que participaram: Cayetano Córdova Iturburu, Raúl González Tuñón e Pablo Rojas Paz, este último, entretanto, não fez nenhuma intervenção ou pronunciamento¹¹².

Estar na Espanha em pleno conflito para participar de um congresso, fez com que esses intelectuais ficassem com as emoções à flor da pele e, com suas presenças, foi atribuída uma importância especial ao evento. Córdova Iturburu narra uma passagem em que ele e outros intelectuais presenciaram, de maneira entusiasmada, a vitória de uma batalha dos republicanos contra os fascistas:

Los escritores reunidos en el Congreso Internacional Antifascista estamos viviendo, en Madrid, horas inolvidables. Nuestras deliberaciones y reuniones se realizan en un clima moral dramático y entusiasta de fervor, de peligro, de emoción incontenible a veces y a de firme convicción de victoria. Anteanoche un sostenido cañoneo fascista sobre la ciudad heroica y mártir y en la mañana de ayer, en el cielo de la capital un duelo aéreo con su seco tableteo de ametralladoras, hicieron sentir intensamente a los congresistas la magnitud del martirio del Madrid que no cede y la grandeza del espíritu de esta ciudad cuya sonrisa tranquila y conmovedora no apaga la sangre ni el escombros. Estábamos reunidos en nuestra sala de sesiones cuando una delegación militar de la División Lister nos trajo con las banderas monárquicas cogidas al enemigo en Brunet ella noticia de la victoria de nuestras armas y del avance incontenible de nuestra emoción de lágrimas y de garganta oprimida. Viejos y jóvenes escritores se abrazaban llorando y comunicándose sus impresiones en forma entrecortada y en todos los idiomas de la tierra. Ludwig Renn y Julien Benda, Seu, el escritor chino y Tristán Tzara, Jeff Last y Alexis Tolstoy. Erhemburg y Marinello, se abrazaban mientras sobre nuestras cabezas empezó a flotar, agudizando aún más nuestra emoción, el himno de los trabajadores cuyos compases rompió a ejecutar la banda de música que matiza nuestras deliberaciones. Hemos recibido antes y después delegaciones de los más famosos batallones del ejército del Centro que venían a testimoniar a los escritores antifascistas la simpatía de los combatientes. Nos han saludado delegaciones de jóvenes y de trabajadores, representaciones de organizaciones y de sindicatos. Pero nada nos ha conmovido tanto como esa ruda delegación de soldados que nos traía en sus manos la realidad del empuje de nuestras fuerzas reafirmando nuestra fe de siempre en la victoria ulterior del pueblo y en el aplastamiento de los enemigos de la justicia, de la libertad y de la cultura¹¹³.

Baseando-se nessa determinação e fé na vitória dos republicanos na Espanha, uma das principais tarefas que se buscou com a realização do congresso foi chamar atenção da opinião pública e, conseqüentemente, dos governos dos países que permaneciam com uma postura de neutralidade em relação ao conflito. A credibilidade da qual gozavam os

Luis Mario. *II Congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937) inteligencia y guerra civil española*. Valência: Generalitat Valenciana, 1987, p. 59-60.

¹¹² SOLER, Manuel A. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Vol. 2. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987.

¹¹³ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. "Crítica baires". *CeDinCI*, originales mecanografiados sobre la Guerra Civil Española, carpeta 1, 08/07/1937.

intelectuais naquele período embasava essa lógica, ainda que não necessariamente correspondesse a realidade. Isso se refletia nos discursos que sempre exaltavam a relevância do conflito na Espanha no contexto internacional e em como aquela luta tinha representação universal. Isso aparece, já na abertura, na fala do presidente do governo espanhol, Juan Negrín:

Lo que era una rebelión militar se transformó en una lucha por la independencia nacional. En el fondo de todo esto, lo que hay en realidad es una lucha de un orden más alto, de un carácter universal: una lucha por la libertad y la independencia de la Humanidad¹¹⁴.

Essa ideia era quase um consenso entre os intelectuais. No caso dos argentinos, por exemplo, acreditava-se que a realização do congresso significava “que el pensamiento vivo del mundo se adhiere a la causa de la República y repudia al fascismo criminal”¹¹⁵. Cayetano Córdova Iturburu fizera um discurso em que ressaltava o papel do povo espanhol como a “força armada da civilização” e “soldado da cultura”¹¹⁶, reafirmando esse universalismo que era creditado à Espanha. O escritor búlgaro Kristu Beleff também ressaltava esse papel do congresso que, segundo ele, tinha “obligación y una responsabilidad histórica. Tenemos [os intelectuais participantes] el deber de forjar el entusiasmo y la llama revolucionaria y de extender en una escala mundial la causa del pueblo español”¹¹⁷.

Um dos temas mais recorrentes nas apresentações feitas no congresso era o da abolição da divisão entre intelectuais e povo. Algo que aponta para uma nova percepção a respeito do papel social do intelectual, tanto na Espanha quanto na América Latina¹¹⁸, e colocava em evidência a necessidade desses intelectuais não se omitirem e se engajarem na causa republicana. Inúmeros são os exemplos que poderíamos citar. O congresso, todavia, fez mais do que promover a luta pela causa republicana na Espanha. As

¹¹⁴ NEGRÍN, Juan. Discurso no II congresso internacional para defesa da cultura. 4 de julho de 1937. In: SOLER, Manuel A. y SCHNEIDER, Luis M. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987, p. 15.

¹¹⁵ TUÑÓN, Raúl G. Pronunciamento feito II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura. Valencia, 4 de julio de 1937. Publicado in: SOLER, Manuel A. y SCHNEIDER, Luis M. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987, p. 42.

¹¹⁶ ITURBURU, Cayetano C. Discurso em II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura. Valencia, 4 de julio de 1937. Publicado in: SOLER, Manuel A. y SCHNEIDER, Luis M. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987, p. 73-78.

¹¹⁷ BELEFF, Kristu. Discurso II congresso. In: SOLER, Manuel A. y SCHNEIDER, Luis M. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*. P. 105-106, Valencia: Generalitat Valenciana, 1987, p. 106.

¹¹⁸ MIRANDA, Julia. *Frenética armonía. Vanguardas poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2016.

problematizações a respeito da função social do intelectual e a importância de defender a cultura também foram pautas. Deixaremos para tratar dessas questões posteriormente, pois acreditamos que são pontos chave para o entendimento do engajamento intelectual naquele momento e, por isso mesmo, merecem uma atenção especial.

3.3.1 Função intelectual e papel social.

Durante a década de 1930 surgiu uma nova concepção do papel do intelectual. Essas problematizações a respeito da função social do intelectual passaram a compor as pautas de revistas e também de congressos que discutiam não apenas “la circunstancialidad histórica del momento que congrega a sus miembros, sino que a veces éstos suelen servir de pretexto para justificar las conductas y actuaciones de la nueva concepción: el intelectual al servicio del pueblo”¹¹⁹. Como exemplo dessa ideia ou tentativa de união entre povo e intelectuais, podemos citar Antonio Machado, poeta respeitado da geração de 1898, que disse: “Siempre que advirtáis un tono seguro en mis palabras, pensad que os estoy enseñando algo que creo haber aprendido del pueblo.”¹²⁰. Assim, a guerra apresentava a esses intelectuais a necessidade de converter seus individualismos pequeno-burgueses em sentimentos coletivos¹²¹.

O II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura também fomentou discussões a respeito do papel social do intelectual e quais funções caberiam a ele. Sendo essa ideia de intelectual a serviço do povo uma das características desses intelectuais *em* guerra, durante o congresso, essa concepção apareceu em várias ocasiões, como no pronunciamento de José Bergamín:

Volved los ojos hacia la lejanía histórica que nos separa de esas grandes cumbres del pensamiento popular español: Cervantes, Quevedo, Santa Teresa, Calderón, Lope... Veréis como esos nombres se os aparecen plenamente arraigados en el pueblo, y, por eso mismo, plenamente solos en él. ¡Como que son la voz divina, por humana, del pueblo mismo! Del pueblo, decíamos, como un solo hombre y como un hombre solo. Por eso nos aparecen solos y no aislados. Solos como el mar: el terrible mar popular por el que nacieron y en el que murieron como ríos, dándole a ese mar vivo, la corriente pura de su lenguaje nuevamente rejuvenecido, eternamente recién nacido: con revolucionaria permanencia. Como hace en el hombre la sangre, hace en el pueblo la palabra, que es por la sangre y como la sangre nace y muere en un soplo por el aire, en las

¹¹⁹ SCHNEIDER, Luis Mario. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937). Inteligencia y Guerra Civil Española*. Vol I. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987. p. 20.

¹²⁰ MACHADO, Antonio. Consejos, Sentencias y donaires de Juan Mairena y de su maestro Abel Martín. In: *Hora de España*, nº 1, pp. 7-12, Valência, 1937, p. 12.

¹²¹ SOLER, Manuel Aznar. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937): Literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Vol. II. Valência: Generalitat Valenciana, 1987.

entrañas invisibles del aire, en que se engendra laberínticamente en nuestro pecho, para ir morir y renacer en nuestros oídos¹²².

Em seu discurso, Bergamín ainda faz uma crítica direta à ideia que vinha sendo propagada por intelectuais de cunho mais liberal, cujo trabalho de referência foi o livro de Julien Benda, *A traição dos Intelectuais*¹²³, no qual o autor defende que os intelectuais não deveriam se envolver com política. Bergamín, então presidente do congresso, fez seu discurso na sessão da tarde do primeiro dia, falando sobre os problemas da cultura espanhola. Esse discurso foi classificado como “forçosamente revolucionário” por Luis Mario Schneider devido à carga de erudição empregada pelo autor¹²⁴. Bergamín, no entanto, fez uma crítica importante aos intelectuais isolados ou na “torre de marfim”:

Pero no hay que olvidar que Hamlet no es el símbolo de la inteligencia, sino más bien su caricatura, la caricatura trágica del intelectual; plantea la cuestión problematizándola, es decir, aislándola, separándola de sí mismo. Por eso permanece indeciso, vacilante. Y siendo como es intelectual puro, contradice la virtud misma de la inteligencia que encarna: que es virtud o facultad de decidir y no de vacilar. Hay todo un intelectualismo hamlético que se alimenta de sí mismo en ese empeño vacilante e indeciso de problematizarse. Lo cual le aísla, le separa. El intelectual aislado se cree de ese modo independiente como la tortuga. Y se siente feliz en su propio reblandecimiento viscoso, protegido de todos por la personal pesadez y penosa de su caparazón. El caparazón de la personalidad intelectual es como el de la tortuga: la máscara del miedo. Pero del miedo a la vida, no a la muerte. La cobardía no es miedo a la muerte, es miedo a la vida. Y ese intelectual blindado a toda prueba de comunión o comunicación humana, vive, se pudre en sí mismo y de sí mismo: se encierra faraónicamente en ese inconsciente empeño suicida, se pudre y momifica en vida, encerrándose en su propia tumba¹²⁵.

O livro *A traição dos intelectuais*, de Julien Benda, foi originalmente publicado em 1927 e gerou e ainda gera polêmicas. As interpretações sobre a obra divergem, pois enquanto alguns, como Bergamín, acreditavam que o livro defendia um isolamento do intelectual numa “torre de marfim”, outros, como Michel Winock, argumentam que a posição de Benda é, na verdade, uma tentativa de defender o intelectual das tentações

¹²² BERGAMÍN, José. Discurso no II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura. Valencia, 4 de julio de 1937. In: *Hora de España*, nº VIII, pp. 30-36, 1937, p. 35.

¹²³ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

¹²⁴ SCHNEIDER, Luis Mario. *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937), inteligencia y guerra civil española*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987. p. 75.

¹²⁵ BERGAMÍN, José. Discurso no II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura. Valencia, 4 de julio de 1937. In: *Hora de España*, nº VIII, pp. 30-36, 1937, p. 31-32.

temporais, o que poderia, em último caso, transformar esse intelectual em instrumento de partidos:

A traição dos intelectuais não consiste em seu envolvimento em uma ação pública – Benda enaltece Voltaire, no caso Calas, e Zola no caso Dreyfus – mas sem subordinar a inteligência aos partidos terrestres. Segundo Benda, os sábios de outrora desviaram-se da política por estarem ligados a uma atividade desinteressada (Vinci, Malebranche, Goethe...), ou então com o nome de *humanidade* ou de *justiça*, pregavam um *princípio abstrato*, superior e diametralmente oposto às paixões políticas (Erasmus, Kant, Renan...) ¹²⁶.

O próprio Julien Benda ao participar do II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, afirmou que era necessário ao intelectual tomar uma posição. O autor ainda diz ter sido mal interpretado em seu livro lançado dez anos antes e, que, por conta disso, foi constantemente chamado de traidor, toda vez que se manifestou sobre alguma questão política ¹²⁷. Traidor ou não, Benda defendia um ideal platônico ¹²⁸ de intelectual, e parecia considerar a sua conduta exemplar nesse sentido ¹²⁹.

André Gide foi outro autor que protagonizou grandes polêmicas ao lançar seu livro *Retorno da URSS*. O livro de Gide é fruto de uma viagem que o escritor fez para União Soviética em meados da década de 1930, onde, em companhia de outros escritores como Jef Last, visitou algumas cidades no bloco soviético. Apesar do livro ter sido usado como propaganda anticomunista em diversos lugares, inclusive no Brasil e na América Latina, Gide destaca pontos positivos do governo e direciona suas críticas quase que diretamente a Stalin:

Ditadura do proletariado foi o que nos prometeram. Estamos longe dela. Sim: ditadura; mas ditadura de um homem, não a dos proletários unidos, dos Soviets. É indispensável não nos iludirmos, é imprescindível reconhecermos claramente: não era isso que queríamos. Um passo mais e diremos mesmo: é exatamente isso que não queríamos ¹³⁰.

Apesar de, provavelmente ter seguido uma postura intelectual que priorizou sua autonomia, comprometendo-se com um ideal de “justiça” ou de “verdade”, Gide parece não ter levado em consideração o contexto em que estava inserido, ou, se o fez, tomou uma decisão bastante arriscada ao optar por publicar seu livro naquele momento. Quentin

¹²⁶ WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 250.

¹²⁷ BENDA Julien. Palabras pronunciadas en la sesión de apertura del Congreso. In: *Hora de España*, nº VIII, pp, 21-24, agosto de 1937.

¹²⁸ Segundo Michel Winock, esse ideal caracterizava-se como um sujeito que abandonou qualquer interesse individual ou coletivo em nome da razão e da busca pela verdade.

¹²⁹ WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

¹³⁰ GIDE, André. *De volta da URSS*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1937. p. 72.

Skinner em seu texto, *significado e interpretação na história das ideias*¹³¹, aponta a importância do contexto para o entendimento de uma produção intelectual e poderíamos, também, incluir para o entendimento de uma ação qualquer. Segundo o autor o “contexto social aparece, assim, como o melhor marco para ajudar a decidir quais significados reconhecíveis de maneira convencional poderiam, em princípio, estar à disposição de alguém”¹³². Em tempos de ascensão do fascismo e, depois, com a guerra espanhola, dificilmente Gide teria sido interpretado de outra forma, como veremos nas críticas que recebeu.

André Malraux, em uma passagem de seu livro *A Esperança*, demonstra bem esse sentimento dubio que era tomado pelos intelectuais no período em relação a União Soviética de Stalin:

Hoje, o fascismo se transformou num artigo de exportação. Ele exporta produtos acabados: exército, aviação. Nessas condições, acho que a defesa concreta daquilo que pretendemos defender não repousa mais, em primeiro lugar, sobre o proletariado mundial, mas sobre a União Soviética e o partido comunista. Com aviões russos fariam mais por nós do que cinquenta mil milicianos que não conhecem a guerra. Ora, agir com o partido é agir com ele sem reservas: o partido é um bloco.
- Certo. Mas os aviões russos ainda não estão aqui¹³³.

Partindo do princípio de que uma das funções do intelectual engajado é dizer a “verdade” ao poder ou, em outros termos, fazer e agir de maneira crítica em relação ao sistema, ao governo ou à situação que julgar incorreta, como apontaram Jean-Paul Sartre¹³⁴ e Noam Chomsky¹³⁵, Gide, então, tomou a atitude mais coerente com o lugar que ocupava. O questionamento levantado por Malraux, contudo, apresenta outra questão importante: a urgência do contexto, sobretudo na Espanha, onde Gide foi muito criticado.

Talvez a principal crítica tenha sido feita por José Bergamín, durante o II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, cujo texto chegou a ser

¹³¹ SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na história das ideias. In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.9 n. 20, p. 358-399. Jan/abr. 2017. Tradução de Meaning and Understanding in the history of ideas. In: SKINNER, Quentin. *Visions of politics*. Londres: Cambridge University Press, 2001, vol. I, cap. 4, p. 57-89.

¹³² SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na história das ideias. In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.9 n. 20, p. 358-399. Jan/abr. 2017. Tradução de Meaning and Understanding in the history of ideas. In: SKINNER, Quentin. *Visions of politics*. Londres: Cambridge University Press, 2001, vol. I, cap. 4, p. 57-89. P. 396.

¹³³ MALRAUX, André. *A Esperança*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 149.

¹³⁴ SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

¹³⁵ CHOMSKY, Noam. Escritores e responsabilidade intelectual. In: CHOMSKY, Noam. *Os caminhos do poder. Reflexões sobre a natureza humana e a ordem social*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 69-83.

publicado na Argentina na revista *Unidad* de número 5¹³⁶. Bergamín se refere ao livro de Gide como “insignificante e, ao mesmo tempo, terrivelmente pleno de significação”¹³⁷. O intelectual espanhol também acusa Gide de injúria e falta de solidariedade e, ainda, afirma que não existiria uma clareza crítica na conduta de Gide:

Yo he leído este libro en Madrid en un silencio pulsado trágicamente por el cañoneo de nuestros enemigos. Por eso os digo que este libro adquiere ahora para nosotros españoles, una terrible significación. No es éste el momento de plantear un juicio definitivo sobre este libro. Lo que yo planteo aquí con una pregunta que nosotros, españoles y americanos, hemos dado respuesta, es si verdaderamente en este libro. Da-lo autoridad y lo responsabilidad de su autor, no se plantea una cuestión de libertad de crítica del pensamiento, de dignidad del pensamiento, o si realmente esa libertad de la crítica que todos nosotros defendemos hoy, y defenderemos hasta el fin, no se encuentra en cierto modo envuelta, y yo diría que ahogado, desaparecido, por la injuria¹³⁸.

Esses questionamentos a respeito de qual deveria ser a função do intelectual e qual postura ele deveria adotar, mostra como a Guerra Civil Espanhola impactou essa classe, além de demonstrar o engajamento no qual eles estavam mergulhados. Sobre isso, Cayetano Córdova Iturburu, em 1939, escreveu um texto a respeito da posição que caberia ao intelectual naquele momento em que a Guerra Civil Espanhola já chegava ao seu fim e a Segunda Grande Guerra já se anunciava como uma realidade. Para o autor, o “dever da inteligência é lutar contra os promotores de guerras, contra as catástrofes e lutar de modo enérgico, abandonando a todo preço, certas ilusões coloridas de pacifismo”¹³⁹. Córdova Iturburu ainda fala da importância do intelectual na guerra ao dizer qual a função que ele deveria desempenhar:

¿Cómo pueden los intelectuales contribuir a esta tarea de liberación de la tierra de la amenaza fascista, a esta tarea de salvación de una cultura y una civilización de siglos? ¿Cómo pueden los intelectuales contribuir a desvanecer este permanente fantasma de la guerra que gravita desde hace ya tantos años sobre el mundo ensombreciendo su alegría, emponzoñando su cultura, debilitando su capacidad creadora, ahogando brutalmente en los corazones la inocente felicidad de vivir?

La inteligencia, que es la capacidad de comprender y de expresar, tiene un deber irrenunciable que cumplir en esta encrucijada de la historia. Este deber es el que le imponen sus propias posibilidades.

¹³⁶ BERGAMÍN, José. Reproche a André Gide. *Unidad, por la defensa de la cultura*. Buenos Aires, ano 2, n. 5, p. 4, janeiro de 1938. Esse texto também foi publica no número 38 de *El Mono Azul* de 28 de outubro de 1937.

¹³⁷ BERGAMÍN, José. Reproche a André Gide. *Unidad, por la defensa de la cultura*. Buenos Aires, ano 2, n. 5, p. 4, janeiro de 1938.

¹³⁸ BERGAMÍN, José. Reproche a André Gide. *Unidad, por la defensa de la cultura*. Buenos Aires, ano 2, n. 5, p. 4, janeiro de 1938. P. 4.

¹³⁹ ITURBURU, Cayetano C. APESAR DE MUNICH... Manuscrito escrito para “Columna” 1939.

Hay que ayudar a los pueblos en la heroica labor de liberarse de su enemigo máximo, el fascismo. ¿Cómo? Contribuyendo al esclarecimiento de los problemas de la hora, luchando en defensa de las libertades por medio de una prédica tenaz en favor de la unidad de las fuerzas populares y democráticas y empujando a los países hacia la formación del frente antifascista a fin de establecer, alrededor de los estados agresores, el bloqueo militar y económico, el cordón sanitario conectivo que ponga punto final a sus peligrosos desmanes y, con ellos, a esa amenaza permanente de la guerra que gravita sobre la paz de las naciones¹⁴⁰.

Caberia ao intelectual, nesta concepção, uma das missões mais complexas e de difícil realização, pois poderia estar se exigindo dele um poder de convencimento e um alcance de visão que muitas vezes não possuía. Isso projetava nele uma magnitude de importância que também podia não corresponder à realidade. Por outro lado, aponta para um engajamento do intelectual que, enquanto tal, não poderia se isolar na “torre de marfim”, mas devendo converter-se em um ator político ativo e capaz de desenvolver ações diretas dentro do seu campo.

A década de 1930 foi marco para a figura do intelectual e também representou o momento de sua transformação. Basta lembrar que é nessa década que Antonio Gramsci escreveu sobre o “intelectual orgânico”, um tipo distinto de intelectualidade que ele identificou. Ainda que essas ideias só vieram a circular tempos depois, elas demonstram as mudanças na concepção de intelectual que apareceram naquele período:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc.

No caso do conflito espanhol, a relação ocorrida foi diferente, com o deslocamento do intelectual ao encontro das massas, e não o surgimento dele dessa classe. Isso remete a um movimento mais próximo daquele que indicava Marx e Engels no *Manifesto Comunista*. Para eles, em momentos de maior acirramento da luta de classes, uma pequena parcela da burguesia poderia passar para o lado do proletariado. Essa parcela seria a dos “ideólogos burgueses que chegaram à compreensão teórica do movimento histórico em seu conjunto¹⁴¹. Segundo Michel Löwy, esses “ideólogos burgueses” podem

¹⁴⁰ ITURBURU, Cayetano, C. *Los Intelectuales y la guerra*. Manuscrito, 1938.

¹⁴¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 49.

ser interpretados como a classe dos intelectuais¹⁴². Tal analogia ainda se encaixa melhor, se lembrarmos que a Guerra era encarada por esses sujeitos como uma revolução.

3.3.2 Poesia como instrumento político.

Embora até aqui tenhamos tratado a poesia apenas como uma expressão lírica das emoções desses intelectuais, ela também atendeu a outros propósitos, sendo instrumento político desses homens de letras. Em julho de 1936, o poeta Federico García Lorca levou à redação de *Cruz y Raya*, o manuscrito de *Poeta em Nova Iorque*, para combinar os últimos detalhes para publicação deste livro com José Bergamín. Não o tendo encontrando, Lorca deixa um bilhete dizendo: “Querido Pepe, vim visitá-lo, acredito que volto amanhã. Abraços, Federico”¹⁴³. Esse amanhã, entretanto, nunca chegou, pois, o poeta fora assassinado ao retornar a Granada. A morte de Lorca simbolizou o potencial que possuía a cultura e mesmo a poesia, como instrumento político naquele contexto, e levou à mobilização de vários intelectuais dentro e fora da Espanha¹⁴⁴.

Um dos principais compromissos que a guerra cobra dos intelectuais é a politização da cultura. Naquele momento não existia mais espaço para uma produção “neutra” ou de uma “arte pela arte”. O assassinato de Lorca já deixava claro a importância dos intelectuais no conflito, ao mesmo tempo em que evidenciava os riscos que eles estavam correndo devido à sua função social. Assim, os intelectuais e os poetas, passaram por uma virada com o início da guerra, como apontou Bernardo Clariana:

Les faltaba, en fin, a nuestros poetas la honda conmoción de la guerra civil para apercibirse de su destino social y colectivo. El viejo destino de la más antigua poesía. También a nuestros humanistas e intelectuales, para el sentimiento de una viva cultura humana. La cultura en vivo, unida a nuestra propia carne. Caliente de vida, sangre y huesos nuestros. Forzosamente el poeta, si lo es con plenitud, es un revolucionario (cómo nos viene en ayuda la significación creadora de su etimología). Nuestros mejores poetas se han vinculado en carne y hueso a nuestra lucha liberadora y creadora, porque su misma sensibilidad y cultura les ha obligado a sentir y a pensar socialmente, unidos humana y poéticamente a las fuerzas renovadoras. Y su cultura ha obrado decididamente como fuerza obrera¹⁴⁵.

¹⁴² LÖWY, Michel. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Lech, 1979.

¹⁴³ Esse bilhete está disponível em anexo. Ele também está digitalizado e pode ser consultado em: <https://laametralladora.files.wordpress.com/2014/01/nota-autc3b3grafa-a-bergamec3adn.jpg> consultado em: 30 de julho de 2018.

¹⁴⁴ MIRANDA, Julia. *Frenética armoía. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2016.

¹⁴⁵ CLARIANA, Bernardo. Humano Trance de nuestra poesia. In: *Hora de España*. N. I, jan. de 1937, p.57.

A poesia assumiu papel importante como difusora das ideias entre os republicanos e também como ferramenta de crítica e ataques políticos. Publicações como *El Mono Azul*, que circulava entre as Brigadas Populares, utilizaram intensamente da poesia como recurso político para tecer suas críticas aos nacionalistas espanhóis. O periódico apresentava, em sua parte central, uma seção denominada *Romancero de la guerra civil*, onde eram publicados apenas poemas que, em sua maioria, eram críticas políticas aos nacionalistas. Um dos poemas de maior repercussão foi o *romance del mulo Mola*¹⁴⁶, de José Bergamín, publicado no primeiro número. O poema, como o título já indica, é voltado para atacar o general Emilio Mola. Maryse Bertrand de Muñoz analisa o poema e mostra como a construção poética feita por Bergamín ajuda a ditar um tom geral para a utilização desse tipo de literatura como ferramenta política:

El romance de José Bergamín “El mulo Mola”, publicado ya a principios de septiembre de 1936, da casi el tono general del tipo de poema dedicado a describir a un personaje importante del bando enemigo: animalización (mulo) y antítesis (luz y alegría contra sombra, muerte y tristeza), acusación de traición por pedir ayuda a extranjeros que llevan España a la muerte, (moros y alemanes contra la hoz y el martillo), vileza (borrachera) y para rematar, machacar la idea: la aliteración en “eme” que evoca la maldición, la mordaza, la mordedura, etc., combinado con el juego de palabra: Mola, mula, mala, mulatas, méjalas, moros, máquinas, etc., etc.¹⁴⁷.

Segundo María Zambrano, os *Romanceros* foram um dos gêneros mais populares da literatura espanhola, mas estavam há muito esquecidos¹⁴⁸. Dessa forma, *El Mono Azul*, ao utilizar desse formato de literatura, buscou, na sua própria tradição intelectual, um gênero narrativo que pudesse alcançar sua população, pois, como era sabido, a Espanha tinha um número considerável de analfabetos. O sucesso desse gênero foi tamanho, que foram selecionadas algumas das poesias publicadas no periódico para compor um livro de mesmo nome, *Romancero da guerra civil*¹⁴⁹. Talvez pelo caráter mais sonoro e musical dos poemas, sua circulação acontecia mais facilmente, pois “convertiam-se em voz de quem tradicionalmente não tinha oportunidade de se expressar” e, com sua linguagem e sensibilidade, “cruzou todas as trincheiras e se estendeu a todos os fronts”¹⁵⁰.

¹⁴⁶ BERGAMÍN, José. Romance del mulo Mola. In: *El Mono Azul*, nº1, p.5, Madrid, 27 de agosto de 1936.

¹⁴⁷ MUÑOZ, Maryse Bertrand. Los romances anónimos de la Guerra Civil Española. In: *Actas del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. New York, pp. 91-101, 16-21 de Julio de 2001, p 95.

¹⁴⁸ ZAMBRANO, María. *Los intelectuales en el drama de España y escritos de la guerra civil*. Madrid: Trotta, 1998.

¹⁴⁹ Anônimo. *Romancero de la Guerra Civil Española*. Madrid: Visor Libros, 1984.

¹⁵⁰ ZAMBRANO, María. *Los intelectuales en el drama de España y escritos de la guerra civil*. Madrid: Trotta, 1998.

A relação entre poesia e guerra era inerente a *El Mono Azul*. Já na abertura do primeiro número da publicação, um poema de Rafael Alberti: *Letrilla de El Mono Azul*, destacou o papel dos intelectuais no conflito e chamou a atenção para o compromisso antifascista do periódico. Alberti também associa metaforicamente a escrita como uma arma contra a guerra, ao dizer “tu fusil [do Mono] también se cargue de tinta contra la guerra civil¹⁵¹”.

Também na Argentina, os poemas tiveram papel importante nessa união entre política e cultura e no próprio engajamento intelectual. Dentre as revistas culturais de maior circulação na Argentina, *Claridad* talvez tenha sido a que melhor demonstrou essa união político-cultural.

Cabe ressaltar que, apesar de ser conhecida como uma revista que era mais voltada para as lutas sociais do que para as questões literárias¹⁵², *Claridad* pode ser considerada uma revista cultural, pois não eliminava essas preocupações de suas pautas e também acreditava que tais questões ajudavam na interpretação das manifestações humanas.¹⁵³ A própria revista indicava, em seu subtítulo, ter a cultura como uma de suas ocupações: “*Claridad: Revista de Arte, Crítica Y Letras. Tribuna Del Pensamiento Izquierdista*”. A partir de janeiro de 1937, com seu número 309, ela passou a ter um novo subtítulo, que manteve a ideia expressa pelo anterior: “*Claridad: Revista de Arte, Crítica Y Letras, Ciencias Sociales Y Políticas La Revista Americana De Los Hombres Libres*”. Essa fusão entre cultura e política que *Claridad* apresentava, fazia dela uma revista ideal para as manifestações das novas tendências que os intelectuais vinham adotando, principalmente no que diz respeito à maior manifestação política em suas obras, o que pode ser notado, dentre outros gêneros narrativos, na poesia.

Julia Miranda, em seu livro *Vanguardias poéticas latino-americanas en la Guerra Civil Española*, analisa como o referido conflito favoreceu uma politização da poesia. Para a autora:

En este marco, los poetas latinoamericanos que ya venían transitando una vanguardia literaria, que también incluía activamente una perspectiva política, encontraron en la situación española una oportunidad para poner en práctica el ideario de esa vanguardia, a la vez literaria y política. Es decir, con la guerra de España los poetas despliegan nuevas prácticas escriturarias en tanto

¹⁵¹ ALBERTI, Rafael. Letrilla de El Mono Azul. In: *El Mono Azul*. Ano I, n. 1, 27 de agosto de 1937, p. 1

¹⁵² LAFLEUR, Héctor; PROVENZANO, Sergio; ALONSO, Fernando. *Las revistas literarias argentinas 1893-1967*. Buenos Aires: El 8vo, Loco, 2006.

¹⁵³ FUNES, Patricia. *Salvar la nación. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

suponían el afianzamiento y puesta en marcha de ese universo poético-político, de una poesía actuante¹⁵⁴.

Assim como em Espanha, vemos um movimento semelhante na Argentina de engajamento dos poetas. Essa ideia de “poesia atuante” apresentada pela autora, é por nós entendida como uma instrumentalização política da poesia, que passa a ser usada tanto como forma de denunciar os horrores da guerra como de divulgar os ideais republicanos. Ao mesmo tempo, faz do poeta um ator político comprometido com a causa popular, incluindo-o na categoria de *intelectual em guerra*, mesmo estando em solo argentino.

Ainda na Argentina, a poesia era um gênero bastante comum, tanto nas revistas culturais como entre os intelectuais que se engajaram na causa antifascista. Exemplo disso é o fato de que todos os três intelectuais que compuseram a delegação argentina no congresso de 1937 eram também poetas, e, dois deles, escreveram livros de poesia sobre a Guerra Civil Espanhola¹⁵⁵. A revista *Claridad*, publicou, no período da Guerra Civil Espanhola¹⁵⁶, um total de 218 poemas, dos quais, 66 tratavam ou faziam menção à Espanha de alguma forma, o que corresponde a um pouco mais de 30% do total. Uma quantidade bastante expressiva, o que indica a relevância e o impacto que a guerra teve nesses intelectuais latino-americanos.

Podemos destacar o poema de Idelfonso Pereda Valdes, denominado *Franco, General Bonito*, no qual o autor ataca Franco, chamando-o de “traidor”, “pirata” e até mesmo amaldiçoando o general espanhol, desejando a ele uma morte com “apodrecimento das entranhas”, “ressecamento das mãos” e “vermes nos olhos”¹⁵⁷. O poema de Pereda Valdes tem um tom mais pesado que o de Bergamín, que também era destinado a Franco, intitulado *El traidor Franco*. O autor espanhol conta em seu poema como Franco traiu seu povo e manchou sua honra com sangue, e, ao contrário do poeta argentino, poupa nas figurações escatológicas e foca seu ataque na honra do general fascista¹⁵⁸.

A poesia durante e para a Guerra Civil Espanhola teve um destaque que, talvez, nunca mais tenha tido novamente. Pelo menos, não como instrumento político. A sensibilidade que é nata à poesia fazia dela um instrumento para a denúncia das

¹⁵⁴ MIRANDA, Julia. Frenética armonia. In: *Vanguardias poéticas latino-americanas en la Guerra Civil Espanhola*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2016. p. 288.

¹⁵⁵ Cayetano Córdova Iturburu publicou *El viento en la bandera* e Raúl González Tuñón publicou *Ocho dumentos de hoy, Las puertas del fuego; La muerte en Madrid*.

¹⁵⁶ Entre seus números 304 e 335, que correspondem às publicações de agosto de 1936 até maio de 1939.

¹⁵⁷ VALDES, Idelfonso Pereda. Franco, General Bonito. In: *Claridad, revista de arte, crítica y letras. Tribuna del pensamiento izquierdista*. N. 308, Buenos Aires, diciembre de 1936. n/p

¹⁵⁸ BERGAMÍN, José. El traidor Franco. In: *El Mono Azul*. Ano I, n. 4, 17 de setembro de 1936, p. 5.

atrocidades e as manifestações das expectativas cultivadas e das decepções sofridas pelos intelectuais naquele período, como sintetizou a união entre poesia e política, o poeta argentino Alvaro Yunque, com esse poema:

Felicidad mayor es imposible:
ser revolucionario y ser poeta.
poder sembrar verdad entre los hombres
pero poder sembrarla con belleza¹⁵⁹.

3.4 José Bergamín, Cayetano Córdova Iturburu e a guerra na Espanha.

Como percebemos até aqui, a Guerra Civil Espanhola impactou os intelectuais voltados para causa antifascista de diversas maneiras, não sendo diferente nos dois intelectuais cujas trajetórias de engajamento percorremos neste trabalho. Naturalmente, a relação da Guerra com José Bergamín foi mais intensa, tanto por ele ser espanhol quanto pelo fato de tê-la acompanhado e adotado uma posição ativa desde o início. O fato de ser católico também pesou e apareceu bastante nas análises e questionamentos feitos pelo autor. Bergamín assistiu parte de seus irmãos de fé adotarem um posicionamento contrário ao seu, mesmo após uma declaração feita em 1931, na qual os católicos espanhóis falaram que agiriam dentro da legalidade civil e acatariam todos os deveres e direitos de um “bom cidadão”¹⁶⁰. Baseando-se nisso, o autor evoca, em um texto publicado em *El Mono Azul*, o fato de que a rebelião iniciada pelo exército espanhol, que culminou na Guerra Civil, era ilegítima, criticando, assim, a postura adotada pelos católicos que a apoiaram. O autor finaliza sua crítica com uma provocação e afirmando a sua posição: Los paladines de la lucha legal y del acatamiento a los poderes constituidos, ¿qué se hicieron? ¿Quiénes han traicionado? De pie, en mi puesto, al lado del pueblo español, con el pueblo, con la verdad, estoy esperando la respuesta”¹⁶¹.

As críticas de Bergamín dificilmente surtiriam efeitos sobre os católicos espanhóis, pois, em alguns meses depois da publicação desse texto, o Papa Pio XI publicou uma encíclica condenando o comunismo e ainda o responsabilizando pelo conflito espanhol:

¹⁵⁹ YUNQUE, Alvaro. Poetas Revolucionarios. In: *Claridad Revista de Arte, Crítica y Letras, Ciencias Sociales y Políticas, La Revista Americana de los Hombres Libres*. Buenos Aires, año XV, nº310 Febrero de 1937, n/p.

¹⁶⁰ BERGAMÍN, José. Palabras proféticas. In: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 6., p. 2, Outubro de 1936.

¹⁶¹ BERGAMÍN, José. Palabras proféticas. In: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 6, p. 2, Outubro de 1936, p. 2.

Até em países, onde - como sucede na Nossa amadíssima Espanha - não conseguiu ainda a peste e o flagelo comunista produzir todas as calamidades dos seus erros, desencadeou contudo, infelizmente, uma violência furibunda e irrompeu em funestíssimos atentados. Não é esta ou aquela igreja destruída, este ou aquele convento arruinado; mas, onde quer que lhes foi possível, todos os templos, todos os claustros religiosos, e ainda quaisquer vestígios da religião cristã, posto que fossem monumentos insígnies de arte e de ciência, tudo foi destruído até os fundamentos! E não se limitou o furor comunista a trucidar bispos e muitos milhares de sacerdotes, religiosos e religiosas, alvejando dum modo particular aqueles e aquelas que se ocupavam dos operários e dos pobres; mas fez um número muito maior de vítimas em leigos de todas as classes, que ainda agora vão sendo imolados em carnificinas coletivas, unicamente por professarem a fé cristã, ou ao menos por serem contrários ao ateísmo comunista. E esta horripilante mortandade é perpetrada com tal ódio e tais requintes de crueldade e selvajaria, que não se julgariam possíveis em nosso século.

Ninguém de são critério, quer seja simples particular, quer homem de Estado, cômico da sua responsabilidade, ninguém absolutamente, repetimos, pode deixar de estremecer de sumo horror, se refletir que tudo quanto hoje está sucedendo na Espanha, pode amanhã repetir-se também em outras nações civilizadas¹⁶².

Com relação a essa posição tomada pela Igreja, mas, principalmente, dialogando com os católicos espanhóis, Bergamín manifesta sua crítica através do texto *La cruzada y el desquite*, escrito na época do conflito, mas publicado apenas em 1976, no livro *El pensamiento perdido, páginas de la guerra y del destierro*. Para o autor, o apoio ao facismo levou os membros da Igreja espanhola a perderem o “sentido e a razão de sua representação cristã” convertendo-se em propagandistas da guerra. Ainda, segundo ele, esses católicos “pusieron la máscara sacerdotal al terror sangriento del verdugo. Predicaron cruzada santa contra su propio pueblo, por su negligencia y culpable abandono descristianado”¹⁶³. O escritor ainda reforça que tal uso político da religião faria dela uma farsa, causando a sua desfiguração. Assim essa “usurpação” por parte de impostores criaria uma “apropriação” que tinha pouco ou nada da “religião verdadeira”¹⁶⁴.

Em outro texto publicado no mesmo livro, Bergamín ressalta que a jovem República Espanhola conseguiu unir, em prol de sua causa, anarquistas e católicos,

¹⁶² Papa Pio XI. *Carta encíclica Divinis Redemptoris de sua santidade Papa Pio XI aos veneráveis irmãos, patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e demais ordinários em paz e comunhão com a sé apostólica. Sobre o comunismo ateu*. 14 de março de 1937. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html consultado em: 7 de agosto de 2018.

¹⁶³ BERGAMÍN, José. *La cruzada y el desquite*. In: BERGAMÍN, José. *El pensamiento perdido páginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, p. 11-39, 1976, p. 14.

¹⁶⁴ BERGAMÍN, José. *La cruzada y el desquite*. In: BERGAMÍN, José. *El pensamiento perdido páginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, p. 11-39, 1976.

destacando entre os primeiros Fermín Galán e no segundo grupo, García Hernández¹⁶⁵. O texto em questão intitulado: *Por nada del mundo (anarquismo y catolicismo)*, apresenta uma problematização bastante interessante relacionando anarquismo e catolicismo, abusando de seu estilo um tanto controverso de escrita. Partindo do ditado popular que diz : “Deus escreve certo por linhas tortas”, Bergamín, refere-se à situação que estava a Igreja, tanto em Roma quanto na Espanha, manifestando apoio às políticas fascistas e afirma que, em determinados momentos, “Deus parece anarquista”¹⁶⁶. Apesar disso, o anarquismo também ganha sentido de “confusão”, na argumentação do escritor, e chega até mesmo a ser comparado com o fascismo, ao afirmar que “la finalidad, el objeto, o el objetivo, del anarquista es la negación del Estado; todo lo contrario del Estado-negación fascista es la negación anarquista del Estado” e conclui que “Los extremos se tocan, en el hombre. El Estado-totalizador, el fascismo, aniquila al hombre con la plena vaciedad del Estado. El anarquismo aniquila al Estado con la plenitud – ¿vacía? – del hombre”¹⁶⁷.

O escritor espanhol afirma o perigo da Igreja ser tomada pela anarquia, pois, assim, perderia a sua função original e também o seu sentido. Algo que ele acreditava que estava acontecendo. Bergamín finaliza com uma crítica ao caminho que estava seguindo a Igreja na Espanha, principalmente em relação a Guerra Civil. Por outro lado, apresenta também um tom esperançoso, muito caro ao cristianismo, acreditando na redenção dos mortos que se uniriam a Deus, ainda que pelas mãos desses pecadores:

Los malos pastores que abandonaron primero, traicionando y perseguiendo después – con fútiles pretextos ideológicos: con mentiras mortales –, al pueblo español, a todos los pueblos de España, a todos esos pueblos de Dios, tienen hoy sus manos manchadas con su sangre. Y son esas mismas manos, sacrílegas, las que puestas en la Víctima Santa, al consagrar, redimen, sin saberlo, aquella sangre popular inocente: porque la juntan con la de su Dios en el Sacrificio. Sublime misterio de nuestra fé, de nuestra esperanza. Consuelo de todos los creyentes católicos, que hemos querido permanecer fieles a la paz de Cristo: al mandamiento de su amor; al orden de su caridad. Ahora es, para nosotros, esa sangre, redentora y redimida, la que cumple, más allá de este tiempo, y de este mundo, más allá de la muerte, en la plenitud de los tiempos esperada, la palabra divina. La palabra de Dios, que por

¹⁶⁵ Os dois foram líderes da chamada “Revolta de Jaca”, ocorrida em 12 de dezembro de 1930 como uma primeira tentativa de proclamar uma república na Espanha.

¹⁶⁶ BERGAMÍN, José. *Por nada del mundo (anarquismo y catolicismo)*. In: BERGAMÍN, José. *El pensamiento perdido páginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, p. 41-60, 1976.

¹⁶⁷ BERGAMÍN, José. *Por nada del mundo (anarquismo y catolicismo)*. In: BERGAMÍN, José. *El pensamiento perdido páginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, p. 41-60, 1976, p. 55.

la sangre, tan injustamente vertida, grita con la voz muda de esa misma sangre popular derramada¹⁶⁸.

O leitor mais atento pode se questionar se Bergamín, por ser católico, não sofreu de “culpa cristã” ao fazer parte de uma aliança que apoiava iniciativas bélicas (ainda que totalmente justificadas) e que resultou na morte de muitas pessoas. Não que seja possível dar uma resposta exata sobre essa questão, mas para além da necessidade de se posicionar que era exigida dos intelectuais, o autor parece dar indícios de como lidava com sua consciência cristã em um ensaio publicado na revista *Sur* em janeiro de 1937, alguns meses antes de se envolver na polêmica com Vitoria Ocampo. No ensaio, denominado *La máscara de sangre*, Bergamín desenvolveu de maneira bastante hermética, uma narrativa sobre a morte, a falta de sentido e vazio da existência no tempo, sem deixar de lado sua influência católica, ao mesmo tempo em que demonstra o impacto da guerra em seu pensamento.

Através de referências aos gregos antigos e também de pensadores clássicos espanhóis, Bergamín tece sua narrativa sobre a inevitabilidade da morte e como isso desperta o sujeito para a vida. Relacionando morte e sonho, o autor evoca Cervantes ao dizer que “a morte não pede o sonho, pelo contrário, o dá”. Em seguida, mobiliza outros grandes nomes da tradição intelectual espanhola como Lope, Calderón, Tirso e Menéndez Pelayo, para mostrar que na Espanha existia uma tradição intelectual que dramatizava a teologia, o que resultava em um povo que buscava “a verdade e não a vida, [que] quer a verdade da vida, a verdadeira vida, ante a certeza vigilante, desvelada, revelada ou reveladora da morte”.¹⁶⁹ Com essas palavras, Bergamín atenta para o drama espanhol, ao mesmo tempo que se insere numa tradição de pensadores que perceberam esse drama de um povo que sonhava ou escolheu sonhar, diante da realidade que se escancarava através da morte. O diálogo principal traçado por Bergamín, ainda que, em muitas passagens, de maneira velada, é com Heidegger. A exemplo do autor alemão, o espanhol encara o sujeito como um ser-para-a-morte. Todavia, diferentemente do primeiro, que defendia um caráter de completude na morte, Bergamín prega a transcendência dela:

Esa muerte, que es lo que vemos cuando estamos despiertos, cuando estamos desvelados, es la revelación definitiva del hombre perdido, del hombre desnudo, de la nada del hombre por la muerte. La angustiosa confirmación total y única de su existencia transcendente. Su

¹⁶⁸ BERGAMÍN, José. Por nada del mundo (anarquismo y catolicismo). In: BERGAMÍN, José. *El pensamiento perdido páginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, p. 41-60, 1976, p. 60.

¹⁶⁹ BERGAMÍN, José. La máscara de sangre tiempo y drama. In: *Sur*. Ano VII, n. 28, pp. 31-46, janeiro de 1937.

desesperación o su esperanza. El esqueleto no es la imagen o figura de la muerte, sino de los muertos – como pensó Quevedo –: la imagen o figura de la muerte es el hombre desnudo¹⁷⁰.

Esse “desnudar-se” de que fala o autor é o despertar para a vida, é a consciência da finitude da existência que impõe ao sujeito a busca pela verdade, podendo ser sua esperança ou sua perdição. Para Bergamín, essa revelação apresenta ao cristão o “ser ou não ser” que se questiona Hamlet, sendo a escolha pela esperança de uma outra vida que resolveria esse impasse e levaria à consciência de que toda morte é um fim de mundo, um juízo final, um apocalipse, fazendo dele um “contemporâneo de sua morte e extemporâneo de sua vida”¹⁷¹. Assim, o povo espanhol naquele momento, atuava como mártir, entregando seu sangue para um bem maior e comum, não apenas da própria Espanha, mas de todo o restante do mundo, que temia o avanço fascista. Segundo María Teresa Santa María Fernández, somente através da compreensão do martírio espanhol, Bergamín conseguiria silenciar sua consciência cristã frente ao derramamento de sangue e às ações belicosas do grupo republicano do qual fizera parte¹⁷².

Cayetano Córdova Iturburu, por sua vez, esteve na guerra como jornalista e também como militante do PCA. O escritor argentino conta que permaneceu na Espanha por seis meses, em 1937, dentre os quais, quatro meses e meio, em Madrid. Com uma leitura menos hermética do conflito, se comparado a Bergamín, Iturburu escreveu diversos textos para jornais e revistas que foram compilados posteriormente no livro *España bajo el comando del pueblo*, publicado em Buenos Aires em 1938. J. M. Podestá, em crítica feita ao livro, escrita para a AIAPE uruguaia, é bastante elogioso à obra de Iturburu, classificando-a como fruto de suas andanças pelas frentes de batalha, sendo o próprio autor apresentado como um combatente que visava a defesa da “verdadeira Espanha”¹⁷³.

Como tratamos no segundo capítulo, Córdova Iturburu, fez uso recorrente de sua *consciência histórica* que comumente se manifestava em suas obras. No que tange à Guerra Civil Espanhola, o autor chegou a esboçar um planejamento para a realização de

¹⁷⁰ BERGAMÍN, José. La mascara de sangre tiempo y drama. In: *Sur*. Ano VII, n. 28, pp. 31-46, janeiro de 1937, p. 35

¹⁷¹ BERGAMÍN, José. La mascara de sangre tiempo y drama. In: *Sur*. Ano VII, n. 28, pp. 31-46, janeiro de 1937.

¹⁷² FERNÁNDEZ, María Teresa Santa María. La trilogía dramática sobre la guerra civil. In: NÁCHER, Max Hidalgo; CABELLO, Iván López; FERNÁNDEZ, María Teresa Santa María (ed.). *José Bergamín: entre literatura y política*. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, pp. 99-118, 2015.

¹⁷³ PODESTÁ, J. M. “España bajo el comando del pueblo”, crítica. In: : *AIAPE, por la defensa de la cultura*. Montevideo. Ano 2, n. 22, dezembro de 1938.

uma obra sobre a história do conflito. Esse livro seria dividido em dez partes, as quais atribuiu títulos: 1) As causas da insurreição; 2) Os prolegômenos do levante; 3) O levante militar; 4) As Milícias populares; 5) Madrid, capital da glória; 6) O exército popular; 7) Largo Caballero a Negrin; 8) A frente trabalhista; 9) A liquidação da ignorância; 10) O povo invencível¹⁷⁴. Esse trabalho, porém, nunca foi concretizado pelo escritor.

A exemplo do que aconteceu com outros intelectuais, a morte de Federico García Lorca também foi um dos principais motivos do envolvimento de Cayetano Córdova Iturburu no conflito espanhol. Lorca esteve na América do Sul durante os anos de 1933 e 1934, o que o fez criar laços de amizade na região¹⁷⁵. Ângela Meirelles de Oliveira analisa o impacto da morte do poeta espanhol entre os intelectuais da região do Prata. Segundo a autora, esse teria sido um dos principais pontos que levaram à solidariedade dos intelectuais latino-americanos à Espanha, tanto “pela violência do ato, quanto pela forte carga simbólica” que tinha o assassinato de Lorca¹⁷⁶. A historiadora ainda analisa a participação de Córdova Iturburu em um ato em homenagem a Lorca, feito pela AIAPE argentina. Nesse ato, o autor questiona se de fato deveriam estar prestando aquela homenagem, uma vez que seus colegas espanhóis não o fizeram, por tomarem Lorca por vivo, ainda que simbolicamente. Isso demonstra a confusão gerada por tal atitude, já que as notícias que chegavam em Buenos Aires eram vagas e imprecisas¹⁷⁷. No seu pronunciamento, o autor indica como a morte do poeta espanhol teve forte impacto e serviu como uma espécie de termômetro do perigo fascista, dentre os intelectuais latino-americanos:

Cuando los telegramas de España difundieron entre nosotros la noticia, falsa o verdadera del asesinato del poeta, tuvimos la sensación, esta vez en carne de nuestra carne, de que nada sería bastante sagrado para detener el ímpetu bárbaro de las hordas mercenarias desembarcadas en la península¹⁷⁸.

A experiência de Córdova Iturburu na Guerra Civil Espanhola foi bastante ativa, seja atuando como intelectual, seja como jornalista, acompanhando as tropas republicanas nas frentes de batalha. Durante o período em que passou junto das Brigadas

¹⁷⁴ Documento 675.

¹⁷⁵ SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

¹⁷⁶ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015, p. 248.

¹⁷⁷ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

¹⁷⁸ ITURBURU, Cayetano Córdova. Federico García Lorca, símbolo de la España mártir. In: *AIAPE, por la defensa de la cultura*. Montevideo, ano 1, n. 3, março de 1937, p. 8.

Internacionais, ele conheceu Jef Last, um dos grandes poetas holandeses do período, cuja postura no fronte gerou grande admiração de Córdova Iturburu. Em um texto intitulado *Idolo de los soldados*, o escritor argentino não poupa elogios a Jef Last, retratando a admiração que os soldados republicanos tinham pelo poeta holandês, por este ensiná-los como se exercitarem, instruí-los militarmente, além de desenvolver um trabalho de alfabetização com eles¹⁷⁹. A admiração era tal que, segundo Córdova Iturburu, todos os soldados paravam para ouvir Jef Last recitar um poema em holandês durante cinco minutos, mesmo não compreendendo uma só palavra do que o poeta pronunciava. Além do poeta holandês, Córdova Iturburu não escondeu sua admiração por outros intelectuais aos quais também dedicou seu livro: Milan Jorancie, Miguel Hernandez, Herrera Petere, poetas combatentes. Em outro texto, publicado em *El Mono Azul*, o intelectual argentino elogia os textos de José Bergamín, a quem se refere como o “grande católico”, e classifica seus escritos como “densos, enérgicos e serenos”¹⁸⁰.

Os textos de Cayetano Córdova Iturburu parecem ter, como finalidade, não apenas a divulgação dos acontecimentos da guerra, mas também criar uma imagem positiva dos republicanos. Suas narrativas são sempre muito carregadas de adjetivos que exaltam esse grupo, além de não esconder admiração por eles, o que é compreensível, tendo em vista a militância assumida.

Consideramos que uma das suas intervenções mais relevantes na guerra tenha sido a divulgação feita por ele da proposição de um projeto feito pela delegação argentina, durante o II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura. O projeto partia da consideração de:

- a) Que la guerra se libra en la actualidad en el territorio de España, enfrenta, en los campos de batalla a las fuerzas del porvenir con las de la regresión, a las fuerzas que encarnan las únicas posibilidades de salvación de la cultura con las oscuras potencias del fascismo que intenta arrasar el edificio de la civilización.
- b) Que el gobierno legítimo de España, es la representación auténtica de la voluntad de un pueblo que no sólo quiere mantener su libertad y establecer en el territorio de su patria el imperio de una verdadera democracia, sino que aspira también, fundamentalmente, a afirmar su derecho a la cultura, creando un clima de acogimiento popular propicio a su desarrollo¹⁸¹.

¹⁷⁹ ITURBURU, Cayetano Córdova. *España bajo el comando del pueblo*. Bueno Aires: Foare, 1938.

¹⁸⁰ ITURBURU, Córdova Cayetano. España y el pueblo y los intelectuales argentinos. In: *El Mono Azul*. Ano 2, n. 16, 1 de maio de 1937, p. 8.

¹⁸¹ ITURBURU, Cayetano Córdova. Discurso em II congreso internacional de escritores por la defensa de la cultura. In: SOLER, Manuel Aznar e SCHNEIDER, Luis Mario (orgs.). *II congreso internacional de*

A partir disso, o autor propõe cinco pontos como metas:

- 1) *Que es un deber de todos los escritores del mundo, sin excepción, acudir, con todos los medios de su expresión de que disponen en defensa del pueblo de España y de su Gobierno legítimo contra la campaña internacional del fascismo.*
- 2) *Que es un deber de todos los escritores del mundo contribuir a lograr, en el seno de las masas populares de sus países respectivos, la unidad de acción indispensable para un apoyo efectivo al pueblo de España.*
- 3) *Que es un deber de todos los escritores del mundo exigir, enérgicamente, que los Gobiernos de sus países sostengan, en los hechos y ante los Organismos internacionales correspondientes, el principio del derecho inalienable que asiste al Gobierno legítimo de España a proveerse de los elementos materiales necesarios para aplastar la insurrección regresiva y arrojar del suelo patrio las fuerzas expedicionarias extranjeras.*
- 4) *Que es un deber de todos los escritores del mundo difundir la realidad conmovedora del heroísmo del pueblo español que, presente en las primeras líneas de combate y en la retaguardia laboriosa, ofrece a los hombres un ejemplo sin igual en la historia, conquista cada día su libertad con sacrificios cruentos, estructura una auténtica democracia y, sobre el escombros y bajo el fuego, redime ya a millones de hombres de una ignorancia varias veces secular, poniendo los beneficios de la cultura al alcance de sus masas de obreros, campesinos y soldados.*
- 5) *Que el escritor que así no lo hiciere, no sólo falta a un indeclinable deber de solidaridad humana con los pueblos, sino que traiciona los intereses auténticos de la cultura*¹⁸².

Como fica claro, todos os pontos têm, como principal objetivo, o desenvolvimento de uma solidariedade à Espanha, assim como outros exemplos anteriormente citados.

Para Córdova Iturburu, o fascismo representava a atualização da barbárie que a humanidade era capaz de cometer. O autor denuncia a crueldade, brutalidade e covardia à qual Franco recorreu no desenrolar da guerra:

¿Como juzgar los métodos de la guerra totalitaria, puesta en práctica contra los pueblos por os países fascistas, sino como una vuelta a los más bárbaros procedimientos registrados en la historia del mundo? Ante las masacres de mujeres y de niños, ante la destrucción de las ciudades inofensivas, se piensa en las hordas de Gengis Kahn y de Atila. No creo que haya hipérbole en la evocación. Muy al contrario. ¿La más implacable crueldad humana, que la civilización ha tratado de extirpar de sus costumbres y de sus instituciones, vuelve a adquirir con el fascismo una ciudadanía que agraven los ojos de sus prisioneros que la

escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios. p. 77-78, València: Generalitat Valenciana, 1987, p. 77-78

¹⁸² ITURBURU, Cayetano Córdova. Discurso em II congreso internacional de escritores por la defensa de la cultura. In: SOLER, Manuel Aznar e SCHNEIDER, Luis Mario (orgs.). *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios.* p. 77-78, València: Generalitat Valenciana, 1987, p. 78.

aviación pardo-fascista de Franco haciendo volar por el espacio los miembros mutilados de los niños de las escuelas o de los heridos de los hospitales? [...] No se trata, como afirma Franco en decoraciones oficiales, del bombardeo de objetivos militares. Ni de bombas fallidas que caen, por razones explicables, en las proximidades de esos objetivos. Se trata de la siembra del terror en la retaguardia indefensa por nadie de su ametrallamiento infame. Se trata, en una palabra, de una tentativa de desmoralización de la retaguardia por medio del asesinato frío de las mujeres y los niños, por medio de la metódica liquidación de los no combatientes, de los indefensos, de los desarmados. Puede haber palabras de condenación bastante duras para calificar, con exactitud, la infamia y la cobardía de tales procedimientos inhumanos?¹⁸³.

Para o escritor, uma das possíveis soluções para esse problema era a derrota do fascismo, como aconteceu na Segunda Grande Guerra, quando as principais potências fascistas foram derrotadas. Apesar disso, Franco não viria a ser combatido pelas forças Aliadas, tendo permanecido no poder até sua morte, contrariando assim, todas as expectativas.

A Guerra Civil Espanhola, além de ter tido grande relevância para a política internacional, também marcou a produção intelectual como ponto de sedimentação de uma nova sensibilidade surgida na década anterior, que unia política e cultura, sendo esta uma característica não apenas dos intelectuais espanhóis e latino-americanos, mas envolvendo indivíduos de várias partes do mundo. Pela posição que ocuparam dentro das Alianças Antifascistas da Espanha e da Argentina, José Bergamín e Cayetano Córdova Iturburu, apresentam-se como personagens fundamentais para o entendimento desse movimento de engajamento antifascista, não apenas na guerra espanhola, mas no que diz respeito a década de 1930 como um todo. Mesmo assim, ambos foram personagens que acabaram sendo deixados de lado pelas historiografias de seus respectivos países, muito devido ao seu posicionamento político. Bergamín como se manteve fiel ao ideal da “Espanha Leal”, não gozava de espaço no país ibérico, mesmo após o período franquista. Córdova Iturburu, por sua vez, após romper com o Partido Comunista, perdeu seu status revolucionário entre os intelectuais argentinos que buscaram tal imagem. Partindo-se do princípio de que os itinerários políticos dos intelectuais trazem à luz o seu engajamento, como defende François Sirinelli¹⁸⁴, e por esse motivo, não apenas os intelectuais que ganharam maior notoriedade e se tornaram cânones devem ser estudados, mas também aqueles que foram deixados de lado. Esses dois personagens se mostram reveladores de

¹⁸³ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Sobre la guerra totalitaria. *CeDinCI*, originales mecanografiados de la Guerra Civil Española, carpeta 1, 27/07/1938.

¹⁸⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1996.

um movimento muito maior de engajamento que possuía certas diretrizes, e que era multifacetado e repleto de peculiaridades.

3.5 Os caminhos pós-guerra.

Ainda que este trabalho não tenha a intenção de percorrer a trajetória dos dois intelectuais pós 1939, julgamos ser importante comentar, mesmo que rapidamente, alguns acontecimentos relacionados ao engajamento que Cayetano Córdova Iturburu e José Bergamín viveram durante a década de 1930. Após o término da Guerra Civil Espanhola, Bergamín se dirigiu para o México, onde permaneceu até 1946, depois para Venezuela onde ficou por menos de um ano e em seguida foi para o Uruguai, país no qual permaneceu até 1954¹⁸⁵, quando regressou à Europa, indo para a França e posteriormente para a Espanha, em 1958. Em 1963 é novamente expulso de seu país natal e regressa rapidamente ao Uruguai. Em 1964, o escritor volta em definitivo para a Europa, passando novamente por Paris, onde ficou até 1970, quando finalmente vai para a Espanha.

A passagem de Bergamín pela América Latina foi marcada por eventos traumáticos como a morte da esposa em 1943, conflitos com outros intelectuais espanhóis e latino-americanos e sua própria condição de exilado. Isso, obviamente, se refletiu na opinião do autor sobre a América. Ao ser questionado por María Zambrano sobre uma viagem a Cuba, a resposta de Bergamín demonstra a opinião negativa que possuía, assim como certo desprezo pelo continente americano:

No comprendo por qué me hablas de Cuba. No ha pasado por mi cabeza semejante viaje, ni ahora sería para mí el momento más adecuado. No sé de dónde salen esos rumores que tú tomaste como noticia cierta. Ni podría, ni querría ir a Cuba. América entera es un pasado para mí, al que no quisiera nunca más volver, ni siquiera con el recuerdo. Únicamente de volver – y por razones personalísimas – me gustaría hacerlo a Carrasco en Montevideo. (Y esto por motivos muy particulares – y sentimentales – míos).

No. Nada de Cuba. Ni de Américas. ¡Dios me libre de ello, como me ha librado de un posible viaje a Chile, al que estuve falsamente invitado, g. a. D.¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Os períodos de exílio de Bergamín no México foi estudado por Nigel Dennis no livro *El pasajero. Peregrino español en América (México, 1943-1944)*. Edición do Castro, 2005. Já o período no Uruguai compilada por Rogelio Martínez com notas de Alicia Cagnasso, no livro *Crónica del exilio de Bergamín no Uruguay*. Montevideo: Ediciones Bergamín, 2004. O período na Venezuela, por sua vez, segue ainda carecendo de estudos e muitos dos documentos seguem inexplorados.

¹⁸⁶ BERGAMÍN, José, ZAMBRANO, María. [carta] Madrid, 16 de febrero de 1962. Publicado em: DENNIS, Nigel (ed.). *Dolor y claridad de España cartas a María Zambrano*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2004, p. 97-98.

O peso do exílio também é expressado por Bergamín através de sua poesia, a exemplo do poema *Volver*, onde o autor demonstra seu desejo de retornar à Espanha e também a angústia de estar longe de sua terra:

Volver no es volver atrás. / Lo que yo quiero de España / no es su recuerdo lejano: / yo no siento nostalgia. / Lo que yo quiero es sentirla: / su tierra bajo mi planta; / su luz, arder en mis ojos / quemándome la mirada; / y su aire que se me entre / hasta los huesos del alma. / Volver no es volver atrás. / Yo no siento añoranza; / que lo que pasó no vuelve / y si vuelve es fantasma. / Lo que yo quiero es volver sin volver atrás de nada. / Yo quiero ver y tocar con mis sentidos España, / sintiéndola como un sueño / de vida, resucitada. / Quiero verla muy de cerca, / cuerpo a cuerpo, cara a cara: / reconocerla tocando / la cicatriz de sus llagas. / Que yo tengo el alma muerta, / sin enterrar, desterrada: / quiero volver a su tierra / para poder enterrarla. / Y cuando la tierra suya / la guarde, como sembrada, / quiero volver a esperar / que vuelva a ser esperanza. / Volver no es volver atrás. / Yo no vuelvo atrás de nada¹⁸⁷.

Bergamín, que como vimos em algumas passagens do primeiro capítulo, buscava muitas referências na mitologia grega, algo que foi recorrente em diversos trabalhos seus. Tomando aqui também a mitologia grega e certa liberdade poética, o autor espanhol parece representar uma espécie de Orfeu. Na mitologia, Orfeu foi um mortal que ao perder a mulher que amava, Eurídice, desceu até o submundo e conseguiu encantar Hades com o toque da sua lira. O senhor do mundo inferior permite ao músico retornar ao mundo dos vivos com sua amada, com a condição de não olhar para trás antes de serem tocados pelo sol. Quando faltava pouco para deixar o submundo, Orfeu virou seus olhos para trás, para ter certeza de que Eurídice o estava acompanhando e ali perdeu para sempre o seu grande amor. A mitologia conta que após esse acontecimento Orfeu passou a ser uma pessoa amarga e amargurada. Ele retornou do inferno, mas como alguém derrotado e sem nenhum motivo para alegria ou glória. O paralelo que pode ser traçado com Bergamín seria com relação a seu exílio, que representaria para ele o inferno, onde ele ainda manifestava a esperança de reaver a sua Espanha Republicana. Entretanto, ao retornar, não a encontrou, sofrendo assim, a exemplo do músico mitológico, uma derrota, um retorno sem glórias e/ou alegrias.

Cayetano Córdova Iturburu, por outro lado, teve reviravoltas na sua trajetória política durante a década de 1940. O escritor se manifestou contra o peronismo que vinha crescendo, chamando-o de “naziperonismo”, o que para ele era somente mais uma

¹⁸⁷ BERGAMÍN, José, ZAMBRANO, María. [carta] París, 25 de octubre de 1957. Publicado em: DENNIS, Nigel (ed.). *Dolor y claridad de España cartas a María Zambrano*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2004, p. 42-44.

adaptação do nazifascismo à Argentina¹⁸⁸. O acontecimento, talvez, mais relevante para a trajetória política do escritor durante essa década foi sua expulsão do Partido Comunista Argentino. Horacio Tarcus e Ana Longoni contam que, em agosto de 1948, ocorreu uma reunião plenária entre os intelectuais comunistas do PCA, onde um dos principais dirigentes do partido, Rodolfo Ghioldi, defendeu que o realismo seria a melhor corrente para a criação cultural dos artistas comunistas. Córdoba Iturburu, por sua vez, argumentou em prol de uma maior liberdade de criação. Ele acreditava que uma arte verdadeiramente revolucionária dependia dos elementos estéticos de sua época¹⁸⁹. Dias após essa reunião, Ghioldi escreve uma carta a Córdoba Iturburu, datada de 23 de agosto de 1948, na qual diz que a não participação do escritor no debate, cuja opinião se mostrava tão importante, seria prejudicial, mas, por outro lado, também expressava seu desapontamento, pois discordava com as posições defendidas em relação à produção artística, que julgava equivocada. Tarcus e Longoni ressaltam que essa carta exercia de maneira amistosa, certa pressão política a Córdoba Iturburu. O dirigente se via em um impasse, pois, o escritor argentino, por sua trajetória e importância como crítico de arte, poeta e jornalista, somava bastante ao partido, porém, suas posições dificultavam a criação de uma homogeneidade dentro do partido¹⁹⁰.

A resposta de Córdoba Iturburu é datada em carta assinada em 16 de setembro de 1948, na qual o escritor agradece as considerações feitas por Ghioldi e reforça seu ponto dizendo que:

Sin mucha esperanza de llegar al fondo mismo de esta cuestión, tan ardua y tan compleja, quiero aclarar, en primer término, algunas cuestiones cuya configuración puede ser una consecuencia de insuficiente expresión mía o equivocada interpretación tuya. Yo no me quejo – como pareceis creerlo vos – del tratamiento injusto que los soviéticos dan a los modernistas. Mi actitud es otra. Lamento ese tratamiento. Y lo lamento no por los modernistas, sino porque pienso que no es posible un arte revolucionario, nuestro, comunista, sin la utilización de los elementos estéticos y técnicos proporcionados por la gran experiencia artística y literaria de nuestra época. Pienso, en una palabra, que no podemos hablar válidamente, desde el punto de vista artístico sino con el idioma artístico de nuestra edad. La sensibilidad del

¹⁸⁸ CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Discurso pronunciado en un acto de la Unión Democrática. *CeDinCI*, escrito políticos, carpeta 1, documento 641, 19/01/1946.

¹⁸⁹ TARCUS, Horacio; LONGONI, Ana. Purga antivanguardista crónica de la expulsión de Córdoba Iturburu del Partido Comunista. *Ramona*, n. 14, Buenos aires, p. 55-57, julio de 2001.

¹⁹⁰ TARCUS, Horacio; LONGONI, Ana. Purga antivanguardista crónica de la expulsión de Córdoba Iturburu del Partido Comunista. *Ramona*, n. 14, Buenos aires, p. 55-57, julio de 2001, p. 56.

hombre moderno es una consecuencia de los factores sociales, políticos, económicos y técnicos de nuestro tiempo¹⁹¹.

A postura adotada por Córdova Iturburu nessa carta não é diferente daquela que o escritor vinha demonstrando em toda a sua trajetória política durante a década de 1930. A defesa de recursos estéticos que correspondessem melhor às demandas do seu próprio tempo, de maneira a tentar evitar uma espécie de anacronismo artístico, está presente já na declaração do autor no primeiro salão da AIAPE que tratamos anteriormente. A conclusão desse embate foi a expulsão de Córdova Iturburu do partido. Essa expulsão foi confirmada por uma carta do escritor, que teve trechos publicados nos jornais *La Razón*, *Clarín* e *La Nación* em 2 de abril de 1949, e em uma nota no periódico oficial do partido, *Orientación*, no dia 6 de abril do mesmo ano. Tanto a carta quanto a nota, afirmam que a expulsão de Córdova Iturburu se deu pela sua displicência com o partido, não frequentando as reuniões nem participando dos outros trabalhos promovidos por ele. O autor também ressalta a sua falta de confiança nas diretrizes tomadas pelo partido, que ele afirma ter relação com a sua discussão com Ghioldi.

Após a expulsão, Córdova Iturburu passou a se dedicar quase que exclusivamente a assuntos relacionados à arte. Assumiu algumas colunas sobre crítica de arte em jornais importantes como *La Razón*, escreveu livros e catálogos artístico e comentou as obras de artistas renomados da Argentina, dentre outras coisas. Sua visão política estava atrelada a sua visão artística. Dessa maneira, ao optar por se dedicar às artes, de certa forma, o escritor também estava não apenas demonstrando alguma desilusão com a política em si, mas reafirmando sua concepção de arte revolucionária, que demandava para ele, liberdade e autonomia do artista.

¹⁹¹ CORDOVA ITURBURU, Cayetano. Carta 16/09/1948, [apud], TARCUS, Horacio; LONGONI, Ana. Purga antivanguardista crónica de la expulsión de Córdova Iturburu del Partido Comunista. *Ramona*, n. 14, Buenos aires, p. 55-57, julio de 2001, p. 57.

Considerações finais

Buscou-se, nesta dissertação, percorrer os meandros do engajamento intelectual antifascista durante a década de 1930. Para isso, optamos por seguir as trajetórias políticas de dois intelectuais não canônicos. Partiu-se da afirmativa de François Sirinelli de que intelectuais “menores”, aqui entendidos como aqueles não canônicos ou menos famosos, podem ser objeto de estudos tão reveladores quanto os grandes nomes¹. Este trabalho, teve, assim, também a proposta de proporcionar certa “recuperação” desses intelectuais que, de alguma forma, ficaram esquecidos pela historiografia, mesmo que tenham gozado de certo prestígio e relevância em vida com obras e biografias tão vastas e instigantes. Para além disso, ambas as trajetórias são reveladoras das relações envolvendo os intelectuais e a política. As polêmicas que suas convicções geraram, mesmo entre os apoiadores do antifascismo, demonstraram que não existia uma homogeneidade de percepção e de entendimento, o que vez ou outra desembocava em conflitos.

Uma das questões que delinearão o trabalho foi a do papel desempenhado pelo intelectual. Procuramos fugir de concepções normativas, pois julgamos que elas tendem a ser falhas e, ambos os intelectuais que analisamos, acabaram por não se enquadrarem adequadamente nelas. Ainda assim, no terceiro capítulo acabamos por classificar de maneira um tanto normativa os intelectuais *em* guerra e *na* guerra, por julgarmos que correspondia a um caso distinto². Tratando-se da Guerra Civil Espanhola, acreditamos que essa relação seja ainda mais excepcional, pelo fato de que muitos dos intelectuais que se juntaram ao conflito não eram espanhóis nem possuíam relações diretas com o país, movendo-se, assim, basicamente, por suas convicções, ideologias e seus compromisso com a causa antifascista.

A causa antifascista, durante a década de 1930 foi derrotada, como bem lembra Ângela Meirelles de Oliveira, uma vez que, tanto a tentativa de evitar uma guerra como a de barrar o avanço dos regimes nazista e fascista falharam³. Para Bergamín, essa derrota pesou mais do que para Córdova Iturburu, pois como vimos, culminou em seu exílio e no fim do sonho de uma Espanha republicana. Na Argentina, por outro lado, a situação não

¹ SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l’histoire des intellectuels. In: *Vingtième siècle. Revue d’histoire*. Paris, (9), p. 97-108, jan-mars, 1986.

² Outros estudos também procuram demonstrar como as guerras tendem a ter influência no trabalho e produção dos intelectuais. Podemos citar como um famoso exemplo os trabalhos de Gisèle Sapiró, principalmente o livro: *La guerre des écrivains, 1940-1953*. Paris: Fayard, 1999.

³ OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

era muito melhor, pois as fraudes eleitorais continuaram acontecendo e definindo os governos posteriores.

Apesar dessa derrota, o movimento antifascista foi bastante importante, principalmente no que diz respeito ao engajamento intelectual, uma vez que se configurou como um dos movimentos de maior adesão desse seguimento social. As trajetórias aqui analisadas demonstraram que esse processo de engajamento nem sempre acontecia de maneira linear entre os intelectuais. Com José Bergamín, testemunhamos o processo de engajamento na Espanha, durante a Segunda República, de um escritor que tinha um perfil distinto dos seus pares, por se tratar de um escritor cristão, que diferentemente de boa parte dos católicos do período, optou por apoiar o lado progressista daquele contexto tão marcadamente bipolarizado. Bergamín buscava, de alguma forma, com seus textos labirínticos e de difícil acesso, não apenas impactar e tirar seus leitores de sua zona de conforto, mas também, responder às questões colocadas pelo seu tempo. Não seria exagero afirmar que ele é um dos expoentes mais importantes para a compreensão de um pensamento espanhol contemporâneo, uma vez que reúne não apenas grande erudição e um repertório teórico bastante vasto, mas também por ter se apropriado de uma tradição intelectual espanhola representada por Unamuno, Lope e outros, e fundido isso com sua cultura nacional e popular, formando, dessa maneira, o seu estilo único. Assim como Bergamín, outros intelectuais espanhóis do mesmo período e com uma rica obra continuam renegados pela historiografia, como Luis Cernuda, Antonio Sánchez Barbudo, Max Aub, María Zambrano, para citar apenas alguns que se apresentam como instigantes objetos de estudo para historiadores dos intelectuais e mesmo para a História das Ideias ou, ainda, para a estudos de História e Literatura.

Ao acompanharmos um pouco da trajetória política e intelectual de José Bergamín, percebemos que o católico espanhol ocupou certo lugar de destaque no meio intelectual do seu país na década de 1930. A partir de sua produção literária e de seu engajamento político, pudemos observar que, apesar do apoio dado pela Igreja Católica ao fascismo e aos nacionalistas espanhóis, existiam vozes dissonantes dentro do catolicismo que propuseram inclusive aproximação entre esse pensamento religioso com o marxismo. Outro ganho apresentado foi o de melhor entendimento do estilo paradoxal do autor que julgamos ser possível somente por meio de uma análise que buscasse esmiuçar a sua formação, as relações e diálogos intelectuais, como a apresentada, sobretudo, no primeiro capítulo.

Com Cayetano Córdova Iturburu, podemos acompanhar como a causa antifascista foi crescendo e mobilizando intelectuais na Argentina. A trajetória do escritor demonstra um movimento interessante, de uma postura mais isenta ou mesmo “apolítica” em relação à politização e engajamento no antifascismo. O escritor, que também foi tratado como pária na historiografia, a exemplo de seu companheiro de viagem à Espanha durante a guerra, Pablo Rojas Paz, possui uma vasta obra, importante tanto para a história política quanto para a cultural e a artística da Argentina do século XX. Seus textos da década de 1930 contêm muitos dos ideais da luta antifascista dos intelectuais argentinos reunidos na AIAPE, o que faz dele uma das figuras chave para a compreensão desse movimento naquele período no país.

O trabalho buscou apresentar a trajetória do escritor argentino que, diferentemente de Bergamín, não foi um intelectual tão paradoxal, porém, sua posição dentro movimento antifascista também é reveladora de determinadas características do antifascismo na Argentina. Assim, por meio de sua trajetória conseguimos analisar um pouco das manifestações do engajamento antifascista na Argentina, algumas das pautas levantadas pelos intelectuais ligados a esse movimento e também a relação do antifascismo com a arte. Outra colaboração foi a de demonstrar o esforço do escritor em criar narrativas históricas sobre personagens ligados ao antifascismo com o intuito de criar uma memória desse movimento e evitar o esquecimento daqueles que lutaram contra o fascismo.

Tanto a participação de Bergamín quanto a de Córdova Iturburu na Guerra Civil Espanhola foram reveladoras do peso desse evento dentro da luta antifascista e também na trajetória pessoal de os ambos escritores. Para Bergamín, a guerra foi determinante para praticamente todo o resto de sua vida, uma vez que envolveu todo o processo do exílio e a derrota do ideal republicano que apoiava. Já para Córdova Iturburu, a guerra representou o ápice de seu engajamento, colocando-o frente à face brutal do fascismo, representada por toda covardia e crueldade aplicadas no conflito.

Nesse sentido, o estudo desenvolvido deu ênfase ao engajamento intelectual antifascista durante a Guerra Civil Espanhola. Buscamos demonstrar os diferentes níveis de engajamento através das categorias de intelectuais *em* guerra e intelectuais *na* guerra. Outra colaboração foi demonstrar a manifestação do antifascismo em diversas frentes literárias, indicando, assim, uma politização da cultura e a existência de uma “cultura intelectual antifascista” naquele período⁴. A análise dos escritos dos dois intelectuais

⁴ Essa “cultura intelectual antifascista” aparece não apenas nas produções literárias como as exploradas nesta dissertação, mas extrapola para outros âmbitos como a música e o cinema, sobretudo durante a Guerra

estudados demonstrou também o peso que a Guerra Civil Espanhola teve para a causa antifascista e o impacto do conflito na trajetória individual de ambos. O que aparece também nos caminhos que cada um dos escritores seguiu após o término da Guerra Civil Espanhola.

As conclusões gerais do trabalho são as apresentadas ainda na introdução, isto é, de que o caráter internacionalista do movimento antifascista demonstra que seu impacto e sua força na Argentina não seriam os mesmos se não fosse a Espanha, como pudemos perceber por meio da mobilização gerada pelo conflito. Da mesma forma, o antifascismo espanhol seria diferente se não fosse toda essa mobilização internacional angariada pela causa e intensificada pela Guerra Civil no país. No âmbito intelectual, o trabalho buscou demonstrar as diferentes manifestações desse internacionalismo antifascista que foi recorrente nas mais variadas produções literárias e também em congressos como o II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura. A principal conclusão do trabalho é a de que esses intelectuais buscaram posição autônoma, preservando sua liberdade de opinião e ação, independentemente de suas filiações partidárias e simpatias políticas. Fica claro que ambos os escritores encarnaram, à sua maneira, a rebeldia e o senso crítico caro àqueles que se recusam a se conformar com as barbáries e injustiças, que não se omitem por medo. A rebeldia daqueles que lutaram (e ainda lutam) por um mundo mais justo, tão inata ao intelectual engajado desde o seu surgimento.

Civil Espanhola, quando essas manifestações apareciam nos mais variados campos, de textos a selos de correspondências. Para uma análise mais aprofundada ver: MIRANDA, Julia. *Frenética armonía. Vanguardias poéticas latino-americanas en la Guerra Civil Española*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2016.

Referências

Fontes Consultadas:

Revistas e Periódicos

AlAPE, por la defensa de la cultura. Montevideo

Argentina

Claridad (1936-1939)

Contra: la revista de los franco-tiradores

Cruz y Raya

El Mono Azul (1936-1939)

Hora de España (1937-1938)

Sur (1936-1939)

Unidad para la defensa de la cultura

Livros:

BERGAMÍN, José. *El arte de birlibirloque*. Barcelona: Cruz del Sur, 1961

BERGAMÍN, José. El cohete y la estrella. In: *El caballito del diablo*. Buenos Aires: Losada, 1942.

BERGAMÍN, José. *El pensamiento perdido. Paginas de la guerra y del destierro*. Madrid: Adra, 1976.

BERGAMIN, José; FALLA, Manuel. *El epistolario (1924-1935)*. Editado por: DENNIS, Nigel. Valencia: Pre-textos, 1995.

BERGAMÍN, José; UNAMUNO, Miguel. *El epistolario [1923-1935]*. Editado por: DENNIS, Nigel. Valencia: Pre-textos, 1993.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Cuatro perfiles y otras notas*. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1941.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Como ver um cuadro*. Buenos Aires: Atlantida, 1954.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Diccionario de la actualidad mundial*. Buenos Aires: Atlantida, 1947.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *La revolución martinfierrista*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *La civilización azteca*. Buenos Aires: Atlántida, 1944.

ESPANHA [Constituição de 1931]. *Constitución de la República Española*. Promulgada em 9 de dezembro de 1931.

GIDE, André. *De volta da URSS*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1937.

ITURBURU, Cayetano Cordova. *El viento en la bandera*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1945.

ITURBURU, Cayetano Córdova. *España bajo el comando del pueblo*. Buenos Aires: Foare, 1938.

SOLER, Manuel Aznar e SCHNEIDER, Luis Mario (orgs.). *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios*. Valência: Generalitat Valenciana, 1987.

Fontes citadas:

ALBERTI, Rafael. Capital de la gloria. In: *Hora de España*. Ano I, n. II, pp.29-34, fevereiro de 1937.

ALBERTI, Rafael. Letrilla de El Mono Azul. In: *El Mono Azul*. Ano I, n. 1, 27 de agosto de 1937, p. 1

ALTOLAGUIRRE, Manuel. Ultima muerte. In: *Hora de España*. AnoI, n. III, p. 31-38, março de 1937.

AUNQUE los manifiestos.. *Unidad, por la defensa de la cultura*. Buenos Aires, ano 1, n. 1, p.1 janeiro de 1936.

BAZAN, Armando. Unamuno, junto a la reacción. In: *El Mono Azul*, ano 1, n. 1, 27 de agosto de 1936.

BELEFF, Kristu. Discurso II congreso. In: SOLER, Manuel A. y SCHNEIDER, Luis M. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*. P. 105-106, Valencia: Generalitat Valenciana, 1987.

BENDA Julien. Palabras pronunciadas en la sesión de apertura del Congreso. In: *Hora de España*, nº VIII, pp, 21-24, agosto de 1937.

BERGAMÍN, José. A cristo crucificado ante el mar. In: *Hora de España*. Ano II, n. XX, p.13-15, agosto de 1938.

BERGAMÍN, José. Discurso no II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura. Valencia, 4 de julio de 1937. In: *Hora de España*, nº VIII, pp. 30-36, 1937.

BERGAMÍN, José. *El estado y fantasma y en qué país vivimo?*. In: *Cruz y Raya*. Año 2, n. 20, noviembre de 1934.

BERGAMÍN, José. El pesamiento hermético de las artes. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 1, abril de 1933.

BERGAMÍN, José. El traidor Franco. In: *El Mono Azul*. Ano I, n. 4, 17 de setembro de 1936, p. 5.

BERGAMÍN, José. El “tris” de todo y que es España?. In: *Cruz y Raya*. Año 2, n. 19, octubre de 1934.

BERGAMÍN, José. Hablar em cristiano. In: *Cruz y Raya*. Año 3, n. 27, julio de 1935.

BERGAMÍN, José. La callada de Dios. In: *Cruz y Raya*. Año 3, agosto de 1935.

BERGAMÍN, José. La decadencia del analfabetismo. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 3, junho de 1933.

BERGAMÍN, José. La importancia del demonio. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n.5, agosto de 1933.

BERGAMÍN, José. Las manos vacias. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 4, julho de 1933.

BERGAMÍN, José. La mascara de la sangre tiempo y drama. In: *Sur*. Ano VII, n. 28,p. 31-46, janeiro de 1937.

BERGAMÍN, José. La revolución en entredicho y la contra-revolución en entreacto. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 8, novembro de 1933.

BERGAMÍN, José. Nota 1. In: LANDSBERG, Paul L. Reflexiones sobre Unamuno. *Cruz y Raya*, n. 31, Madrid: octubre de 1935.

BERGAMÍN, José. Palabras proféticas. In: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 6., p. 2, Outubro de 1936.

BERGAMÍN, José. Reproche a André Gide. *Unidad, por la defensa de la cultura*. Buenos Aires, ano 2, n. 5, p. 4, janeiro de 1938.

BERGAMÍN, José. Romance del mulo Mola. In: *El Mono Azul*, nº1, p.5, Madrid, 27 de agosto de 1936.

BERGAMÍN, José. Signo y diseño de Cruz y Raya. In: BERGAMÍN, José. *El aviso de escarmentados del año que acaba y escarmiento de avisados para el que empieza de 1935*. Alemanha: Bläschke & Ducke GmbH, 1974.

BERGAMÍN, José. “Un gran vuelo de cuervos mancha el azul celeste”. In: *Cruz y Raya*. Año 1, n. 12, marzo de 1934.

BERGAMÍN, José, OCAMPO, Victoria. Notas: Carta Abiertas de José Bergamín a Victoria Ocampo – Victoria Ocampo a José Bergamín. *Sur*, año VII, n. 32, p. 67-74, mayo de 1937.

BORGES, Jorge Luis. Arte, arte puro, arte propaganda... *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 3, julio de 1933.

CALENDARIO: revistas de temas del mes. *Sur*, Buenos Aires, año 9, n. 52, p. 81-86, enero de 1939.

CARPIO, Campio. En defensa de la cultura. *Claridad*, Buenos Aires, n. 315, jul. 1937, n/p.

CERNUDA, Luis. Elegía española. In: *Hora de España*. Año I, n. IV, pp. 29-32, abril de 1937.

CLARIANA, Bernardo. Humano Trance de nuestra poesía. In: *Hora de España*. N. I, jan. de 1937.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *APESAR DE MUNICH...* Manuscrito escrito para “Columna” 1939.

CÓRDOVA ITURBURU. Argentina y nuestra generación. *Argentina*, Buenos Aires, año 1, n. 2, junio de 1931.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Arte, arte puro, arte propaganda... *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 4, agosto de 1933.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Discurso em II congreso internacional de escritores por la defensa de la cultura. In: SOLER, Manuel Aznar e SCHNEIDER, Luis Mario (orgs.). *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios*. p. 77-78, València: Generalitat Valenciana, 1987.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Divertissement más o menos sombrío o un fusilamiento cada nueve minutos. In: *El viento en la bandera*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1945.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *El discurso de Don Indalecio Prieto*. In: *Centro de Documentación e Investigación de las Culturas de Izquierda (CeDIInCI)*. Fondo Cayetano Córdova Iturburu, Documento 667, carpeta 1, 1939, n/p.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. El pueblo en la calle. *Unidad: por la defensa de la cultura*, Buenos Aires: año 1, n. 2, febrero de 1936.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. España y el pueblo y los intelectuales argentinos. In: *El Mono Azul*. Año 2, n. 16, 1 de maio de 1937, p. 8.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Federico García Lorca, símbolo de la España mártir. In: *AIAPE, por la defensa de la cultura*. Montevideo, ano 1, n. 3, março de 1937.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Hacia una plástica revolucionaria. *Unidad, por la defensa de la cultura*. Buenos Aires, ano 1, n.1, p. 13, 1936.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. La doctrina mercantil de la limosna. El deber de las clases ricas según un escritor católico. *CeDinCI*, Artículos y otros sobre literatura, carpeta 1, n. 593, 1936.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. La revolución paraguaya amenazada. *Unidad: por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 3, p. 10-11, abril de 1936.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Literatura y propaganda. *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires: año 1, n. 1, abril de 1933.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. *Los Intelectuales y la guerra*. Manuscrito, 1938.

CÓRDOVA ITURBURU. Los jóvenes y la revolución. *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires, año 1, n. 3, julio de 1933.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Los ojos cerrados. *Contra: la revista de los franco-tiradores*, Buenos Aires: año 1, n. 2, mayo de 1933.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. Pedido de la AIAPE a Córdova Iturburu, *CeDinCI*, Artículos y otros sobre literatura, carpeta 1, n. 583, junho de 1935.

CÓRDOVA ITURBURU, Cayetano. “Política Revolucionaria” de Leopoldo Lugones. *Argentina*, Buenos Aires: año 1, n. 3, agosto de 1931.

DECLARACIÓN DE PROPÓSITOS... In: : Claridad, ano XV, n. 312, abril de 1937, n/p.

EDITORES, *Cruz y Raya*, n. 1, abril, 1933, p. 8-9.

EHRENBURG, Ilya. Carta de Ilya Ehrenburg a Don Miguel de Unamuno. In: *El Mono Azul*. Ano 1, n. 4, 17 de setembro de 1936.

EUSTACE, Nicole; LEAN, Eugenia; LIVINGSTON, Julie; PLAMPER, Jan; REDDY, William; ROSENWEIN, Barbara. “AHR” Conversation: the historical study of emotions. *The American Review*. vol. 117, n. 5, december 2012, p. 1486-1531.

ÍMAZ, Eugenio. La unión de los jóvenes. In: *Cruz y Raya*, n. 5, p. 163-167, Madrid: agosto de 1933.

LA MUERTE DE UNAMUNO. In: *Hora de España*. Ano I, n. I, pp. 33, Valência, janeiro de 1937.

LA VOZ DEL EJÉRCITO POPULAR. In: SOLER, Manuel Aznar e SCHNEIDER, Luis Mario (orgs.). *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios*. p.56-57 Valência: Generalitat Valenciana, 1987.

MACHADO, Antonio. Mairena póstumo. IN: *Hora de España*. Ano 2, n. XXII, p. 9-15, outubro de 1938.

MACHADO, Antonio. Consejos, Sentencias y donaires de Juan Mairena y de su maestro Abel Martin. In: *Hora de España*, nº 1, pp. 7-12, Valência, 1937.

MATA, Gonzalo Humberto. Sangre de lealtad. In: *Claridad*. Ano XVI, n. 317, setembro de 1937.

MARINELLO, Juan. España, problema y destino de América. In: *Claridad*, ano XV, n. 312, abril de 1937, n/p.

NEGRÍN, Juan. Discurso no II congreso internacional para defesa da cultura. 4 de julho de 1937. In: SOLER, Manuel A. y SCHNEIDER, Luis M. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987.

PLAJA, Arturo Serrano, BERGAMÍN, José. Incidencias. In: *Cruz y Raya*. Año 3, n. 31, noviembre de 1935.

PODESTÁ, J. M. “España bajo el comando del pueblo”, crítica. In: : *AIAPE, por la defensa de la cultura*. Montevideo. Ano 2, n. 22, dezembro de 1938.

POSICIÓN DE SUR. In: *Sur*. Buenos Aires, año 7, nº35, p. 7-9, agosto de 1937.

R.A.O. C. Córdova Iturburu. *Inicial revista de la nueva generación*. Buenos Aires, año 1, n. 3, p. 55-57, diciembre de 1923.

ROMERO, Numa. Homenaje de Bolivia a la España leal. In: *Claridad*, ano XVIII, n. 330, outubro-novembro de 1938.

SALAS VIU, V. Como se ha salvado el tesoro artístico de Santander e Asturias. In: *El Mono Azul*, n. 38, ano II, Madrid: 28 de outubro de 1937, n/p.

STURZO, Luigi. Fascio lictorio y cruz gammada. In: *Cruz y Raya*, n. 10, p. 3-20, Madrid: enero de 1934.

TUÑÓN, Raúl G. Pronunciamento feito II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura. Valencia, 4 de julio de 1937. Publicado in: SOLER, Manuel A. y SCHNEIDER,

Luis M. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987.

UNAMUNO, Miguel. Comentario de Miguel de Unamuno. In: *Nuevo Mundo*, año XXXI, nº 1572, 7 de março de 1924.

UNAMUNO, Miguel. La manchita de la uña. *Los Lunes de El Imparcial*. Madrid: fevereiro de 1923. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/cuentos-785998/html/85405adb-40f9-46b7-ac86-fd384da51cdf_3.html#I_28 consultado em 20 de fevereiro de 2019.

UNAMUNO, Miguel. Unamuno y la Constitución. In: *La Voz de Cuenca*. Año X, N. 482, Cuenca, 27 de octubre de 1931, n/p.

VALDES, Idelfonso Pereda. Franco, General Bonito. In: *Claridad, revista de arte, crítica y letras. Tribuna del pensamiento izquierdista*. N. 308, Buenos Aires, diciembre de 1936. n/p

VALLEJO, Cesar. España: aparta de mi este cáliz. In: *Claridad*. Ano XVII, n. 331, dezembro de 1938, n/p.

WEIL, Simone. Diário de Espanha. In: *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.147-154, 1979.

YUNQUE, Alvaro. Poetas Revolucionarios. In: *Claridad Revista de Arte, Crítica y Letras, Ciencias Sociales y Políticas, La Revista Americana de los Hombres Libres*. Buenos Aires, año XV, nº310 Febrero de 1937, n/p.

ZAMBRANO, María. A los poetas chilenos de “madre España”. In: *Madre España*. Santiago: Panorama, pp. 38-39, 1936.

ZAMORA, Antonio. Al margen de la revolución. *Claridad, revista de arte crítica y letras, tribuna del pensamiento izquierdista*. Nº 214, año 9,13 de septiembre de 1930. n/p.

ZAMORA, Antonio. Buenas Tardes. *Claridad. Revista de arte, crítica y letras. Tribuna del pensamiento izquierdista*. Año 10, n. 243, abril de 1932.

ZAMORA, Antonio. Hay que definirse. *Claridad, revista de arte crítica y letras, tribuna del pensamiento izquierdista*. Nº 215, año 9, 27 de septiembre de 1930. n/p.

ZAMORA, Antonio. Libertad de las ideas. *Claridad. Revista de arte, crítica y letras. Tribuna del pensamiento izquierdista*. Año 10, n. 242, enero de 1932.

Bibliografia:

ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de história intelectual. In: *Tempo social, revista de sociologia da USP*. V. 19, n.1, p. 9-17, junho de 2007.

ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales. Notas de Investigación*. Bogotá: Editorial Norma, 2006.

ARENDT, Hanna. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BAUER, Caroline S.; NICOLAZZI, Fernando. O historiador e o falsário. Usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 32, n.60, p. 807-835, set/dez. 2016.

BEEVOR, Antony. *A batalha pela Espanha. A Guerra Civil Espanhola 1936-1939*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BEIRED, José L. B. Hispanismo, intelectuais e identidade nacional na Argentina. In: *Anais eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Vitória, 2008.

BEIRED, José Luis. Vertentes da história intelectual. In: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio; GARCIA, Tânia da Costa (orgs.). *Cadernos de seminários de pesquisa cultura e políticas nas Américas. Vol. I*. Assis: FCL-ASSIS- Unesp Publicações, p. 86-98, 2009.

BENDA, Julein. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: IBIDEM. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*, Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, 120-136.

BISSO, Andrés; CELENTANO, Adrián. La lucha antifascista de la Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores (AIAPE) (1935-1943). In: BIAGINI, Hugo; ROIG, Arturo (directores). *El pensamiento alternativo en la Argentina del siglo XX. Tomo II: obrerismo, vanguardia, justicia social (1930-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006, p. 235-265.

BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, p. 119-150, 1998.

BOBBIO, Noberto. *Dicionário de Política Vol. I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOBBIO, Noberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 183-191, 2006.

BORGES, Jorge Luis. *Autobiografía 1899-1970*. Buenos Aires: El Ateneo, 1999.

BRENAN, Gerald. EL LABERINTO ESPAÑOL ANTECEDENTES SOCIALES Y POLÍTICOS DE LA GUERRA CIVIL. Madrid: BACKLIST, 2009.

CAMPODONICO, Luis. Manuel de Falla y Bergamín. *Mundo Nuevo*, Paris: 25 de julho de 1968.

CANE, James. "Unity for the Defense of Culture": The AIAPE and the Cultural Politics of Argentine Antifascism, 1935-1943. In: *The Hispanic American Historical Review*, vol. 77, N. 3 (Aug., 1997), pp. 443-482.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.

CATTARUZZA, Alejandro. *Historia de la Argentina 1916-1955*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. *Literatura y Lingüística*, N 17, p. 195-218, 2006.

CHOMSKY, Noam. Escritores e responsabilidade intelectual. In: CHOMSKY, Noam. *Os caminhos do poder. Reflexões sobre a natureza humana e a ordem social*. Porto Alegre: Artmed, p. 69-83, 1998.

CISNEROS, Agustin Del Rio; GARGOLLO, Enrique Conde (Orgs.). *Obras completas de José Antonio Primo de Rivera*. Madrid: Publicaciones de la Direccion General de Propaganda, 1949.

COSTA, Adriane V. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Tese apresentada para obtenção do título de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

DARTON, Robert. História intelectual e cultural. In: DARTON, Robert. *O beijo de la mourrette*. São Paulo: Companhia das Letras, p.204-231, 2010.

DENNIS, Nigel. *José Bergamín a critical introduction 1920-1936*. Toronto: University of Tonronto Press, 2017.

DONGHI, Tulio H. *La Argentina y la tormenta del mundo. Ideas e ideologías entre 1930-1945*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno 2004.

EAGLETON, Terry. *Ideologia uma introdução*. São Paulo: UNESP e Boitempo, 1997.

Extrema Izquierda, n. 7, Buenos Aires, 25 de julio de 1924. Apud. CASSONE, Florencia F. Florida en las paginas de los Pensadores. *Anuario de Filosofía Argentina y Americana*. Cuyo, v, 25-26, p. 59-122, año 2008-2009.

FERNÁNDEZ, María Teresa Santa María. La trilogía dramática sobre la guerra civil. In: NÁCHER, Max Hidalgo; CABELLO, Iván López; FERNÁNDEZ, María Teresa Santa María (ed.). *José Bergamín: entre literatura y política*. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, pp. 99-118, 2015.

FINCHELSTEIN, Federico. *Transatlantic fascism. Ideology, violence, and the sacred in Argentina and Italy, 1919-1945*. Durham and London: Duke University Press, 2010.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

FURET, François. O passado de uma ilusão: ensaios sobre a ideia comunista no século XX. São Paulo: Siciliano, 1995.

GIDE, André. *De volta da URSS*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1937.

GONZALO, Penalva Candela. “Autopercepción intelectual de un proceso histórico. Instantáneas del recuerdo”. In: *Anthropos*, nº 172, mayo-junio, pp. 6-23, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GRILLO, María V. Creer en Mussolini. La proyección exterior del fascismo italiano (Argentina, 1930-1939). *Ayer*, n. 62, p. 231-255, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora Unicamp, Editora Vozes. 2014.

HOBBSBAWM, J. Eric. Os intelectuais e o antifascismo. In: HOBBSBAWM J. Eric (Org.). *História do Marxismo*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 257-314, 1984.

HOROWITZ, Joel. Ideologías sindicales y políticas estatales en Argentina, 1930-1943. *Desarrollo Económico*, vol. 24, n. 94, jul-sep. 1984.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: *Ibidem*; ECOSTEGUY, Ana C.; SCHULMAN, Norma. *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 07-131, 2006.

LAFLEUR, Héctor; PROVENZANO, Sergio; ALONSO, Fernando. *Las revistas literarias argentinas 1893-1967*. Buenos Aires: El 8vo, Loco, 2006.

LENIN, Vladimir. As tarefas das uniões da juventude (discurso no III Congresso de Toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia – 2 de outubro de 1920). In: *Revista HISTEBR Online*, Campinas, N. especial, p. 367-376, abril de 2011.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 167-182, 2006.

LEWIS, Paul H. Leadership and conflict within the Febrerista Party of Paraguay. *Journal of Inter-American Studies*, vol. 9, n. 2, p. 283-295, apr. 1967.

- LOSURDO, Domenico. Os intelectuais e o conflito: responsabilidade e consciência histórica. In: BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquíria D. L. *Intelectuais e a política. A moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho D'Água, 1999.
- LOTTMAN, Hebert. *L'écrivain engagé et ses ambivalences de Chateaubriand à Malraux*. Paris: Odile Jacob, 2003.
- LÖWY, Michel. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Lech, 1979.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MACCIUCI, Raquel. La Guerra civil española en la revista Sur. In: *Sociohistórica*, n. 15-16, p. 29-63, primer y segundo semestre 2004.
- MALRAUX, André. *A Esperança*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. Arte, revolução e decadência. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp, p.507-509, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. De profundis, à guisa de apresentação. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra Civil Espanhola 70 anos depois*. São Paulo: Edusp, 2011.
- MICELI, Sergio. *Sonhos da periferia*. São Paulo: Todavia, 2018.
- MIRANDA, Julia. Frenética armonia. In: *Vanguardias poéticas latino-americanas en la Guerra Civil Espanhola*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2016.
- MOSSE, L. George. *La cultura europea del siglo XX*. Barcelona: Ariel, 1997.
- MOSSE, L. George. *La nazionalizzazione delle masse. Simbolismo politico e movimenti de massa in Germania (1815-1933)*. Bologna: Società editrice il Mulino. 1975.
- MOTTA, Romilda C.; FREDRIGO, Fabiana S. Apresentação do dossiê "escritas de si nas Américas". *Revista Eletrônica da ANPHLAC*. Nº, 24, p. 3. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/issue/view/211> consultado em 24/08/2019.
- MUÑOZ, Maryse Bertrand. Los romances anónimos de la Guerra Civil Española. In: *Actas del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. New York, pp. 91-101, 16-21 de Julio de 2001.

NÁCHER, Max Hidalgo. Laberintos de José Bergamín (Un laberinto de poesía en los laberintos de la historia). In: *Laberintos*, n. 15, p. 17-34, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. *Temáticas*. Campinas, n. 37/38, p. 25-56, jan./dez. 2011.

NICOLAZZI, Fernando. O historiador enquanto leitor: história da historiografia e leitura da história. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 13, p. 63-77, dezembro de 2013.

OLIVEIRA, Ângela M. *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

ORTEGA Y GASSET, José. Retificación de la República. In: *La Vanguardia*. Barcelona, jueves, 12 de agosto de 2004.

ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. Londres: Penguin Books, 1977.

ORWELL, George. *O que é fascismo e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

OTTO, Walter. *Los dioses de Grecia*. Madrid: El Árbol del Paraíso, 2003.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, Disponible em: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Consultado em: 30 de julho de 2018.

PASOLINI, Ricardo. Scribere in eos qui possunt proscribere: Consideraciones sobre intelectuales y prensa antifascista en Buenos Aires y Paris durante el período de entreguerras. *Prismas, Revista de historia intelectual*. N 12, p. 87-108, 2008.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley. *The collapse of the Spanish Republic, 1933-1936: origins of the Civil War*. New Haven & London: Yale University Press, 2006.

PENALVA, GONZALO. *Tras las huellas de un fantasma. Aproximación a la vida y obra de José Bergamín*. Madrid: Turner, 1985.

PEREIRA, Douglas F. Engajamento e produção intelectual em El Mono Azul e Hora de España. *Temporalidades*, Vol. 11, n. 2, mai./ago. 2019, p. 561-572.

PETRA, Adriana. Vanguardistas, reformistas, antifascistas. In: Ibidem. *Intelectuales y cultura comunista: itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017, p. 39-73.

PRADO, Maria L. Repensando a história comparada da América Latina. In: *Revista de História*, n. 153, p. 11-33, 2º-2005.

PRESTON, Paul. *The coming of the Spanish Civil War. Reform, reaction and revolution in the Second Republic 1931-1936*. London: The Macmillan Press, 1978.

RABINBACH, Anson. Legacies of Antifascism. In: *New German Critique*. N. 67, (winter, 1996), pp. 3-17, Duke University Press.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ROCCA, Pablo. Por qué, Pra qué una revista (sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). In: *Hispanamérica*, Año 33, N. 99 pp. 3-19, dec. 2004.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2007.

ROMERO, Pedro. Un silencio por Bergamín. Homenaje a un fantasma en el XXX aniversario de su muerte (1983-2013). In: NÁCHER, Max H.; CABELLO, Iván L.; FERNÁNDEZ, María Teresa S. M. (eds.). *José Bergamín: entre literatura y política*. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, p. 283-344, 2015.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, março de 2009.

RÜSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. Traducción de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf consultado em 05/09/2019.

SAID, Edward. *Representations of the intellectual. The 1993 Reith Lectures*. New York: Vintage Books, 1996.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

SARLO, Beatriz. Intelectuales e revistas: razones de una practica. In: *América cahiers du criccal*. Nº 9/10. pp. 9-16, 1992.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SARLO, Beatriz. Vanguardia y criollismo: la aventura de “Martín Fierro”. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Año 8, n. 15, p. 39-69, 1982.

- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.
- SCHMIDT, Michael. *Cartography of revolutionary anarchism*. California: AK Press, 2013.
- SCHNEIDER, Luis Mario. *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937), inteligencia y guerra civil española*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1987.
- SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. In: *Vingtième siècle. Revue d'histoire*. Paris, (9), p. 97-108, jan-mars, 1986.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1996.
- SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na história das ideias. In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.9 n. 20, p. 358-399. Jan/abr. 2017. Tradução de Meaning and Understanding in the history of ideas. In: SKINNER, Quentin. *Visions of politics*. Londres: Cambridge University Press, 2001, vol. I, cap. 4, p. 57-89.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis. Mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios, 2017.
- SOLER, Manuel Aznar. *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937): Literatura española y antifascismo (1927-1939)*. Vol. II. Valência: Generalitat Valenciana, 1987.
- TERÁN, Oscar. Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980. In: TERÁN, Oscar (coord.). *Ideas en el siglo. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano*. Buenos Aires: Siglo XXI, p. 13-95, 2004.
- TODD, Janet. *Sensibility an introduction*. Londres e Nova Iorque: Methuen. 1986.
- TOLENTINO, Thiago, L. T. *Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*, Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG para a obtenção do título de doutorado. 2016.
- TUÑÓN DE LARA, Manuel. GARCÍA-NIETO, M^a. Carmen. La Guerra Civil. In: TUÑÓN DE LARA, Manuel (Org.). *Historia de España. Vol. IX La crisis del estado: ditadura, república, guerra (1923-1939)*. Barcelona: Labor, 1983.
- UNAMUNO, Miguel. *La agonía del cristianismo*. Buenos Aires: Losada, 1938.

VÁZQUEZ, Eduardo H. *La política cultural de la Segunda República Española*. Madrid: Ministério de Cultura, 1988.

VILLORDO, Oscar Hermes. *El Grupo Sur una biografía coletiva*. Buenos Aires: Planeta, 1993.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. In: *Trans/Form/Ação*. São Paulo, v. 26, p. 97-113, 2003.

WICKBERG, Daniel. What is the history of sensibilities? On cultural histories, old and new. In: *American Historical Review*. Vol. 112, n. 3, p.661-684, jun. 2007.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WINTER, Jay; LEFEBVRE Frédéric. De l'histoire intellectuelle à l'histoire culturelle: la contribution de George L. Mosse. In: *Annales. Histoire, sciences sociales*. 56 année, n. 1, 2001, pp. 177-181.

ZAMBRANO, María. *Algunos lugares de la poesía*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

ZAMBRANO, María. *Los intelectuales en el drama de España y escritos de la guerra civil*. Madrid: Trotta, 1998.

Anexo

Norma programática de la Falange (redigido em novembro de 1934).

Nación. Unidad. Imperio.

I

Creemos en la suprema realidad de España. Fortalecerla, elevarla y engrandecerla es la aprmiente tarea colectiva de todos los españoles. A la realización de esta tarea habrán de plegarse inexorablemente los intereses de los individuos, de los grupos y de las clases.

II

España es una unidad de destino en lo universal. Toda conspiración contra esa unidad es repulsiva. Todo separatismo es un crimen que no perdonaremos.

La constitución vigente, en cuanto incita a las disgregaciones, atenta contra la unidad de destino de España. Por eso exigimos su anulación fulminante.

III

Tenemos voluntad de Imperio. Afirmamos que la plenitud histórica de España es el Imperio. Reclamamos para España un puesto preeminente en Europa. No soportamos ni el aislamiento internacional ni la mediatización extranjera.

Respecto de los países de HIspanoamérica tendemos a la unificación de cultura, de intereses económicos y de Poder. España alega su condición de eje espiritual del mundo hispánico como título de preeminencia en las empresas universales.

IV

Nuestras fuerzas armadas – en la tierra, en el mar y en el aire – habrán de ser tan capaces y numerosas como sea preciso para asegurar a España en todo instante la completa independencia y la jerarquía mundial que le corresponde. Devolveremos al Ejército de Tierra, Mar y Aire toda la dignidad pública que merece, y haremos, a su imagen, que un sentido militar de la vida informe toda la existencia española.

V

España volverá a buscar su gloria y su riqueza, por las rutas del mar. España ha de aspirar a ser una gran potencia marítima, para el peligro y para el comercio.

Exigimos para la Patria igual jerarquía en las flotas y en los rumbos del aire.

VI

Estado. Individuo. Libertad

Nuestro Estado será un instrumento totalitario al servicio de la integridad patria. Todos los españoles participarán en él al través de su función familiar, municipal y sindical. Nadie participará al través de los partidos políticos. Se abolirá implacablemente el sistema de los partidos políticos con todas sus consecuencias: sufragio inorgánico, representación por bandos en lucha y parlamento del tipo conocido.

VII

La dignidad humana, la integridad del hombre y su libertad son valores eternos e intangibles.

Pero sólo es de veras libre quien forma parte de una nación fuerte y libre.

A nadie le será lícito usar su libertad contra la unión, la fortaleza y la libertad de la Patria. Una disciplina rigurosa impedirá todo intento dirigido a envenenar, a desunir a los españoles o a moverlos contra el destino de la Patria.

VIII

El Estado Nacional sindicalista permitirá toda iniciativa privada compatible con el interés colectivo, y aun protegerá y estimulará las beneficiosas.

IX

Concebimos a España, en lo económico, como un gigantesco sindicato de productores. Organizaremos corporativamente a la sociedad española mediante un sistema de sindicatos verticales por ramas de la producción, al servicio de la integridad económica nacional.

X

Repudiamos el sistema capitalista, que se desentiende de las necesidades populares, deshumaniza la propiedad privada y aglomera a los trabajadores en masas

informes, propicias a la miseria y a la desesperación. Nuestro sentido espiritual y nacional repudia también el marxismo. Orientaremos el ímpetu de las clases laboriosas, hoy descarriadas por el marxismo, en el sentido de exigir su participación directa en la gran tarea del Estado nacional.

XI

El Estado Nacional sindicalista no se inhibirá cruelmente de las luchas económicas entre los hombres, ni asistirá impasible a la dominación de la clase más débil por la más fuerte. Nuestro régimen hará radicalmente imposible la lucha de clases, por cuanto todos los que cooperan a la producción constituyen en él una totalidad orgánica.

Reprobamos e impediremos a toda costa los abusos de un interés parcial sobre otro y la anarquía en el régimen del trabajo.

XII

La riqueza tiene como primer destino – y así la afirmará nuestro Estado – mejorar las condiciones de vida de cuantos integran el pueblo. No es tolerable que masas enormes vivan miserablemente mientras unos cuantos disfrutan de todos los lujos

XIII

El Estado reconocerá la propiedad privada como medio lícito para el cumplimiento de los fines individuales, familiares y sociales, y la protegerá contra los abusos del gran capital financiero, de los especuladores y de los prestamistas.

XIV

Defendemos la tendencia a la nacionalización del servicio de Banca y, mediante las corporaciones, a la de los grandes servicios públicos.

XV

Todos los españoles tienen derecho al trabajo. Las entidades públicas sostendrán necesariamente a quienes se hallen en paro forzoso.

Mientras se llega a la nueva estructura total, mantendremos e intensificaremos todas las ventajas proporcionadas al obrero por las vigentes leyes sociales.

XVI

Todos los españoles no impedidos tienen el deber del trabajo. El Estado Nacional sindicalista no tributará la menor consideración a los que no cumplen función alguna alguna y aspiran a vivir como convidados a costa del esfuerzo de los demás.

Tierra

XVII

Hay que elevar a todo trance el nivel de vida del campo, vivero permanente de España. Para ello adquirimos el compromiso de llevar a cabo sin contemplaciones la reforma económica y la reforma social de la agricultura.

XVIII

Enriqueceremos la producción agrícola (reforma económica) por los medios siguientes:

Asegurando a todos los productos de la tierra un precio mínimo remunerador.

Exigiendo que se devuelva al campo, para dotarlo suficientemente, gran parte de lo que hoy absorbe la ciudad en pago de sus servicios intelectuales y comerciales.

Organizando un verdadero crédito Agrícola Nacional, que al prestar dinero al labrador o bajo interés con la garantía de sus bienes y de sus cosechas le redima de la usura y del caciquismo.

Difundiendo la enseñanza agrícola y pecuaria.

Ordenando la dedicación de las tierras por razón de sus condiciones y de la posible colocación de los productos.

Orientando la política arancelaria en sentido de la agricultura y de la ganadería.

Acelerando las obras hidráulicas.

Racionalizando las unidades de cultivo para suprimir tanto los latifundios desperdiciados, como los minifundios antieconómicos por su exíguo rendimiento.

XIX

Organizaremos socialmente la agricultura por los medios siguientes: Distribuyendo de nuevo la tierra cultivable para instituir la propiedad familiar y estimular enérgicamente la sindicación de labradores.

Rendimiento de la miseria en que viven a las masas humanas que hoy se extenúan en arañar suelos estériles, y que serán trasladadas a las nuevas tierras cultivables.

XX

Emprenderemos una campaña infatigable de repoblación ganadera y forestal, sancionando con severas medidas a quienes la entorpezcan e incluso acudiendo a la forzosa movilización temporal de toda la juventud española para esta histórica tarea de reconstruir la riqueza patria.

XXI

El Estado podrá expropiar sin indemnización las tierras cuya propiedad haya sido adquirida o disfrutada ilegítimamente.

XXII

Será designio preferente del Estado Nacional sindicalista la reconstrucción de los patrimonios comunales de los pueblos.

Educación Nacional. Religión.

XXIII

Es misión esencial del Estado, mediante una disciplina rigurosa de la educación, conseguir un espíritu nacional fuerte y unido e instalar en el alma de las futuras generaciones la alegría y el orgullo de la Patria.

Todos los hombres recibirán una educación premilitar que los prepare para el honor de incorporarse al Ejército nacional y popular de España.

XXIV

La cultura se organizará en forma de que no se malogre ningún talento por falta de medios económicos. Todos los que lo merezcan tendrán fácil acceso incluso a los estudios superiores.

XXV

Nuestro Movimiento incorpora el sentido católico – de gloriosa tradición y predominante en España – a la reconstrucción nacional.

La Iglesia y el Estado concordarán sus facultades respectivas, sin que se admita intromisión o actividad alguna que menoscabe la dignidad del Estado o la integridad nacional.

Revolución Nacional

XXVI

Falange Española de la J.O.N.S. quiere un orden nuevo, enunciado en los anteriores principios. Para implantarlo, en pugna con las resistencias del orden vigente, aspira a la Revolución nacional.

Su estilo preferirá lo directo, ardiente y combativo. La vida es milicia y han de vivirse con espíritu acendrado de servicio y de sacrificio¹.

¹ Publicado en: CISNEROS, Agustín Del Río; GARGOLLO, Enrique Conde. *Obras completas de José Antonio Primo de Rivera*. Madrid: Publicaciones de la Dirección General de Propaganda, 1949, p. 359-364.

Capa: *Cruz y Raya* n. 1

Propósitos de FORJA

UNION CIVICA RADICAL

F. O. R. J. A.

FUERZA DE ORIENTACION RADICAL DE LA JOVEN ARGENTINA

"..... he cobijado, bajo el viento de demencia de los míos, la chispa argentina de las forjas de la epopeya". (Hipólito Yrigoyen. Telegrama al Ministro argentino en París, diciembre 30 de 1920).

¿Qué es F. O. R. J. A.?:

F.O.R.J.A., siglas correspondientes a Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina, nació a la vida pública en el año 1935 al apartarse el radicalismo, por resolución de su Convención Nacional, de la posición intransigente, adoptada con anterioridad, y resolver la concurrencia a comicios.

Hombres jóvenes, que habían expuesto todo, hasta sus vidas, por el ideario irigoyeniano, comprendieron que esa actitud tendría una ineludible consecuencia: la complicación de los dirigentes y representantes legislativos en la legalización del fraude electoral y en la no menos turbia acción oficial de entrega del país al imperialismo y monopolismo.

Como lógica conclusión de tal premisa se rebelaron contra la claudicación y comenzaron, de inmediato, la tarea de revelar al pueblo, en forma concreta, los motivos de la inquietud de sus espíritus.

Hechos posteriores se encargaron de certificar sus previsiones, pese a los esfuerzos de los culpables que, a falta de mejor excusa, se ampararon en una presunta oposición parlamentaria y municipal.

Sólo F.O.R.J.A., en el momento de mayor desconcierto y descreimiento, pudo salvar a las masas radicales del escepticismo absoluto, porque en F.O.R.J.A. se habían refugiado los principios esenciales y su voz era la voz auténtica de la UNION CÍVICA RADICAL.

¿Qué quiere F. O. R. J. A.?:

Restituir a la masa política del radicalismo a la posición originaria—empezando de nuevo, según el consejo de Yrigoyen—que no admite complicidad ni acuerdo con las fuerzas oligárquicas. Crear una conciencia política que, en su momento, pese en las decisiones nacionales con ésta consigna: SOMOS UNA ARGENTINA COLONIAL; QUEREMOS SER UNA ARGENTINA LIBRE.

¿Cómo piensa F.O.R.J.A., alcanzar su propósito?

Llevando a los cerebros argentinos la convicción de que no podremos ser nunca políticamente libres, hasta que no lo seamos económicamente. Denunciando, como lo viene haciendo desde nueve años atrás, todas las formas de que se han valido los anti-argentinos de todos los partidos políticos para medrar a expensas del patrimonio común. Puntualizando, de acuerdo al prístino pensamiento, el planteo integral del verdadero RADICALISMO: DEFENSA DE LA SOBERANÍA POPULAR; DEFENSA DE LA SOBERANÍA NACIONAL.

ASI, CON EL CONCURSO DE TODOS LOS CORAZONES PATRIOTAS, QUEREMOS EDIFICAR EN EL PUEBLO ARGENTINO UNA VOLUNTAD NACIONAL, COMO YA LO HICIERA HIPOLITO YRIGOYEN.

NUCLEO MERCEDES (Bs. As.)

Volante de assinatura Revista *Argentina*

Señor Artista
Señor Escritor
Señor Lector de Argentina

La creación de la cultura de que carecemos es uno de los deberes argentinos de la hora actual. ARGENTINA, órgano de un grupo calificado de artistas y escritores jóvenes, es un esfuerzo serio y desinteresado en tal sentido. Si Vd. cree en su utilidad no se haga cómplice de la indiferencia que deja morir en nuestro país las iniciativas de esta índole.

Ayúdela a vivir
Diffúndala entre sus amigos
Hágase Suscriptor de Argentina

Señor Administrador de ARGENTINA
BUSTAMANTE 2310 - 4º. A
Buenos Aires

Antóme Vd. como suscriptor a diez publicaciones de ARGENTINA. A tal fin le envío la suma de DOS PESOS Moneda Nacional (\$ 2. m/n) en estampillas de correo o giro postal o cheque bancario.

Nombre y apellido _____
Dirección _____

Los giros postales y cheques bancarios deben librarse a la orden de C. Cár-
 domo Iriburnu - BUSTAMANTE 2310 - 4º. A. Buenos Aires.

Capa Contra: la revista de los franco-tiradores n.1

Instrução para organização e precisão nos disparos. *El Mono Azul*, año 1, n. 10, 29 de outubro 1936, p. 5.

Alianza de Intelectuales Antifascistas

DISCIPLINA DEL FUEGO

¡TIRADORES!

Disparad siempre persiguiendo con paciencia el blanco.
 Buscad el mismo objetivo hasta que lo logréis.
 La potencia de las armas de fuego depende, no de la cantidad, sino de la calidad de los disparos.
 No hay que tirar mucho; hay que tirar bien.
 Un soldado que hace tiros de caza es más eficaz que una unidad de combate disparando con celeridad.
 El valor de un frente de batalla no depende del número de fusiles, sino del número de tiradores.

Cuidado con los sembradores de alarma.
 La cobardía se parece mucho a la traición.

*¡TIRADORES!

Disparad siempre persiguiendo con paciência el blanco. Buscad el mismo objetivo hasta lo logreis. La potencia de las armas de fuego depende, no de la cantidad, sino de la calidad de los disparos. No hay que tirar mucho; hay que tirar bien. Un soldado que hace tiros de caza es más eficaz que una unidad de combate disparando con celeridad. El valor de un frente de batalla no depende del número de fusiles, sino del número de tiradores.

Instrução para sobrevivência a bombardeos. *El Mono Azul*, año 1, n. 8, 15 de outubro de 1936, p.7.

*Para protegeros de los aviones que lanzan bombas no debéis disparar ni correr. Lo uno, es inútil; lo otro, suicida. Protegeos como indica el gráfico. Los efectos del bombardeo aéreo son mucho más temidos que reales. El aviso anticipado por las sirenas de la llegada de un avión a las ciudades permite protegerse en los refugios con absoluta seguridad. Em campo abierto, quien siga las instrucciones del Mando, difícilmente será alcanzado por las bombas. La explosión que el gráfico indica demuestra claramente que permaneciendo tendido en el suelo el peligro no existe. ¡No corréis! ¡Quietos! ¡Quien corre, pone en grave peligro su vida y señala al enemigo la posición de nuestras fuerzas!

Instrução para efetuar disparos na distância correta. *El Mono Azul*, año 1, n. 10, 29 de outubro de 1936, p. 4.

*¡TIRADORES!

Nunca abrais fuego a distancias mayores de 500 metros con fusil. No abrais fuego sino sobre objetivos concretos y visibles. Dad al tiro rapidez que se ordene. Hay que tirar de prisa sobre el objetivo rápido y vulnerable, lentamente, sobre los demás.

Obedecer las órdenes de mando con precisión. Cesad el fuego para evitar el derroche de municiones. La cantidad de disparos aturde al enemigo; la calidad hace bajas.

Instrução para uso correto das trincheiras. *El Mono Azul*, año 1, n. 8, 15 de outubro de 1936, p.7.

**Una trincheira no es una tumba, sino una defensa. Contra el armamento moderno, la defensa moderna. El valiente no es el que se pone de pie, sino el que se protege para ser más eficaz. La trincheira, contra el frío, contra la lluvia, contra la metralla. La trincheira, para preparar el salto de la ofensiva y la victoria.*

Bilhete de Federico Garcia Lorca para José Bergamín